

M
D
N
S



**FUNDAÇÃO
ARMANDO
ALVARES
PENTEADO**

FUNDAÇÃO ARMANDO ALVARES PENTEADO

CONSELHO DE CURADORES

Presidente

Sra. Celita Procópio de Carvalho

Integrantes

Dr. Benjamin Augusto Baracchini Bueno

Dr. Octávio Plínio Botelho do Amaral

Dr. José Antonio de Seixas Pereira Neto

DIRETORIA EXECUTIVA

Diretor-Presidente

Dr. Antonio Bias Bueno Guillon

CEO

Luis Sobral

Diretor Acadêmico

Prof. Rogério Massaro Suriani



MUSEU DE ARTE BRASILEIRA

Diretoria

Fernanda Celidonio

Diretora Administrativa

Conselho

Pilar M. T. Procópio de Carvalho Guillon Liotti

Voluntária

Acervo

Laura Suzana Rodríguez

Conservação

Maria Cristina Ribeiro dos Santos

Ana Carolina Cunha Boaventura

Administrativo

Rita de Cássia da Silva Ribeiro

Produção

Vanessa Ferreira Sousa

Educativo

Tatiana Bo

Paula Yida

Natália Bergo Baco

Secretaria

Rosa Guarino

Montagem

Fábio Florêncio Borges

Leandro dos Santos Dias

COLABORADORES

Programação visual

Marketing FAAP

Assessoria de imprensa

Fabiana Dourado

Oboé Comunicação Corporativa

Segurança e limpeza

Impacto

**Fundação Armando Alvares Penteado
Museu de Arte Brasileira**

apresentam

M O D E R N I S M O

10 de março a 29 de novembro de 2022
Sala Annie Alvares Penteado

EXPOSIÇÃO

Curadoria

Laura Rodríguez

Felipe Chaimovich – Núcleo temporário: Antes de 1922

Assistente de curadoria

Isabella Lescure

Jeanne-Pauline Reverte

Conservação/Educativo/ Produção/Montagem

Equipe MAB FAAP

Educadores

Aline Maria Olegário da Silva

Bruna Medeiros Passos

Laís Miho

Paula Ampessan

Rafael Conti

Tiago da Paixão Nunes

Catálogo

Claudio Filus – Design

Textos

Felipe Chaimovich – Cronologia e textos Antes de 1922

Laura Rodríguez – Biografias, Cronologia e textos Depois de 1922

Projeto Expográfico

Arkitito – Tito Ficarelli

Execução Expografia

Duzzi Cenografia e Pintura

Iluminação – Design e Execução

MAXI Audio, Luz, Imagem

Comunicação Visual – Execução

RSigns

Colaboração FAAP:

Assessoria de Imprensa

Tatiana Serafino

Oboé Comunicação Corporativa

Programação visual

Marketing FAAP

Fotografia

Fernando Silveira *

*Todas as fotografias do catálogo são de sua autoria, salvo as indicadas.

AGRADECIMENTOS:

Ana Rosa da Silva, Denise Mattar, Ely Iutaka, Emanuel Araujo, Fundação Athon Bulcão, Graça Bueno, Gustavo Berbel, Instituto de Arte Contemporânea, Instituto Wesley Duke Lee, Itau Cultural, Katia Ianelli, Museu Afro Brasil, Museu Antônio Parreiras, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, Museu Lasar Segall, Museu Nacional de Belas Artes, Nair de Carvalho, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Roland Clauzet e Sergio e Teresa Telles.

**M
D
N**
**E
E
T**
**R
S
S**

Sumário

9 **MODERNOS**

12 **ANTES DE 1922**

16
Os precursores da Semana de Arte Moderna e a família Prado

20
Estevão Silva e a natureza - morta brasileira

30
O Grupo Grimm e a vanguarda europeia

50
Os movimentos contra-acadêmicos em 1890

56 **SEMANA DE ARTE MODERNA DE 22**

64 **DEPOIS DE 1922**

68
Núcleo Bernardelli

76
Sociedade Pró-Arte Moderna

86
Clube de Artistas Modernos

94
Grupo Santa Helena

108

Seibi-kai

120

Salão de Maio e Família Artística Paulista

140

Grupo Guanabara

148

Atelier-Abstração

158

Atelier Douchez-Nicola

166

Reverberações do Modernismo e da arte popular em outras regiões

222

Mulheres em São Paulo

232

Grupo ruptura

242

Grupo Frente e Manifesto Neoconcreto

254

Realismo Mágico e Grupo Austral do Movimento Phases

266

FAAP e o Museu de Arte Brasileira

282

Bibliografia

Modernos

Museu de Arte Brasileira
Fundação Armando Alvares Penteado

Por ocasião do Centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 o MAB traz à tona o tema do Modernismo, tratando os acontecimentos que ocorreram antes e depois de 1922.

Para nos aprofundarmos nos antecedentes convidamos o professor e curador Felipe Chaimovich, que é responsável pelo núcleo temporário Antes de 1922, que fará parte da mostra de março a maio de 2022. Essa parte da exposição contempla o envolvimento da família Prado com as artes e o financiamento da Semana de 22 por Paulo Prado. Reúne artistas que representavam valores da família nas duas décadas finais do século XIX, período de mudança de Monarquia para República, tais como a crítica ao ensino oficial de belas-artes no Rio de Janeiro. Participam artistas como: Antônio Parreiras, Eliseu Visconti, Estevão Silva, Georg Grimm e João Batista Castagneto. Contamos com a parceria de outras instituições que emprestaram obras de seus acervos.

A equipe do MAB ficou responsável pelo núcleo de longa duração, Depois de 1922. A curadoria, de Laura Rodríguez, reflete sobre o Modernismo considerando que, assim como aconteceu o evento Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo, que reuniu um coletivo de artistas e pensadores daquele momento, houve muitas outras agrupações e eventos em diversos lugares do país, que favoreceram o desenvolvimento da arte moderna no Brasil.

Geralmente, essas associações surgiam por interesses comuns, às vezes buscando a força motriz do próximo contra a ordem estabelecida. A energia vital do coletivo, as trocas de conhecimento, a organização, as discussões sempre motivavam e enriqueciam a experiência dos participantes e conseguiam maior visibilidade.

Nesse núcleo, com mais de 140 obras, queremos mostrar um pouco da efervescência das décadas seguintes a 1922, apresentando obras, pertencentes a nossa coleção, de artistas que fizeram parte de grupos ou exposições importantes que aconteceram entre 1922 e a década de 1960. Não são necessariamente as obras expostas na época ou no evento destacado que serão vistas, senão outras do mesmo período.

Além do eixo Rio-São Paulo, o visitante vai descobrir as reverberações do Modernismo junto à arte popular em outras regiões do Brasil e, por meio de uma cronologia, compreender o contexto e os eventos que consideramos de maior relevância para esse projeto.



Vista geral da exposição MODERNOS



1922



Organizzazione di Cesare e Leo Moderna a Londra 1922

Modernos

Il movimento Moderno si sviluppò in Inghilterra tra il 1910 e il 1920, influenzato dalle avanguardie continentali e dal cubismo. I suoi esponenti più noti furono i fratelli Moderna, Cesare e Leo, che si dedicarono alla pittura e alla scultura. Cesare Moderna, in particolare, è noto per le sue opere in stile cubista, che rappresentano figure e paesaggi in modo stilizzato e astratto. Leo Moderna, invece, si concentrò sulla scultura, creando opere in legno e metallo che riflettevano le forme organiche e scultoree del cubismo. Il movimento Moderno in Inghilterra ebbe un impatto significativo sulla cultura e sull'arte del paese, contribuendo a definire un'identità artistica nazionale che si distingueva dalle avanguardie continentali.



ANTES DE 1922

A Exposição Geral da Academia Imperial de Belas Artes inclui uma “Coleção de quadros nacionais formando a Escola Brasileira” com 83 obras, despertando um debate na crítica de arte carioca sobre a existência da arte nacional.

1879

1880

Estevão Silva, aluno matriculado na Academia Imperial de Belas Artes como “africano”, é suspenso por um ano, após recusar publicamente um prêmio da instituição diante de d. Pedro II, pois ele e os colegas consideravam a distinção oferecida como inferior ao seu mérito.

1882

Georg Grimm, artista bávaro, participa de uma exposição do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, apresentando 128 pinturas, destacando-se paisagens pitorescas realizadas na Europa e trazidas por ele para o Brasil; após a visita de d. Pedro II, o Ministério de Negócios ordena a contratação de Grimm pela Academia Imperial de Belas-Artes como professor interino de Paisagem, Flores e Animais. Grimm leva seus alunos a excursões para aprender a pintura de paisagem ao ar livre.

Inauguração da Galeria de Belas Artes no Pavilhão do Brasil, integrante da Exposição Universal de Paris, com 26 quadros de natureza-morta de Estevão Silva, artista com maior quantidade de obras expostas dentre os 18 participantes, seguido por Abigail de Andrade, com 6 quadros.

1889

1884

A Academia Imperial de Belas Artes não renova o contrato de Grimm, que parte para Niterói com um grupo de alunos que abandonam a instituição para seguir o mestre e praticar a pintura ao ar livre: Antônio Parreiras, João Batista Castagneto, Domingo Garcia y Vázquez, Hipólito Caron, Joaquim França Jr., Francisco Gomes Ribeiro e Thomas Driendl. Estevão Silva é premiado na Exposição Geral da Academia de Belas Artes por um conjunto de naturezas-mortas.

1888

Realização da Exposição Preparatória para a Exposição Universal de Paris no Cassino Fluminense do Rio de Janeiro. A representação brasileira em Paris é coordenada por um comitê privado, iniciativa da família Prado.

1890

Durante o processo de reestruturação da escola oficial de Belas Artes a pedido do novo governo republicano, um grupo de estudantes rompe com a instituição, passando a trabalhar de modo independente com a abertura do Ateliê Livre, integrado por Bento Barbosa, Eliseu Visconti, João Batista da Costa, José Fiúza Guimarães e Raphael Frederico. Antônio Parreiras abandona a posição de professor da escola de Belas Artes por discordar das reformas propostas e funda uma Escola do Ar Livre em Niterói. No fim do ano, Rodolpho Bernardelli torna-se o primeiro diretor da Escola Nacional de Belas Artes, iniciando uma acomodação dos artistas com a arte oficial da República.

Inauguração do Teatro Municipal de São Paulo, construído na gestão de Antônio Prado como prefeito.

1911

Anitta Malfatti realiza a “Exposição de Pintura Moderna”, na rua Líbero Badaró, em São Paulo, sendo criticada por Monteiro Lobato, o que leva à reação de seus defensores em prol da arte moderna, dentre os quais Oswald e Mário de Andrade, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida e Menotti Del Picchia.

1917

Paulo Prado, Freitas Valle e Paul Claudel organizam uma exposição de arte francesa no saguão do Teatro Municipal de São Paulo, com quadros impressionistas e esculturas de Bourdelle, Laurens e Rodin. Encenação da ópera “O contratador de diamantes” no Teatro Municipal de São Paulo, narrando o mito da proeminência de São Paulo e Minas Gerais na constituição da nacionalidade brasileira e sendo atuada no palco por Eglantina Álvares Penteadado Prado, Yolanda Penteadado, Julio de Mesquita Filho, Dino Crespi, Maria Helena e Yolanda Prado.

Di Cavalcanti expõe a série de ilustrações “Fantoches da Meia-Noite”, em São Paulo; a pedido do escritor Graça Aranha, ele reúne um grupo de jovens escritores e artistas. Graça Aranha apresenta Di Cavalcanti ao casal Paulo e Marinete Prado, em cuja residência concebem o projeto da Semana de Arte Moderna.



1919

1921

1922

Paulo Prado e Graça Aranha formam um comitê organizador da Semana de Arte Moderna, presidido por René Thiollier e integrado pelo grupo que encenara o “Contratador de diamantes” três anos antes; também participa do comitê Armando Alvares Penteadado, irmão de Eglantina e concunhado de Paulo Prado. Três meses após ser concebida na residência de Paulo Prado, a Semana de Arte Moderna ocupa o Teatro Municipal de São Paulo entre 13 e 17 de fevereiro.

Os precursores da Semana de Arte Moderna e a família Prado

A Semana de Arte Moderna foi uma iniciativa de Paulo Prado. Ele presidia uma das maiores firmas de exportação e plantação de café do Brasil e era o primogênito de Antônio Prado, prefeito de São Paulo que construía o Theatro Municipal, onde ocorreu o evento, em fevereiro de 1922. A ideia de uma reunião de artistas modernos surgiu com a visita de Di Cavalcanti à casa de Paulo e de sua esposa, Marinette Prado, em novembro de 1921, e, em apenas três meses, o anfitrião constituiu um comitê organizador, telefonou para financiadores e obteve os fundos que viabilizaram a Semana. Mas o que moveu esse empreendedor a lançar-se na iniciativa que marcaria a arte brasileira?

Paulo Prado seguia um histórico de iniciativas culturais ligadas à política e aos negócios familiares. Seu grande mentor fora o tio paterno, Eduardo Prado, responsável pelo pavilhão brasileiro na Exposição Universal de Paris de 1889, quando a iniciativa privada divulgou para os países capitalistas do mundo a recente abolição da escravidão, cuja lei fora redigida por Antônio Prado, e iniciou a propaganda a favor da emigração maciça de italianos para São Paulo por intermédio de uma companhia fundada pela família Prado. Eduardo incluiu no pavilhão uma galeria de quadros e escreveu o texto sobre arte para o catálogo do Brasil. Eduardo Prado defendia três aspectos que foram retomados na Semana de Arte Moderna: a figuração de elementos nacionais, a importação de ensinamentos estéticos europeus e a crítica ao ensino oficial de belas-artes.

Em 1921, Paulo Prado defendia-se da acusação de ter se beneficiado de um acordo entre a França e o Brasil firmado em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial. O acordo, negociado com o diplomata e poeta francês Paul Claudel, levava a França a comprar dois milhões de sacas de café, exportadas com exclusividade pela companhia presidida por Paulo Prado, o que levou ao início do ataque contra ele nos jornais. Como resposta à polêmica, Paulo Prado e Claudel organizaram uma exposição de arte e música francesas modernas no Theatro Municipal de São Paulo, em 1919. Mas, no mesmo ano, o recém-empossado presidente Epiácio Pessoa voltou ao ataque, questionando o acordo com a França. A oportunidade de contraatacar promovendo a modernidade de São Paulo por meio da arte viria novamente a beneficiar a imagem da família Prado: estava lançada a Semana de Arte Moderna.

ANTÔNIO PARREIRAS

(Niterói, RJ, 1860-1937)

Chácara da Consolação (residência do Dr. Eduardo Prado, atual praça Roosevelt), 1893

Óleo sobre tela, 80 x 153 cm

Comodato MASP B3 – BRASIL, BOLSA, BALCÃO, em homenagem aos ex-conselheiros da BM&F e BOVESPA

C. 01200

Foto: Eduardo Ortega



Pintor, desenhista e ilustrador. Frequentava como aluno livre a Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, de 1883 até meados de 1884. Nesse período, segue as aulas ministradas por Georg Grimm. Por discordar do ensino oferecido na Academia, abandona as aulas e passa a integrar o Grupo Grimm, dedicando-se à pintura ao ar livre. Em 1888, viaja para a Itália, frequenta a Academia de Belas Artes de Veneza e torna-se discípulo de Filippo Carcano. Retorna ao Brasil, em 1890, para dar aulas de paisagem na Academia Imperial de Belas Artes, mas, após dois meses, renuncia ao cargo por não concordar com a reforma curricular promovida em novembro daquele ano. Em 1891, funda a Escola do Ar Livre, em Niterói (RJ). Entre 1906 e 1919 mantém ateliê na cidade de Paris. Em 1926, lança seu livro autobiográfico *História de um Pintor Contada por Ele Mesmo*, com o qual ingressa na Academia Fluminense de Letras. Em 1929, funda o Salão Fluminense de Belas Artes, em Niterói. Em 1941, sua casa-ateliê é transformada no Museu Antônio Parreiras com o objetivo de preservar e divulgar sua obra.

ANTES DE 1922



Estevão Silva e a natureza-morta brasileira

Estevão Silva nasceu em 1872 em São Paulo, no Brasil. Estudou na Academia de Belas Artes de São Paulo, onde conheceu o professor Henrique Perceira. Foi um dos fundadores do Grupo dos Cinco, juntamente com Amândeo de Moraes, Antônio de Figueiredo, Carlos de Campos e Roberto Freyre. Sua obra é caracterizada por uma abordagem inovadora da natureza-morta, influenciada pelo impressionismo francês.

Em 1905, Estevão Silva viajou para Paris, onde se dedicou ao estudo de arte e à prática de pintura. Foi influenciado pelo impressionismo e pelo naturalismo. Sua obra é caracterizada por uma abordagem inovadora da natureza-morta, influenciada pelo impressionismo francês.

Estevão Silva foi um artista muito importante para a arte brasileira. Sua obra é caracterizada por uma abordagem inovadora da natureza-morta, influenciada pelo impressionismo francês. Ele foi um dos fundadores do Grupo dos Cinco, juntamente com Amândeo de Moraes, Antônio de Figueiredo, Carlos de Campos e Roberto Freyre.



Estevão Silva (1872-1940)

Artista brasileiro, fundador do Grupo dos Cinco, conhecido por suas obras de natureza-morta e paisagens.

Vista da exposição
Os precursores da Semana de Arte Moderna e a Família Prado

Os precursores da Semana de Arte Moderna e a família Prado

A Semana de Arte Moderna foi uma iniciativa de Paulo Prado. Ele presidia uma das maiores firmas de exportação e plantação de café do Brasil e era o primogênito de Antônio Prado, prefeito de São Paulo que construiu o Theatro Municipal, onde ocorreu o evento, em fevereiro de 1922. A ideia de uma reunião de artistas modernos surgiu com a visita de Di Cavalcanti à casa de Paulo e da sua esposa, Marinette Prado, em novembro de 1921, e, em apenas três meses, o anfitrião constituiu um comitê organizador, telefonou para financiadores e obteve os fundos que viabilizaram a Semana. Mas o que moveu esse empreendedor a lançar-se na iniciativa que marcaria a arte brasileira?

Paulo Prado segue um histórico de iniciativas culturais ligadas à política e aos negócios familiares. Seu grande mentor fora o tio paterno, Eduardo Prado, responsável pelo pavilhão brasileiro na Exposição Universal de Paris de 1889, quando a iniciativa privada divulgou para os países capitalistas do mundo a recente abolição da escravidão, cuja lei fora redigida por Antônio Prado, e iniciou a propagação a favor da emigração maciça de italianos para São Paulo por intermédio de uma companhia fundada pela família Prado. Eduardo incluiu no pavilhão uma galeria de quadros e escreveu o texto sobre arte para o catálogo do Brasil. Eduardo Prado defendia três aspectos que foram retomados na Semana de Arte Moderna: a figuração de elementos nacionais, a importação de ensinamentos estéticos europeus e a crítica ao ensino oficial de belas-arts.

Em 1921, Paulo Prado defendia-se da acusação de ter se beneficiado de um acordo entre a França e o Brasil firmado em 1917, durante a Primeira Guerra Mundial. O acordo, negociado com o diplomata e poeta francês Paul Claudel, levou a França a comprar dois milhões de sacas de café, exportadas com exclusividade pela companhia presidida por Paulo Prado, o que levou ao início do ataque contra ele nos jornais. Como resposta à polémica, Paulo Prado e Claudel organizaram uma exposição de arte e música francesas modernas no Theatro Municipal de São Paulo, em 1919. Mas, no mesmo ano, o recém-empossado presidente Epitácio Pessoa voltou ao ataque, questionando o acordo com a França. A oportunidade de contravenir o ataque a beneficiar a imagem da família Prado: estava lançada a Semana de Arte Moderna.



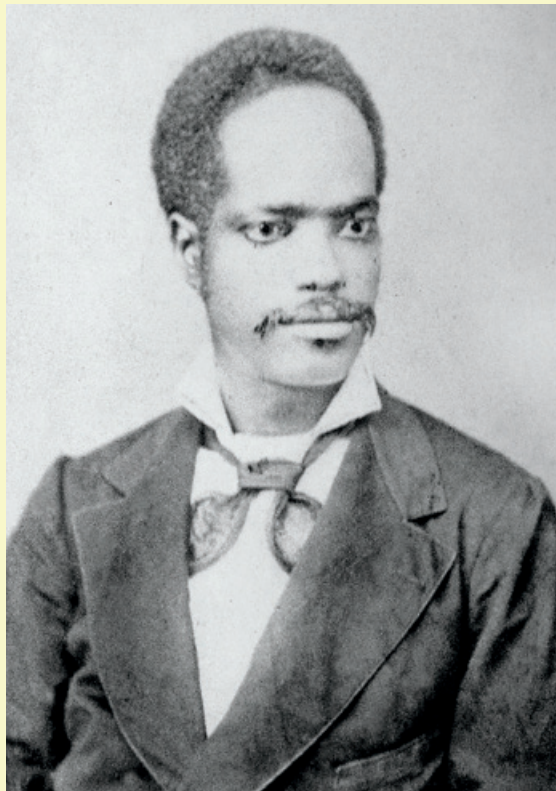
Paulo Prado
Rua da Consolação, São Paulo, 1921

Estevão Silva e a natureza-morta brasileira

Estevão Silva foi o artista com maior quantidade de obras na galeria do pavilhão brasileiro na Exposição Universal de Paris de 1889, construído sob a direção de Eduardo Prado. Entre os 18 participantes Estevão Silva exibiu 26 quadros, seguido por Abigail de Andrade, com seis, e Aurélio de Figueiredo, com cinco, tendo os demais artistas de uma a três obras. Ele foi, portanto, o destaque da representação das belas-arts do Brasil.

Os quadros de Estevão Silva em Paris eram naturezas-mortas com frutas predominantemente brasileiras ou introduzidas pela colonização portuguesa. O artista singularizava-se por tais composições, desenvolvendo uma prática iniciada por seu mestre na Academia Imperial de Belas-Artes Agostinho da Motta. Ao favorecer a seleção de frutas nacionais, a galeria do pavilhão brasileiro punha em destaque a natureza do país, associada ao principal produto de exportação propagandeado em Paris: o café.

Estevão Silva era um artista negro, tendo sido matriculado na Academia do Rio de Janeiro como “africano”, o que indicava ser ex-escravo ou filho de escravizados. Sua posição social era comum entre os alunos da instituição, pois a pintura e a escultura eram consideradas trabalhos mecânicos, menosprezados pela sociedade brasileira escravocrata. Estevão Silva destacou-se como aluno da Academia, mas a recusa de um prêmio subalterno diante de Dom Pedro II lhe valeu uma suspensão por um ano, em 1880. Depois de se desentender com um comendador que se recusara a lhe pagar por um retrato encomendado, viu-se limitado a produzir naturezas-mortas; contudo, foi premiado nesse gênero pela Academia em 1884 e destacou-se por figurar os frutos brasileiros de modo pioneiro.



Estevão Silva
Fotografia de Brito & Delfort
SPHAN/Pró Memória/
Museu Nacional de Belas Artes, RJ

ESTEVÃO SILVA

(Rio de Janeiro, RJ, 1845-1891)

Frutas, 1888

Óleo sobre tela, 66,2 x 55,2 cm

Assinada Estevão Silva 1888

Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram

Foto: Jaime Acioli



Pintor, desenhista e professor. Estuda na Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, onde é contemporâneo de pintores como Almeida Júnior, Rodolfo Amoedo e Belmiro de Almeida e do escultor Rodolfo Bernardelli. É o primeiro pintor negro de destaque formado pela Academia. Ali, tem como professor Agostinho José da Mota, reconhecido pintor de naturezas-mortas e que apresenta grande influência na sua obra. Especializa-se na pintura de flores e frutos tropicais, sendo considerado um dos maiores expoentes da arte brasileira no gênero. Leciona no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Na década de 1880, junta-se ao Grupo Grimm, cativado pela proposta inovadora de seus integrantes à época: o estudo da natureza por meio da observação direta e a pintura ao ar livre. Além de naturezas-mortas, executa alguns retratos, pinturas de temas históricos, religiosos e alegorias.

ESTEVÃO SILVA

(Rio de Janeiro, RJ, 1845-1891)

Sem título, último quarto do século XIX

Óleo sobre papel colado sobre aglomerado, 48,5 x 60,5 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo

Doação de Emanuel Araújo, 1997



ESTEVÃO SILVA

(Rio de Janeiro, RJ, 1845-1891)

Menino com melancia, 1889

Óleo sobre tela, 53,5 x 71 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo

Doação da Associação dos Amigos da Pinacoteca do Estado, 1998



ESTEVÃO SILVA

(Rio de Janeiro, RJ, 1845-1891)

Natureza-morta, 1891

Óleo sobre tela, 85 x 65,4 cm

Assinada Estevão Silva 1891

Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram

Foto: Acervo Museu Nacional de Belas Artes



ESTEVÃO SILVA

(Rio de Janeiro, RJ, 1845-1891)

[Natureza-morta], 1889

Óleo sobre tela, 70,2 x 80,1 cm

Acervo Museu Afro Brasil / Foto: Nelson Kon



ESTEVÃO SILVA

(Rio de Janeiro, RJ, 1845-1891)

[Frutas], 1891

Óleo sobre tela, 24 x 31 cm
Acervo Museu Afro Brasil





Small white label with text, likely identifying the artwork.



Small white label with text, likely identifying the artwork.



Small white label with text, likely identifying the artwork.

Vista da exposição
Estevão Silva e a natureza-morta brasileira



O Grupo Grimm e a vanguarda europeia

Eduardo Prado defendia a necessidade da vinda de professores estrangeiros que trouxessem para o Brasil os elementos mais inovadores da estética europeia. Georg Grimm, pintor alemão que veio para o Rio de Janeiro em 1878, foi o único artista a ser mencionado como educador nos textos brasileiros da Exposição Universal de Paris de 1889.

Grimm representava, portanto, um modelo de formação da arte nacional a partir de padrões eurocêntricos. Grimm praticava a pintura de paisagem ao ar livre, uma especialidade surgida com o turismo pitoresco, na Europa, na década de 1780. A viagem para observar formações naturais irregulares, como o contraste entre altas montanhas e rios sinuosos, era acompanhada pela prática de pintar ou rascunhar imagens ao vivo, no lugar da experiência. O resultado dessas pinturas, contudo, era considerado tosco pelas academias de belas-artes, pois a tinta era aplicada rapidamente, em camadas grossas, para se aproveitar a luz do momento, e mesmo os retoques posteriores em ateliê mantinham a aparência da velocidade original da imagem feita ao ar livre.

Foi o governo de Dom Pedro II que obrigou a Academia a aceitar Grimm como professor de Paisagem, Flores e Animais, em 1882, contra a vontade dos acadêmicos. Mas Grimm foi contratado e conseguiu passes de bonde para levar seus alunos para pintar os arredores do Rio de Janeiro, em vivo contato com a natureza local. Porém, em 1884, ele foi despedido. Um grupo de alunos abandonou a Academia para acompanhar o mestre a Niterói: Antônio Parreiras, João Batista Castagneto, Domingo Garcia y Vásquez, Hipólito Caron, Joaquim França Júnior, Francisco Gomes Ribeiro e Thomas Driendl. Juntos, formaram o Grupo Grimm, que consolidou a primeira escola de pintura de paisagem ao ar livre no Brasil, tendo se singularizado pelo pioneirismo em produzir obras de arte em contato direto com a nossa natureza, utilizando a mesma técnica que dera origem ao Impressionismo na França.



Georg Grimm
em fotografia de autoria desconhecida, muito provavelmente tirada no Rio de Janeiro em 1877, que pertenceu ao pintor Antônio Parreiras e hoje faz parte do acervo documental do museu a ele dedicado, em Niterói, RJ
GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA DO RIO DE JANEIRO FUNDAÇÃO ANITA
MANTUANO DE ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - FUNARJ. MUSEU ANTONIO PARREIRAS

GEORG GRIMM

(Kempten, Alemanha, 1846 / Palermo, Itália, 1887)

Rochedo de Boa Viagem, 1887

Óleo sobre tela, 80 x 61 cm

Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro

Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro – FUNARJ

Museu Antonio Parreiras

Foto: Márcio Assis, Cerne Sistemas



Pintor, desenhista e professor. Estuda na Academia de Belas Artes de Munique entre 1868 e 1870. Após uma viagem pela Itália, Grécia, Turquia, Palestina e norte da África, chega ao Brasil em 1878. Viaja com frequência para o interior do Rio de Janeiro e Minas Gerais, onde produz estudos de paisagens e fazendas de café. Torna-se professor interino da cadeira de paisagem, flores e animais da Academia Imperial de Belas Artes de 1882 a 1884. Em meados de 1884, rompe com a Academia por não concordar com a metodologia de ensino, fato que provocava constantes divergências com a diretoria e outros professores. Decide, então, reunir um grupo de artistas, posteriormente conhecido como Grupo Grimm, integrado por João Batista Castagneto, Hipólito Boaventura Caron, Domingos Garcia y Vásquez, Francisco Ribeiro, Antônio Parreiras, Joaquim José da França Júnior e Thomas Driendl, com os quais pratica a pintura ao ar livre. Em 1887, retorna à Europa, já com a saúde debilitada por causa da tuberculose. Viaja para a Itália e finalmente chega a Palermo, onde falece.

HIPÓLITO BOAVENTURA CARON

(Resende, RJ, 1862 / Juiz de Fora, MG, 1892)

Praia da Boa Viagem, Niterói, RJ, 1884

Óleo sobre tela, 50,2 x 75 cm

Assinada H. Caron 1884

Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram

Foto: Acervo Museu Nacional de Belas Artes



Pintor e desenhista. Faz seus primeiros estudos em Juiz de Fora. Em 1880, muda-se para o Rio de Janeiro e ingressa na Academia Imperial de Belas Artes, onde é aluno de Georg Grimm. Paralelamente, começa a dar aulas de desenho elementar no Liceu de Artes e Ofícios. Deixa a Academia para acompanhar seu mestre e integrar o recém-formado Grupo Grimm, em 1884, participando das aulas ao ar livre que organizam em Niterói. Em 1885, vai para a França a fim de aprofundar seus conhecimentos, graças à ajuda do pai e de alguns amigos que arrecadam o dinheiro necessário para a viagem. Permanece na Europa durante três anos. Toma aulas com o paisagista Hector Hanoteau. Ao voltar, escolhe a cidade do Rio de Janeiro para se estabelecer, mas logo volta a Juiz de Fora. Morre precocemente aos 30 anos de idade, acometido de febre amarela.

HIPÓLITO BOAVENTURA CARON

(Resende, RJ, 1862 / Juiz de Fora, MG, 1892)

Praia Formosa, Rio de Janeiro, RJ, 1888

Óleo sobre tela, 38 x 54,5 cm

Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram

Foto: Acervo Museu Nacional de Belas Artes



JOAQUIM JOSÉ DA FRANÇA JÚNIOR

(Rio de Janeiro, RJ, 1838 / Poços de Caldas, MG, 1890)

Morro da Viúva, Rio de Janeiro, RJ, c.1888

Óleo sobre tela, 70,2 x 100,6 cm

Assinada FRANÇA Jor.

Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram

Foto: Acervo Museu Nacional de Belas Artes



Advogado, dramaturgo, jornalista, político e pintor. De 1858 a 1862, estuda na Faculdade de Direito de São Paulo, período em que escreve suas primeiras peças teatrais. Após exercer a advocacia, reside por um período na Bahia, onde é nomeado secretário de governo. Na década de 1880, volta ao Rio de Janeiro e faz aulas de desenho com o aquarelista alemão Benno Treidler. Entusiasmado com o novo aprendizado, passa a frequentar aulas na Academia Imperial de Belas Artes como assistente, onde conhece Georg Grimm. Acompanha o mestre, que acabara de formar o Grupo Grimm, e participa das aulas de pintura de paisagem ao ar livre. Pouco tempo dura a parceria, pois, em seguida, ele concentra-se na sua vocação jornalística e literária. Publica vários folhetins e escreve diversas comédias teatrais que alcançam enorme sucesso popular. Personalidade multifacetada, apesar de não ter como prioridade a pintura, deixa uma produção significativa, de qualidade indiscutível, e faz parte da história da paisagística brasileira.

ANTÔNIO PARREIRAS

(Niterói, RJ, 1860-1937)

Paisagem (Friburgo), 1891

Óleo sobre tela, 60 x 73,5 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo

Doação da Família Silveira Cintra, 1956



Pintor, desenhista e ilustrador. Frequenta como aluno livre a Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, de 1883 até meados de 1884. Nesse período, segue as aulas ministradas por Georg Grimm. Por discordar do ensino oferecido na Academia, abandona as aulas e passa a integrar o Grupo Grimm, dedicando-se à pintura ao ar livre. Em 1888, viaja para a Itália, frequenta a Academia de Belas Artes de Veneza e torna-se discípulo de Filippo Carcano. Retorna ao Brasil, em 1890, para dar aulas de paisagem na Academia Imperial de Belas Artes, mas, após dois meses, renuncia ao cargo por não concordar com a reforma curricular promovida em novembro daquele ano. Em 1891, funda a Escola do Ar Livre, em Niterói (RJ). Entre 1906 e 1919 mantém ateliê na cidade de Paris. Em 1926, lança seu livro autobiográfico *História de um Pintor Contada por Ele Mesmo*, com o qual ingressa na Academia Fluminense de Letras. Em 1929, funda o Salão Fluminense de Belas Artes, em Niterói. Em 1941, sua casa-ateliê é transformada no Museu Antônio Parreiras com o objetivo de preservar e divulgar sua obra.

ANTÔNIO PARREIRAS

(Niterói, RJ, 1860-1937)

Paisagem (Água parada), 1894

Óleo sobre madeira, 14 x 19 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo

Compra do Governo do Estado de São Paulo do Espólio de Pedro Alexandrino, 1944



ANTÔNIO PARREIRAS

(Niterói, RJ, 1860-1937)

Lusco-fusco (Paisagem), sem data

Óleo sobre tela, 23 x 43 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo

Compra do Governo do Estado de São Paulo do Espólio de Pedro Alexandrino, 1944



ANTÔNIO PARREIRAS

(Niterói, RJ, 1860-1937)

Marinha, 1902

Óleo sobre tela, 33 x 46 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo

Doação de Julieta de Andrada Noronha, 1965



ANTÔNIO PARREIRAS

(Niterói, RJ, 1860-1937)

Sem título, 1919

Óleo sobre tela, 41 x 60 cm

Acervo Banco Itaú



JOÃO BATISTA CASTAGNETO

(Gênova, Itália, 1851 / Rio de Janeiro, RJ, 1900)

Paisagem marítima, 1893

Óleo sobre tela, 33 x 54,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Giuseppe Baccaro, compra, 1970



Pintor, desenhista, marinheiro, professor e restaurador. Na sua cidade natal, é marinheiro junto com seu pai, que o trouxe para o Rio de Janeiro em 1874. Ao chegar, o pai o matricula na Academia Imperial de Belas Artes. Consegue ingressar nas aulas de desenho geométrico, desenho figurativo e matemática, no começo do curso, apesar de sua idade avançada. Nas aulas, Castagneto se destaca e chama a atenção de seus professores. João Zeferino da Costa, um deles, o chama para trabalhar nas obras de reforma da Igreja da Candelária em 1883. Com essa experiência, melhora as suas aptidões e, em seguida, no mesmo ano, é chamado a dar aulas de desenho em algumas escolas. Em 1884, abandona a Academia para se unir a Grimm, seu professor, e acompanhar as aulas de pintura ao ar livre em Niterói. Diante da tentativa frustrada de ganhar o prêmio de viagem em 1887, com sua obra *Uma Salva de Grande Gala na Baía do Rio de Janeiro*, de cunho acadêmico, finalmente em 1890 consegue viajar para a França com a ajuda de amigos. Lá conhece Frédéric Montenard, pintor francês viajante, experiente em temas marinhos. Por intermédio dele, conhece o francês François Nardi, também pintor de marinhas, com quem reside por um tempo em Toulon. Ao regressar ao Brasil, em 1893, volta a produzir, e seu fazer artístico amadurece, então executa suas obras mais conhecidas. A Ilha de Paquetá é praticamente seu local de residência permanente nos últimos anos de sua vida.

JOÃO BATISTA CASTAGNETO

(Gênova, Itália, 1851 / Rio de Janeiro, RJ, 1900)

Paquetá, 1898

Óleo sobre madeira, 14,4 x 21,9 cm

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo

Doação da Família Silveira Cintra, 1956



JOÃO BATISTA CASTAGNETO

(Gênova, Itália, 1851 / Rio de Janeiro, RJ, 1900)

Niterói, Marinha com Barcos, 1899

Óleo sobre tela, 24,5 x 41 cm

Acervo Banco Itaú



JOÃO BATISTA CASTAGNETO

(Gênova, Itália, 1851 / Rio de Janeiro, RJ, 1900)

Encouraçado na Baía do Rio de Janeiro, 1898

Óleo sobre madeira, 7,5 x 38 cm

Acervo Banco Itaú





ANTÔNIO PARREIRAS

(Niterói, RJ, 1860-1937)

Paisagem de Pádua, 1888

Óleo sobre tela, 70 x 173 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Zélia Ferreira Salgado, 1986







Small white informational label with text and a QR code.



Small white informational label with text and a QR code.



**Vista da exposição
O Grupo Grimm e a vanguarda europeia**

Os movimentos contra-acadêmicos em 1890

Eduardo Prado manifestou-se contra a educação artística ministrada na Academia do Rio de Janeiro em seu texto sobre arte brasileira para a Exposição Universal de Paris de 1889. Sua posição ecoava a crítica de arte carioca da década de 1880, que passara a atacar a instituição oficial de belas-artes desde 1879, quando foi exibida pela primeira vez uma "Coleção de quadros nacionais formando a Escola Brasileira", por ocasião da Exposição Geral daquele ano. Se por um lado a Academia explicitava a questão da arte nacional, por outro expunha a fragilidade dos resultados até então obtidos para tal.

A incapacidade de se formar uma Escola Brasileira nos moldes da Academia eclodiu com a Proclamação da República, pois o novo governo encomendou uma reforma completa da instituição oficial de belas-artes. As divergências internas paralisaram o ensino no primeiro semestre de 1890, levando um grupo de alunos a abandonarem a escola, com apoio de alguns professores.

Os alunos revoltosos fundaram o Ateliê Livre de Belas Artes, que funcionou primeiramente no largo de São Francisco e depois no Ateliê Moderno, na rua do Ouvidor. Dentre seus integrantes, estavam Eliseu Visconti, Bento Barbosa, João Batista da Costa, José Fiúza Guimarães e Raphael Frederico. Com cobertura da imprensa, realizaram exposições até dezembro daquele ano.

Antônio Parreiras também rompeu com a Academia em 1890, após ser contratado como professor temporário no início da República. Discordando dos rumos que tomava a reforma, voltou para Niterói, sua cidade natal e berço do Grupo Grimm, fundando a Escola do Ar Livre, onde ensinava os princípios da pintura de paisagem pitoresca realizada no encontro direto com a natureza brasileira.

No final de 1890, concluiu-se a reforma da instituição de ensino governamental, que passou a se chamar Escola Nacional de Belas-Artes. Os alunos e professores insurgentes retornaram e se reacomodaram com a direção nomeada pelo governo republicano. Somente em 1922 viria um novo movimento coletivo a por em xeque os padrões conservadores da arte oficial do Brasil: a Semana de Arte Moderna.



Antônio Parreiras, c. 1902
Fotografia de Quass
GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA DO RIO DE JANEIRO
FUNDAÇÃO ANITA MANTUANO DE ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - FUNARJ
MUSEU ANTONIO PARREIRAS

ELISEU VISCONTI

(Salerno, Itália, 1866 / Rio de Janeiro, RJ, 1944)

Retrato de Macedo, 1890

Óleo sobre tela, 30 x 20 cm

Coleção particular



Pintor, desenhista e professor. Muda-se para o Rio de Janeiro na década de 1870 e, em 1882, começa a estudar no Liceu de Artes e Ofícios, com Victor Meirelles e Estevão Silva. Sem deixar o Liceu, em 1885, ingressa na Academia Imperial de Belas Artes, tendo como professores Zeferino da Costa, Rodolfo Amoedo, Henrique Bernardelli, Victor Meirelles e José Maria de Medeiros. Em 1888, abandona-a e passa a integrar o Ateliê Livre, que tem por objetivo atualizar o ensino tradicional. Com as mudanças ocorridas com a Proclamação da República, a Academia transforma-se na Escola Nacional de Belas Artes (Enba). Visconti volta a frequentá-la e recebe, em 1892, um prêmio de viagem ao exterior. Estuda, em Paris, na Académie Julian, na École des Beaux-Arts e na École Guérin, onde se dedica a artes decorativas. Em 1905, é convidado a realizar a decoração do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, realizada em Paris, em duas etapas. De 1905 a 1908, executa o pano de boca, o teto sobre a plateia e o friso sobre o palco. E entre 1913 e 1916, produz os painéis do foyer. Entre essas duas viagens, é professor de pintura na Escola Nacional de Belas Artes. Só se fixa definitivamente no Brasil em 1920. Não tendo sido convidado, Visconti acompanha com interesse os acontecimentos da Semana de Arte Moderna de 22. Pietro Maria Bardi, em entrevista, comenta a ausência de Eliseu Visconti na Semana de 22: “Não foi convidado. Esqueceram o único realmente moderno de sua época, que era Visconti”. A convite do professor José Flexa Ribeiro, passa a lecionar no curso de extensão universitária de Artes Decorativas, que funciona junto à Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Vive os últimos anos da sua vida entre Rio de Janeiro e Teresópolis, onde se dedica a pintar paisagens da serra.

ANTÔNIO PARREIRAS

(Niterói, RJ, 1860-1937)

Escola do Ar Livre, c. 1892

Óleo sobre tela, 100 x 148,5 cm

Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro

Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro – FUNARJ

Museu Antonio Parreiras

Foto: Diego Barino, Cerne Sistemas



Pintor, desenhista e ilustrador. Frequenta como aluno livre a Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, de 1883 até meados de 1884. Nesse período, segue as aulas ministradas por Georg Grimm. Por discordar do ensino oferecido na Academia, abandona as aulas e passa a integrar o Grupo Grimm, dedicando-se à pintura ao ar livre. Em 1888, viaja para a Itália, frequenta a Academia de Belas Artes de Veneza e torna-se discípulo de Filippo Carcano. Retorna ao Brasil, em 1890, para dar aulas de paisagem na Academia Imperial de Belas Artes, mas, após dois meses, renuncia ao cargo por não concordar com a reforma curricular promovida em novembro daquele ano. Em 1891, funda a Escola do Ar Livre, em Niterói (RJ). Entre 1906 e 1919 mantém ateliê na cidade de Paris. Em 1926, lança seu livro autobiográfico *História de um Pintor Contada por Ele Mesmo*, com o qual ingressa na Academia Fluminense de Letras. Em 1929, funda o Salão Fluminense de Belas Artes, em Niterói. Em 1941, sua casa-ateliê é transformada no Museu Antônio Parreiras com o objetivo de preservar e divulgar sua obra.



erbrações do Mod
arte popular em outra

Vista da exposição
Os movimentos contra-acadêmicos em 1890

Os movimentos contra-acadêmicos em 1890

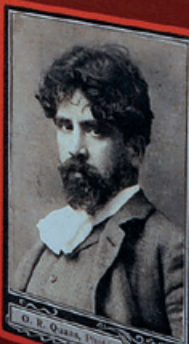
Eduardo Prado manifestou-se contra a educação artística ministrada na Academia do Rio de Janeiro em seu texto sobre arte brasileira para a Exposição Universal de Paris de 1889. Sua posição ecoava a crítica de arte carioca da década de 1880, que passara a atacar a instituição oficial de belas-artes desde 1879, quando foi exibida pela primeira vez uma "Coleção de quadros nacionais formando a Escola Brasileira", por ocasião da Exposição Geral daquele ano. Se por um lado a Academia explicitava a questão da arte nacional, por outro expunha a fragilidade dos resultados até então obtidos para tal.

A incapacidade de se formar uma Escola Brasileira nos moldes da Academia eclodiu com a Proclamação da República, pois o novo governo encomendou uma reforma completa da instituição oficial de belas-artes. As divergências internas paralisaram o ensino no primeiro semestre de 1890, levando um grupo de alunos a abandonarem a escola, com apoio de alguns professores.

Os alunos revoltosos fundaram o Ateliê Livre de Belas Artes, que funcionou primeiramente no largo de São Francisco e depois no Ateliê Moderno, na rua do Ouvidor. Dentre seus integrantes, estavam Eliseu Visconti, Bento Barbosa, João Batista da Costa, José Fiúza Guimarães e Raphael Frederico. Com cobertura da imprensa, realizaram exposições até dezembro daquele ano.

Antônio Parreiras também rompeu com a Academia em 1890, após ser contratado como professor temporário no início da República. Discordando dos rumos que tomava a reforma, voltou para Niterói, sua cidade natal e berço do Grupo Grimm, fundando a Escola do Ar Livre, onde ensinava os princípios da pintura de paisagem pitoresca realizada no encontro direto com a natureza brasileira.

No final de 1890, concluiu-se a reforma da instituição de ensino governamental, que passou a se chamar Escola Nacional de Belas-Artes. Os alunos e professores insurgentes retornaram e se acomodaram com a direção nomeada pelo governo republicano. Somente em 1922 viria um novo movimento coletivo a por em xeque os padrões conservadores da arte oficial do Brasil: a Semana de Arte Moderna.



Antônio Parreiras, c. 1902
Fotografia de Quibus

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DO ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA DO RIO DE JANEIRO
FUNDAÇÃO ANITA MANTOVANI DE ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - FUNARJ
MUSEU ANTONIO PARREIRAS

Semana de Arte Moderna de 22

Em 2022 celebra-se o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, um evento artístico cultural que teve lugar no Theatro Municipal de São Paulo, entre os dias 11 e 17 de fevereiro daquele ano. Ocorreu depois da Primeira Guerra Mundial, em um momento cheio de turbulências políticas, sociais, econômicas e culturais. As vanguardas estéticas já estavam lançadas e espantavam os conservadores com suas linguagens desregradas e livres.

A jovem pintora Anita Malfatti tinha voltado da Europa, depois de ter vivenciado e convivido no seio dessas transformações e, em 1917, realizara a que foi reconhecida como a primeira exposição modernista brasileira, com influências evidentes do Expressionismo, Cubismo e Futurismo. A mostra provocou escândalo e foi alvo de críticas impiedosas de Monteiro Lobato. Esse acontecimento foi um dos motivadores para a organização da Semana de Arte Moderna.

O espírito de renovação das vanguardas contagiou os intelectuais paulistas, que viram a necessidade premente de rejeitar e atualizar os antigos ideais estéticos do século XIX, ainda em moda no país. Seu objetivo era avivar o ambiente artístico e cultural da cidade com o que tinha de mais atual nas artes plásticas, na literatura e na música. Chama atenção a ausência da fotografia e do cinema na Semana de Arte Moderna paulista (nas vanguardas europeias, essas linguagens técnicas foram muito exploradas).

Participaram da Semana os seguintes artistas: Anita Malfatti, Antonio Paim Vieira, Emiliano Di Cavalcanti, Hildegardo Velloso, Inácio da Costa Ferreira (Ferrignac), John Graz, Regina Gomide Graz, Vicente do Rego Monteiro, Victor Brecheret e Zina Aita, e os arquitetos Antonio Moya e Georg Przyrembel, além de escritores e músicos.

Alvo de críticas e em parte ignorada, a Semana não foi bem entendida em sua época.

Apresentamos nesta exposição quatro obras de Anita Malfatti dessa fase de transformação; uma delas esteve presente na mostra do Theatro Municipal, “Homem das sete cores”, de 1915/16. Todas elas pertencem ao acervo do MAB.

ANITA MALFATTI

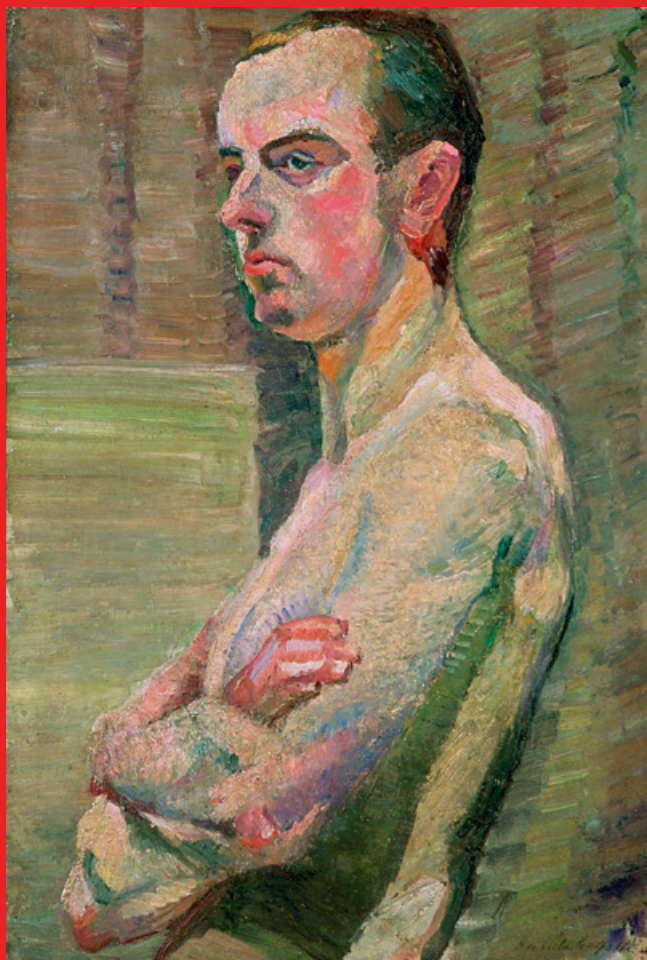
(São Paulo, SP, 1889-1964)

Torso de homem - Retrato, c. 1912/13

Óleo sobre tela, 70 x 48 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Senador Freitas Valle, compra, 1966



Pintora, desenhista, gravadora, ilustradora e professora. Inicia-se na pintura com sua mãe, a pintora Bety Malfatti, em 1902. Em 1910, buscando aperfeiçoar-se, ingressa na Academia Imperial de Belas Artes de Berlim, onde tem aulas de história da arte, desenho e perspectiva. Permanece na Alemanha até 1914, período no qual tem contato com o Expressionismo e toma também aulas particulares com o professor e pintor Fritz Burger-Mühlfeld, ligado ao Pós-impressionismo alemão. Ao retornar a São Paulo, realiza sua primeira mostra individual, no Mappin Stores. Entre 1915 e 1916, passa um período em Nova York, onde tem aulas com os pintores George Brant Bridgman e Homer Boss na Independent School of Art. O clima vanguardista da escola leva adiante o desenvolvimento da sua obra, ganhando mais liberdade e expressividade. De volta ao Brasil, em dezembro de 1917, é organizada a sua segunda exposição individual: Exposição de Arte Moderna. A mostra traz repercussões decisivas para seu trabalho – por um lado, rende uma aproximação com os artistas e intelectuais que mais tarde realizam, em São Paulo, a Semana de Arte Moderna, da qual ela participa com 20 obras, e por outro, vira alvo de uma reação violenta às linguagens vanguardistas. Mas essa resposta de alguns críticos não impede que ela continue produzindo e participando de outras agrupações ou eventos, como a Sociedade Pró-Arte Moderna, o Salão Revolucionário (1931) e a Família Artística Paulista. Depois desse período, amplia sua produção com cenas populares e passa a ter influência da arte dita não culta. A vasta produção da artista durante toda a sua vida é guiada pela necessidade de experimentação, mas também pela busca da simplicidade e espontaneidade.

ANITA Malfatti

(São Paulo, SP, 1889-1964)

Um professor, 1912/13

Óleo sobre tela, 50,5 x 40 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Doris Maria Malfatti, compra, 2005



ANITA MALFATTI
(São Paulo, SP, 1889-1964)

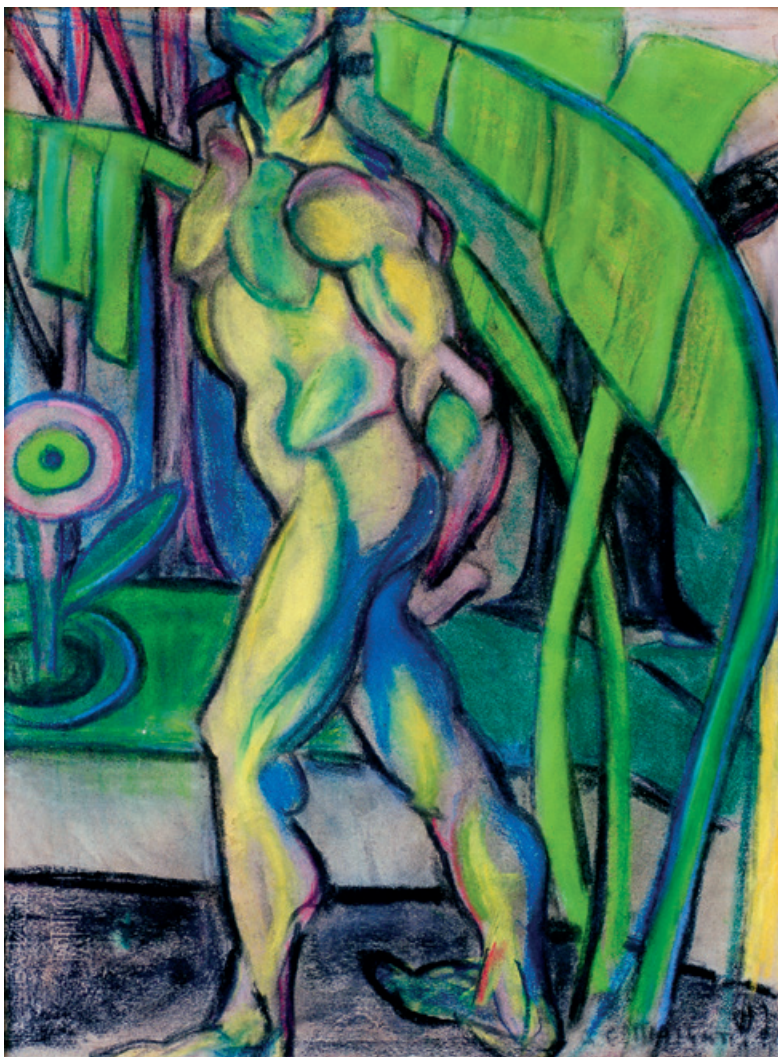
Homem das sete cores, 1915/16

Pastel e carvão sobre papel, 62 x 46 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Roberto Pinto de Souza, c. 1970

Obra presente na exposição no Theatro Municipal na Semana de Arte Moderna de 1922



ANITA Malfatti

(São Paulo, SP, 1889-1964)

Estudo para a boba, 1915/16

Carvão sobre papel, 60,2 x 44 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Família Malfatti, compra, c. 1972



Semana de Arte Moderna de 22

Este ano celebra-se o centário da Semana de Arte Moderna de 1922, um evento artístico-cultural que teve lugar no Theatro Municipal de São Paulo, entre os dias 11 e 17 de fevereiro. O festival, conhecido desde a Primeira Guerra Mundial, em um momento crucial de turbulências políticas, sociais, econômicas e culturais. As vanguardas estéticas já estavam surgindo e inquietavam os conservadores com suas linguagens desconhecidas e livres.

A jovem pintora Anita Malfatti tinha voltado da Europa, depois de ter vivenciado o movimento ne-esse das transformações, e em 1917, realizou a que foi reconhecida como a primeira exposição individual brasileira, com influências modernas do Impressionismo, Cubismo e Futurismo. A mostra provocou escândalo e foi alvo de críticas impiedosas de Monteiro Lobato. Esse acontecimento foi um dos motivadores para a organização da Semana de Arte Moderna.

O espírito de renovação das vanguardas contagiou os intelectuais paulistas, que viram a necessidade urgente de renovar e atualizar os antigos hábitos estéticos do século XIX, ainda em moda no país. Seu objetivo era trazer o ambiente artístico e cultural da época, que tinha de modo usual nas artes plásticas, no teatro e na música. Chamou atenção a ausência da literatura e do cinema na Semana de Arte Moderna paulista (nas vanguardas europeias, essas linguagens modernas foram muito exploradas).

Participaram da Semana os seguintes artistas: Anita Malfatti, Antonio Paulo Viana, Cândido Portinari, Emiliano Di Cavallari, Heringardo Veloso, Indio da Costa Ferreira (Ferreira), John Graz, Vicente do Rego Monteiro, Victor Brecheret e Zina Aïda, e os arquitetos Assis de Moya e Georg Prinzemittel, além de escritores e músicos.

Alvo de críticas e em parte ignorada, a Semana não foi bem recebida em sua época.

Apresentamos nesta exposição quatro obras de Anita Malfatti desta fase da transformação, uma delas esteve presente na mostra do Theatro Municipal, "Homem das sete cores", de 1915/16. Todas elas pertencem ao acervo do MAM.





56



57

67

68

74



74

DEPOIS DE 1922



23

25

27

29

31

33

22

Semana de Arte Moderna de 22 em São Paulo.

24

Viagem dos paulistas a Minas, a partir da qual começam as correspondências entre Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade.

26

Manifesto Regionalista, Recife, PE.

28

Publicação do **Manifesto Antropófago**, SP.

Fundação da **Revista Arco e Flexa** na Bahia, a revista se autopromovia como a primeira revista filiada ao movimento moderno, girava mais em torno de produção literária.

Primeira exposição individual de Cícero Dias em Pernambuco, com prefácio de Gilberto Freyre.

Festa da Arte Nova, Macéio, AL. Mendonça Junior propôs a realização de uma Semana de Arte Moderna, em Alagoas, nos moldes da realizada em São Paulo. O pintor Lourenço Peixoto aderiu à ideia e ofereceu o salão de seu Instituto de Belas Artes.

30

Recife recebe a primeira exposição de arte moderna europeia da América do Sul.

32

Criação da **Sociedade Pró-arte Moderna**.

Fundação do **Clube dos Artistas Modernos**.

Núcleo Bernardelli, RJ, alternativa para o ensino oficial da Escola Nacional de Belas Artes. Durou até 1941.

Criação do **Seibi-kai**: grupo de artistas plásticos japoneses transferidos para o Brasil na condição de imigrantes, seu nome completo era **São Paulo Bijitsu Kenkyu Kai-Seibi**, sendo que seu significado é Grupo de Estudo de Artes Plásticas em São Paulo.

35

1° Salão de Maio, 25/05/1937, Hotel Esplanada, São Paulo, SP.

1° Salão da Família Artística Paulista, novembro 1937, Hotel Esplanada, São Paulo, SP.

37

3° Salão de Maio, Galeria Ita, São Paulo, SP.

2° Salão da Família Artística Paulista, Automóvel Clube de São Paulo, São Paulo, SP.

39

Centro Cultural de Belas Artes, fundado por Mário Baratta em Fortaleza, primeira entidade inteiramente dedicada às artes visuais na capital cearense. Promove os **Salões de Abril** a partir de 1943.

41

Fundação da **Escola de Belas Artes de Minas Gerais** (posteriormente vai se chamar Escola Guignard), Belo Horizonte, MG.

1° Salão de Abril, promovido pelo Centro Cultural de Belas Artes de Fortaleza.

43

45

34

Formação do Grupo **Santa Helena**.

36

38

2° Salão de Maio, 27/06/1938, Hotel Esplanada, São Paulo, SP.

Seibi-kai: exposição no Nippon Clube, São Paulo, SP, 10/12/1938.

Criação da **Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa** por Carlos Scliar e João Fahrion.

40

3° Salão da Família Artística Paulista, Rio de Janeiro, RJ.

42

Inauguração oficial de Goiânia, nova capital de Goiás, construída, com vários prédios públicos, no estilo art déco.

44

1° Exposição de Arte Moderna Brasileira na Bahia: organizada pelo jornalista Odorico Tavares, Jorge Amado e Manoel Martins, com obras de Mário Cravo Júnior, Carlos Frederico Bastos e Genaro de Carvalho.

Sociedade Cearense de Artes Plásticas, papel de destaque na afirmação da Arte Moderna no Ceará. Ativa até 1958, além de exposições periódicas e de salões anuais, a Sociedade organizava também cursos de arte, que visavam o aprimoramento da formação artística.

1° Exposição de Arte Moderna de Belo Horizonte, com a participação de artistas de diferentes regiões do país, confere visibilidade à produção local e à própria Escola Guignard.

Seibi-kai: Segundo período: 1947-1972. Durante esse período realizaram 14 salões de periodicidade anual.

Inauguração do **Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand** – MASP.

Grupo Sul, movimento artístico que levou o modernismo a Santa Catarina.

47

1º Salão Baiano de Belas Artes: contribuiu para que os preceitos do Modernismo fossem melhor aceitos e compreendidos.

1º Salão de Arte Moderna do Estado de Rio Grande do Norte.

49

Criação do **Atelier-abstração** por Samson Flexor, São Paulo, SP.

1º Bienal de São Paulo, SP.

51

Inauguração da **Escola Goiana de Belas Artes** na jovem capital do estado de Goiás, Goiânia.

Nazareno Confaloni pinta os afrescos da Igreja do Rosário, na cidade de Góias – os primeiros exemplares de arte moderna goiana.

53

55

Abertura dos eixos rodoviários que definem o plano-piloto de Brasília, marco-zero da nova capital.

1957/1958 **Convênio MASP-FAAP:** os cursos do MASP se trasladam à FAAP junto com o acervo. O convênio seria dissolvido poucos meses depois, ficando os cursos e seu diretor Flávio Motta, de forma definitiva na FAAP.

57

46

É lançada a 1ª edição da **Revista Joaquim**, editada por Dalton Trevisan, ela circulou por dois anos, teve 21 edições que tinham como intuito questionar o provincianismo local e colocar o Paraná no debate literário e artístico nacional.

48

Criação da **Sociedade de Arte Moderna do Recife**, por iniciativa de Abelardo da Hora (1924-2014) e do arquiteto, pintor e desenhista Hélio Feijó (1913-1991), gérmen da criação do Ateliê Coletivo

Annie Alvares Penteado lança a pedra fundamental do edifício da **Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP)** que reuniria uma Escola de Artes e uma Pinacoteca. A construção levaria 10 anos.

Inauguração do **Museu de Arte Moderna de São Paulo** – MAM.

Exposição de Arte Contemporânea em Salvador, BA.

50

Fundação do **Ateliê Coletivo**, Recife, PE.

Criação do **Grupo Guanabara**, São Paulo, SP.

Clube de Gravura de Porto Alegre é fundado por Carlos Scliar e Vasco Prado. Scliar atuava desde 1940, como intermediário entre os artistas de São Paulo e do sul do país, ele era Membro da Família Artística Paulista – FAP.

52

Formação do **Grupo Ruptura** em São Paulo. Seus integrantes propunham a renovação dos valores essenciais das artes visuais através das pesquisas geométricas, aproximando arte e indústria, e com o desligamento da tradição abstracionista passada.

54

Formação do **Grupo Frente** em Rio de Janeiro, RJ: considerado um marco no movimento construtivo das artes plásticas. A única condição para participar do grupo era romper com as fórmulas da velha academia, dispendo-se a questionar a arte e criar novos caminhos.

56

58

Jovens artistas **Movimento Renovação Paranaense** depois culminam **Círculo de Artes Plásticas do grupo** que produziu as principais manifestações do Estado.

Criação do **Ateliê Douchez-Nicola**, São Paulo - SP

59

Inauguração do **MAB FAAP**: exposição Barroco no Brasil, SP.

61

Criação do **Grupo Realismo Mágico** por **Wesley Duke Lee**, sua estética figurativa se posicionava contra a hegemonia do concretismo e do abstracionismo então vigente na arte brasileira.

Inauguração do **Museu de Arte Contemporânea** da Universidade de São Paulo – MAC USP.

63

65

A **Associação Mato-Grossense de Artes** é fundada por Humberto Espíndola – AMA, funcionou até 1972 e promoveu diversas exposições relevantes dentro e fora do estado.

67

as criam o
de
das Artes
s, que
na no
artes
Paraná,
edominou
s
es artísticas

60

Criação do **Estatuto do Museu de Arte Brasileira da FAAP – MAB FAAP**, SP.

Inauguração do **Museu de Arte Moderna da Bahia** – MAM/BA.

Inauguração de **Brasília**, nova capital do Brasil, DF.

Surge o **Salão de Arte Moderna do Paraná** (duraria de 1960 a 1969).

62

64

1º Anual de Arte FAAP, São Paulo, SP.

Salão de Arte Moderna de Brasília, 1ª edição das 4 que aconteceram, DF.

66

Na cidade de Campo Grande (MS) ocorre a **Primeira Exposição dos Artistas Mato-grossenses**, organizada por Humberto Espíndola, coletiva que reuniu pela primeira vez os artistas do estado. O júri deste evento foi composto pelo crítico de arte e diretor do MASP, Pietro Maña Bardi e pelos pintores Aldemir Martins e João Parisi Filho.

68

O **Salão Paranaense de Belas Artes** despede-se do "Belas Artes" e passa a se chamar somente **Salão Paranaense** (SAP), PR.

74

O **Museu de Arte e Cultura Popular** é fundado em Cuiabá. O MACP tinha como uma de suas propostas de ação, a atualização e descentralização do circuito da arte brasileira.

Núcleo Bernardelli

Fundado em 12 de junho de 1931, no Rio de Janeiro, o Núcleo Bernardelli nasceu como uma alternativa ao modelo de ensino da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) e como um espaço de profissionalização, aprofundamento de conhecimentos, experimentação e aprimoramento técnico, mas fundamentalmente enfatizando a liberdade de expressão artística. Foi escolhido esse nome para homenagear os irmãos Rodolfo e Henrique Bernardelli, que já tinham criado um curso independente da Escola Nacional de Belas Artes, no fim do século XIX.



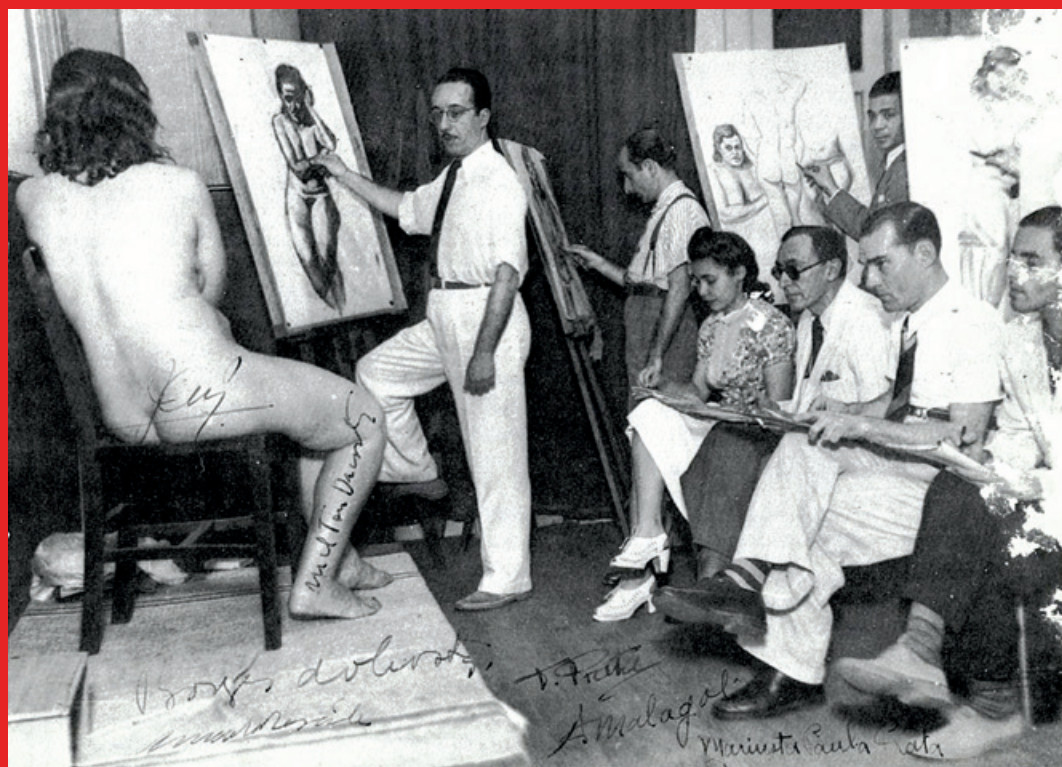
Abertura da 3ª Exposição do Núcleo Bernardelli, vendo-se ao fundo, de esquerda à direita: José Pancetti, Manoel Santiago e Milton Dacosta entre outros (respectivamente o primeiro, quarto e décimo segundo), 1934
Fotografia: autor desconhecido

In: MORAIS, Frederico. Núcleo Bernardelli: Arte Brasileira nos Anos 30 e 40. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982, página 49.

Seus principais integrantes foram: Ado Malagoli, Bráulio Poiava, Bustamante Sá, Bruno Lechowski, Edson Motta, Eugênio de Proença Sigaud, Expedito Camargo Freire, João José Rescala, Joaquim Tenreiro, José Gomez Correia, José Pancetti, Manoel Santiago, Milton Dacosta, Quirino Campofiorito, Yoshiya Takaoka, Yuji Tamaki e outros.

Desse grupo, mais tardiamente, vão se destacar José Pancetti e Milton Dacosta pela personalidade e características inovadoras das suas obras.

Durante sua vigência, até 1941, foram organizados cinco salões. Alguns críticos afirmam que tiveram certa influência das vanguardas europeias, principalmente do Impressionismo e do Cubismo.



Aula de modelo vivo no Núcleo Bernardelli, de esquerda à direita: Borges da Costa, Rescala, Paula Prata, F. Prata, Ado Malagoli e Milton Dacosta

Fotografia: autor desconhecido

In: MORAIS, Frederico. Núcleo Bernardelli: Arte Brasileira nos Anos 30 e 40. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982, página 41. Arquivo de José Gomez Correia

MANOEL SANTIAGO

(Manaus, AM, 1897 / Rio de Janeiro, RJ, 1987)

Prenúncio de chuva, sem data

Óleo sobre compensado, 52,5 x 60,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação do próprio artista, 1971



Pintor, desenhista e professor. Começa seus estudos de desenho e pintura em 1903, quando muda-se com a família para Belém, no Pará. Aos 22 anos, estabelece-se no Rio de Janeiro, onde cursa Direito ao mesmo tempo que frequenta a Escola Nacional de Belas Artes, na qual toma aulas com Rodolfo Chambelland e João Baptista da Costa. Na época, também assiste a aulas particulares no ateliê de Eliseu Visconti. Em 1927, participa do Salão Nacional de Belas Artes, em que recebe o prêmio de viagem ao exterior, o que lhe permite passar cinco anos em Paris. Ao retornar, em 1932, torna-se professor do Instituto de Belas Artes do Rio de Janeiro e, em 1934, integra o Núcleo Bernardelli. Por ser o mais experiente do grupo, passa a lecionar pintura e desenho aos seus colegas, figurando entre seus alunos José Pancetti, Edson Motta, Bustamante Sá, Ado Malagoli, João José Rescala e Milton Dacosta. No começo de sua carreira, seus temas principais são nus femininos e composições inspiradas em lendas indígenas, com uma paleta luminosa de estilo impressionista. Anos depois, as paisagens do Rio de Janeiro passam a ocupar inúmeras telas, nas quais o uso da cor e a colocação da luz com pinceladas espessas são suas características mais marcantes. É convidado a participar da 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, do 8º Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1976, entre muitas outras exposições.

MILTON DACOSTA

(Niterói, RJ, 1915 / Rio de Janeiro, RJ, 1988)

Sem título, série *Vênus*, 1968

Gravura em cobre sobre papel, água-forte – 104/200

16,5 x 19,5 cm / 40,5 x 32,8 cm

Do álbum *História da Gravura no Brasil II*. São Paulo: Editora César, 1969.

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Sérgio Pizoli, compra, 1997



Pintor, desenhista, gravador e ilustrador. Fascinado pela arte desde criança, toma suas primeiras aulas de desenho com o professor alemão Augusto Hantz, em 1929. Em 1930, integra o curso livre da Escola Nacional de Belas Artes (Enba), recebendo orientação de Marques Junior. A escola é fechada logo depois, devido à Revolução de 1930. Dacosta junta-se, então, a outros artistas – entre os quais Edson Motta, Bustamante Sá e Ado Malagoli – para fundar, em 1931, o Núcleo Bernardelli, que passa a usar o porão da Enba como ateliê. Realiza sua primeira exposição individual em 1936, no Rio de Janeiro. Com o prêmio de viagem que recebe no Salão Nacional de Belas Artes, parte para os Estados Unidos e estuda na Art's Students League, de Nova York. No final da década de 1940, visita vários países europeus e fixa-se em Paris. Estuda na Académie de la Grande Chaumière e conhece Pablo Picasso, visitando também regularmente o ateliê de Georges Braque. Após participar de algumas exposições em salões parisienses, regressa ao Brasil em 1947 e passa a residir em São Paulo. Na década de 1950, desenvolve uma obra de tendência Construtivista e, na década seguinte, volta seu interesse ao figurativo novamente, com sua série de gravuras de imagens femininas intitulada *Vênus*, que desenvolve até o fim de sua vida.

YUJI TAMAKI

(Fukui, Japão, 1916 / São Paulo, SP, 1979)

Auto-retrato, década 1930

Óleo sobre cartão, 34,5 x 27 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção particular, compra, 2003



Pintor e professor. Chega ao Brasil ainda adolescente, instalando-se em 1932, com os pais, em uma fazenda do interior de São Paulo. Em 1934, muda-se para o Rio de Janeiro onde estuda pintura com Bruno Lechowski. Integra então o Núcleo Bernardelli, composto por José Pancetti, Yoshiya Takaoka, Ado Malagoli e Edson Motta, entre outros. Volta definitivamente para São Paulo em 1935, participa do 3º Salão Paulista de Belas Artes e conhece alguns dos artistas japoneses radicados no Brasil. No mesmo ano, é fundado o grupo Seibi, que contou em particular com a participação de Takaoka, Tanaka, Shigeto e Handa. O Seibi-kai conhece seu apogeu nas décadas de 1950 e 1960, período áureo que coincide com os anos de maturação artística de Tamaki. Em 1937 e 1938, é premiado no Salão Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Nos anos seguintes, integra outras agremiações como o Grupo 15, em 1948, e o Grupo Guanabara com o qual expõe em 1950, 1958 e 1959. Participa da mostra Artistas Nipo-Brasileiros organizada em 1966 pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, e realiza exposições individuais na galeria Cosme Velho em 1969 e 1970. Em 1977, é um dos artistas presentes na exposição Grupo Santa Helena: Década de 35 a 45 no MAB FAAP. É realizada, no ano de 1980, uma retrospectiva de sua trajetória na galeria Place des Arts, no Rio de Janeiro.

YOSHIYA TAKAOKA

(Tóquio, Japão, 1909 / São Paulo, SP, 1978)

Autorretrato, 1950

Óleo sobre tela, 34 x 25 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção particular, compra, 2003



Pintor, desenhista, caricaturista e cenógrafo. Estuda pintura com Shin Kurihara, em Tóquio, entre 1921 e 1925. Chega ao Brasil com catorze anos e trabalha na lavoura de Cafelândia. Muda-se em seguida para São Paulo, onde executa diversos trabalhos para se sustentar financeiramente, sendo inclusive pasteleiro, pintor de paredes e caricaturista. Em 1935, participa da fundação do Grupo Seibi, viajando a pé com Yuji Tamaki, no mesmo ano, para o Rio de Janeiro, onde passa a integrar o Núcleo Bernardelli, cursando artes plásticas com Bruno Lechowski. Realiza múltiplos autorretratos, um deles lhe valendo a medalha de prata no Salão Nacional das Belas Artes no Rio de Janeiro, em 1938. Durante a Segunda Guerra Mundial, passa por momentos de dificuldade por ser acusado de transmitir informações estratégicas ao governo japonês - supostamente mapeando a cidade enquanto pinta as paisagens cariocas -, sendo, em consequência, reiteradamente arrestado pelos agentes da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Em 1944, volta para São Paulo e, em 1948, funda o Grupo 15, dissolvido um ano mais tarde. De 1950 a 1959, integra o Grupo Guanabara. Muda-se para Paris em 1952, permanecendo dois anos na França e frequentando o curso de mosaicos de Gino Severini. Participa da 1ª Bienal de Tóquio em 1953, voltando outra vez para o Japão em 1973, em qualidade de participante da Exposição de Belas Artes Nipo-Brasileiras. Participa da 1ª e da 5ª Bienal Internacional de São Paulo assim como de diversos Salões Oficiais. O Museu de Arte de São Paulo (Masp) organiza, em 1980, uma mostra póstuma homenageando o artista.



Vista da exposição
Núcleo Bernardelli

Núcleo Bernardelli

Fundado em 12 de junho de 1931, no Rio de Janeiro, o Núcleo Bernardelli nasceu como uma alternativa ao modelo de ensino da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) e como um espaço de profissionalização, aprofundamento de conhecimentos, experimentação e aprimoramento técnico, mas fundamentalmente enfatizando a liberdade de expressão artística. Foi escolhido esse nome para homenagear os irmãos Rodolfo e Henrique Bernardelli, que já tinham criado um curso independente da Escola Nacional de Belas Artes, no fim do século XIX.

Seus principais integrantes foram: Ado Malagoli, Bráulio Poiava, Bustamante Sá, Bruno Lechowski, Edson Motta, Eugênio de Proença Sigaud, Expedito Camargo Freire, João José Rescala, Joaquim Tenreiro, José Gomez Correia, José Pancetti, Manoel Santiago, Milton Dacosta, Quirino Campofiorito, Yoshiya Takaoka, Yuji Tamaki e outros.

Desse grupo, mais tardiamente, vão se destacar José Pancetti e Milton Dacosta pela personalidade e características inovadoras das suas obras.

Durante sua vigência, até 1941, foram organizados cinco salões. Alguns críticos afirmam que tiveram certa influência das vanguardas europeias, principalmente do Impressionismo e do Cubismo.



Aula de modelo vivo no Núcleo Bernardelli, de esquerda à direita: Borges da Costa, Rescala, Paula Prata, F. Prata, Ado Malagoli e Milton Dacosta
Fotografia: autor desconhecido
Arquivo de José Gomes Carrão

MOKKE, Frederico. Núcleo Bernardelli: Arte Brasileira nos Anos 30 e 40. Rio de Janeiro: Edições Protonôbois, 1982, página 41.



Abertura da 3ª Exposição do Núcleo Bernardelli, vindo-se ao fundo, de esquerda à direita: José Pancetti, Manoel Santiago e Milton Dacosta entre outros (respectivamente o primeiro, quarto e sétimo da segunda), 1934
Fotografia: autor desconhecido
Arquivo de José Gomes Carrão

MOKKE, Frederico. Núcleo Bernardelli: Arte Brasileira nos Anos 30 e 40. Rio de Janeiro: Edições Protonôbois, 1982, página 45.

INSTITUTO
COPACABANA DE ARTE E CULTURA
RUA COPACABANA, 200
11011-900
RIO DE JANEIRO, RJ



Sociedade Pró-Arte Moderna

Dez anos depois da Semana de Arte Moderna de São Paulo, começou a ser gestada a Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM). Surgiu graças ao consenso de uns poucos que queriam modernizar a arte, em suas diversas expressões. Na primeira reunião, na casa do arquiteto Gregori Warchavchik, em 23 de novembro de 1932, encontraram-se figuras importantes das artes, entre elas alguns artistas participantes da Semana de 1922, e ali definiram o formato e o propósito da tal sociedade. As finalidades seriam: estreitar relações entre artistas e interessados nas artes, promover exposições, organizar concertos e conferências, realizar reuniões literárias e, para poder levar a cabo essas ações, instalar uma sede social.

Liderada por Lasar Segall, a Sociedade foi fundada, oficialmente, em 22 de dezembro de 1932. Reuniu artistas como Anita Malfatti, Antonio Gomide, John Graz, Paulo Rossi Osir, Regina Graz, Tarsila do Amaral, Vittorio Gobbis, José Wash Rodrigues e Hugo Adami, e personagens influentes da sociedade paulistana, os mecenas Olívia Guedes Penteado e Paulo Prado, o compositor Camargo Guarnieri e os críticos Sérgio Milliet e Paulo Mendes de Almeida. Para sede do grupo, foi alugado o quinto andar do Palacete Campinas, na Praça da República, número 44.

Com o intuito de cobrir o aluguel do espaço e as despesas das exposições e outros eventos organizados, os membros da SPAM organizaram grandes festas para arrecadar fundos, divulgadas nos jornais da época, como o Baile de Réveillon, em 1932, e bailes de Carnaval (em 1933, “O carnaval na cidade da SPAM”, e, em 1934, “Expedição às Matas Virgens da Spamolândia”).

Apesar do seu sucesso, a Sociedade foi dissolvida após dois anos, por tensões entre seus integrantes. Mas serviu para fomentar a Arte Moderna e agitar o ambiente cultural paulistano.



Spamote, moeda própria que circulava nas festas, 1933
Reprodução de papel impresso original
Arquivo Lasar Segall-ALS, Acervo do Museu Lasar Segall-Ibram

SPAM
 SOCIEDADE PRO ARTE MODERNA
 PRAÇA DA REPÚBLICA 44 - S. PAULO

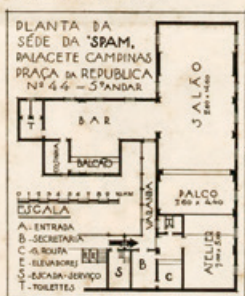
São Paulo, 25 de Abril de 1933.

Prezados senhores:

Saudações

Vimos, pela presente, vos pôr ao corrente dos trabalhos realizados pela Comissão Executiva da SPAM no desempenho do mandato que lhe foi conferido. O resultado resultante da festa de Carnaval, que ultrapassou as previsões gerais, não veio causar a interrupção da Comissão, nem aborrecer um hiato no desenvolver das suas atividades. Terminada a realização daquela realização, cuidou-se profusamente do encontro de uma sede, em local de fácil adaptação às exigências de uma sociedade artística e cultural.

Após cuidadosas visitas a numerosas praças do centro, concluiu a Comissão pela escolha de dois amplos salões e muita comodidade, no 5.º andar do edifício desmontado Palacete Campinas, à praça de República n.º 44, os quais serão adaptados de conformidade com a planta abaixo.



Já foram igualmente dadas providências no sentido de que a Sociedade receba todos os meses as melhores revistas de arte do estrangeiro, que, ao lado de

Carta circular da planta baixa da sede da SPAM, 1933

Reprodução de papel impresso original

Arquivo Lasar Segall-ALS, Acervo do Museu Lasar Segall-Ibram

CATALOGO
 DA PRIMEIRA EXPOSIÇÃO
 DE ARTE MODERNA DA
S P A M

P I N T U R A
E S C U L T U R A
A R Q U I T E T U R A

29 DE ABRIL À 31 DE MAIO 1933

VERNISSAGE, SEXTA-FEIRA 28 DE ABRIL

RUA BARÃO DE ITAPETINGA 16

SÃO PAULO - 1933

Catálogo da Primeira Exposição de
 Arte Moderna da SPAM, 1933

Reprodução de papel impresso original

Arquivo Lasar Segall-ALS, Acervo do Museu Lasar Segall-Ibram

LASAR SEGALL

(Vilna, Lituânia, 1891 / São Paulo, SP, 1957)

Maternidade, 1936

Bronze - 17/25, 45 x 31 x 36 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Associação Cultural de Amigos do Museu Lasar Segall, compra, 2011



Pintor, escultor, desenhista e gravador. Sexto de oito irmãos, no seio de uma família judia, já desde criança adquire gosto pela arte e frequenta a escola de desenho local. Aos 17 anos, empreende sua primeira migração, para Berlim, onde estuda na Escola de Artes Aplicadas e, depois, na Academia Imperial de Belas Artes. Em 1910, descontente com as concepções arcaicas da Academia Imperial, muda-se para Dresden, onde frequenta a Academia de Belas Artes. Em 1912, realiza uma prolongada viagem, passando pelo Brasil, onde já vivem três dos seus irmãos. Em 1913, faz duas exposições no país, em São Paulo e Campinas. Em fins de 1913, retorna à Europa e, em seguida, eclode a Primeira Guerra Mundial, período em que Segall sofre enormemente, ficando confinado numa espécie de prisão domiciliar em Dresden. Finalmente, em 1916, consegue visitar a sua cidade natal, mas a encontra destruída pela guerra. A paisagem desolada causa-lhe forte impressão, e suas obras se voltam para uma nova linguagem expressiva. Em janeiro de 1919, funda com outros artistas o Grupo Secessão de Dresden, cujo objetivo é promover a arte expressionista. A partir desse momento, ele começa a ganhar reconhecimento e passa a figurar em museus públicos e coleções privadas. Em 1923, migra mais uma vez, instalando-se em São Paulo. É imediatamente acolhido pelos modernistas, que qualificam a sua chegada como uma vitória para as vanguardas brasileiras. Entre 1928 e 1932, reside em Paris, onde realiza suas primeiras experimentações no campo da escultura. De volta ao Brasil, dedica-se à organização da Sociedade Pró-Arte Moderna, entidade dedicada à disseminação das propostas vanguardistas em São Paulo. A partir disso, seu trabalho é exposto em inúmeras mostras no Brasil e na França, e muitas de suas obras passam a integrar coleções de museus brasileiros e franceses. Em 1943, é homenageado com uma grande exposição retrospectiva, realizada no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e, em 1948, faz também uma grande exposição em Nova York. Grande parte de sua obra se caracteriza pela escolha de temas relativos aos excluídos e marginalizados: prostitutas, mendigos, emigrantes e pessoas que são alvo de preconceito. Ao longo de toda a sua carreira, dedica especial atenção à situação dos judeus, voltando sempre ao tema. Em 1967, seus filhos, Maurício e Oscar, criam o Museu Lasar Segall, instalado na antiga residência e ateliê do artista (projetados por Gregori Warchavchik em 1932). A partir de 2010, converte-se em uma das unidades museológicas do recém-criado Instituto Brasileiro de Museus.

ANITA MALFATTI

(São Paulo, SP, 1889-1964)

Moça com xale, c. 1923/29

Óleo sobre tela, 74 x 61 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Georgina Malfatti, compra, 1975



Pintora, desenhista, gravadora, ilustradora e professora. Inicia-se na pintura com sua mãe, a pintora Bety Malfatti, em 1902. Em 1910, buscando aperfeiçoar-se, ingressa na Academia Imperial de Belas Artes de Berlim, onde tem aulas de história da arte, desenho e perspectiva. Permanece na Alemanha até 1914, período no qual tem contato com o Expressionismo e toma também aulas particulares com o professor e pintor Fritz Burger-Mühlfeld, ligado ao Pós-impressionismo alemão. Ao retornar a São Paulo, realiza sua primeira mostra individual, no Mappin Stores. Entre 1915 e 1916, passa um período em Nova York, onde tem aulas com os pintores George Brant Bridgman e Homer Boss na Independent School of Art. O clima vanguardista da escola leva adiante o desenvolvimento da sua obra, ganhando mais liberdade e expressividade. De volta ao Brasil, em dezembro de 1917, é organizada a sua segunda exposição individual: Exposição de Arte Moderna. A mostra traz repercussões decisivas para seu trabalho – por um lado, rende uma aproximação com os artistas e intelectuais que mais tarde realizam, em São Paulo, a Semana de Arte Moderna, da qual ela participa com 20 obras, e por outro, vira alvo de uma reação violenta às linguagens vanguardistas. Mas essa resposta de alguns críticos não impede que ela continue produzindo e participando de outras agrupações ou eventos, como a Sociedade Pró-Arte Moderna, o Salão Revolucionário (1931) e a Família Artística Paulista. Depois desse período, amplia sua produção com cenas populares e passa a ter influência da arte dita não culta. A vasta produção da artista durante toda a sua vida é guiada pela necessidade de experimentação, mas também pela busca da simplicidade e espontaneidade.

TARSILA DO AMARAL

(Capivari, SP, 1886 / São Paulo, SP, 1973)

O sapo, 1928

Óleo sobre tela, 51 x 62 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Roberto Pinto de Souza, 1990



Pintora. Recebe uma educação cristã no Colégio Sion antes de se mudar para Barcelona, na Espanha, onde passa a estudar no Colégio Sacré-Coeur. Durante esse período, pinta a sua primeira obra: *Sagrado Coração de Jesus*. Ao voltar para o Brasil, casa-se com André Teixeira Pinto, do qual se separa logo após o nascimento de sua filha Dulce – é nesse momento que começa sua formação artística no Atelier de Pedro Alexandrino. Em 1918, conhece a pintora Anita Malfatti, que se torna sua amiga. Em Paris, em 1922, estudando na Académie Julien, tem conhecimento da efervescência provocada pela Semana de Arte Moderna por meio das descrições que lhe faz Anita Malfatti em suas cartas. Na volta ao Brasil, a amiga a introduz aos membros do grupo modernista, entre os quais Oswald de Andrade, com o qual inicia uma relação amorosa. Retorna novamente para a França, instalando-se lá e frequentando diversos artistas, como o poeta franco-suíço Blaise Cendrars e os pintores Fernand Léger, André Lhote e Albert Gleizes, com os quais estuda o Cubismo. Também se aproxima dos brasileiros Heitor Villa-Lobos e Di Cavalcanti e se relaciona com os mecenas Paulo Prado e Olívia Guedes Penteado. Segue, então, a sua fase dita Pau-Brasil, resultado da fusão do seu aprendizado do Cubismo com as cores vivas, vibrantes de sua infância, na busca de uma autêntica brasilidade. Realiza, em 1926, sua primeira exposição individual em Paris, bem recebida pela crítica. É em 1928 que pinta *Abaporu*, que serve de base para a criação do Movimento Antropofágico. Após a traição de Oswald de Andrade com Patrícia Galvão – a Pagu –, viaja, em 1931, com o novo namorado, Osório César, para Moscou, na Rússia, onde se sensibiliza com questões de ordem social. A viagem inspira a sua obra *Operários*, pintada em 1933. Entre 1937 e 1939, participa das três edições do Salão de Maio, em São Paulo. Em 1950, finalmente volta à temática Pau-Brasil, que marca o fim de sua carreira.

PAULO ROSSI OSIR

(São Paulo, SP, 1890-1959)

Paisagem de Itanhaém, 1930

Óleo sobre tela, 54 x 65 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção particular, compra, 1970



Pintor, desenhista e arquiteto. Recebe iniciação à pintura pelo pai, Cláudio Rossi, arquiteto. De mãe francesa e pai italiano, é educado na Europa e frequenta entre 1906 e 1907 a Accademia di Belle Arti di Brera, tendo como mestre Alberto Beniscelli. Em 1908, toma cursos de aquarela e água-forte na Inglaterra. Retorna ao Brasil, onde reside de 1909 a 1912, cursando a Escola Politécnica, em São Paulo, e frequentando o Liceu de Artes e Ofícios. Viaja em seguida para a França para estudar arquitetura, frequenta o ateliê do arquiteto Victor Alexandre Frédéric Laloux e a Académie de la Grande Chaumière, em Paris, na Itália recebe diploma de construtor, em Milão, em 1915, completando sua formação em 1916, na Real Academia de Bolonha. Inscrevendo-se numa tradição familiar, decide dedicar-se às artes. No Brasil, participa da fundação da Sociedade Pró-Arte Moderna e da Família Artística Paulista, destacando-se pelo incentivo dado à produção artística dos membros do Grupo Guanabara. O ano de 1940 marca a fundação da Osirarte, empresa especializada em azulejos artísticos e lugar de encontro entre diferentes artistas, como Alfredo Volpi, Mario Zanini e Hilde Weber. A Osirarte também colabora com Candido Portinari na realização de um mural para o edifício do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, e para a Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte, produzindo os azulejos desenhados por Candido Portinari. A empresa funciona até 1959, ano de falecimento de Osir. Ainda em vida, participa de importantes exposições, entre elas a 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, e o 3º Salão Paulista de Arte Moderna, em 1954.

ALDIR MENDES DE SOUZA

(São Paulo, SP, 1941-2007)

ALDIR MENDES DE SOUZA

Retrato de Paulo Mendes de Almeida, 1983

Óleo sobre tela, 100 x 80 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, compra, 1983

ALDIR MENDES DE SOUZA

Artista autodidata. Nos 45 anos de sua carreira, dedica-se quase exclusivamente à pintura, mas, nos primeiros anos de trabalho, nas décadas de 1960-70, realiza performances e desenvolve obras em técnica mista, usando radiografias e termografias. Participa da 9ª, 10ª, 11ª e 12ª Bienais de São Paulo e, em 1971, a convite de Waldemar Cordeiro, apresenta seus trabalhos em chapas radiográficas na mostra Arteônica – Exposição Internacional de Arte Eletrônica, realizada no MAB FAAP. A partir dos anos 1970, muda sua pesquisa pictórica e cromática e, partindo da repetição das formas, chega a uma síntese formal e à geometrização. A relação com o MAB FAAP se estreita nos anos 1980, quando realiza importantes projetos, uma grande retrospectiva de 20 anos de carreira e o lançamento do livro *Aldir – Geometria da Cor* e do projeto *Críticos x Artistas*, que culmina numa exposição, uma publicação e a doação de 40 obras para o museu. O trabalho desenvolvido durante mais de quatro décadas de produção confere a ele figurar entre os grandes coloristas brasileiros. Seu trabalho encontra-se hoje em importantes coleções e museus do Brasil e do exterior.

PAULO MENDES DE ALMEIDA

(São Paulo, SP, 1905-1986)

Advogado, jurista, poeta, escritor e crítico de arte. A partir da década de 1930, acompanhou todos os movimentos de vanguarda ocorridos em São Paulo, sendo um dos fundadores da Sociedade Pró-Arte Moderna e da Família Artística Paulista. As artes sempre o fascinaram e por isso escreveu sobre artes plásticas, em diversos jornais e revistas literárias de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco e até da Argentina e Uruguai. Sua principal obra foi o livro *De Anita ao Museu*. Trata-se de uma obra fundamental para conhecer a história do movimento modernista em São Paulo, pois o autor assistiu e participou da maioria dos acontecimentos que descreve. O livro parte da exposição de Anita Malfatti em 1917, até chegar na criação do Museu de Arte Moderna de São Paulo e da Bienal de São Paulo. Ocupou os cargos de diretor artístico do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1959 e 1960, secretário geral da Bienal de São Paulo e comissário brasileiro da XXX Bienal de Veneza em 1960.





Grupo Santa Helena

Este grupo de artistas foi formado em 1938, durante o exílio em Portugal, por artistas brasileiros que buscavam a liberdade de expressão artística. Entre eles estavam: ...

Os artistas deste grupo buscavam a liberdade de expressão artística, influenciados pelas vanguardas europeias. Eles buscavam uma linguagem mais livre e subjetiva, rompendo com as convenções acadêmicas da época.

Este grupo de artistas foi formado em 1938, durante o exílio em Portugal, por artistas brasileiros que buscavam a liberdade de expressão artística. Entre eles estavam: ...

Os artistas deste grupo buscavam a liberdade de expressão artística, influenciados pelas vanguardas europeias. Eles buscavam uma linguagem mais livre e subjetiva, rompendo com as convenções acadêmicas da época.

Vista da exposição
Sociedade Pró-Arte Moderna

Sociedade Pró-Arte Moderna

Dez anos depois da Semana de Arte Moderna de São Paulo, começou a ser gestada a Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM). Surgiu graças ao consenso de uns poucos que queriam modernizar a arte, em suas diversas expressões. Na primeira reunião, na casa do arquiteto Gregori Warchavchik, em 23 de novembro de 1932, encontraram-se figuras importantes das artes, entre elas alguns artistas participantes da Semana de 1922, e ali definiram o formato e o propósito da tal sociedade. As finalidades seriam: estreitar relações entre artistas e interessados nas artes, promover exposições, organizar concertos e conferências, realizar reuniões literárias e, para poder levar a cabo essas ações, instalar uma sede social.

Liderada por Lasar Segall, a Sociedade foi fundada, oficialmente, em 22 de dezembro de 1932. Reuniu artistas como Anita Malfatti, Antonio Gomide, John Graz, Paulo Rossi Osir, Regina Graz, Tarsila do Amaral, Vittorio Gobbis, José Wasth Rodrigues e Hugo Adami, e personagens influentes da sociedade paulistana, os mecenas Olívia Guedes Penteadó e Paulo Prado, o compositor Camargo Guarnieri e os críticos Sérgio Milliet e Paulo Mendes de Almeida. Para sede do grupo, foi alugado o quinto andar do Palacete Campinas, na Praça da República, número 44.

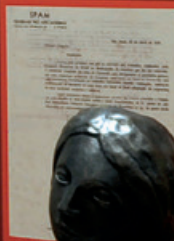
Com o intuito de cobrir o aluguel do espaço e as despesas das exposições e outros eventos organizados, os membros da SPAM organizaram grandes festas para arrecadar fundos, divulgadas nos jornais da época, como o Baile de Réveillon, em 1932, e bailes de Carnaval (em 1933, "O carnaval na cidade da SPAM", e, em 1934, "Expedição às Matas Virgens da Spamolândia").

Apesar do seu sucesso, a Sociedade foi dissolvida após dois anos, por tensões entre seus integrantes. Mas serviu para fomentar a Arte Moderna e agitar o ambiente cultural paulistano.



LAZAR SEGALL
N. 1895 - M. 1987
Escultor, pintor, compositor e teórico da arte.
Fundador da Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM) em 1932.
Foi o primeiro a trazer a arte cubista para o Brasil.
Seu trabalho influenciou profundamente a arte brasileira.
Foi um dos principais expoentes da Semana de Arte Moderna de 1922.
Foi também um dos fundadores da Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM) em 1932.
Foi o primeiro a trazer a arte cubista para o Brasil.
Seu trabalho influenciou profundamente a arte brasileira.
Foi um dos principais expoentes da Semana de Arte Moderna de 1922.

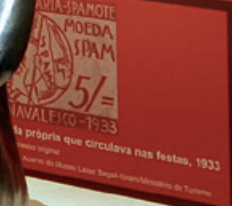
LAZAR SEGALL
N. 1895 - M. 1987
Escultor, pintor, compositor e teórico da arte.
Fundador da Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM) em 1932.
Foi o primeiro a trazer a arte cubista para o Brasil.
Seu trabalho influenciou profundamente a arte brasileira.
Foi um dos principais expoentes da Semana de Arte Moderna de 1922.



Carta circular
sede da
SPAM



Catálogo da Primeira Exposição de Arte Moderna da SPAM, 1933
Reprodução de postal impresso original
Acervo do Museu Lasar Segall-Itararé
Museu do Fortinho



na própria que circulava nas festas, 1933
Museu do Fortinho



Clube de Artistas Modernos

O Clube de Artistas Modernos (CAM), criado um dia após a primeira reunião da SPAM, em 24 de novembro de 1932, surgiu como seu dissidente. Liderado por Flávio de Carvalho, se definia como uma agremiação auto-organizada, sem a participação de mecenas, com um tom menos elitista e mais autônoma e informal. O intuito era lutar pelos interesses da classe artística, proporcionar trocas e experimentações entre as diversas artes, articular debates sobre temas contemporâneos e difundir seus próprios trabalhos e novas criações. No primeiro andar do edifício da Rua Pedro Lessa, 2 (na parte baixa do Viaduto Santa Ifigênia), foi instalada sua sede social, onde funcionavam uma biblioteca e um bar, além dos espaços de convivência. Seus associados pagavam uma mensalidade e vendiam-se ingressos para as atrações: festas, concertos, exposições e palestras. A maioria dos associados tinha um forte engajamento político e social e preocupava-se com o destino do povo brasileiro.

Alguns dos seus sócios tinham ateliês no mesmo prédio, como Antonio Gomide, Carlos Prado e Emiliano Di Cavalcanti. Ali misturavam-se o público e o privado, o que assegurava um movimento constante nos seus espaços a toda hora. Entre as atividades ofertavam apresentações de samba e outras músicas do gosto popular e cursos de arte, como o primeiro curso de pintura cubista da cidade, formulado por Antonio Gomide. O teatro ganhou relevo no campo das experimentações. Batizado como Teatro da Experiência, tinha a ideia de promover espetáculos livres dos moldes antigos, um teatro moderno, com uma linguagem nova e recursos técnicos inéditos. O objetivo era também incentivar o surgimento de novos autores, já que era uma área carente de escritores. Vários intelectuais se propuseram a escrever, mas finalmente foi Flávio de Carvalho quem conseguiu concluir a peça de estreia. O resultado foi “O Bailado do Deus Morto”, feita em três dias, uma mistura de pintura, teatro, dança e composição musical. Ele próprio desenhou o figurino com tom futurista. O espetáculo incomodou os setores conservadores da sociedade paulistana, o que levou à sua suspensão e intervenção do teatro, considerado uma ofensa à moral e aos bons costumes. Tempos depois, tentaram encenar outras peças e fazer leituras, contudo, todas elas foram consideradas impróprias.

Após esses episódios, o Clube continuou funcionando no andar superior, mas, no fim de 1933, os problemas financeiros e a censura levaram ao encerramento das atividades, apesar do apoio manifestado por artistas e intelectuais destacados na época.



Fotografia da peça teatral “O Bailado do Deus Morto”
de autoria de FLÁVIO DE CARVALHO, 1933
Arquivo J. Toledo

FLÁVIO DE CARVALHO

(Amparo de Barra Mansa, RJ, 1899 / Valinhos, SP, 1973)

Pintor, desenhista, arquiteto, cenógrafo, teatrólogo, escritor, filósofo e músico. Sua família muda-se para São Paulo em 1900. Em 1911, começa a estudar em Paris e, três anos depois, na Inglaterra, onde, em Newcastle, em 1918, paralelamente cursa Engenharia Civil e Artes – na King Edward VII School of Fine Arts –, ambos no Armstrong College. Após finalizar o curso de Engenharia, em 1922, volta a residir em São Paulo, onde chega logo após a realização da Semana de Arte Moderna. Participa de concursos públicos de arquitetura, como o projeto para o Palácio do Governo do Estado de São Paulo, em 1927, e, embora nunca tenha vencido, seus projetos são considerados pioneiros no país. Em 1932, funda o Clube dos Artistas Modernos (CAM), junto com Antonio Gomide, Di Cavalcanti e Carlos Prado, no qual cria o Teatro da Experiência. Realiza a sua primeira exposição individual em 1934, mas a mostra é fechada sob alegação de atentado ao pudor e reaberta por ordem judicial alguns dias depois. Em 1947, causando escândalo, apresenta-se em passeata pelo centro da cidade de São Paulo com o *New Look*, um traje tropical masculino por ele desenvolvido que consiste de saia e blusa de mangas curtas e folgadas. Desenvolve atividades em várias áreas artísticas e intelectuais, caracterizando-se como um artista inovador e provocador.

EMILIANO DI CAVALCANTI

(Rio de Janeiro, RJ, 1897-1976)

Baía de rio com flor de cacto, 1932

Óleo sobre tela, 46 x 55 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Tati Indústria e Comércio Ltda., compra, 1970



Pintor, desenhista, ilustrador, caricaturista, jornalista, escritor e cenógrafo. No Rio de Janeiro, começa a trabalhar como ilustrador em 1914 e publica sua primeira caricatura na revista *Fon-Fon*. Em 1917, muda-se para São Paulo. Após conviver com a efervescência cultural de alguns círculos modernos de São Paulo e ver a exposição de Anita Malfatti, nesse mesmo ano, decide retomar seus estudos com o professor e pintor alemão Georg Elpöns, no Rio de Janeiro. Torna-se amigo de intelectuais paulistas, com quem organiza a Semana de Arte Moderna de 1922, para a qual cria o catálogo e o cartaz e na qual expõe algumas obras. Em 1923, viaja a Paris, onde frequenta a Académie Ranson, além de ter contato com importantes pintores que influenciariam a sua obra. Ao voltar, adota uma temática nacionalista e começa a se preocupar com a questão social. Em 1932, funda, junto com outros artistas paulistas, o Clube dos Artistas Modernos. Na década de 1940, alcança sua maturidade artística e o reconhecimento público e passa a combater abertamente o Abstracionismo em conferências e artigos. Participa de inúmeras exposições, como a 1ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo, em 1951. Recebe a láurea de melhor pintor nacional na 2ª Bienal de São Paulo, prêmio dividido com Alfredo Volpi. Em 1954, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro realiza exposição retrospectiva de seus trabalhos. Na década de 1960, Oscar Niemeyer convida o artista a criar imagens para tapeçaria a ser instalada no Palácio da Alvorada, em Brasília, e também pinta as estações para a via-sacra da Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Aparecida, na capital do país. Em 1971, o Museu de Arte Moderna de São Paulo organiza retrospectiva de sua obra e ele recebe prêmio da Associação Brasileira dos Críticos de Arte.

CANDIDO PORTINARI

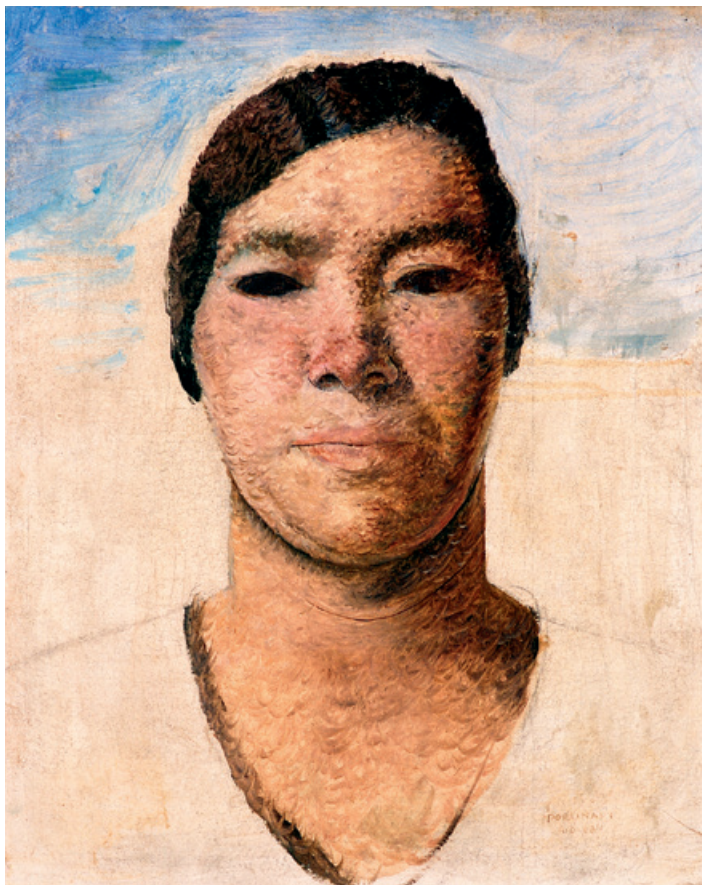
(Brodowski, SP, 1903 / Rio de Janeiro, RJ, 1962)

Mestiça, Rio de Janeiro, 1934

Óleo sobre tela, 46 x 38 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: não identificada, sem data



Pintor, gravador, ilustrador e professor. Inicia-se na pintura ainda criança, auxiliando na decoração da Igreja Matriz de Brodowski. Em 1918, muda-se para o Rio de Janeiro, onde ingressa no Liceu de Artes e Ofícios e na Escola Nacional de Belas Artes. Em 1929, recebe um prêmio de viagem e vai para a Europa, percorrendo vários países durante dois anos. A distância de suas raízes acaba aproximando o artista do Brasil, despertando seu interesse pelos problemas sociais. Em 1931, volta ao Brasil renovado e muda completamente a estética de sua obra. Aos poucos deixa de lado as telas pintadas a óleo e começa a se dedicar a murais e afrescos. Em 1935, recebe prêmio do Carnegie Institute de Pittsburgh pela pintura *Café*, sendo o primeiro modernista brasileiro premiado no exterior. No mesmo ano, começa a lecionar pintura mural e pintura de cavalete no Instituto de Arte da Universidade do Distrito Federal (UDF), no Rio de Janeiro. Em 1936, realiza seu primeiro mural, que integra o Monumento Rodoviário da Estrada Rio-São Paulo. Nos anos seguintes, passa a produzir vários murais em edifícios públicos e vai ganhando notoriedade na imprensa. Em 1939, é convidado a expor três telas no Pavilhão Brasileiro da Feira Mundial em Nova York. Alfred Barr, diretor-geral do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), encanta-se com suas obras e acaba comprando a tela *Morro do Rio* para o acervo do museu. Em 1940, após exposição itinerante pelos Estados Unidos, a Universidade de Chicago publica o primeiro livro sobre ele, *Portinari: His Life and Art*. Em 1956, com a inauguração dos painéis *Guerra e Paz* na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, recebe o Prêmio Guggenheim.



ANTONIO GOMIDE

(Itapetininga, SP, 1895 / Ubatuba, SP, 1967)

Marcha ao sol, sem data

Óleo sobre tela, 100 x 181,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

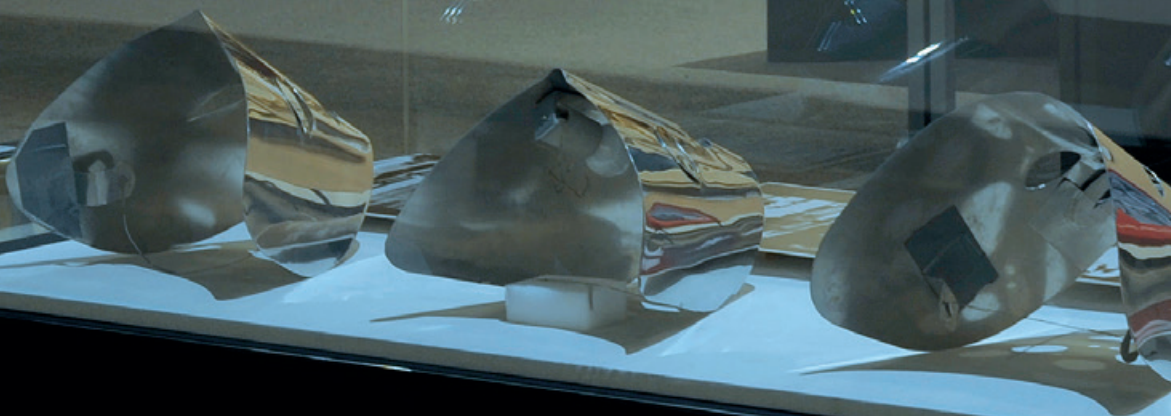
Doação de Roberto Pinto de Souza, c. 1970



Pintor, escultor, decorador e cenógrafo. Na adolescência, muda-se com a família para a Suíça, onde estuda na Academia de Belas Artes de Genebra até 1918. Na década de 1920, transfere sua moradia para a França. Em 1922, em Toulouse, aprende a técnica do afresco. Entre 1924 e 1926, instala ateliê em Paris, cidade em que convive com artistas dos movimentos de vanguarda. Ali, conhece também Victor Brecheret e Vicente do Rego Monteiro. Volta ao Brasil em 1929. Em 1932, participa da fundação da Sociedade Pró-Arte Moderna e do Clube dos Artistas Modernos. Entre as décadas de 1930 e 1940, produz pinturas, afrescos e cartões para vitrais, tendo, inclusive, realizado projeto para o vitral do hall do MAB FAAP na década de 1950. Suas pinturas alternam paisagens, formas abstratas e motivos indígenas. É considerado um dos introdutores do estilo art déco no país, junto com Regina Graz e John Graz.



Small informational label with a QR code.



Vista da exposição
Clube de Artistas Modernos

Clube de Artistas Modernos

O Clube de Artistas Modernos (CAM), criado um dia após a primeira reunião da SPAM, em 24 de novembro de 1932, surgiu como seu dissidente. Liderado por Flávio de Carvalho, se definia como uma agremiação auto-organizada, sem a participação de mecenas, com um tom menos elitista e mais autônomo e informal. O intuito era lutar pelos interesses da classe artística, proporcionar trocas e experimentações entre as diversas artes, articular debates sobre temas contemporâneos e difundir seus próprios trabalhos e novas criações. No primeiro andar do edifício da Rua Pedro Lessa, 2 (na parte baixa do Viaduto Santa Ifigênia), foi instalada sua sede social, onde funcionavam uma biblioteca e um bar, além dos espaços de convivência. Seus associados pagavam uma mensalidade e vendiam-se ingressos para as atrações: festas, concertos, exposições e palestras. A maioria dos associados tinha um forte engajamento político e social e preocupava-se com o destino do povo brasileiro.

Alguns dos seus sócios tinham ateliês no mesmo prédio, como Antonio Gomide, Carlos Prado e Emiliano Di Cavalcanti. Ali misturavam-se o público e o privado, o que assegurava um movimento constante nos seus espaços a toda hora. Entre as atividades ofertavam apresentações de samba e outras músicas do gosto popular e cursos de arte, como o primeiro curso de pintura cubista da cidade, formulado por Antonio Gomide. O teatro ganhou relevo no campo das experimentações. Batizado como Teatro da Experiência, tinha a ideia de promover espetáculos livres dos moldes antigos, um teatro moderno, com uma linguagem nova e recursos técnicos inéditos. O objetivo era também incentivar o surgimento de novos autores, já que era uma área carente de escritores. Vários intelectuais se propuseram a escrever, mas finalmente foi Flávio de Carvalho quem conseguiu concluir a peça de estreia. O resultado foi "O Bailado do Deus Morto", feita em três dias, uma mistura de pintura, teatro, dança e composição musical. Ele próprio desenhou o figurino com tom futurista. O espetáculo incomodou os setores conservadores da sociedade paulistana, o que levou à sua suspensão e intervenção do teatro, considerado uma ofensa à moral e aos bons costumes. Tempos depois, tentaram encenar outras peças e fazer leituras, contudo, todas elas foram consideradas impróprias.

Após esses episódios, o Clube continuou funcionando no andar superior, mas, no fim de 1933, os problemas financeiros e a censura levaram ao encerramento das atividades, apesar do apoio manifestado por artistas e intelectuais destacados na época.



Osseio de André e Flávio de Carvalho, São Paulo, 1933
Foto: A. Siqueira



Flávio de Carvalho
Ossesio de André e Flávio de Carvalho, São Paulo, 1933
Foto: A. Siqueira



Grupo Santa Helena

Uma agrupação de pintores se formou a partir de meados da década de 1930, inicialmente em torno do ateliê de Francisco Reboló, no Palacete Santa Helena, sala 231. Pela localização, ela ficou conhecida como Grupo Santa Helena. O edifício estava situado na Praça da Sé, na cidade de São Paulo. Tempos depois, Mario Zanini alugou outra sala, a 233, e foram, paulatinamente, chegando outros artistas. A maioria dos integrantes – de origem italiana e humilde – para sobreviver era artesã ou assalariada. Só se dedicavam à pintura nas folgas e nos fins de semana. Não tinham grandes pretensões conceituais, eram considerados acadêmicos pelos modernistas, e modernos pelos acadêmicos. Quase todos eles frequentaram o Liceu de Artes e Ofícios ou a Escola Profissional Masculina do Brás, mas curiosamente nenhum foi afetado pelas orientações acadêmicas de ordem formal, entretanto absorveram os conhecimentos da técnica da pintura e do desenho. Realizavam sessões com modelo vivo e também organizavam saídas para pintar ao ar livre.

Aldo Bonadei era figurinista e bordador, Alfredo Rizzotti era mecânico e torneiro, Alfredo Volpi e Mario Zanini eram decoradores e pintores de paredes, Clóvis Graciano era ferroviário, Francisco Reboló foi jogador de futebol, decorador e pintor de paredes, Fulvio Penacchi era dono de açougue, Humberto Rosa era professor de desenho, Manoel Martins era ourives e Vilanova Artigas era engenheiro e arquiteto. A união desses artistas, em certa medida, deveu-se ao grande preconceito que precisaram enfrentar por serem imigrantes pobres ou descendentes, por parte não só das elites paulistanas, mas também de imigrantes que já tinham enriquecido no Brasil. Assim, eles receberam inúmeras críticas.

Nessa época, existiam outras associações em São Paulo que albergavam os participantes da Semana de 22. Formadas por intelectuais e membros da elite paulista, elas conheciam pouco ou nada sobre o Grupo Santa Helena e seus integrantes.

O Grupo expôs publicamente, pela primeira vez, em 1937, na mostra Família Artística Paulista. Foi a partir dali que Mário de Andrade teve conhecimento desses artistas. A origem social simples e as afinidades profissionais o inspiraram a chamá-los Artistas Proletários, e ele foi um dos poucos que naquela época valorizaram o Grupo, reconhecendo a sua importância como uma escola paulista de Modernismo moderado.

A perseverança desses artistas, que lutavam contra as dificuldades, atraiu o interesse de muitos parceiros, e o Grupo virou ponto de encontro de muitos outros artistas. Eles se reuniam nos ateliês até que estes foram extintos, no início da década de 1940.

O Grupo Santa Helena tem o mérito de ter lançado alguns dos principais artistas do século XX.



Fachada do Palacete Santa Helena, sem data
Fonte: <https://www.saopauloinfoco.com.br/fotografico-palacete-santa-helena/>



Pintando juntos na década de 30,
Francisco Rebelo, Alfredo Volpi, Paulo Rossi Osir,
Nóbrega e Mario Zanini
Fonte: Arquivo pessoal de Denise Mattar

FRANCISCO REBOLO

(São Paulo, SP, 1902-1980)

Peixes, 1936

Óleo sobre cartão, 31,5 x 30,2 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Roberto Del Nero Filho, compra, 2003



Pintor, gravador e futebolista. Filho de imigrantes espanhóis, ele vive duas trajetórias: jogador de futebol e artista plástico. De 1917 a 1932, joga, entre outros, no Clube Corinthians (1921-1927) e, na década de 1930, desenha o escudo do time, muito semelhante ao usado atualmente; a partir de 1934, torna-se pintor e desenvolve uma carreira de quase meio século como artista plástico, considerado um mestre das paisagens. Inicia seus estudos em artes na Escola Profissional Masculina do Brás, onde faz aula de desenho com o professor Giuseppe Barquita. Em 1915, emprega-se como aprendiz de decorador, onde tem seu primeiro contato com o universo da pintura. Faz decoração de diversas casas e detalhes de igrejas em São Paulo. Sua carreira como decorador avança e, em 1934, transfere seu ateliê para a sala nº 231 do Edifício Santa Helena, na Praça da Sé, fato que marca o início de sua carreira como artista plástico, e engendra a formação do Grupo Santa Helena no ano seguinte. Nesse mesmo ano, expõe pela primeira vez, no 3º Salão Paulista de Belas Artes. A partir desse momento, participa de muitas outras exposições, o que lhe rende reconhecimento e vários prêmios. Em 1937, participa da formação do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo e integra a Família Artística Paulista. Na década de 1940, tem atuação no movimento para a criação do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o MAM. Fundamentalmente figurativo, a partir da década de 1950, realiza algumas experiências no Abstracionismo e Construtivismo. Obtém o prêmio de viagem ao exterior do 3º Salão Nacional de Arte Moderna, embarcando para a Europa em 1955. Durante a viagem, faz curso de restauração no Vaticano, participando da recuperação de uma obra de Rafael Sanzio (1483-1520). A partir de 1959, incentivado por Marcelo Grassmann, desenvolve uma série de gravuras.

MARIO ZANINI

(São Paulo, SP, 1907-1971)

Ateliê do Santa Helena, 1942

Óleo sobre tela, 41,5 x 53 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Carlos Soulié Franco do Amaral, compra, 2007



Pintor, desenhista, ceramista e gravador. Inicia sua formação em pintura aos 13 anos, na Escola Profissional Masculina do Brás, para, em seguida, integrar o curso noturno de desenho e arte do Liceu de Artes e Ofícios – após conclusão do qual acaba conhecendo Alfredo Volpi. Completa seus estudos no ateliê do professor alemão Georg Elpons, no qual ingressa em 1928. Entre 1933 e 1938, trabalha no escritório de decoração de Francisco Rebolo, instalando-se, em 1935, em uma das salas do palacete Santa Helena para desempenho de suas atividades artísticas. Em 1937, participa de sua primeira exposição coletiva. Por dez anos, colabora com o ateliê Osirarte de azulejos, responsável pela execução do painel exposto no Ministério da Educação, então no Rio de Janeiro, projetado por Candido Portinari. Em 1950, realiza uma viagem com duração de seis meses para a Itália junto com Volpi e Rossi Osir. Também colabora, em 1958, com Volpi no contexto da realização das pinturas da Capela Nossa Senhora de Fátima, em Brasília. No mesmo ano, torna-se professor da Associação Paulista de Belas Artes e da Escola Carlos de Campos, passando a lecionar na Faculdade de Belas Artes de São Paulo a partir de 1968. Participa das três primeiras Bienais Internacionais de São Paulo (1951, 1953 e 1955) assim como da mostra 50 Anos de Paisagem Brasileira (1956), produzida pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo, e da exposição Três Premissas, organizada pelo MAB FAAP em 1966.

RAPHAEL GALVEZ

(São Paulo, SP, 1907-1998)

Modelo vestido, 1942

Óleo sobre tela, 40 x 30 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Roberto Del Nero Filho, compra, 2003

Pintor, escultor, desenhista e professor. Frequenta o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo em 1921, cursando cerâmica, terracota e desenho. Em 1923, passa a estudar com Nicolau Rollo em seu ateliê e é seu assistente em alguns de seus trabalhos. Nos anos 1930, trabalha com marmoraria e fundição, o que lhe permite ter um contato mais amplo com a arte da escultura e o incita a debutar na área. Matricula-se, então, na Escola de Belas Artes de São Paulo, frequentando, no mesmo período, o Sindicato dos Artistas Plásticos e o ateliê de Joaquim Figueira. Na década de 1940, executa pinturas representando paisagens bucólicas da periferia de São Paulo, assim como paisagens mais urbanas, e relaciona-se com os artistas do Grupo Santa Helena. Em 1945, participa da fundação do Clube dos Amigos da Arte (Clubinho), passando a lecionar na Escola Livre de Artes Plásticas, em 1949, e tornando-se, posteriormente, professor na Faculdade de Belas Artes de São Paulo – cargo que assume por 20 anos.



CLÓVIS GRACIANO

(Araras, SP, 1907 / São Paulo, SP, 1988)

Andaime, 1935

Nanquim sobre papel, 30 x 38,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, compra, 1967



Pintor, desenhista, cenógrafo, figurinista, gravador, ilustrador e muralista. Em 1927, emprega-se na Estrada de Ferro Sorocabana, passando a pintar tabuletas, letreiros, postes e avisos para as estações ferroviárias. Reside em São Paulo a partir de 1934. Realiza estudos com o pintor Waldemar da Costa entre 1935 e 1937. Em 1937, integra o Grupo Santa Helena. Frequenta como aluno ouvinte o curso de desenho da Escola Paulista de Belas Artes. Membro da Família Artística Paulista, em 1939, é eleito presidente do grupo. Participa regularmente dos Salões do Sindicato dos Artistas Plásticos e, em 1941, realiza sua primeira exposição individual. É sócio-fundador do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Em 1949, graças ao prêmio de viagem conquistado no Salão Nacional de Belas Artes, segue para Paris, onde passa dois anos estudando pintura mural e gravura. A partir dos anos 1950, dedica-se principalmente à pintura mural. Em 1971, assume o cargo de diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo. De 1976 a 1978, exerce a função de adido cultural em Paris. O artista dedica-se a diversas atividades paralelas, dá aula de cenografia na Escola de Arte Dramática de São Paulo e é ilustrador em jornais, revistas e livros, sobretudo nos anos 1980. Ao longo de sua carreira, permanece fiel ao figurativismo, com o predomínio de temas sociais.

CLÓVIS GRACIANO

(Araras, SP, 1907 / São Paulo, SP, 1988)

Paisagem ferroviária, 1945

Óleo sobre tela, 54 x 65 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, compra, 1967



ALDO BONADEI

(São Paulo, SP, 1906-1974)

Interior, São Paulo, 1942

Litogravura sobre papel – 4/200, 23 x 18 cm / 32,5 x 23,5 cm

Do álbum *35 litogravuras: Aldo Bonadei, Carlos Scliar, Clóvis Graciano, Lívio Abramo, Manoel Martins, Oswald de Andrade Filho e Walter Lewy.*

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção José Luis Garaldi, compra, 2001



Pintor, designer, gravador, figurinista e professor. Aos 9 anos, faz sua primeira pintura a óleo. De 1923 a 1928, é aluno do pintor Pedro Alexandrino e frequenta o ateliê do pintor Antônio Rocco. Entre os anos de 1930 e 1931, mora na Itália e cursa a Academia de Belas Artes de Florença e, nessa época, se dedica ao desenho da figura humana. Retorna a São Paulo no início da década de 1930 e participa ativamente do Grupo Santa Helena, da Família Artística Paulista e do Sindicato dos Artistas Plásticos. Nessa época, pinta principalmente naturezas-mortas e paisagens urbanas e suburbanas de São Paulo, temas que se tornam constantes. Integra, de 1939 a 1941, o Grupo Cultura Musical, criado pelo psiquiatra Adolpho Jagle, que promove reuniões de artistas. Nesse período, tem suas primeiras experiências abstratas e se interessa pelo cubismo e pela busca da compreensão perceptiva do espaço por meio da Teoria da Gestalt (Psicologia da Forma). Em 1949, leciona na Escola Livre de Artes Plásticas, a primeira escola de arte moderna de São Paulo, e participa do Grupo Teatro de Vanguarda. No ano seguinte, funda a Oficina de Arte (ODA), com Odetto Guersoni e Bassano Vaccarini. No fim da década de 1950, atua como figurinista nas peças *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, e *Casamento Suspeitoso*, de Ariano Suassuna, ambas encenadas pela Companhia Nídia Lícia – Sérgio Cardoso. Também desenha alguns figurinos para dois filmes dirigidos por Walter Hugo Khouri: *Fronteiras do Inferno* (1958) e *Na Garganta do Diabo* (1959).

ALFREDO RULLO RIZZOTTI

(Serrana, SP, 1909 / São Paulo, SP, 1972)

Autorretrato, 1943

Óleo sobre tela, 55 x 43 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Roberto Del Nero Filho, compra, 2003



Pintor, desenhista e designer de interiores. De 1924 a 1935, estuda na Academia Albertina de Turim e na Escola Profissional de Novaresca, ambas na Itália. Pode-se observar na sua pintura, após o longo período naquele país, uma preocupação com o domínio técnico, o diálogo com a tradição e as referências tanto à pintura de Cézanne quanto à tradição de pintura italiana. Quando volta ao Brasil, trabalha um tempo como torneiro mecânico de automóveis e, em 1937, passa a integrar o Grupo Santa Helena, juntamente com Aldo Bonadei, Francisco Rebolo, Mário Zanini e Alfredo Volpi. Participa de exposições da Família Artística Paulista em 1939 e 1940. Pinta até sua morte, mesmo sofrendo com intoxicações causadas pela alergia à tinta.

MANOEL MARTINS

(São Paulo, SP, 1911-1979)

Cidade, São Paulo, 1942

Litogravura sobre papel – 4/200, 20,5 x 28,7 cm / 23,6 x 32,6 cm

Do álbum *35 litogravuras: Aldo Bonadei, Carlos Scliar, Clóvis Graciano, Lívio Abramo, Manoel Martins, Oswald de Andrade Filho e Walter Lewy.*

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção José Luis Garaldi, compra, 2001



Pintor, desenhista, gravador, escultor, ilustrador e ourives. Filho de imigrantes portugueses cresce no Brás. Inicia sua carreira, em 1924, como ourives. Em 1932, começa a estudar com o escultor Vicente Larocca e, em seguida, frequenta a Escola de Belas Artes e, também, alguns cursos oferecidos pela Sociedade Pró-Arte Moderna. Em 1936, é convidado a dividir ateliê com Mario Zanini e conhece os demais integrantes do Grupo Santa Helena. Do grupo é o mais voltado à atividade gráfica. No ano seguinte, integra a Família Artística Paulista. Participa de muitas exposições. Em 1942, assiste às reuniões culturais promovidas por Osório César e participa, com alguns trabalhos, da publicação do álbum *35 Litografias de Sete Artistas*. Em 1944, viaja à Salvador e ilustra o livro *Bahia de Todos os Santos*, escrito por Jorge Amado, e organiza, com o jornalista Odorico Tavares e Jorge Amado, a 1ª Exposição de Arte Moderna Brasileira nessa cidade. A partir dos anos 1960, dedica-se fundamentalmente a trabalhar com técnicas de gravura em metal. Sua obra apresenta grande preocupação de cunho social, com temas vinculados ao cotidiano das classes desfavorecidas e à vida dos trabalhadores da cidade. Pintava paisagens de São Paulo, retratando tanto a vida no centro quanto nos arredores, o que motivou que a crítica lhe atribuisse o título de “repórter da vida paulistana”.

MANOEL MARTINS

(São Paulo, SP, 1911-1979)

Baldeação, São Paulo, 1942

Litogravura sobre papel – 4/200, 20,5 x 29 cm / 23,6 x 32,6 cm

Do álbum 35 litogravuras: *Aldo Bonadei, Carlos Scliar, Clóvis Graciano, Lívio Abramo, Manoel Martins, Oswald de Andrade Filho e Walter Lewy.*

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção José Luis Garaldi, compra, 2001





Vista da exposição
Grupo Santa Helena

Grupo Santa Helena

Uma agrupação de pintores se formou a partir de meados da década de 1930, inicialmente em torno do ateliê de Francisco Rebolo, no Palacete Santa Helena, sala 231. Pela localização, ela ficou conhecida como Grupo Santa Helena. O edifício estava situado na Praça da Sé, na cidade de São Paulo. Tempos depois, Mario Zanini alugou outra sala, a 233, e foram, paulatinamente, chegando outros artistas. A maioria dos integrantes – de origem italiana e humilde – para sobreviver era artesã ou assalariada. Só se dedicavam à pintura nas folgas e nos fins de semana. Não tinham grandes pretensões conceituais, eram considerados acadêmicos pelos modernistas, e modernos pelos acadêmicos. Quase todos eles frequentaram o Liceu de Artes e Ofícios ou a Escola Profissional Masculina do Brás, mas curiosamente nenhum foi afetado pelas orientações acadêmicas de ordem formal, entretanto absorveram os conhecimentos da técnica da pintura e do desenho. Realizavam sessões com modelo vivo e também organizavam saídas para pintar ao ar livre.

Aldo Bonadei era figurinista e bordador, Alfredo Rizzotti era mecânico e torneiro, Alfredo Volpi e Mario Zanini eram decoradores e pintores de paredes, Clóvis Graciano era ferroviário, Francisco Rebolo foi jogador de futebol, decorador e pintor de paredes, Fulvio Penacchi era dono de açougue, Humberto Rosa era professor de desenho, Manoel Martins era ourives e Vilanova Artigas era engenheiro e arquiteto. A união desses artistas, em certa medida, deveu-se ao grande preconceito que precisaram enfrentar por serem imigrantes pobres ou descendentes, por parte não só das elites paulistanas, mas também de imigrantes que já tinham enriquecido no Brasil. Assim, eles receberam inúmeras críticas.

Nessa época, existiam outras associações em São Paulo que albergavam os participantes da Semana de 22. Formadas por intelectuais e membros da elite paulista, elas conheciam pouco ou nada sobre o Grupo Santa Helena e seus integrantes.

O Grupo expôs publicamente, pela primeira vez, em 1937, na mostra Família Artística Paulista. Foi a partir dali que Mário de Andrade teve conhecimento desses artistas. A origem social simples e as afinidades profissionais o inspiraram a chamá-los Artistas Proletários, e ele foi um dos poucos que naquela época valorizaram o Grupo, reconhecendo a sua importância como uma escola paulista de Modernismo moderado.

A perseverança desses artistas, que lutavam contra as dificuldades, atraiu o interesse de muitos parceiros, e o Grupo virou ponto de encontro de muitos outros artistas. Eles se reuniam nos ateliês até que estes foram extintos, no início da década de 1940.

O Grupo Santa Helena tem o mérito de ter lançado alguns dos principais artistas do século XX.



Alfredo Rizzotti
Carpa
1930

Alfredo Rizzotti
Carpa
1930



Fachada do Palacete Santa Helena, sem data

Fonte: <https://www.sacpaulistano.com.br/fotografias/palacete-santa-helena/>



Pintando juntos na década de 30, Francisco Rebolo, Alfredo Volpi, Paulo Rossi Osir, Nóbrega e Mario Zanini

Fonte: Arquivo pessoal de Dorothea Mattar

Seibi-kai

O São Paulo Bijitsu Kenkyu Kai-Seibi (Grupo de Estudo de Artes Plásticas em São Paulo), mais conhecido pelo nome Seibi-kai, foi uma organização criada em 1935 que reunia um grupo de artistas plásticos japoneses que migraram para o Brasil. A ata da sessão inaugural foi assinada pelos artistas Tomoo Handa (acredita-se que deve ter sido o líder do grupo), Walter Shigeto Tanaka e Kiyoji Tomioka. Um dos grupos mais duradouros na história da pintura brasileira, o Seibi-kai apresentou dois períodos de funcionamento, um de 1935 até cerca de 1940, com a paralisação motivada pelo conflito diplomático entre Brasil e Japão, durante a Segunda Grande Guerra. E outro momento em 1947 até que seus integrantes foram se dispersando, sendo finalmente extinto em 1972. A partir de 1972 continuaram mostrando seus trabalhos nos Salões Bunkyo, coordenados pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social.

Esse agrupamento surgiu com o fim de reunir seus membros para troca de experiências e discussões sobre arte, especialmente pintura, promover viagens nos fins de semana com o intuito de pintar ao ar livre (algumas vezes junto com os integrantes do Grupo Santa Helena), organizar sessões de modelo vivo, montar exposições para divulgar e comercializar suas obras e interagir com outros coletivos de artistas da cidade de São Paulo. Eles marcavam encontros mensais

em que levavam suas últimas produções, acompanhavam o desenvolvimento do trabalho dos companheiros e trocavam reflexões e críticas. A perseverança dos nipo-brasileiros em participar de salões, exposições e eventos foi decisiva para torná-los conhecidos e para manter contato com outros artistas. O Seibi-kai cumpriu uma função essencial para estabelecer esses artistas no circuito da arte brasileira.

Para divulgar seu trabalho, na primeira fase, realizaram uma única exposição, em 10 de dezembro de 1938, no Nippon Clube, na capital do Estado. E, na segunda fase, organizaram 14 salões entre 1952 e 1970. Começaram de forma modesta e a venda de obras supriu meios para garantir sua continuidade. A partir de 1959, a Bunkyo já sediava as exposições do Seibi-kai.

Outros integrantes da primeira fase foram: Hajime Higaki, Kichizaemon Takahashi, Masato Aki, Iwakichi Yamamoto, Yoshiya Takaoka e Yuji Tamaki (estabelecidos no Rio de Janeiro naquela época e integrantes também do Núcleo Bernardelli). Na segunda fase: Massao Okinaka, Flavio Shiró, Kenjiro Masuda, Iwakichi Yamamoto, Minoru Watanabe, Kasuo Tsumori, Tomie Ohtake, Alina Okinaka, Jorge Mori, Manabu Mabe, Tikashi Fukushima e Kazuo Wakabayashi.

TOMOO HANDA

(Utsunomiya, Japão, 1906 / Atibaia, SP, 1996)

Retrato de Yuji Tamaki, 1935

Óleo sobre cartão, 35 x 23 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção particular, compra, 2003



Pintor, professor e escritor. Pioneiro da arte nipo-brasileira, migra para o Brasil em 1917, deixando o Japão para trabalhar na lavoura de café da fazenda Santo Antônio em Botucatu, no interior de São Paulo – de acordo com o contrato de imigração assinado entre os dois países. Em 1921, integra a Escola Profissional Masculina do Brás, na capital do estado, onde inicia a aprendizagem da pintura para, em seguida, continuar sua formação na Escola de Belas Artes de São Paulo, na qual ingressa em 1928. Sai diplomado da Escola em 1935, ano em que funda o Grupo Seibi, junto com outros pintores japoneses. Em 1936, realiza a sua primeira exposição individual, no Nippon Club, e conhece Mário de Andrade, do qual se torna amigo. Pintor particularmente ativo, participa de muitos eventos que marcam a modernização da arte brasileira, como a 1ª Bienal Internacional de São Paulo (1951), o 1º e 2º Salão Paulista de Arte Moderna (1951 e 1952) e, ainda, o 1º Salão Nacional de Arte Moderna (1952). Além do Seibi-kai, compõe outros coletivos de artistas, como o Grupo 15 – ou “do jacaré” –, entre 1948 e 1949, e o Grupo Guanabara, do qual é membro de 1950 a 1959. Em 1956, vai para o Japão, onde estuda a arte clássica japonesa, viajando em seguida pela Europa. Publica dois livros: um em 1966, *Ainda Estou em Viagem*, e outro em 1970, *História da Vida dos Imigrantes*, no qual descreve a vida dos imigrantes japoneses no Brasil baseando-se em experiências diretas e em observações feitas ao longo dos anos. Participa da criação do Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, inaugurado em 1978.

HAJIME HIGAKI

(Imabari, Japão, 1908 / São Paulo, SP, 1998)

Autorretrato, 1935

Óleo sobre madeira, 30 x 22 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção particular, compra, 2003



Pintor. Estuda em Tóquio, na década de 1920, com Iori Saito e Takeji Fukushima e na Academia Kawabata. Em 1928, realiza sua primeira exposição individual na Young Men's Christian Association (Associação Cristã de Moços), em Ehime, no Japão. Emigra para o Brasil em 1929, fixando residência numa fazenda de café em Cravinhos, no noroeste paulista. Em 1934, passa a estudar com o professor Paulo Vergueiro Lopes Leão em São Paulo e, no ano seguinte, vai para a Escola de Belas Artes de São Paulo. Em 1935, participa da fundação do Seibi-kai, frequentemente expondo em suas mostras. Esporadicamente participa das sessões de desenho do Grupo Santa Helena; além disso, faz parte do Grupo Guanabara. A partir de 1938, expõe em inúmeras mostras individuais e coletivas, tanto no Brasil quanto no exterior, destacando-se o Salão Paulista de Belas Artes, em 1938, 1940, 1949 e 1960; o Salão Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, em 1948 e 1949; a 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951; A Arte na História da Imigração Japonesa, no Masp, em São Paulo, em 1986 e 1988; Japanese Roots, em Nova York, em 1987; Nikkey Jin Gaga Ten, em Tóquio, Japão, em 1989; e Eram Brasileiros os que Ficaram, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em 1994. Sua última exposição individual, ainda em vida, é Hajime Higaki: Retrospectiva Comemorativa do 88º Aniversário Natalício, realizada na Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa em São Paulo em 1996.

YOSHIYA TAKAOKA

(Tóquio, Japão, 1909 / São Paulo, SP, 1978)

Retrato de Hélio Pires D'Ávila, 1964

Óleo sobre tela, 52 x 45 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Roberto Del Nero Filho, compra, 2003



Pintor, desenhista, caricaturista e cenógrafo. Estuda pintura com Shin Kurihara, em Tóquio, entre 1921 e 1925. Chega ao Brasil com catorze anos e trabalha na lavoura de Cafelândia. Muda-se em seguida para São Paulo, onde executa diversos trabalhos para se sustentar financeiramente, sendo inclusive pasteleiro, pintor de paredes e caricaturista. Em 1935, participa da fundação do Grupo Seibi, viajando a pé com Yuji Tamaki, no mesmo ano, para o Rio de Janeiro, onde passa a integrar o Núcleo Bernardelli, cursando artes plásticas com Bruno Lechowski. Realiza múltiplos autorretratos, um deles lhe valendo a medalha de prata no Salão Nacional das Belas Artes no Rio de Janeiro, em 1938. Durante a Segunda Guerra Mundial, passa por momentos de dificuldade por ser acusado de transmitir informações estratégicas ao governo japonês - supostamente mapeando a cidade enquanto pinta as paisagens cariocas -, sendo, em consequência, reiteradamente arrestado pelos agentes da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Em 1944, volta para São Paulo e, em 1948, funda o Grupo 15, dissolvido um ano mais tarde. De 1950 a 1959, integra o Grupo Guanabara. Muda-se para Paris em 1952, permanecendo dois anos na França e frequentando o curso de mosaicos de Gino Severini. Participa da 1ª Bienal de Tóquio em 1953, voltando outra vez para o Japão em 1973, em qualidade de participante da Exposição de Belas Artes Nipo-Brasileiras. Participa da 1ª e da 5ª Bienal Internacional de São Paulo assim como de diversos Salões Oficiais. O Museu de Arte de São Paulo (Masp) organiza, em 1980, uma mostra póstuma homenageando o artista.

YUJI TAMAKI

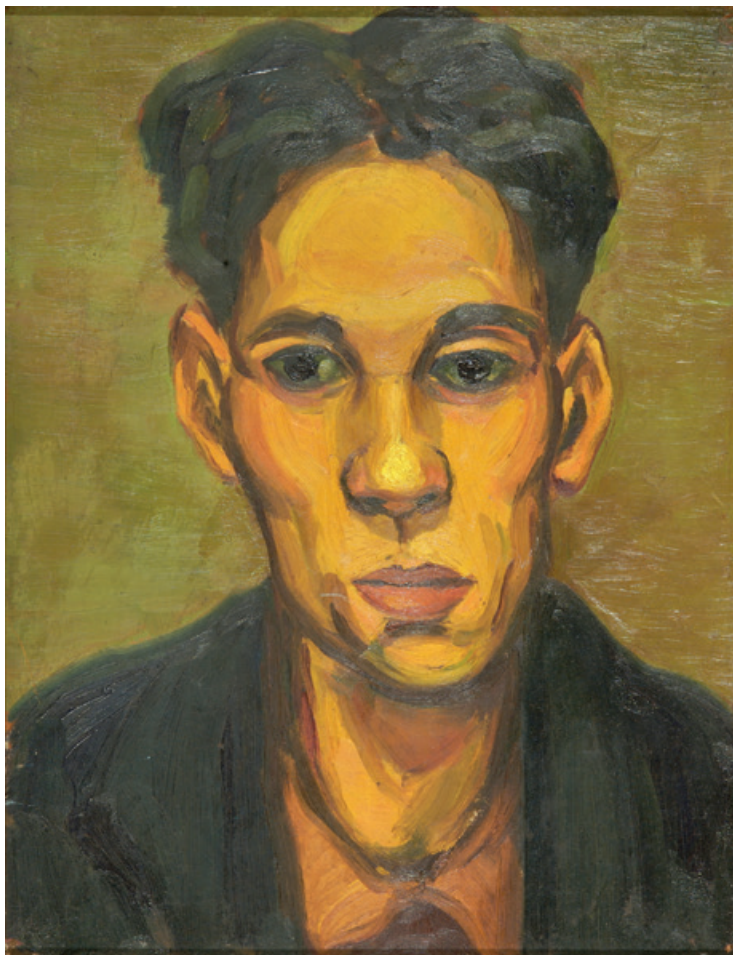
(Fukui, Japão, 1916 / São Paulo, SP, 1979)

Auto-retrato, 1935

Óleo sobre cartão, 35 x 27,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção particular, compra, 2003



Pintor e professor. Chega ao Brasil ainda adolescente, instalando-se em 1932, com os pais, em uma fazenda do interior de São Paulo. Em 1934, muda-se para o Rio de Janeiro onde estuda pintura com Bruno Lechowski. Integra então o Núcleo Bernardelli, composto por José Pancetti, Yoshiya Takaoka, Ado Malagoli e Edson Motta, entre outros. Volta definitivamente para São Paulo em 1935, participa do 3º Salão Paulista de Belas Artes e conhece alguns dos artistas japoneses radicados no Brasil. No mesmo ano, é fundado o grupo Seibi, que contou em particular com a participação de Takaoka, Tanaka, Shigeto e Handa. O Seibi-kai conhece seu apogeu nas décadas de 1950 e 1960, período áureo que coincide com os anos de maturação artística de Tamaki. Em 1937 e 1938, é premiado no Salão Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Nos anos seguintes, integra outras agremiações como o Grupo 15, em 1948, e o Grupo Guanabara com o qual expõe em 1950, 1958 e 1959. Participa da mostra Artistas Nipo-Brasileiros organizada em 1966 pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, e realiza exposições individuais na galeria Cosme Velho em 1969 e 1970. Em 1977, é um dos artistas presentes na exposição Grupo Santa Helena: Década de 35 a 45 no MAB FAAP. É realizada, no ano de 1980, uma retrospectiva de sua trajetória na galeria Place des Arts, no Rio de Janeiro.

JORGE MORI

(São Paulo, SP, 1932-2018)

Alfaiataria, 1945

Óleo sobre papelão, 45 x 61 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação do próprio artista, 1990



Pintor, desenhista e gravador. Aos 11 anos, começa a estudar pintura com Yoshiya Takaoka. Sua primeira mostra individual acontece em 1947, aos 14 anos de idade, na Galeria Itá, em São Paulo, e é o artista mais jovem a expor na 1ª Bienal de São Paulo, em 1951. Participa do Grupo Guanabara, entre 1950 e 1952, e da segunda fase do Seibi-kai, grupo de artistas plásticos japoneses e descendentes. Em 1952, viaja para a Europa, escolhendo Paris para cursar aulas de técnicas de pintura, mosaico e afresco e, embora tente frequentar as academias francesas, acaba por estudar como autodidata, realizando cópias de obras clássicas do Museu do Louvre, o que lhe permite entender e apreender as técnicas de grandes mestres, como Sandro Botticelli, Fra Angelico e Paolo Uccello. Em 1960, retorna à França para pesquisar a utilização da técnica clássica da velatura e ali permanece por 19 anos, até voltar a viver no Brasil. Participa de inúmeras exposições, entre elas cinco edições do Salão Paulista de Belas Artes; a exposição 19 Pintores, realizada pela União Cultural Brasil-Estados Unidos, em 1947, na Galeria Prestes Maia, em São Paulo; a exposição Os Grupos: A Década de 40, no Museu Lasar Segall, em São Paulo, em 1977; a 7ª Exposição de Belas Artes Brasil-Japão, em 1985, na mostra itinerante Herança do Japão: Aspectos das Artes Visuais Nipo-brasileiras, organizada pelo MAB FAAP, em 1988, que passa por Brasília, Manaus, Belém, Recife, São Paulo (na própria sede do MAB), Curitiba, Porto Alegre e Rio de Janeiro.

FLAVIO SHIRÓ

(Sapporo, Japão, 1928)

Figuras e natureza morta, 1948

Óleo sobre tela, 48 x 62 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, compra, 1984



Pintor, desenhista, gravador e cenógrafo. Chega ao Brasil com a família em 1932, onde residem numa colônia japonesa em Tomé-Açu, no Pará. A partir de 1940, mudam-se para São Paulo. Estuda na Escola Profissional Getúlio Vargas, na qual é colega de Otávio Araújo, Marcello Grassmann e Luiz Sacilotto. Frequenta o Grupo Santa Helena. Em 1947, integra a segunda fase do Seibi-kai. Ganha uma bolsa de estudo que o leva a Paris, cidade em que permanece de 1953 a 1983. Nesse período, estuda mosaico com Gino Severini, gravura em metal com Johnny Friedlaender e litografia na Escola Nacional Superior de Belas Artes; paralelamente, desenvolve seu trabalho no ateliê de Sugai e Tabuchi. Na década de 1960, participa do Grupo Austral, ligado ao movimento internacional Phases, em São Paulo. Inicialmente figurativo, desde a década de 1950 dedica-se à abstração informal e, nos anos 1970, suas telas voltam a sugerir figuras, por vezes, de seres fantásticos ou monstruosos. Em 1993 e 1994, realiza-se a exposição itinerante Trajetória: 50 Anos de Pintura de Flavio Shiró, apresentada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no Hara Museum of Contemporary Art, em Tóquio, e no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

MANABU MABE

(Kumamoto, Japão, 1924 / São Paulo, SP, 1997)

Composição em azul, 1962

Óleo sobre juta, 130 x 110,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: não identificada, compra, sem data



Pintor, desenhista, gravador, ilustrador e tapeceiro. Chega ao Brasil em 1934 junto com sua família para trabalhar nas lavouras de café no interior do estado de São Paulo. Sempre interessado pela pintura, começa, como autodidata, a estudar lendo revistas japonesas e livros de arte. Em 1945, na cidade de Lins, recebe orientação do pintor e fotógrafo Teisuke Kumasaka, com quem aprende a preparar a tela e a diluir tintas. Em 1947, em São Paulo, conhece Tomoo Handa, que, ao ver suas obras, o incentiva a ter a natureza como fonte de inspiração. No ano seguinte, estuda com o pintor Yoshiya Takaoka, que lhe transmite ensinamentos técnicos e teóricos sobre pintura. Nessa época, integra-se ao Seibi-kai. Em 1948, consegue realizar a sua primeira exposição individual em São Paulo e, em 1949, participa do Salão Nacional de Arte Moderna no Rio de Janeiro. Nos anos 1950, participa das exposições organizadas pelo Grupo Guanabara. Gradualmente, vai aderindo à abstração e, em 1955, pinta sua primeira obra abstrata. Em 1957, transfere-se com a família para São Paulo a fim de se dedicar profissionalmente à pintura. O ano de 1959 traz vários triunfos à sua carreira, primeiro participa do Prêmio Leirner de Arte Contemporânea com as pinturas abstratas *Grito* e *Vitorioso*, ambas de 1958, conquista o prêmio de melhor pintor nacional na 5ª Bienal Internacional de São Paulo e o prêmio de pintura na 1ª Bienal de Paris, além de ser homenageado com o artigo "O Ano de Manabu Mabe", publicado na revista *Time*, em Nova York. Em 1986, realiza uma retrospectiva no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp) e lança um livro. Em 1995, escreve a sua autobiografia *Chove no Cafezal*, em japonês, cujo texto original é publicado em capítulos semanais no jornal de sua região natal. Em 1996, viaja ao Japão por ocasião de uma grande mostra retrospectiva de sua obra.

TOMIE OHTAKE

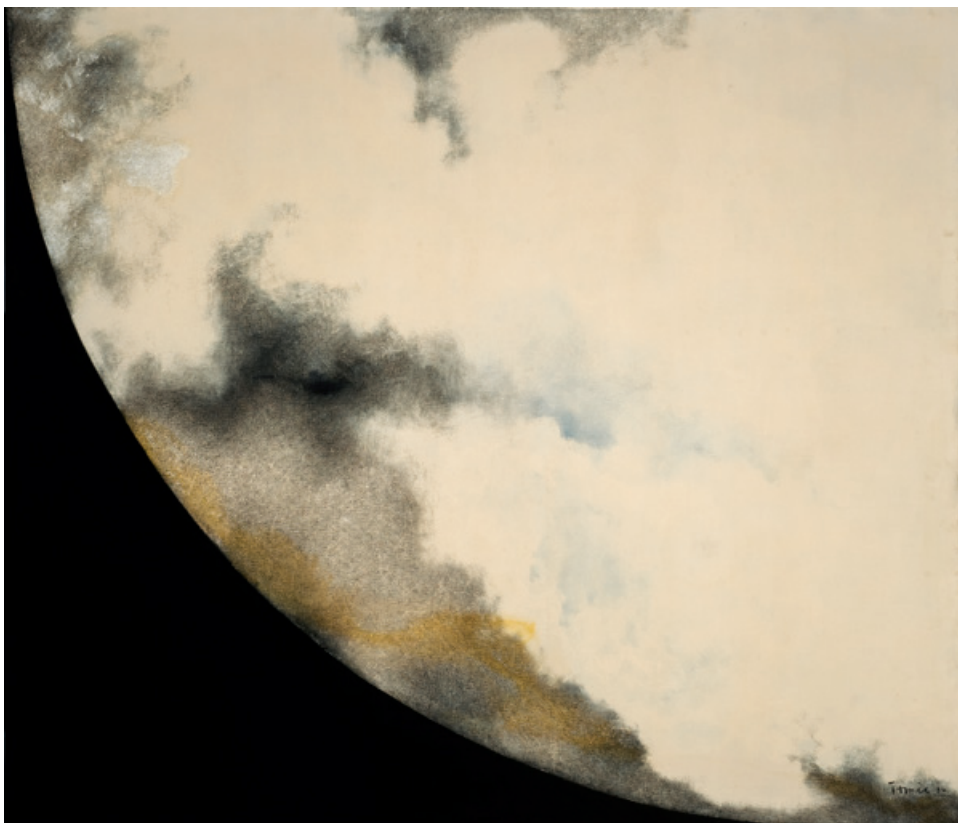
(Kyoto, Japão, 1913 / São Paulo, SP, 2015)

Espaço, 1984

Óleo sobre tela, 170,5 x 200,3 cm

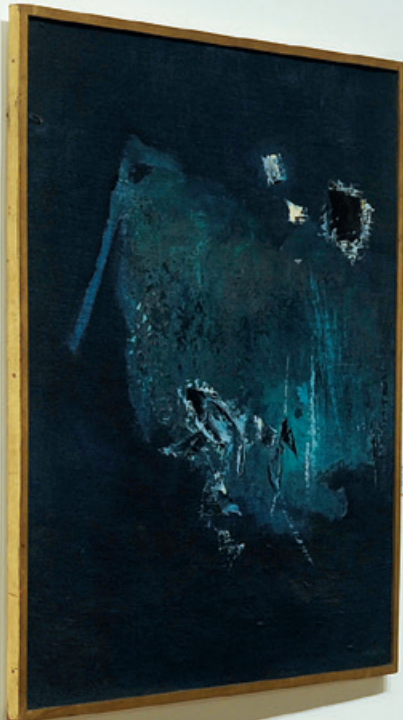
Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação da própria artista, sem data



Pintora, gravadora e escultora. Nasce numa família zen-budista em Kyoto, no Japão, e muda-se para o Brasil com 22 anos, inicialmente para visitar o irmão, estabelecido no ramo de comércio exterior, em São Paulo. Acaba ficando, dissuadida de retornar para o Japão por conta da Segunda Guerra Mundial. Aprende aquarela na escola, mas realmente começa na pintura aos 37 anos. Nos anos 1950, descobre as obras de Keisuke Sugano em duas exposições organizadas em São Paulo. Impressionada pelo artista, ela solicita que lhe ensine a técnica da pintura a óleo. Sugano aceita e acaba incitando-a a dedicar-se completamente à arte. Inicia-se, então, uma fase em que executa quadros mais figurativos, como paisagens e naturezas-mortas – fase da qual não subsiste quase nenhuma obra, as pinturas são danificadas por uma inundação no bairro da Mooca, onde a artista se estabelece com a família. Um ano depois, em 1953, integra o Grupo Seibi e opta pela arte Abstrata, direção na qual continua a evoluir. Nos anos 1950 e 1960, participa de salões nacionais e regionais, recebendo inúmeros prêmios. Em 1968, naturaliza-se brasileira. Seus primeiros trabalhos de serigrafia datam de 1969, momento em que também passa a trabalhar com litogravura e gravura em metal. Em 1983, ganha retrospectiva no Museu de Arte de São Paulo que atrai um importante público, ano em que também é lançado um livro sobre seu percurso artístico. Também realiza algumas esculturas destinadas à exposição em espaços públicos em São Paulo e no Rio de Janeiro. Conforme contabilizado pelo Instituto Tomie Ohtake – centro cultural inaugurado em 2001 na capital paulista –, ela participa, ao longo de sua carreira, de 20 Bienais Internacionais, organiza mais de 120 mostras individuais e toma parte de centenas de mostras coletivas. Até uma idade avançada, continua pintando e inovando.





Seibi-kai

Os três Nohs (Noh, Kyogen e Kyōka) foram os primeiros a serem exibidos no Brasil, em 1911, por iniciativa de um grupo de artistas japoneses que se reuniram em torno do grupo Seibi-kai. Este grupo foi formado por artistas japoneses, como o pintor Kawai Hakuseki e o escultor Kawai Hakuo, que buscavam difundir a arte japonesa no Brasil. O Seibi-kai também organizou exposições e performances de teatro Noh e Kyogen em São Paulo e Rio de Janeiro, contribuindo para a popularização dessas artes no Brasil.

Uma exposição surge com o fim de reunir as obras para comemorar o centenário da chegada dos primeiros japoneses ao Brasil em 1863. A exposição é organizada por um grupo de artistas japoneses, como o pintor Kawai Hakuseki e o escultor Kawai Hakuo, que buscavam difundir a arte japonesa no Brasil. O Seibi-kai também organizou exposições e performances de teatro Noh e Kyogen em São Paulo e Rio de Janeiro, contribuindo para a popularização dessas artes no Brasil.

Uma exposição surge com o fim de reunir as obras para comemorar o centenário da chegada dos primeiros japoneses ao Brasil em 1863. A exposição é organizada por um grupo de artistas japoneses, como o pintor Kawai Hakuseki e o escultor Kawai Hakuo, que buscavam difundir a arte japonesa no Brasil. O Seibi-kai também organizou exposições e performances de teatro Noh e Kyogen em São Paulo e Rio de Janeiro, contribuindo para a popularização dessas artes no Brasil.

Uma exposição surge com o fim de reunir as obras para comemorar o centenário da chegada dos primeiros japoneses ao Brasil em 1863. A exposição é organizada por um grupo de artistas japoneses, como o pintor Kawai Hakuseki e o escultor Kawai Hakuo, que buscavam difundir a arte japonesa no Brasil. O Seibi-kai também organizou exposições e performances de teatro Noh e Kyogen em São Paulo e Rio de Janeiro, contribuindo para a popularização dessas artes no Brasil.

Vista da exposição Seibi-kai

Salão de Maio e Família Artística Paulista, SP, 1937-1939

O Salão de Maio foi uma exposição coletiva de arte moderna idealizada e organizada por Quirino da Silva, crítico de arte, pintor, escultor, desenhista, ceramista e gravador brasileiro. Aconteceu na cidade de São Paulo em três edições, 1937, 1938 e 1939. Foi custeado com verbas reunidas por Quirino da Silva junto à elite paulistana e à Prefeitura da cidade de São Paulo. Sua criação teve o intuito de continuar a estimular e consolidar o Modernismo no país, assim como já tinha ocorrido com outras iniciativas da década anterior. Mas, dessa vez, promovendo o intercâmbio com artistas internacionais, conseguido principalmente no 2º Salão, em 1938. Vieram ao país abstracionistas ingleses, como Erik Smith, Roland Penrose e Ben Nicholson, e mexicanos, como o gravador Leopoldo Méndez e o pintor Dias de León, e na última edição, Alexander Calder, Josef Albers e Alberto Magnelli. Foi um dos poucos eventos da época que divulgaram a arte abstrata estrangeira no Brasil. Não tinha júri nem premiação, o interesse principal era a divulgação dos trabalhos e sua venda.

A Família Artística Paulista foi outro coletivo de artistas surgido em São Paulo, em 1937, fundado e dirigido por Paulo Rossi Osir, Waldemar da Costa e Paulo Mendes de Almeida. Foi mais moderado, menos vanguardista e menos ligado ao experimentalismo do que o Salão de Maio, fundado poucos meses antes. Também realizaram três exposições, em 1937, 1939 e o último em 1940, no Rio de Janeiro. Pouco depois dessa terceira mostra, o grupo deixou de existir.

Apesar da rixa entre seus organizadores, alguns artistas participaram tanto dos salões da Família Artística Paulista quanto dos Salões de Maio e, em ambos, eram encontradas obras bastante conservadoras, de estilo acadêmico, ao lado de outras com características marcadamente modernas. Os dois eventos foram bem-sucedidos e cumpriram sua finalidade, popularizar a arte moderna e levar à venda das obras. Tais agremiações artísticas demonstraram, fundamentalmente, o êxito do associativismo como estratégia dos artistas para poder ter uma atuação efetiva na vida cultural do país nesse período.

Entre os artistas que participaram estavam os modernistas já conhecidos e alguns novos. Nas exposições da Família Artística Paulista foram apresentados os integrantes do Grupo Santa Helena, que a partir dali começaram a ter notoriedade e obter o reconhecimento da crítica especializada. Desse numeroso conglomerado selecionamos os seguintes artistas presentes no acervo do MAB: Candido Portinari, Carlos Scliar, Cícero Dias, Clóvis Graciano, Ernesto de Fiori, Flávio de Carvalho, Francisco Rebolo, Joaquim Figueira, Lasar Segall, Oswaldo Goeldi, Paulo Rossi Osir, Santa Rosa, do Amaral e Victor Brecheret.

TARSILA DO AMARAL

(Capivari, SP, 1886 / São Paulo, SP, 1973)

Retrato de Verinha, filha de Vera Vicente Azevedo, 1937

Óleo sobre tela, 80,5 x 60,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Benjamin Steiner Rejtman, compra, 1970



Pintora. Recebe uma educação cristã no Colégio Sion antes de se mudar para Barcelona, na Espanha, onde passa a estudar no Colégio Sacré-Coeur. Durante esse período, pinta a sua primeira obra: *Sagrado Coração de Jesus*. Ao voltar para o Brasil, casa-se com André Teixeira Pinto, do qual se separa logo após o nascimento de sua filha Dulce – é nesse momento que começa sua formação artística no Atelier de Pedro Alexandrino. Em 1918, conhece a pintora Anita Malfatti, que se torna sua amiga. Em Paris, em 1922, estudando na Académie Julien, tem conhecimento da efervescência provocada pela Semana de Arte Moderna por meio das descrições que lhe faz Anita Malfatti em suas cartas. Na volta ao Brasil, a amiga a introduz aos membros do grupo modernista, entre os quais Oswald de Andrade, com o qual inicia uma relação amorosa. Retorna novamente para a França, instalando-se lá e frequentando diversos artistas, como o poeta franco-suíço Blaise Cendrars e os pintores Fernand Léger, André Lhote e Albert Gleizes, com os quais estuda o Cubismo. Também se aproxima dos brasileiros Heitor Villa-Lobos e Di Cavalcanti e se relaciona com os mecenas Paulo Prado e Olívia Guedes Penteado. Segue, então, a sua fase dita Pau-Brasil, resultado da fusão do seu aprendizado do Cubismo com as cores vivas, vibrantes de sua infância, na busca de uma autêntica brasilidade. Realiza, em 1926, sua primeira exposição individual em Paris, bem recebida pela crítica. É em 1928 que pinta *Abaporu*, que serve de base para a criação do Movimento Antropofágico. Após a traição de Oswald de Andrade com Patrícia Galvão – a Pagu –, viaja, em 1931, com o novo namorado, Osório César, para Moscou, na Rússia, onde se sensibiliza com questões de ordem social. A viagem inspira a sua obra *Operários*, pintada em 1933. Entre 1937 e 1939, participa das três edições do Salão de Maio, em São Paulo. Em 1950, finalmente volta à temática Pau-Brasil, que marca o fim de sua carreira.

VICTOR BRECHERET

(Farnese, Itália, 1894 / São Paulo, SP, 1955)

Madona, 1927-30

Bronze, 34,5 x 11,5 x 24 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Rodolfo Nanni, 1969



Escultor. Migra para São Paulo aos nove anos de idade, com seu tio materno. Em 1912, ingressa no Liceu de Artes e Ofícios onde estuda desenho, modelagem e entalhe em madeira, iniciando sua formação artística. No ano seguinte, viaja para Roma e se aprofunda no estudo de escultura tornando-se discípulo de Arturo Dazzi, escultor italiano que se destacou pela criação de figuras com grande síntese formal. Nesse período, conhece também a obra do francês Auguste Rodin e do croata Ivan Mestrovic que influenciam a sua obra. Em 1919, ele retorna ao Brasil como um escultor maduro com uma linguagem muito bem desenvolvida e com o apoio do engenheiro Ramos de Azevedo, monta seu ateliê no Palácio das Indústrias, onde, em seguida, é descoberto pelos modernistas Di Cavalcanti, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, que a partir desse momento passam a admirar e divulgar sua obra. Participa da Semana de Arte Moderna de 1922 com 12 esculturas, porém ele não está presente – encontra-se em Paris, pois consegue uma bolsa de estudos de 5 anos do Pensionato Artístico do Estado de São Paulo na capital francesa. Em 1927, obtém extensão de sua bolsa do Pensionato Artístico e retorna a Paris, mantendo então a carreira brasileira e a europeia paralelamente. Em 1936, depois de tantos anos alternando sua estada entre França e Brasil, fixa-se em São Paulo, onde recebe encomendas de esculturas públicas e também de trabalhos com temas religiosos. A partir da década de 1940, realiza esculturas em bronze e terracota com temas ligados à cultura indígena. Logra grande sucesso em sua trajetória expondo no Brasil, na França e em outros países. Participa em diversas edições do Salão de Outono em Paris, e no Brasil, em exposições organizadas pela Sociedade Pró-Arte Moderna, nas três mostras do Salão de Maio e, a partir de 1950, é convidado para Bienais Internacionais inúmeras vezes.

VICTOR BRECHERET

(Farnese, Itália, 1894 / São Paulo, SP, 1955)

Cabeça de menina, sem data

Bronze, 25 x 12 x 25 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Rodolfo Nanni, 1983



VICTOR BRECHERET

(Farnese, Itália, 1894 / São Paulo, SP, 1955)

Dorso de mulher, sem data

Bronze, 74 x 15,5 x 17 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: não identificada, 1980



VICTOR BRECHERET

(Farnese, Itália, 1894 / São Paulo, SP, 1955)

Retrato da Marquesa Soriano de la Gándara, década 1930

Mármore Carrara, 75 x 41 x 31 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Rodolfo Nanni, compra, 1968



CANDIDO PORTINARI

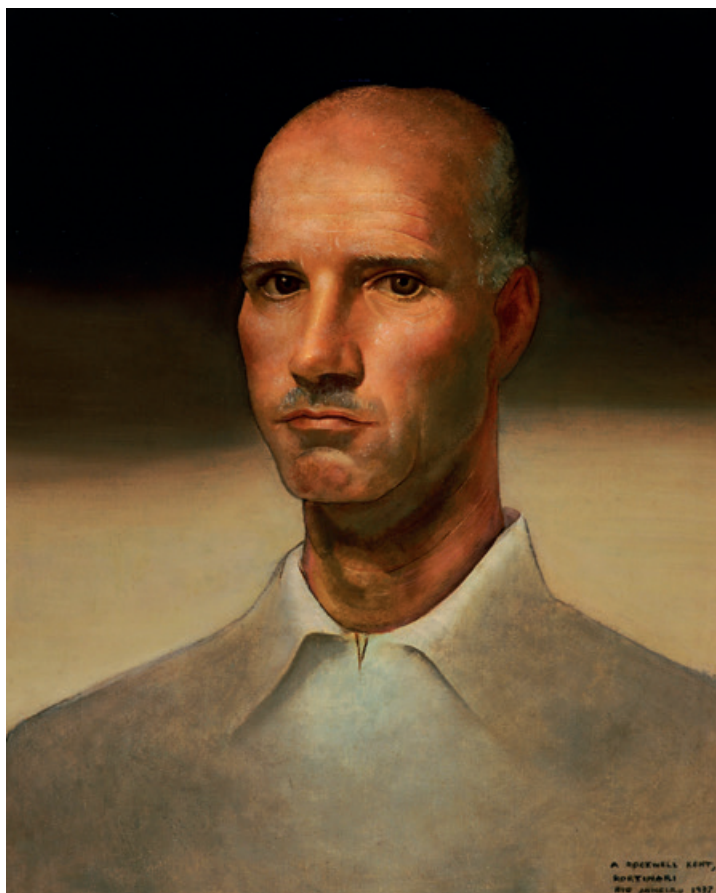
(Brodowski, SP, 1903 / Rio de Janeiro, RJ, 1962)

Retrato de Rockwell Kent, Rio de Janeiro, 1937

Óleo sobre tela, 55 x 46 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Richard K. Larcada,
Larcada Gallery, Nova York, compra, 1973



Pintor, gravador, ilustrador e professor. Inicia-se na pintura ainda criança, auxiliando na decoração da Igreja Matriz de Brodowski. Em 1918, muda-se para o Rio de Janeiro, onde ingressa no Liceu de Artes e Ofícios e na Escola Nacional de Belas Artes. Em 1929, recebe um prêmio de viagem e vai para a Europa, percorrendo vários países durante dois anos. A distância de suas raízes acaba aproximando o artista do Brasil, despertando seu interesse pelos problemas sociais. Em 1931, volta ao Brasil renovado e muda completamente a estética de sua obra. Aos poucos deixa de lado as telas pintadas a óleo e começa a se dedicar a murais e afrescos. Em 1935, recebe prêmio do Carnegie Institute de Pittsburgh pela pintura *Café*, sendo o primeiro modernista brasileiro premiado no exterior. No mesmo ano, começa a lecionar pintura mural e pintura de cavalete no Instituto de Arte da Universidade do Distrito Federal (UDF), no Rio de Janeiro. Em 1936, realiza seu primeiro mural, que integra o Monumento Rodoviário da Estrada Rio-São Paulo. Nos anos seguintes, passa a produzir vários murais em edifícios públicos e vai ganhando notoriedade na imprensa. Em 1939, é convidado a expor três telas no Pavilhão Brasileiro da Feira Mundial em Nova York. Alfred Barr, diretor-geral do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), encanta-se com suas obras e acaba comprando a tela *Morro do Rio* para o acervo do museu. Em 1940, após exposição itinerante pelos Estados Unidos, a Universidade de Chicago publica o primeiro livro sobre ele, *Portinari: His Life and Art*. Em 1956, com a inauguração dos painéis *Guerra e Paz* na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, recebe o Prêmio Guggenheim.

OSWALDO GOELDI

(Rio de Janeiro, RJ, 1895-1961)

Indígenas na choça, 1937

Xilogravura sobre papel, 20,8 x 27,5 cm / 23,8 x 31 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Nelson Mendes Caldeira, 1985

© Goeldi, Oswaldo – Projeto Goeldi/ AUTVIS, Brasil, 2023



Gravador, desenhista, ilustrador e professor. Tendo crescido na Suíça, matricula-se na Escola Politécnica de Zurique, em 1914, antes de ser forçado a interromper os estudos com o estouro da Primeira Guerra Mundial. Decide abandonar a engenharia após a morte do pai, fixando-se em Genebra. Integra a École des Arts et Métiers, mas deixa o curso seis meses depois por rejeitar o caráter excessivamente acadêmico das aulas lá ministradas. Segue, então, sua formação no ateliê dos pintores Serge Pahnke e Henri van Muyden. Também frequenta o ilustrador austríaco Alfred Kubin, contato determinante que influencia fortemente sua produção artística, evidenciando-se pela adoção de um tom mais mórbido em suas obras. Em 1919, transfere-se para o Rio de Janeiro, expondo no saguão do Liceu de Artes e Ofícios em 1921. Realiza suas primeiras xilogravuras após seu encontro com Ricardo Bampi, em 1923. Na década de 1920, em Niterói, colabora na ilustração de diversos livros. Entre 1930 e 1931, viaja mais uma vez para a Europa, participando de exposições no estrangeiro. Na sua volta ao Brasil, começa a fazer uso de cores em suas gravuras. O primeiro trabalho nascido dessa experimentação é publicado em 1937, em ilustrações do livro *Cobra Norato*, de Raul Bopp. Participa do 2º Salão de Maio, em 1938. Expõe na 25ª Bienal de Veneza, em 1950, e na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, na qual recebe o Prêmio de Gravura. Em 1952, passa a dar aulas na Escolinha de Arte do Brasil e leciona, em 1955, na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Realiza a primeira retrospectiva em 1956, no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

CLÓVIS GRACIANO

(Araras, SP, 1907 / São Paulo, SP, 1988)

Paisagem de Pinheiros, 1938

Óleo sobre tela, 48 x 56 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, compra, 1967



Pintor, desenhista, cenógrafo, figurinista, gravador, ilustrador e muralista. Em 1927, emprega-se na Estrada de Ferro Sorocabana, passando a pintar tabuletas, letreiros, postes e avisos para as estações ferroviárias. Reside em São Paulo a partir de 1934. Realiza estudos com o pintor Waldemar da Costa entre 1935 e 1937. Em 1937, integra o Grupo Santa Helena. Frequenta como aluno ouvinte o curso de desenho da Escola Paulista de Belas Artes. Membro da Família Artística Paulista, em 1939, é eleito presidente do grupo. Participa regularmente dos Salões do Sindicato dos Artistas Plásticos e, em 1941, realiza sua primeira exposição individual. É sócio-fundador do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Em 1949, graças ao prêmio de viagem conquistado no Salão Nacional de Belas Artes, segue para Paris, onde passa dois anos estudando pintura mural e gravura. A partir dos anos 1950, dedica-se principalmente à pintura mural. Em 1971, assume o cargo de diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo. De 1976 a 1978, exerce a função de adido cultural em Paris. O artista dedica-se a diversas atividades paralelas, dá aula de cenografia na Escola de Arte Dramática de São Paulo e é ilustrador em jornais, revistas e livros, sobretudo nos anos 1980. Ao longo de sua carreira, permanece fiel ao figurativismo, com o predomínio de temas sociais.

CÍCERO DIAS

(Escada, PE, 1907 / Paris, França, 2003)

Melancia, 1940

Óleo sobre tela, 130 x 94 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Edgard Pessoa de Queiros, compra, 1970



Inicia estudos de desenho em sua terra natal. Aos 13 anos, muda-se para o Rio de Janeiro, onde começa os cursos de arquitetura e pintura na Escola Nacional de Belas Artes (Enba), mas não conclui. Em 1926, liga-se aos intelectuais do Movimento Regionalista, que ocorre no Recife, em resposta à Semana de Arte Moderna de 22. Entra em contato com os modernistas e, em 1929, colabora com a *Revista de Antropofagia*. Em 1931, no Salão Revolucionário, organizado por Lucio Costa, então diretor da Enba, expõe o painel *Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife*, causando polêmica tanto por suas dimensões (15 metros) quanto pela temática ousada para a época. A partir de 1932, no Recife, leciona desenho em seu ateliê. O artista tem que sair do Brasil em 1937, fugindo da ditadura de Vargas, e firma residência em Paris, onde conhece Georges Braque, Henri Matisse, Fernand Léger e Pablo Picasso, que se tornaria seu amigo. Entre 1943 e 1945, vive em Lisboa como adido cultural da Embaixada do Brasil. Em 1948, realiza um mural no edifício da Secretaria das Finanças do Estado de Pernambuco, considerado o primeiro trabalho abstrato do gênero na América Latina. Em 1965, é homenageado na Bienal Internacional de São Paulo. Inaugura painel de 20 metros na Estação Brigadeiro do Metrô de São Paulo, em 1991. Recebe do governo francês a Ordem Nacional do Mérito da França, em 1998, aos 91 anos.

JOAQUIM FIGUEIRA

(São Paulo, SP, 1904 / Ribeirão Preto, SP, 1943)

Retrato de Adolpho Jagle, 1942

Óleo sobre tela, 42,7 x 33 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Roberto del Nero Filho, compra, 2003



Pintor, escultor, ceramista e designer gráfico. Estuda cerâmica no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e frequenta o ateliê de Waldemar Belisário entre 1919 e 1922. É aluno do escultor Nicola Rollo de 1922 a 1924. Retorna ao Liceu, em 1925, para cursar aulas noturnas no setor de desenho e artes. Em 1926, começa a trabalhar no ateliê de Hélio de Giusti. Em 1933, monta um ateliê com o escultor e médico Eduardo O. Pirajá e, uns anos depois, em 1939, com Bruno Giorgi, onde esculpe, sobretudo, retratos de personalidades e artistas. Realiza sua primeira exposição individual em 1936, na Casa das Arcadas. Entre 1937 e 1940, integra a Família Artística Paulista e, em 1939, participa do 3º Salão de Maio, em São Paulo. Em 1941, juntamente com Raphael Galvez, seu grande amigo, participa do concurso internacional Homenagem ao Duque de Caxias e recebe menção honrosa. No ano de 1943, trabalha como auxiliar do escultor Hélio de Giusti. Embora falecido prematuramente, deixa um número considerável de obras, que hoje se encontram tanto em instituições museológicas quanto em coleções particulares.

ERNESTO DE FIORI

(Roma, Itália, 1884 / São Paulo, SP, 1945)

O jantar, 1942

Óleo sobre tela, 88 x 108 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Benjamin Steiner Rejtman, compra, 1970



Pintor, escultor e desenhista. Muda-se para Munique, na Alemanha, aos 19 anos, onde estuda desenho com Gabriel von Hackl na Real Academia de Belas Artes. Entre 1911 e 1914, reside em Paris, cidade em que realiza as primeiras esculturas, com auxílio do artista suíço Hermann Haller, e frequenta o meio intelectual e artístico. Na Primeira Guerra Mundial, atua como correspondente de um periódico italiano e passa a combater como soldado. Em 1917, abandona o serviço militar e vai para Zurique, na Suíça. Entre 1918 e 1919, surge uma polêmica entre o artista e o grupo dadaísta, por divergências sobre o conceito de arte. Ele se opõe a todo movimento que defenda o rompimento com a arte precedente. Percebendo a ascensão do nazismo, o artista deixa a Alemanha e, em 1938, desembarca em São Paulo, onde rapidamente se aproxima dos modernistas brasileiros. No país, dedica-se à pintura, sobretudo figurativa, representando paisagens, fazendas, florestas e algumas cenas de queimadas. Durante a década de 1940, participa de encontros com críticos de arte e artistas no ateliê de Rossi Osir para discussão sobre arte e retrata cenas urbanas de São Paulo: ruas angulosas, transeuntes solitários e apressados, grandes edifícios e avenidas. Deixa um grande legado ao Brasil, com obras em acervos de diversos museus.

PAULO ROSSI OSIR

(São Paulo, SP, 1890-1959)

Paisagem, 1945

Óleo sobre tela, 47 x 62 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: não identificada, sem data



Pintor, desenhista e arquiteto. Recebe iniciação à pintura pelo pai, Cláudio Rossi, arquiteto. De mãe francesa e pai italiano, é educado na Europa e frequenta entre 1906 e 1907 a Accademia di Belle Arti di Brera, tendo como mestre Alberto Beniscelli. Em 1908, toma cursos de aquarela e água-forte na Inglaterra. Retorna ao Brasil, onde reside de 1909 a 1912, cursando a Escola Politécnica, em São Paulo, e frequentando o Liceu de Artes e Ofícios. Viaja em seguida para a França para estudar arquitetura, frequenta o ateliê do arquiteto Victor Alexandre Frédéric Laloux e a Académie de la Grande Chaumière, em Paris, na Itália recebe diploma de construtor, em Milão, em 1915, completando sua formação em 1916, na Real Academia de Bolonha. Inscrevendo-se numa tradição familiar, decide dedicar-se às artes. No Brasil, participa da fundação da Sociedade Pró-Arte Moderna e da Família Artística Paulista, destacando-se pelo incentivo dado à produção artística dos membros do Grupo Guanabara. O ano de 1940 marca a fundação da Osirarte, empresa especializada em azulejos artísticos e lugar de encontro entre diferentes artistas, como Alfredo Volpi, Mario Zanini e Hilde Weber. A Osirarte também colabora com Candido Portinari na realização de um mural para o edifício do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, e para a Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte, produzindo os azulejos desenhados por Candido Portinari. A empresa funciona até 1959, ano de falecimento de Osir. Ainda em vida, participa de importantes exposições, entre elas a 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, e o 3º Salão Paulista de Arte Moderna, em 1954.

CARLOS SCLIAR

(Santa Maria, RS, 1920 / Rio de Janeiro, RJ, 2001)

Sem título, 1947

Guache e pastel oleoso sobre papel sobre compensado, 43 x 28,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: não identificada, sem data



Desenhista, gravador, pintor, ilustrador, cenógrafo, roteirista e designer gráfico. Aos 14 anos, recebe as primeiras aulas de arte com o pintor austríaco Gustav Epstein. Em 1935, já residindo em Porto Alegre, participa da Exposição do Centenário Farroupilha. Em 1938, junto a João Fahrion, funda a Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, num ambiente de contestação aos cânones do Neoclassicismo e à arte oficial desenvolvida pela Escola de Belas Artes. Em 1940, muda-se para São Paulo, onde se relaciona com os artistas do Grupo Santa Helena. Também integrou a Família Artística Paulista, outro movimento de contestação aos acadêmicos. Viaja para Paris em 1947, depois da Segunda Guerra Mundial, e participa intensamente dos movimentos da defesa da paz entre os povos. Percorre França, Itália, Checoslováquia, Polônia, Portugal e outros países, sempre dando atenção especial à gravura e às artes gráficas. Ao retornar, no ano de 1950, estabelece-se em Porto Alegre, buscando suas raízes. Além de se dedicar à pintura e à gravura, inaugura uma nova fase, trabalhando na imprensa. É um dos responsáveis também pela criação do Clube de Gravura de Porto Alegre. Dedicar-se à execução de ilustrações para diversos livros. Depois, alterna sua residência entre Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e Ouro Preto. A partir de 1960, passa a viver exclusivamente da pintura, realizando inúmeras mostras individuais com trabalhos criados em seus ateliês de Cabo Frio, onde passou a morar, e de Ouro Preto. As obras de Carlos Scliar podem ser vistas em acervos de museus e coleções nacionais e estrangeiras.

LASAR SEGALL

(Vilna, Lituânia, 1891 / São Paulo, SP, 1957)

Caboclas montadas, 1948

Óleo sobre tela, 62 x 50,6 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Roberto Pinto de Souza, 1990



Pintor, escultor, desenhista e gravador. Sexto de oito irmãos, no seio de uma família judia, já desde criança adquire gosto pela arte e frequenta a escola de desenho local. Aos 17 anos, empreende sua primeira migração, para Berlim, onde estuda na Escola de Artes Aplicadas e, depois, na Academia Imperial de Belas Artes. Em 1910, descontente com as concepções arcaicas da Academia Imperial, muda-se para Dresden, onde frequenta a Academia de Belas Artes. Em 1912, realiza uma prolongada viagem, passando pelo Brasil, onde já vivem três dos seus irmãos. Em 1913, faz duas exposições no país, em São Paulo e Campinas. Em fins de 1913, retorna à Europa e, em seguida, eclode a Primeira Guerra Mundial, período em que Segall sofre enormemente, ficando confinado numa espécie de prisão domiciliar em Dresden. Finalmente, em 1916, consegue visitar a sua cidade natal, mas a encontra destruída pela guerra. A paisagem desolada causa-lhe forte impressão, e suas obras se voltam para uma nova linguagem expressiva. Em janeiro de 1919, funda com outros artistas o Grupo Secessão de Dresden, cujo objetivo é promover a arte expressionista. A partir desse momento, ele começa a ganhar reconhecimento e passa a figurar em museus públicos e coleções privadas. Em 1923, migra mais uma vez, instalando-se em São Paulo. É imediatamente acolhido pelos modernistas, que qualificam a sua chegada como uma vitória para as vanguardas brasileiras. Entre 1928 e 1932, reside em Paris, onde realiza suas primeiras experimentações no campo da escultura. De volta ao Brasil, dedica-se à organização da Sociedade Pró-Arte Moderna, entidade dedicada à disseminação das propostas vanguardistas em São Paulo. A partir disso, seu trabalho é exposto em inúmeras mostras no Brasil e na França, e muitas de suas obras passam a integrar coleções de museus brasileiros e franceses. Em 1943, é homenageado com uma grande exposição retrospectiva, realizada no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, e, em 1948, faz também uma grande exposição em Nova York. Grande parte de sua obra se caracteriza pela escolha de temas relativos aos excluídos e marginalizados: prostitutas, mendigos, emigrantes e pessoas que são alvo de preconceito. Ao longo de toda a sua carreira, dedica especial atenção à situação dos judeus, voltando sempre ao tema. Em 1967, seus filhos, Maurício e Oscar, criam o Museu Lasar Segall, instalado na antiga residência e ateliê do artista (projetados por Gregori Warchavchik em 1932). A partir de 2010, converte-se em uma das unidades museológicas do recém-criado Instituto Brasileiro de Museus.

FLÁVIO DE CARVALHO

(Amparo de Barra Mansa, RJ, 1899 / Valinhos, SP, 1973)

Retrato da cantora Maria Kareska, 1950

Óleo sobre tela, 110 x 80 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação do próprio artista, 1970



Pintor, desenhista, arquiteto, cenógrafo, teatrólogo, escritor, filósofo e músico. Sua família muda-se para São Paulo em 1900. Em 1911, começa a estudar em Paris e, três anos depois, na Inglaterra, onde, em Newcastle, em 1918, paralelamente cursa Engenharia Civil e Artes – na King Edward VII School of Fine Arts –, ambos no Armstrong College. Após finalizar o curso de Engenharia, em 1922, volta a residir em São Paulo, onde chega logo após a realização da Semana de Arte Moderna. Participa de concursos públicos de arquitetura, como o projeto para o Palácio do Governo do Estado de São Paulo, em 1927, e, embora nunca tenha vencido, seus projetos são considerados pioneiros no país. Em 1932, funda o Clube dos Artistas Modernos (CAM), junto com Antonio Gomide, Di Cavalcanti e Carlos Prado, no qual cria o Teatro da Experiência. Realiza a sua primeira exposição individual em 1934, mas a mostra é fechada sob alegação de atentado ao pudor e reaberta por ordem judicial alguns dias depois. Em 1947, causando escândalo, apresenta-se em passeata pelo centro da cidade de São Paulo com o *New Look*, um traje tropical masculino por ele desenvolvido que consiste de saia e blusa de mangas curtas e folgadas. Desenvolve atividades em várias áreas artísticas e intelectuais, caracterizando-se como um artista inovador e provocador.

FRANCISCO REBOLO

(São Paulo, SP, 1902-1980)

Paisagem, 1951

Óleo sobre tela, 38 x 54 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção particular, compra, 1970



Pintor, gravador e futebolista. Filho de imigrantes espanhóis, ele vive duas trajetórias: jogador de futebol e artista plástico. De 1917 a 1932, joga, entre outros, no Clube Corinthians (1921-1927) e, na década de 1930, desenha o escudo do time, muito semelhante ao usado atualmente; a partir de 1934, torna-se pintor e desenvolve uma carreira de quase meio século como artista plástico, considerado um mestre das paisagens. Inicia seus estudos em artes na Escola Profissional Masculina do Brás, onde faz aula de desenho com o professor Giuseppe Barquita. Em 1915, emprega-se como aprendiz de decorador, onde tem seu primeiro contato com o universo da pintura. Faz decoração de diversas casas e detalhes de igrejas em São Paulo. Sua carreira como decorador avança e, em 1934, transfere seu ateliê para a sala nº 231 do Edifício Santa Helena, na Praça da Sé, fato que marca o início de sua carreira como artista plástico, e engendra a formação do Grupo Santa Helena no ano seguinte. Nesse mesmo ano, expõe pela primeira vez, no 3º Salão Paulista de Belas Artes. A partir desse momento, participa de muitas outras exposições, o que lhe rende reconhecimento e vários prêmios. Em 1937, participa da formação do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo e integra a Família Artística Paulista. Na década de 1940, tem atuação no movimento para a criação do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o MAM. Fundamentalmente figurativo, a partir da década de 1950, realiza algumas experiências no Abstracionismo e Construtivismo. Obtém o prêmio de viagem ao exterior do 3º Salão Nacional de Arte Moderna, embarcando para a Europa em 1955. Durante a viagem, faz curso de restauração no Vaticano, participando da recuperação de uma obra de Rafael Sanzio (1483-1520). A partir de 1959, incentivado por Marcelo Grassmann, desenvolve uma série de gravuras.

SANTA ROSA

(João Pessoa, PB, 1909 / Nova Délhi, Índia, 1956)

Natureza-morta, 1955

Óleo sobre tela, 80 x 99 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: não identificada, 1970



Ilustrador, artista gráfico, cenógrafo, pintor, decorador, figurinista, gravador, professor e crítico. Exerce a profissão de contabilista em Salvador antes de se associar a Candido Portinari, em 1932, trabalhando como auxiliar na execução de vários murais no Rio de Janeiro. Ao longo de sua vida, projeta e ilustra livros para diversas editoras, mas realmente ganha reconhecimento por meio de seu trabalho como cenógrafo. Em 1933, funda a companhia Os Comediantes, sediada no Rio de Janeiro, que aspira a uma renovação do teatro brasileiro, em alinhamento com as trepidações provocadas pela Semana de Arte Moderna. Incumbido da criação dos cenários, passa a colaborar, em 1943, com o ator e diretor de teatro polonês Zbigniew Marian Ziembicki, na montagem da peça *Vestido de Noiva*, escrita por Nelson Rodrigues. A compartimentação do espaço cênico, representativa dos três níveis de desenvolvimento do enredo – realidade, memória ou alucinação – assim como o emprego peculiar da luz para atender às necessidades narrativas revolucionam o modo como era até então concebida a arte cenográfica. Nos anos seguintes, ministra aulas na Fundação Getúlio Vargas e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em 1952, integra a Comissão Nacional de Artes Plásticas e, em 1954, dirige o Conservatório Nacional de Teatro. Também produz algumas pinturas que denotam uma influência importante de Pablo Picasso e Candido Portinari. Participa de algumas exposições da Família Artística Paulista.



Vista da exposição
Salão de Maio e Família Artística Paulista, SP, 1937-1939



Salão de Maio e Família Artística Paulista, SP, 1937-1939

O Salão de Maio foi uma exposição coletiva de arte moderna idealizada e organizada por Quirino da Silva, crítico de arte, pintor, escultor, ceramista e gravador brasileiro. Aconteceu na cidade de São Paulo em três edições, 1937, 1938 e 1939. Foi custeado com verbas reunidas por Quirino da Silva junto à elite paulistana e à Prefeitura da cidade de São Paulo. Sua criação teve o intuito de continuar a estimular e consolidar o Modernismo no país, além de continuar a estimular e com outras iniciativas de artistas artizar. Mas, dessa vez, promovendo o intercâmbio com artistas internacionais, conseguido principalmente no 2º Salão, em 1938. Varam ao país artistas europeus, como Erik Smith, Roland Penrose e Isen Nicholson, e mexicanos, como o gravador Leopoldo Méndez e o pintor Dias de León, e na última edição, Alexander Calder, José Albers e Alberto Magnelli. Foi um dos poucos eventos da época que divulgaram a arte abstrata estrangeira no Brasil. Não tinha júri nem premiação, o interesse principal era a divulgação dos trabalhos e sua venda.

A Família Artística Paulista foi outro coletivo de artistas surgido em São Paulo, em 1937, fundado e dirigido por Paulo Rossi Osir, Wlademar do Costa e Paulo Mendes de Almeida. Foi mais moderado, menos vanguardista e menos ligado ao experimentalismo do que o Salão de Maio, fundado poucos meses antes. Também realizaram três exposições, em 1937, 1939 e a última em 1940, no Rio de Janeiro. Pouco depois dessa terceira mostra, o grupo deixou de existir.

Apesar da rixa entre seus organizadores, alguns artistas participaram tanto das saídas da Família Artística Paulista quanto dos Salões de Maio e, em ambos, eram encontradas obras bastante conservadoras, mais próximas do estilo acadêmico, ao lado de outras com características mais modernas. Os dois eventos foram bem-sucedidos e cumpriram sua finalidade, popularizar a arte moderna e levar à venda das obras. Tais aproximações artísticas demonstraram, fundamentalmente, o êxito do associativismo como estratégia dos artistas para poder ter uma atuação efetiva na vida cultural do país nesse período.

Entre os artistas que participaram estavam os modernistas já conhecidos e alguns novos. Nas exposições da Família Artística Paulista foram apresentados os integrantes do Grupo Santa Helena, que a partir daí começaram a ter notoriedade e obter o reconhecimento da crítica especializada. Desse numeroso elenco do MAI: Candido Portinari, Carlos Scliar, Clóvis Dias, Clóvis Graciano, Ernesto de Fiori, Flávio de Carvalho, Francisco Rebolo Gonçalves, Joaquim Lopes, Figueira Júnior, Lazar Segall, Oswaldo Goeldi, Paulo Rossi Osir, Santa Rosa, Tarsila do Amaral e Victor Brecheret.

Grupo Guanabara

A criação do Grupo Guanabara ocorreu em 1950, em torno do ateliê e oficina de molduras de Tikashi Fukushima, no Largo Guanabara. Imigrante japonês, ele chegou ao Brasil em 1940 e, após passar um período no interior do Estado de São Paulo e, posteriormente, no Rio de Janeiro, mudou-se, em 1949, para a capital paulista.

O grupo se reunia fundamentalmente para pintar e viajar, trocando ideias e críticas sobre as produções de cada um. Não tinham a mesma tendência, nem seguiam a mesma escola, eles compartilhavam o mesmo fervor pelo trabalho e acreditavam que juntos, somando esforços, conseguiriam chegar mais longe e ter mais espaço para mostrar suas obras. Quase todos moravam na Vila Mariana, muitos eram de origem japonesa, e a maioria dedicava-se a pintar paisagens da cidade.

Na quinta exposição do Grupo Guanabara, em 1959, Oswald de Andrade Filho escreveu: “O Grupo Guanabara quer debater, discutir o seu movimento e, para isso, não precisa de júri porque assume a responsabilidade de seus atos. É muito mais eficiente a polêmica num ambiente em que existe liberdade de expressão do que numa exposição onde nunca se sabe porque se foi aceito ou barrado...”. Com essas palavras podemos inferir o quanto era importante para os artistas esse coletivo que possibilitava furar a bolha das instituições formais e conseguir visibilidade e reconhecimento.

Podemos citar entre seus integrantes Arcangelo Ianelli, Ismênia Coaracy, Jorge Mori, Manabu Mabe, Marjô, Oswald de Andrade Filho, Sophia Tassinari, Thomaz Ianelli, Tomoo Handa, Wegá Nery, Yoshiya Takaoka, Yuji Tamaki e outros.



Grupo Guanabara. Da esquerda para a direita: Takahashi, Thomaz Ianelli, Germana di Angelis, Sofia Tassinari, Vicente Mecozzi, Mari Yohimoto, Arcangelo Ianelli, Tukika Okayama, Tomoo Handa, Cuoco, Fukushima e Marjô
Arquivo pessoal de Arcangelo Ianelli

ARCANGELO IANELLI

(São Paulo, SP, 1922-2009)

Casa, 1956

Óleo sobre tela, 61 x 46,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

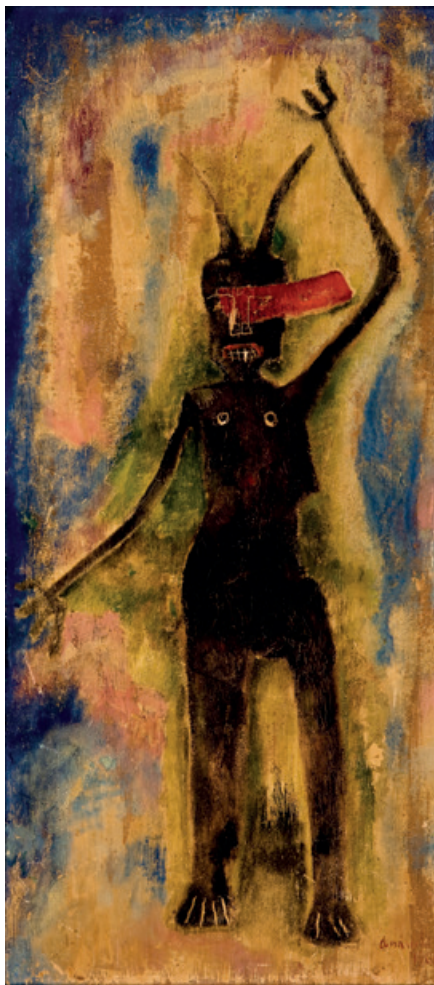
Procedência: Coleção do próprio artista, sem data



Pintor, escultor, ilustrador e desenhista. O artista considera-se autodidata apesar de ter estudado perspectiva na Associação Paulista de Belas Artes, em 1940, e pintura acadêmica com Colette Pujol em 1942. Logo depois, durante seis meses, frequenta o ateliê de Waldemar da Costa, onde conhece Lothar Charoux, Hermelindo Fiaminghi e Maria Leontina. Sempre disciplinado para o trabalho e comprometido com a técnica. Na década de 1950, faz parte do Grupo Guanabara. No início de sua carreira, é figurativo, desenha e pinta nus, retratos, paisagens marinhas, chegando gradualmente à abstração geométrica na década de 1960. A pintura abstrata e de cores depuradas é a principal característica das obras no fim da sua vida. É um colorista atento à luminosidade e às nuances cromáticas, apresentando ao fruidor uma pintura puramente sensorial. Participa de importantes exposições no Brasil e no exterior. Em 2002, é homenageado pelo X Salão Paulista de Arte Contemporânea de São Paulo e comemora seus 80 anos com retrospectiva montada pela Pinacoteca do Estado de São Paulo. Em agosto de 2004, o MAB FAAP abre ao público a exposição Iannelli – Os Caminhos da Figuração.

NONÊ DE ANDRADE – Oswald de Andrade Filho
(São Paulo, SP, 1914 / Guarujá, SP, 1972)

Orfeu Negro, 1960
Óleo e encáustica sobre compensado, 82,5 x 37 cm
Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP
Procedência: Coleção Máximo Barro, compra, 1998



Pintor, escritor, desenhista, cenógrafo, jornalista, músico e professor. Filho de Oswald de Andrade, mais conhecido sob o nome de Nonê de Andrade. Educado na Suíça, conhece diversas figuras renomadas da arte ocidental, como Erik Satie, Constantin Brâncusi, Robert Delaunay e Albert Camus. Estuda pintura com Candido Portinari, no Rio de Janeiro, entre 1931 e 1934, e com Anita Malfatti e Lasar Segall, em São Paulo, entre 1934 e 1936. Durante esse período, toma parte nas atividades do Clube dos Artistas Modernos – ao qual é vinculado o Teatro da Experiência, fundado em 1933. Participa de sucessivas Bienais. Nos anos 1950, integra o Grupo Guanabara, realizando cada vez mais exposições individuais a partir de 1954. Também atua em diversos organismos, desenvolvendo outros tipos de atividades: é redator do jornal *Gazeta*, produz literatura infantil e torna-se diretor do Museu de Artes e Técnicas Populares e do Teatro Municipal de São Paulo. Seu percurso artístico, marcado por uma influência forte dos primeiros modernistas brasileiros e interesse pelo surrealismo, é o tema de uma retrospectiva organizada em 1990 no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

SOPHIA TASSINARI

(São Paulo, SP, 1927-2005)

Sem título, 1978

Litogravura sobre papel – PA, 54,7 x 42,5 cm / 66,4 x 48,9 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: não identificada, sem data



Pintora, escultora, gravadora, cenógrafa e restauradora. Começa sua formação artística com Theodoro Braga, para, mais tarde, seguir durante três anos o curso de modelo vivo do Colégio Mackenzie, ao lado de Anita Malfatti e Mário de Andrade. Posteriormente, viaja para a França e Itália, onde se especializa na restauração de pinturas. Tendo se impregnado de paisagens campestres durante sua infância e desenvolvido uma fascinação pela natureza, Tassinari executa diversas representações de cenas rurais e composições florais. Contudo, não só retrata paisagens campestres como também pinta figuras humanas, especializando-se em nus. Além de dedicar-se à pintura, realiza esculturas, cerâmicas, murais e gravuras. Também faz experiências com lapidação de pedras e trabalha com cenografia e restauração de obras. É membro do Grupo Guanabara e do Sindicato dos Artistas Plásticos. Funda e dirige o Azulão Galeria de Arte por vários anos e leciona desenho e arte geométrica em alguns colégios de São Paulo.

THOMAZ IANELLI

(São Paulo, SP, 1932-2001)

Sem título, 1971

Óleo sobre tela, 72 x 38 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Pedro Luiz C. Parreira, compra, 2006



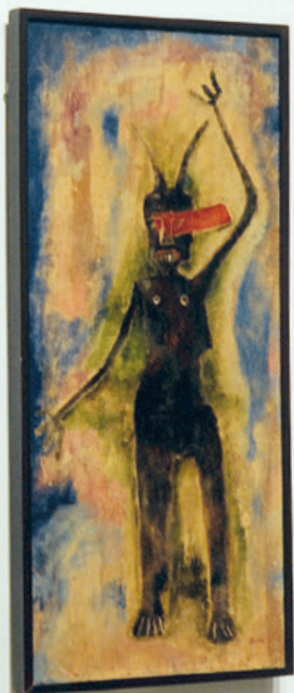
Pintor, gravador, aquarelista e desenhista. Entre 1948 e 1955, trabalha na Companhia dos Anúncios em Bondes, onde passa a desenvolver um interesse pelo desenho e pela arte publicitária. Em 1953, decide seguir aulas de desenho na Associação Paulista de Belas Artes sob a orientação de Ângelo Simeone, sem dedicar-se ainda completamente à pintura. A partir de 1954, começa a relacionar-se com Mario Zanini, Arnaldo Ferrari e Tikashi Fukushima, entre outros artistas, ao lado dos quais executa estudos de paisagens e naturezas-mortas. Arcangelo Ianeli, seu irmão, também participa das atividades do grupo. Em 1958, integra o Grupo Guanabara e passa a participar de suas exposições coletivas. Tendo recebido o prêmio de viagem no Concurso Velásquez, organizado pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, dá início, em 1961, a peregrinações pela Europa, visitando nove países. Descobre, então, as obras de artistas como Paul Klee e Karel Appel. Retorna ao Brasil em 1962 e, em 1966, participa da exposição Três Premissas, organizada pelo MAB FAAP. Recebe premiação na 9ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1967, e integra o conselho da Associação Internacional de Artes Plásticas da Unesco em 1972. Em 1982, é eleito o primeiro presidente da Associação Profissional de Artistas Plásticos, em São Paulo. De seu trabalho como ilustrador destaca-se a sua participação na publicação de *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente.



Lygia Clark
1965
1965
1965



Lygia Clark
1965
1965



Oswaldo de Andrade
O homem negro
1928
Óleo sobre tela
1,5 x 0,8 m



Arcangelo Lanelli
Casa
1959
Óleo sobre tela
0,8 x 1,2 m

Grupo Guanabara

A criação do Grupo Guanabara ocorreu em 1950, em torno do ateliê e oficina de molduras de Tazashi Fukushima, no Largo Guanabara. Imigrante japonês, ele chegou ao Brasil em 1940 e, após passar um período no interior do Estado de São Paulo e, posteriormente, no Rio de Janeiro, mudou-se, em 1949, para a capital paulista.

O grupo se reunia fundamentalmente para pintar e viajar, trocando ideias e críticas sobre as produções de cada um. Não tinham a mesma tendência, nem seguiam a mesma escola, eles compartilhavam o mesmo fervor pelo trabalho e acreditavam que juntos, somando esforços, conseguiriam chegar mais longe e ter mais espaço para mostrar suas obras. Quase todos moravam na Vila Mariana, muitos eram de origem japonesa, e a maioria dedicava-se a pintar paisagens da cidade.

Na quinta exposição do Grupo Guanabara, em 1959, Oswald de Andrade Filho escreveu: "O Grupo Guanabara quer debater, discutir seu movimento e, para isso, não precisa de júri porque assume a responsabilidade de seus atos. É muito mais eficiente a polêmica num ambiente em que existe liberdade de expressão do que numa exposição onde nunca se sabe porque se foi aceito ou barrado...". Com estas palavras podemos inferir o quanto era importante para os artistas esse coletivo que possibilitava furar a bolha das instituições formais e conseguir visibilidade e reconhecimento.

Podemos citar entre seus integrantes Arcangelo Lanelli, Izamária Coaracy, Jorge Mori, Marabu Mabe, Mayá, Oswaldo de Andrade Filho, Sophia Tassinari, Thomas Lanelli, Tomoo Hanta, Wlega Nery, Yoshiya Takaoaka, Yuj Yamaki e outros.



Grupo Guanabara
De esquerda para a direita: Takaoaka, Thomas Lanelli, Izamária Coaracy,
Sophia Tassinari, Wlega Nery, Mayá, Oswaldo de Andrade Filho,
Yoshiya Takaoaka, Jorge Mori, Marabu Mabe e Yuj Yamaki.

Atelier-Abstração

Foi criado por Samson Flexor no início da década de 1950. O artista, que recentemente havia chegado de Paris, quando se estabeleceu em São Paulo, encontrou um campo artístico instigado por discussões sobre a arte abstrata. Em 1951, com a exposição de Max Bill no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) e a presença da delegação suíça na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, o país virou um terreno propício para as novas tendências construtivas, que foram amplamente exploradas a partir de então.

O ateliê funcionava em sua própria casa, onde dava aulas de pintura e desenho para jovens artistas. Para ser aceito o candidato tinha que passar por um teste, desenhar um violão com régua e esquadro. Sua metodologia consistia em, paulatinamente, introduzir a abstração nas obras. Primeiramente, ensinava a interpretar as formas essenciais do modelo escolhido, seguindo a técnica cubista de fragmentação em planos geométricos. Outro recurso era, usando papel quadriculado, desenhar em perspectiva. Finalmente trabalhava as cores, primeiro tons quentes, depois frios.

O Atelier-Abstração foi, nesse momento, um espaço de suma importância para a formação artística na cidade de São Paulo. Flexor defendia a abstração, mas era distante da abstração lírica e também não se aproximou dos movimentos concreto e neoconcreto. Participaram do grupo, entre outros, Alberto Teixeira, Emílio Mallet, Izar do Amaral Berlinck, Jacques Douchez, Leopoldo Raimo, Leyla Perone-Moisés, Norberto Nicola, Wega Nery e Zilda Andrews. Flexor e seus alunos organizaram várias exposições – a primeira, em 1953, no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB-SP), em São Paulo; a segunda, em 1954, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP). Nesse momento, o ateliê mudou-se para uma nova residência-ateliê, projetada por Rino Levi, na Rua Gaspar Lourenço, 587, na Vila Mariana. Realizaram outra mostra em 1955, no Instituto Mackenzie, mas foi em 1956, na nova exposição do grupo no MAM-SP, que ficaram mais claras as ideias e os aprendizados na escola: buscar o equilíbrio entre as formas geométricas, insinuar ritmo e movimento através da composição, desenvolver sensibilidade cromática e alcançar a unidade estrutural da obra. No catálogo, Flexor afirmava, numa espécie de manifesto do Atelier-Abstração: “Um quadro abstrato não

representa, mas se apresenta / Um quadro abstrato não exprime, mas se exprime / Um quadro abstrato em si mesmo já é uma presença e significa só ele mesmo”. Assim ficou definida sua visão da pintura como aparentada com a arquitetura e a música, e já não mais como uma arte da imitação.

Em 1958, depois de uma coletiva em Nova York, o primeiro grupo se dispersou. Em 1961, Flexor fez uma nova tentativa, abrindo o Ateliê Abstração 2, onde se encontravam Charlotta Adlerová, Halina Drapinski, Maria Helena Occhi, Ida Chaib, Michiko Komatsu, André Cahen, Hans Grunebaum e Sérgio de Freitas Azevedo, mas essa empreitada teve vida fugaz, pela falta de coerência entre os participantes.



Ateliê-abstração
na rua Gaspar Lourenço
Ao alto Samson Flexor, da esquerda
para a direita Izar do Amaral
Berlinck, Zilda Andrews, Emilio
Mallet e Leopoldo Raimo, em baixo,
Jacques Douchez e Leyla Perrone,
c.1951
Fonte: <https://icaamobile.mfah.yourcultureconnect.com/e/concrete-and-neo-concrete-art>

SAMSON FLEXOR

(Soroca, Rússia, 1907 / São Paulo, SP, 1971)

Negras, 1947

Óleo sobre tela, 115 x 146 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: não identificada, sem data



Pintor, desenhista, muralista e professor. Nascido numa família judia da Bessarábia, na Rússia, migra para a Bélgica para estudar na Académie Royale des Beaux-Arts, onde ingressa em 1922, ao mesmo tempo que realiza estudos de química. Em 1924, decide mudar-se para Paris para integrar a École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, enquanto, paralelamente, cursa História da Arte na Sorbonne. Nos anos que seguem a sua primeira exposição individual – organizada em 1927 –, expõe reiteradamente no Salon des Surindépendant, coletivo do qual assume a direção até 1938, na qualidade de membro fundador. Em 1940, foge de Paris, onde atua como membro da Resistência Francesa contra a ocupação nazista, e se refugia na Normandia. Entra, então, numa fase mais sombria, marcada por estudos expressionistas e cubistas de cunho religioso, evolução também impulsionada pela sua conversão ao catolicismo em 1933. É como artista maduro que se instala em São Paulo, em 1948, encorajado pelo sucesso de sua primeira exposição em solo brasileiro, em 1946. Pouco após sua chegada, volta-se para o Abstracionismo. Vira um pioneiro do gênero no país. Participa, em 1949, da mostra inaugural do Museu de Arte Moderna de São Paulo: Do Figurativismo ao Abstracionismo e, em 1951, funda o Atelier-Abstração, onde também leciona, formando uma nova geração de artistas.

CHARLOTTA ADLEROVÁ

(Berlim, Alemanha, 1908 / São Paulo, SP, 1989)

Variante C, 1966

Tinta acrílica e barbante sobre isopor, 100 x 100 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação da própria artista, 1967



Pintora, desenhista, gravadora, ilustradora, diretora de arte e publicitária. Estuda na Alemanha, na Escola de Artes Aplicadas em Berlim-Charlottenburg, e design de moda na Escola Reimann com Assaf Kenan. Na época, sua pintura é de tendência expressionista. Essa formação, em parte orientada pela Bauhaus, causa um impacto positivo em seu currículo, especialmente por seu trabalho com diretores de arte. Foge do nazismo, desembarcando em Santos em 1939, e se estabelece em São Paulo, onde é naturalizada brasileira. No ano de 1952, começa a estudar pintura com Waldemar da Costa e, uns anos depois, frequenta o Atelier-Abstração, de Samson Flexor. Nesse período, envereda para a abstração geométrica. Ela é uma das pioneiras da história da publicidade no Brasil, o que viabiliza que a sua primeira exposição individual, em 1965, seja em Nova York, na galeria da agência de publicidade JW Thompson Company. Participa de seis edições do Salão Paulista de Arte Moderna (SPAM), na Galeria Prestes Maia, entre 1957 e 1968, e da 11ª Bienal Internacional de São Paulo.

JACQUES DOUCHEZ

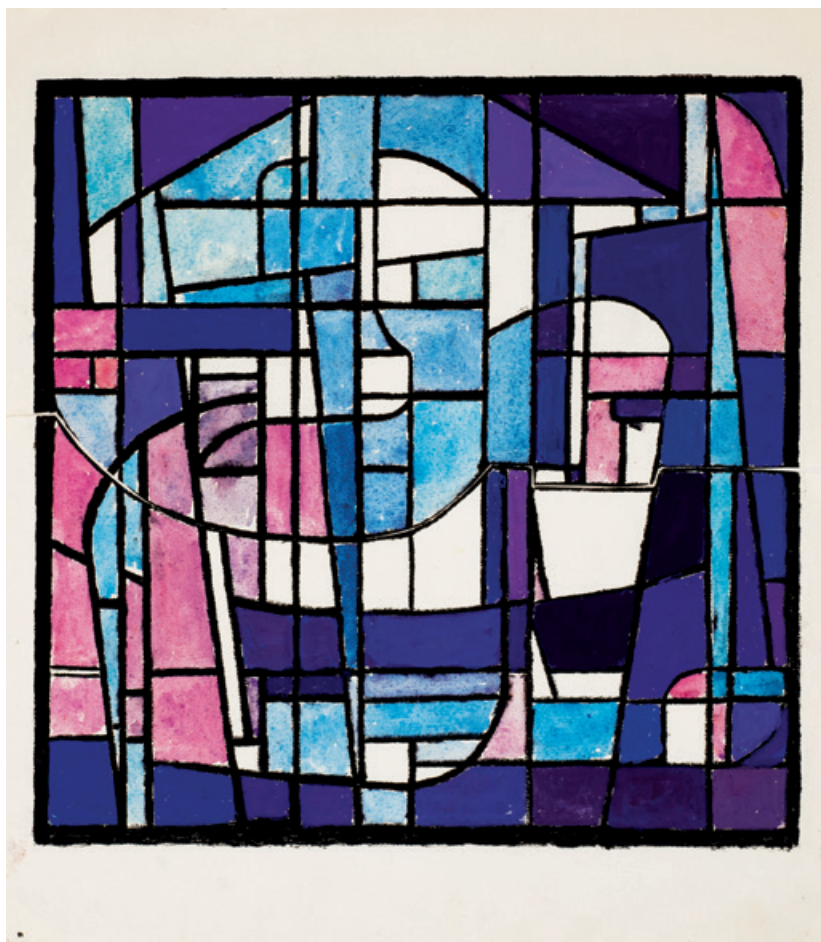
(Mâcon, França, 1921 / São Paulo, SP, 2012)

Sem título - Desenho preparatório para vitral do hall do Prédio 1 da FAAP, c. 1960

Guache sobre papel, 27 x 26,9 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação do Espólio de Jacques Douchez, inventariante Roland Clauset, em processo desde 2016



Pintor e tapeceiro. Chega ao Brasil em 1947. A partir de 1951, integra o Atelier-Abstração, de Samson Flexor. Participa da 2ª Bienal de São Paulo, mostrando pinturas abstratas, e da 1ª Mostra do Atelier-Abstração, no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB-SP), ambas em 1953. Em 1959, funda o Atelier Douchez-Nicola com Norberto Nicola, onde passam a produzir tapeçarias. De 1961 em diante, apresenta suas tapeçarias em inúmeras exposições importantes, junto com Nicola. Aos poucos, suas peças saem do plano e tornam-se tridimensionais. Em 1974, expõe na 1ª Mostra Brasileira de Tapeçaria, que tem lugar no MAB FAAP. Durante os anos 1970 e 1980, apresenta suas obras novamente em várias Bienais no Brasil e no exterior e participa da 1ª, 2ª e 3ª Trienal de Tapeçaria de São Paulo, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1976, 1979 e 1982, respectivamente. Em 1980, o Atelier Douchez-Nicola encerra suas atividades. O artista monta seu ateliê no interior de São Paulo, em São Lourenço da Serra, onde continua produzindo formas tecidas. A partir dos anos 1990, volta à pintura a óleo e ao guache, sempre tendendo à abstração.

IZAR DO AMARAL BERLINCK

(São Paulo, SP, 1918-1990)

Tronco velho em flor, 1963

Xilogravura sobre papel – 6/10, 60 x 35 cm / 70 x 50 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação da própria artista, 1966



Pintora, gravadora e professora. Estuda pintura com Waldemar da Costa e no Atelier-Abstração, de Samson Flexor. Na gravura é autodidata, seguindo as técnicas de Lívio Abramo. A partir de 1960, participa de numerosas exposições individuais e coletivas em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador, Ouro Preto, Brasília, Santos, Buenos Aires (Argentina), Liubliana (Eslovênia), Cracóvia (Polônia), Maryland (Estados Unidos), Biella (Itália) e Paris (França), incluindo a Bienal Internacional de São Paulo em 1953, 1955, 1963, 1967 e 1969, o Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1969, 1971, 1974 e 1977. É uma das fundadoras, em 1964, do Núcleo de Gravadores de São Paulo (Nugrasp), chegando a ser presidente do grupo. Através dessa entidade, organiza várias exposições individuais e coletivas de gravadores no país e no exterior, por exemplo, a 1ª Exposição Internacional de Gravura, realizada pelo Nugrasp, em 1969, no MAB FAAP.

WEGA NERY

(Corumbá, MT, 1912 / Guarujá, SP, 2007)

Lugar inesquecível nº 2, 1969

Óleo sobre tela, 90 x 90 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Walter Domínguez Fernández, compra, 1984



Pintora, desenhista, poeta e professora. Começa sua trajetória profissional como professora e poeta no início da década de 30, quando o desenho e a pintura ainda são desenvolvidos de forma autodidata. Em 1946, matricula-se na Escola de Belas Artes, em São Paulo, onde estuda com Theodoro Braga e Joaquim da Rocha Ferreira. Incentivada por Sérgio Milliet, a artista passa a colocar as artes visuais em primeiro plano. Na década de 1950, tem aulas com Yoshiya Takaoka. Em 1952, participa do Grupo Guanabara e, em 1953, frequenta o Atelier-Abstração, de Samson Flexor, onde produz as primeiras pinturas abstratas, de tendência geométrica. Desde sua fase inicial com obras figurativas, passa por desenhos com nanquim e óleos monocromáticos até chegar a sua abstração gestual. Em 1955, expõe desenhos no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Está presente em várias Bienais Internacionais de São Paulo, é premiada como melhor desenhista nacional na edição de 1957 e recebe salas especiais em 1963, 1973 e 1989. Entre as tantas exposições onde mostra suas obras vale destacar a exposição 3 Premissas no MAB FAAP, em 1966, e sete participações no Panorama da Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, a partir do primeiro, entre 1969 e 1986.



Small white informational label.



Small white informational label.



Small white informational label.



DEPOIS DE 1922

Vista da exposição
Atelier-Abstração



Atelier-Abstração

Foi criado por Samson Flexor no início da década de 1950. O artista, que recentemente havia chegado de Paris, quando se estabeleceu em São Paulo, encontrou um campo artístico instigado de Max em discussões sobre a arte abstrata. Em 1951, com a exposição de Max Bili no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) e a presença da delegação suíça na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, o país virou um terreno propício para as novas tendências construtivas, que foram amplamente exploradas a partir de então.

O ateliê funcionava em sua própria casa, onde dava aulas de pintura e desenho para jovens artistas. Para ser aceito o candidato tinha que passar por um teste, desenhar um violão com régua e esquadro. Sua metodologia consistia em, paulatinamente, introduzir a abstração nas obras. Primeiramente, ensinava a interpretar as formas essenciais do modelo esboçado, seguindo a técnica cubista de fragmentação em planos geométricos. Outro recurso era, usando papel quadriculado, desenhar em perspectiva. Finalmente trabalhava as cores, primeiro tons quentes, depois frios.

O Atelier-Abstração foi, nesse momento, um espaço de suma importância para a formação artística na cidade de São Paulo. Flexor defendia a abstração, mas era distante da abstração lírica e também não se aproximou dos movimentos concreto e neoconcreto. Participaram do grupo, entre outros, Alberto Teixeira, Emílio Mallet, Izar do Amaral Berlínck, Jacques Douchez, Leopoldo Raimo, Leyla Perrone-Moisés, Norberto Nicola, Wega Nery e Zilda Andrews. Flexor e seus alunos organizaram várias exposições – a primeira, em 1953, no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB-SP), em São Paulo; a segunda, em 1954, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP). Nesse momento, o ateliê mudou-se para uma nova residência-ateliê, projetada por Rino Levi, na Rua Gaspar Lourenço, 537, na Vila Mariana. Realizaram outra mostra em 1955, no Instituto Mackenzie, mas foi em 1956, na nova exposição do grupo no MAM-SP, que ficaram mais claras as ideias e os aprendizados na escola: buscar o equilíbrio entre as formas geométricas, insinuar ritmo e movimento através da composição, desenvolver sensibilidade cromática e alcançar a unidade estrutural da obra. No catálogo, Flexor afirmava, numa espécie de manifesto do Atelier-Abstração: "Um quadro abstrato não representa, mas se apresenta! Um quadro abstrato não exprime, mas se exprime! Um quadro abstrato em si mesmo já é uma presença e significa só ele mesmo". Assim ficou definida sua visão da pintura como aparentada com a arquitetura e a música, e já não mais como uma arte de imitação.

Em 1958, depois de uma coletiva em Nova York, o primeiro grupo se dispersou. Em 1961, Flexor fez uma nova tentativa, abrindo o Ateliê Abstração 2, onde se encontravam Charlotita Acilerová, Halina Drepanis, Maria Helena Occhi, Ida Chab, Michiko Komatsu, André Cahen, Hans Grunbaum e Sérgio de Freitas Azevedo, mas essa empreitada teve vida fugaz, pela falta de coerência entre os participantes.



Atelier-Abstração na Rua Gaspar Lourenço
de São Paulo. Flexor, da esquerda para a direita:
Halina Drepanis, Maria Helena Occhi, Zilda Andrews,
Norberto Nicola e Leyla Perrone-Moisés, 1953.
Foto: Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Atelier Douchez-Nicola

Criado, em 1959, por Norberto Nicola e Jacques Douchez. Ambos os artistas tinham se conhecido uns anos antes no Atelier-Abstração, de Samson Flexor, e decidiram abrir juntos esse espaço, especialmente dedicado à produção de tapeçarias.

A tradição da tapeçaria decorativa brasileira foi iniciada por Regina Graz, na década de 1940, com a fábrica Tapetes Regina, que comercializava vários tipos de produtos têxteis. Além de tapetes, eram produzidas almofadas, cortinas, colchas e abajures. A tapeçaria moderna tratada como linguagem artística foi vista pela primeira vez no ateliê de Genaro de Carvalho, na Bahia, em 1953. Nesse período as obras têxteis do francês Jean Lurçat já faziam sucesso internacional. Douchez e Nicola seguiram seus passos. Justamente no ano em que fundaram seu ateliê, Regina Graz desmontou sua tecelagem e vendeu os teares, e uma de suas tecelãs, Gertrude, uma das mais experientes, foi trabalhar com eles. Muito provavelmente, o auxílio dessa artesã foi de grande ajuda nas pesquisas dos artistas. No início trabalhavam a tapeçaria plana, mas depois de alguns anos começaram a experimentar e foram transformando as peças em objetos tridimensionais. Com certeza, influenciados pelas obras da polonesa Magdalena Abakanowicz e da iugoslava Jagoda Buic, reveladas na 2ª Bienal de Tapeçaria de Lausanne, em 1965, em que foram as primeiras a romper com o plano tradicional das urdiduras. O encontro presencial com as obras de Magdalena Abakanowicz ocorreria no mesmo ano no Brasil, já que ela também participou da 8ª Bienal Internacional de São Paulo, onde recebeu a Medalha de Ouro pelo conjunto da obra no Setor de Artes Aplicadas.

No ateliê, cada artista assinava separadamente e produzia suas formas tecidas com técnicas diferentes. Nicola construía suas peças ao acaso, usava quase sempre uma espécie de fundo, tecido com um tipo de corda colorida de algum dos materiais tradicionais da tapeçaria. E, na frente, partindo de tiras de feltro junto com outros materiais, como raízes, folhas, terra, penas, árvores e cipós, trançava cuidadosamente algumas vezes ou, em outras ocasiões, mais desorganizadamente, formando relevo nesse laborioso entrelaçado de cores quentes e envolventes, que pareciam recortes de uma floresta. Douchez partia mais da inspiração de tecidos populares, plantas, árvores, cidades, muitas vezes realizando estudos com feltro. Mas não queria que suas obras, uma vez finalizadas, fossem identificadas com objetos. Suas criações formam desenhos geométricos e tem uma aparência mais maciça. Usavam em seus trabalhos geralmente a lã crua, fazendo eles mesmos o tingimento, e também sisal, estopa, cânhamo, linho e algodão.

O ateliê funcionou por pouco mais de duas décadas. Depois desse período de grande produtividade, os artistas decidiram trabalhar separadamente. Nicola seguiu com seu ateliê na casa da Alameda Gleite, e Douchez instalou o seu num sítio em São Lourenço da Serra. Os dois conseguiram expor inúmeras vezes e receberam encomendas de grandes tapeçarias para espaços públicos, inclusive de outros países.



Norberto Nicola, década 1960
Arquivo Norberto Nicola



Jacques Douchez e Norberto Nicola, 1967
Arquivo Norberto Nicola



Jacques Douchez, Ateliê São Lourenço da Serra, c. 1982
Fotografia: Claudio Pulhesi
Arquivo Abdalla e Douchez

NORBERTO NICOLA

(São Paulo, SP, 1931-2007)

Preto, branco e azul, 1970

Lã em tear manual, 260 x 240 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Emanuel Araujo, compra, 1985



Pintor, desenhista, tapeceiro, escultor e gravador. Em 1954, inicia o curso para professores de desenho na Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) e começa a frequentar o Atelier-Abstração, de Samson Flexor, em São Paulo. É ali que conhece Jacques Douchez e, junto com ele, funda, em 1959, o Atelier Douchez-Nicola, especializado em tapeçaria. Faz estágios na Europa em vários locais que produzem tapeçarias, o mais importante é a manufatura de Aubusson, na França, onde essa tradição é praticada desde o século 17. A Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) outorga-lhe o prêmio da categoria Tapeçaria em 1973. Em 1974, expõe na 1ª Mostra Brasileira de Tapeçaria, no MAB FAAP. É um dos idealizadores da Trienal de Tapeçaria de São Paulo, realizada no Museu de Arte Moderna São Paulo, com três edições a partir de 1976. Paralelamente, torna-se colecionador e estudioso da arte plumária brasileira. Produz mostras importantes, como a Arte Plumária no Brasil, em 1980, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP). No final dos anos 1990, começa a experimentar o uso de meios eletrônicos, produzindo gravuras digitais.

JACQUES DOUCHEZ

(Mâcon, França, 1921 / São Paulo, SP, 2012)

Sem título - Estudo para tapeçaria, c. 1980

Feltro, 28 x 16,5 x 2,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação do Espólio de Jacques Douchez, inventariante Roland Clauset, em processo desde 2016



Pintor e tapeceiro. Chega ao Brasil em 1947. A partir de 1951, integra o Atelier-Abstração, de Samson Flexor. Participa da 2ª Bienal de São Paulo, mostrando pinturas abstratas, e da 1ª Mostra do Atelier-Abstração, no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB-SP), ambas em 1953. Em 1959, funda o Atelier Douchez-Nicola com Norberto Nicola, onde passam a produzir tapeçarias. De 1961 em diante, apresenta suas tapeçarias em inúmeras exposições importantes, junto com Nicola. Aos poucos, suas peças saem do plano e tornam-se tridimensionais. Em 1974, expõe na 1ª Mostra Brasileira de Tapeçaria, que tem lugar no MAB FAAP. Durante os anos 1970 e 1980, apresenta suas obras novamente em várias Bienais no Brasil e no exterior e participa da 1ª, 2ª e 3ª Trienal de Tapeçaria de São Paulo, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1976, 1979 e 1982, respectivamente. Em 1980, o Atelier Douchez-Nicola encerra suas atividades. O artista monta seu ateliê no interior de São Paulo, em São Lourenço da Serra, onde continua produzindo formas tecidas. A partir dos anos 1990, volta à pintura a óleo e ao guache, sempre tendendo à abstração.

JACQUES DOUCHEZ

(Mâcon, França, 1921 / São Paulo, SP, 2012)

***Rubicão*, 1981**

Lã em tear manual, 160 x 107 x 17,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

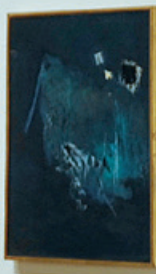
Doação do Espólio de Jacques Douchez, inventariante Roland Clauset, em processo desde 2016






Grupa Guanabara

Grupa Guanabara este o grupă de artiști brazilieni care s-a format în anul 1968 în Guanabara, Rio de Janeiro. Membrii grupului sunt: Roberto Burle Marx, Lygia Clark, Hélio Oiticata, Nelson Leirer, Ivan Serpa, Zé Celso, and others. Grupul este cunoscut pentru abordarea sa interdisciplinară a artei, combinând pictura, sculptura, arhitectura și teatrul. În anul 1968, grupul a organizat o expoziție la Galeria de Arte de São Paulo, intitulată "Grupa Guanabara".



Atelier Douchez-Nicola

Atelier Douchez-Nicola este o lucrare de artă realizată de artistul brazilian Roberto Burle Marx în anul 1968. Este o lucrare de artă interdisciplinară care combină arhitectura, sculptura și pictura. Lucrarea este realizată din beton și este o lucrare de artă publică care este instalată în exterior. Lucrarea este o lucrare de artă care este o lucrare de artă publică care este instalată în exterior. Lucrarea este o lucrare de artă care este o lucrare de artă publică care este instalată în exterior.



Saïbi-Kal

En 1968, Jean Douchez et Nicola Pietrangeli ont créé le Saïbi-Kal, un vêtement qui révolutionne la mode. Ce vêtement est conçu pour être porté de différentes manières, ce qui le rend unique et polyvalent. Il est fabriqué en laine et est disponible en plusieurs couleurs.

Le Saïbi-Kal est un vêtement qui a révolutionné la mode. Il est conçu pour être porté de différentes manières, ce qui le rend unique et polyvalent. Il est fabriqué en laine et est disponible en plusieurs couleurs.

Le Saïbi-Kal est un vêtement qui a révolutionné la mode. Il est conçu pour être porté de différentes manières, ce qui le rend unique et polyvalent. Il est fabriqué en laine et est disponible en plusieurs couleurs.



Vista da exposição
Atelier Douchez-Nicola

Reverberações do Modernismo e da arte popular em outras regiões

As dimensões de um país continental, somadas à comunicação muito menos ágil na primeira metade do século XX, fizeram com que as diferentes regiões do Brasil tivessem processos modernistas dissimilares. É claro que as conjunturas políticas, sociais e econômicas das diversas cidades também determinaram esse descompasso. A seguir, vamos nos aprofundar em alguns desses processos.

Em Recife, em 1926, ocorreu o Manifesto Regionalista, constituído por um conjunto de declarações elaboradas por um grupo modernista de vertente regionalista da capital de Pernambuco, liderado pelo sociólogo Gilberto Freyre. Esse movimento expressava a necessidade de restituir a cultura regional nordestina. Em 1928, houve uma mostra individual de Cícero Dias, com prefácio de Gilberto Freyre que, segundo alguns pesquisadores, poderia ser considerada a primeira exposição modernista de Pernambuco. E, em 1930, por articulação dos irmãos Rego Monteiro, Recife inaugurou a primeira exposição de arte moderna europeia da América do Sul. Pesquisas recentes defendem que, por meio da circulação e trocas artísticas dos irmãos e artistas Fedora, Vicente e Joaquim do Rego Monteiro, Pernambuco foi porto de chegada de vanguardas europeias não apenas no Brasil, mas na América do Sul. Eles fizeram o Brasil tomar contato com a arte moderna antes dos grandes eventos oficiais de São Paulo, como a Semana de Arte Moderna de 1922.

O Modernismo chegou à Bahia por meio da literatura na década de 1920, mas nas artes o processo foi mais demorado. A Escola de Belas Artes continuava sua tradição acadêmica. Os artistas baianos premiados com viagens à Europa tinham contato com a arte moderna, mas, voltando ao país, traziam pouca influência à cena baiana, que era conservadora e tradicionalista. O primeiro artista a mostrar uma arte não acadêmica foi José Guimarães, em 1932, mas a exposição acabou não sendo bem recebida pelo público. Em 1944, houve mais duas tentativas, uma coletiva de arte moderna organizada por Jorge Amado, juntamente com o artista Manoel Martins e o jornalista Odorico Tavares, com obras de mais de 80 artistas modernistas já atuantes no eixo Rio-São Paulo; e a Primeira Mostra de Arte Moderna da Bahia, uma exposição dos artistas Mário Cravo Júnior, Carlos Frederico Bastos e Genaro de Carvalho, mas ambas se sucederam sem grande repercussão. A Bahia só conheceu transformações realmente marcantes nas áreas da cultura e das artes a partir da gestão de Otávio Mangabeira (1947-1951), que também foi o primeiro governador

a realizar uma política de apoio e incentivo à cultura. Ele executou diversas ações, como a Exposição de Arte Contemporânea, realizada em 1948, a criação dos Salões Baianos de Belas Artes, a partir de 1949, e o convite de artistas modernistas para pintarem painéis no Centro Educacional Carneiro Ribeiro. E juntamente houve uma preparação do público para compreender e aceitar essa nova arte por meio da imprensa, que, articulada com os objetivos do governo, divulgava esses eventos. Tudo isso contribuiu para a mudança de paradigmas, favorecendo o Modernismo na Bahia, que finalmente encontrou espaço, prestígio, apoio e aceitação.

Em Fortaleza, foi criada a Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) em 1944, que teve parte importante na disseminação da arte moderna no Ceará. Ela foi fruto do Centro Cultural de Belas Artes (CCBA), fundado por Mário Baratta em 1941, um espaço para exposições permanentes e cursos de arte, primeira entidade inteiramente dedicada às artes visuais na capital cearense. Revelou novos talentos, como Antonio Bandeira e Aldemir Martins, além de consolidar artistas regionais, como Raimundo Cela.

No centro do país o processo foi mais tardio. Em 1942 inaugurou-se oficialmente Goiânia, nova capital de Goiás, construída com vários prédios públicos no estilo art déco. Pode-se considerar Goiânia como iniciadora e irradiadora do Modernismo no Estado, tanto nas artes plásticas quanto na arquitetura. No início dos anos de 1950, a cidade encontrava-se estabelecida e solidificada como capital. Em 1960 foi a vez de Brasília ser inaugurada como nova capital do país. Além da arquitetura moderna, obras públicas de vários artistas modernos foram incorporadas aos projetos, e, hoje, viraram marcos da cidade os painéis de azulejos de Athos Bulcão; o painel formado de blocos de concreto nas fachadas laterais do Teatro Nacional, também criado por Athos Bulcão; a escultura de Bruno Giorgi Os Guerreiros – conhecida como Os Candangos, instalada na Praça dos Três Poderes; A justiça, de Alfredo Ceschiatti, em frente ao prédio do Supremo Tribunal Federal (STF); e o muro estrutural de concreto que Sergio Camargo fez para o auditório do Palácio Itamaraty, como exemplos da presença modernista no dia a dia da cidade.

Não cabe aqui citar todas as regiões e suas respectivas transformações em direção ao paradigma modernista, mas fizemos uma seleção de artistas presentes em nosso acervo que demonstram a riqueza e diversidade do Modernismo brasileiro.

FERNANDO LOPES

(São Miguel dos Campos, AL, 1934 / Maceió, AL, 2011)

ALAGOAS

Casario, 1966

Óleo sobre tela, 59,5 x 72,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Roberto Pinto de Souza, c. 1970



Pintor autodidata, gravador, professor e músico. Formado em Direito, mas não exerce a função. Estuda música no Conservatório do Recife. Lança-se nas artes plásticas por volta de 1959. Logra reconhecimento e respeito tanto no Brasil quanto em outros países. Tem diversos admiradores entre seus pares, Francisco Brennand e Di Cavalcanti são fiéis seguidores do seu trabalho. Sua obra retrata a realidade empírica de sua época e do seu ambiente, inspirando-se sempre nos antigos casarões de sua terra natal, sendo os anjos, os santos e outros temas religiosos recorrentes em sua produção. Participa de mostras coletivas em vários estados, incluindo a Bienal de São Paulo, expõe em embaixadas brasileiras na França, Itália, Israel e Estados Unidos e, em 1970, faz uma itinerância junto com outros artistas da América do Sul em Londres. É um dos responsáveis pela fundação da Casa da Cultura de Maceió, em 1984, juntamente com Douglas Apratto (secretário de Educação e Cultura do Estado na época), Marly Ribeiro (vereadora do município) e José Barbosa (articulador de cultura). Em 2009, sua casa é transformada em museu e, em 2010, tombada como Patrimônio Histórico e Cultural do Estado de Alagoas.

PIERRE CHALITA

(Maceió, AL, 1930-2010)

ALAGOAS

No Paraíso, 1968

Óleo sobre tela, 60 x 50 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, 1969



Artista, professor, colecionador de arte e agitador cultural. Forma-se na Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro em 1955. Vive durante alguns anos em Madri e depois em Paris. Retorna ao Brasil em 1962 e passa a integrar o corpo docente da Escola de Belas Artes da Universidade do Recife (atual UFPE). Em 1980, ele cria a Fundação Pierre Chalita, com o intuito de preservar e expor ao público seu acervo – o museu existe até os dias de hoje em Maceió. Chalita é nomeado professor da Universidade Federal de Alagoas em 1982. Mostra suas obras em diversas exposições a partir de 1954, destacando-se a sua participação na Bienal Nacional 74, na Fundação Bienal de São Paulo e no 8º Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. A última exposição da qual participa em vida é A Arte que Banha o Nordeste, no Palácio dos Bandeirantes, na cidade de São Paulo.

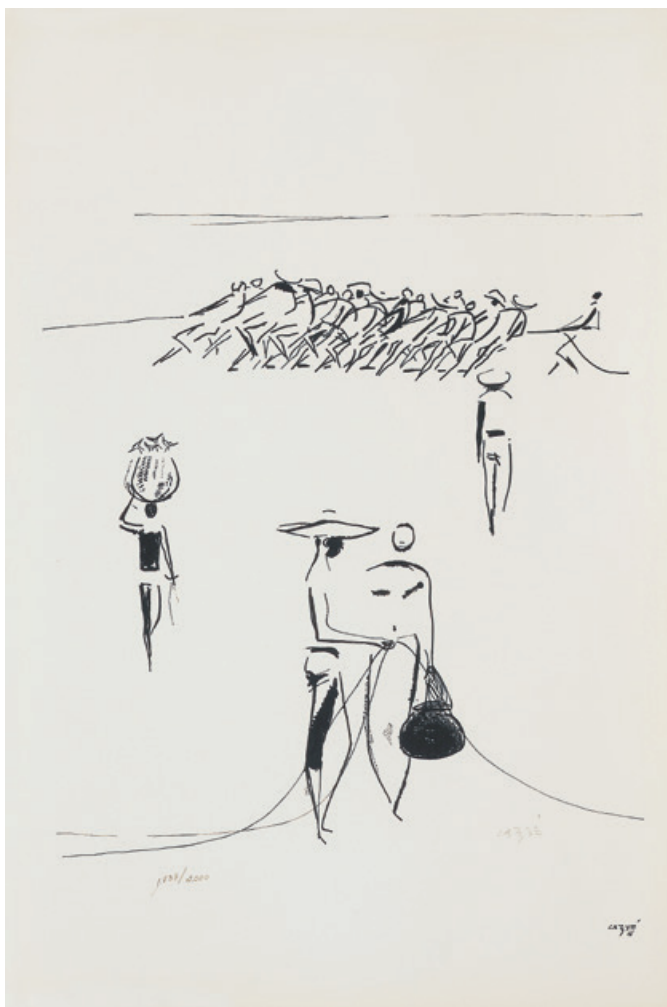
Sem título, 1961

Clichê sobre papel - 1739/2000, 54 x 36 cm

Do álbum *Mestres do Desenho: CARYBÉ*. Apresentado por Jorge Amado. São Paulo: Editora Cultrix Ltda., 1963.

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: não identificada, sem data



Pintor, gravador, desenhista, ilustrador, ceramista, escultor, muralista, pesquisador, historiador e jornalista. Ainda criança, sua família viaja bastante e acaba morando na Itália, mas, quando estoura a Primeira Guerra Mundial, muda-se para o Rio de Janeiro. É ali que, escoteiro do Clube de Regatas do Flamengo, ele escolhe se chamar Carybé – sua tropa é apelidada com nomes de peixe –, pequeno peixe amazônico, e esse viria a ser seu nome artístico. Começa a trabalhar cedo como ajudante de ceramista e, em 1928, ingressa na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, que cursa durante dois anos. Eles voltam para a Argentina, onde passa a ser ilustrador em alguns jornais, trabalho que o leva a viajar por diversas regiões do Brasil. Assim conhece Salvador. Em 1945, realiza sua primeira exposição individual no país, na sede do Instituto dos Arquitetos do Brasil, no Rio de Janeiro. Em 1949, volta definitivamente para o Brasil e, em 1950, muda-se para Salvador para confeccionar painéis no Centro Educacional Carneiro Ribeiro. Na Bahia, as manifestações culturais locais, como a capoeira, o candomblé e o samba de roda, marcam a sua obra. Participa ativamente do movimento de renovação das artes plásticas, ao lado de Mario Cravo Junior, Genaro de Carvalho e Jenner Augusto. Em 1957, naturaliza-se brasileiro. Artista eclético, experimenta ao longo de sua vida grande parte das técnicas conhecidas, como aquarela, desenho, escultura, talha, cerâmica, entre outras. É prolífico na criação de murais em vários países, por exemplo, no Aeroporto JF Kennedy, de Nova York.

GENARO DE CARVALHO

(Salvador, BA, 1926-1971)

BAHIA

Jardim noturno, c. 1964

Lã em tear manual, 313 x 296 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Carlos von Schmidt, compra, 1974



Tapeceiro, pintor e desenhista. Começa a estudar pintura com o pai, pintor amador. Em 1944, tem aulas de desenho com Henrique Cavalleiro na Sociedade Brasileira de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Aos 17 anos, participa do 1º Salão de Arte Americana, na Associação Cultural Brasil-Estados Unidos, em Salvador. É a primeira vez que os integrantes da primeira geração de modernistas da Bahia – Genaro de Carvalho, Carlos Bastos e Mario Cravo Junior – expõem seus trabalhos, ao lado de uma grande maioria de pintores acadêmicos. Junto com esses artistas, é um dos principais ativistas pela renovação da arte na Bahia. Em 1949, com bolsa do governo francês, chega a Paris, onde estuda com André Lhote e Fernand Léger na École Nationale de Beaux-Arts. No ano seguinte, participa do Salão de Outono, do Salão de Maio e do Salão dos Independentes. Começa a trabalhar com tapeçaria em 1950, realizando sua primeira obra, denominada *Plantas Tropicais*. Apesar de ter lançado sua carreira como pintor, acaba encontrando na tapeçaria mural o suporte e o meio de expressão de sua pintura e desenho. Em 1950, retorna ao Brasil e, recém-chegado, participa da 1ª Bienal de São Paulo. Morando novamente em Salvador, em 1955, cria o primeiro ateliê de tapeçaria do país. É considerado o pioneiro da tapeçaria moderna brasileira.

MARIO CRAVO JUNIOR

(Salvador, BA, 1923-2018)

BAHIA***Animal*, 1963**

Madeira e ferro, 170 x 190 x 30 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Galeria Peças de Arte Ltda., compra, 1974



Escultor, gravador, desenhista e professor. Nascido numa família abastada baiana, filho de um fazendeiro e comerciante, frequenta o Colégio Antônio Vieira, em Salvador, durante a infância. Realiza suas primeiras esculturas na adolescência, entre 1938 e 1943, explorando a arte da modelagem e familiarizando-se com as propriedades da argila das margens do Rio Itapicuru. Apesar de querer, inicialmente, tornar-se astrônomo, acaba dedicando-se às artes plásticas. Em 1945, trabalha com o santeiro Pedro Ferreira e, em seguida, muda-se para o Rio de Janeiro, onde estuda no ateliê do escultor Humberto Cozzo. Em 1947, passa a frequentar a Syracuse University, em Nova York, na qual se torna aluno especial do escultor iugoslavo Ivan Mestrovic. Após o fim de seus estudos, retorna ao Brasil e instala seu ateliê em Salvador, em 1949. Ganha, então, papel de destaque na implantação do Movimento Modernista na Bahia, ao lado de outros artistas, como Carlos Bastos, Genaro de Carvalho e Carybé. Em 1954, passa a lecionar na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia. É convidado, no início dos anos 1960, a participar do programa Resident Artists, em Berlim, coordenado pela Fundação Ford e pelo senado alemão. Por quase dois anos, reside na Alemanha, antes de tornar-se, em 1966, diretor do Museu de Arte Moderna da Bahia, cargo que ocupa até 1967. Participa de importantes exposições, entre elas a Bienal Internacional de São Paulo, em dez edições, entre 1951 e 1985, e o Panorama de Arte Atual Brasileira, em 1975 e 1985.

RAIMUNDO DE OLIVEIRA

(Feira de Santana, BA, 1930 / Salvador, BA, 1966)

BAHIA

José, Maria e Jesus descansam, 1964

Óleo sobre tela, 63,5 x 98 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Livraria Astreia Editora Ltda., compra, 1974



Gravador, pintor e desenhista. Recebe ensinamentos de pintura de imagens sacras da mãe, pintora e fervente devota. Mostra suas primeiras obras no Ginásio Santanópolis, formando-se em 1947. Em seguida, transfere-se para Salvador, onde frequenta as aulas de pintura de Maria Célia Amado e conhece Mario Cravo Junior e Jenner Augusto na Escola de Belas Artes da Universidade da Bahia. Sua primeira exposição individual acontece em 1951, no hall da prefeitura de Feira de Santana, momento em que também entra em contato com os artistas responsáveis pelos *Cadernos da Bahia*, revista criada em 1949 no intuito de divulgar o modernismo no Nordeste. Reside em São Paulo de 1958 a 1964 e no Rio de Janeiro de 1965 a 1966. Falece aos 36 anos, por suicídio, no mesmo ano em que é publicada *A Pequena Bíblia de Raimundo de Oliveira, Xilogravuras*, pela Galeria Bonito e Petite Galerie, edição organizada por Julio Pacello com prefácio de Jorge Amado. É inaugurada em 1982 a Galeria Raimundo de Oliveira, em Salvador. Apesar da curta carreira, participa de importantes exposições no Brasil e no estrangeiro, entre elas o Salão Nacional de Arte Moderna, em 1952 e 1956, a 7ª e 8ª edição da Bienal Internacional de São Paulo em 1963 e 1965, o Salão Paulista de Arte Moderna (cinco vezes na década de 1960), e o 11º Salão Comparações: mostra de arte brasileira, que passou por Paris, Praga e Lisboa em 1965.

ALFREDO CESCHIATTI

(Belo Horizonte, MG, 1918 / Rio de Janeiro, RJ, 1989)

BRASÍLIA

As três graças, 1952

Bronze, 129 x 110 x 62 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: não identificada, compra, 1976

Escultor, desenhista e professor. Aos 20 anos, faz uma viagem à Itália e se interessa pelas obras dos renascentistas e, em 1940, ingressa na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. Frequentava o ateliê instalado na Biblioteca Nacional com Bruno Giorgi e José Pedrosa. Em 1945, ganha um prêmio de viagem para a Europa, com o baixo-relevo encomendado por Oscar Niemeyer para a Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte. Entre 1946 e 1948, ele mora na Europa, onde conhece a obra de Max Bill, Henri Laurens, Giacomo Manzù e Aristide Maillol. Sua primeira exposição individual acontece em 1948 na sede do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) no Rio de Janeiro. No começo da década de 1960, leciona escultura e desenho na Universidade de Brasília (UnB). Tem várias obras em espaços e edifícios públicos, como no Palácio da Alvorada, na Praça dos Três Poderes e no Palácio dos Arcos, em Brasília; no Memorial da América Latina e na Praça da Sé, em São Paulo; e na Embaixada do Brasil em Moscou, na Rússia. Nas suas obras explora bastante a figura feminina, que é representada com formas curvilíneas, puras e arredondadas.



ATHOS BULÇÃO

(Rio de Janeiro, RJ, 1918 / Brasília, DF, 2008)

BRASÍLIA

Cópia de azulejos da Igreja Nossa senhora de Fátima, 1957/2013

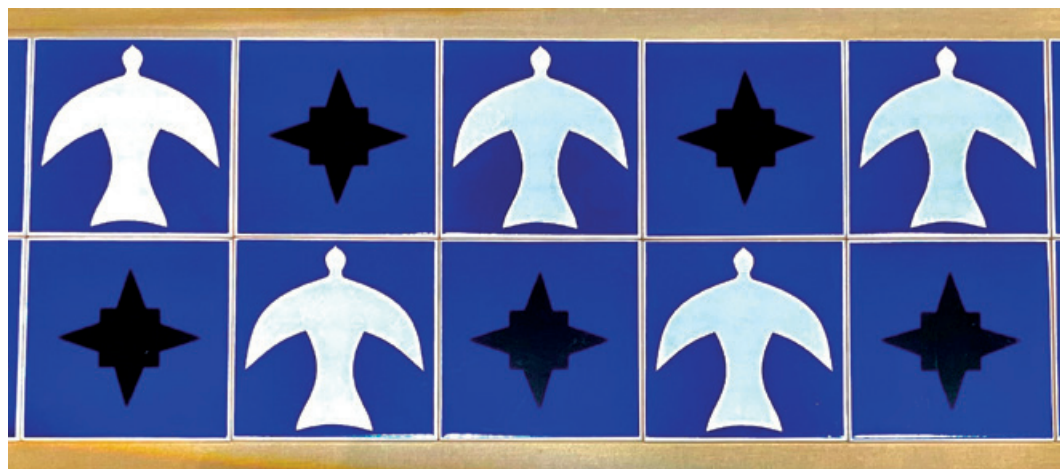
Local: Entrequadras 307/308 Sul, Brasília - DF

Dimensões do painel original: 525 x 3945 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação da Fundação Athos Bulcão, 2018

© Fundação Athos Bulcão, Brasília - DF



Pintor, escultor e desenhista. Ele desiste do curso de Medicina em 1939 para se dedicar às artes visuais. A amizade com alguns dos mais importantes artistas modernos contribuiu para sua formação, como Carlos Scliar, José Pancetti, Milton Dacosta, Alfredo Ceschiatti, Manuel Bandeira, entre outros. Por meio desses amigos, aos 21 anos, é apresentado a Candido Portinari, que o contrata como assistente no Mural de São Francisco de Assis, na Pampulha, e com quem aprende muito sobre desenho e cores. Em seguida, muda-se para Paris, onde vive até 1949. De volta ao Brasil, é funcionário do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, no qual trabalha como ilustrador. Também realiza trabalhos como artista gráfico e desenhista. Em 1955, passa a colaborar com Oscar Niemeyer, integrando o grupo de artistas que contribuiria para a construção da nova capital a partir de 1957. Confecciona inúmeros painéis de azulejos para prédios públicos. Em 1958, muda-se definitivamente para Brasília, onde permanece até o fim de sua vida. Pelo conjunto de sua obra, conquista vários prêmios e condecorações, como a Ordem do Mérito Cultural, recebida em 1995, do Ministério da Cultura.



BRUNO GIORGI

(Mococa, SP, 1905 / Rio de Janeiro, RJ, 1993)

BRASÍLIA

Figura feminina, sem data

Bronze, 49 x 28 x 22 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Annie Alvares Penteadó, c. 1960



Escultor e professor. Filho de imigrantes italianos, em 1911, estabelece-se com a família em Roma, onde se dedica à escultura. Na década de 1920, quando Benito Mussolini chega ao poder, ele torna-se membro da resistência, chegando a ser preso em Nápoles. Participa da Guerra Civil Espanhola ao lado dos republicanos, mas acaba indo para Paris em 1937. Na capital francesa, frequenta a Académie de la Grande Chaumière e a Académie Ranson, na qual é aluno de Aristide Maillol. Em 1939, retorna a São Paulo e integra-se ao Movimento Modernista Brasileiro. Trabalha com os artistas do Grupo Santa Helena e participa de exposições do grupo Família Artística Paulista. Em 1942, a convite do ministro Gustavo Capanema, cria a escultura *Monumento à Juventude Brasileira* para o jardim do prédio do Ministério da Educação e Saúde (atual Palácio da Cultura do Rio de Janeiro), planejado pelo paisajista Burle Marx. Na década de 1960, é convidado a realizar várias esculturas públicas para o projeto urbanístico de Brasília.

SÉRGIO CAMARGO

(Rio de Janeiro, RJ, 1930-1990)

BRASÍLIA

Sem título, 1973

Mármore de Carrara, 36 x 37 x 24 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Gabinete de Artes Gráficas Raquel Arnaud

Babenco e Mônica Filgueiras de Almeida, compra, sem data



Estuda na Academia Altamira, em Buenos Aires, na Argentina, período durante o qual recebe orientação de Emilio Pettoruti e Lucio Fontana. Ao viajar para a Europa em 1948, entra em contato com artistas como Jean Arp, Georges Vantongerloo e, sobretudo, Constantin Brâncusi, que lhe causa forte impressão. Também cursa Filosofia na Sorbonne, em Paris, com Gaston Bachelard. Realiza sucessivas idas e voltas entre a Europa e o Brasil, onde concorre repetidamente ao Salão Paulista de Arte Moderna e ao Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro, como também participa da 3ª, 4ª e 8ª edição da Bienal Internacional de São Paulo, entre 1955 e 1965. Acaba fixando-se em Paris em 1961. A partir de 1963, começa a explorar formas cilíndricas de madeira para, progressivamente, adotar o emprego do mármore. Passa a ser característica de sua produção artística a aplicação uniforme de pintura branca nas suas obras para melhor apreensão, pelo espectador, do modo como a luz interage com os materiais, levando a uma forma de dissolução, de desmaterialização dos volumes. Apesar de ligado à corrente Construtivista, nunca se filia a um grupo particular do movimento e desenvolve seu trabalho de modo independente. Em 1974, volta para o Brasil e recebe diversas comissões de obras destinadas à exposição em espaços públicos, tanto no território nacional como no exterior. Por exemplo, em Brasília, projeta um muro estrutural de concreto para o auditório do Palácio Itamaraty.

ALDEMIR MARTINS

(Ingazeiras, CE, 1922 / São Paulo, SP, 2006)

CEARÁ

A rendeira, 1982

Litogravura sobre papel – 34/100, 53 x 40 cm / 70 x 50 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Almavera Editorial e Comercial Ltda., compra, 1983



Pintor, gravador, ilustrador e escultor brasileiro. Nasce no sertão do Cariri, no Ceará, e desde muito jovem mostra interesse pelas artes. Começa a desenhar ainda no Colégio Militar, que frequenta desde 1934. Em 1941, participa da criação do Centro Cultural de Belas Artes em Fortaleza, com Antonio Bandeira, Raimundo Cela, Inimá de Paula e Mario Baratta, um espaço para exposições permanentes e cursos de arte que três anos depois passa a se chamar Sociedade Cearense de Artistas Plásticos (SCAP). Em 1945, deixa o Exército e se muda para o Rio de Janeiro e, logo em seguida, em 1946, se transfere para São Paulo, onde realiza sua primeira exposição individual no Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB-SP). Em 1951, recebe o Prêmio de Desenho na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, com a obra *O Cangaceiro*, e, em 1956, o Prêmio Presidente Dei Consiglieri dei Ministri na 28ª Bienal de Veneza, Itália, atribuído ao melhor desenhista internacional. Produz importantes obras que carregam a marca da paisagem e do homem nordestino. Suas frutas, cangaceiros, peixes, galos, cavalos, gatos têm cores fortes e traços marcantes.

CHICO DA SILVA – Francisco Domingos da Silva
(Cruzeiro do Sul, AC, 1910 / Fortaleza, CE, 1985)

CEARÁ

Sem título, 1964
Guache sobre papel, 56 x 76 cm
Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP
Procedência: não identificada, sem data



Artista visual, descendente de uma cearense e um indígena da Amazônia peruana. Vive até os 10 anos na comunidade de Alto Tejo. Em 1934, a família muda-se para o Ceará, estabelecendo-se em Fortaleza. Autodidata, tem diversas profissões artesanais não relacionadas à arte, mas sempre desenha com carvão e giz pelos muros da cidade. Seus desenhos surgem de forma espontânea, como involuntários impulsos de sua imaginação, seus traços impressionam pela riqueza de detalhes e abstração. São dragões, peixes voadores, sereias, figuras ameaçadoras e de grande densidade e formas. Pintor de lendas, folclore, cotidiano e seres fantásticos. Em meados da década de 1950, é descoberto pelo pintor suíço Jean-Pierre Chabloz, que nota um de seus murais na praia do Pirambu, em Fortaleza. Chabloz faz dele seu discípulo, ensina-lhe as técnicas de pintura com guache e óleo. Em seguida, começa a expor seus trabalhos na cidade, no Rio de Janeiro e na Suíça. Em 1966, recebe menção honrosa na 33ª Bienal de Veneza.

J. ARRAIS

(Assaré, CE, 1923 / Fortaleza, CE, 1996)

CEARÁ

Procissão em Canindé, 1981

Óleo sobre tela, 80 x 120 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Roberto Rugiero, compra, 1981



Artista plástico e pintor. Participa da Sociedade Cearense de Artes Plásticas, organização que tem um papel de destaque na afirmação da Arte Moderna no Ceará. Expõe em várias exposições organizadas pela entidade, entre elas: 8º Salão de Abril, em 1952; 9º Salão de Abril, em 1953; 10º Salão de Abril, em 1954; 11º Salão de Abril, em 1955 – no qual é premiado na categoria Divisão Moderna, recebendo o prêmio Município, conferido à sua pintura *Bailarinos*; e 20º Salão de Abril, em 1970. Seu trabalho aposta nas cores fortes, saturadas, vibrantes e expressivas e inspira-se em temas da cultura brasileira, cenas interioranas, festas populares e motivos religiosos.

MARIA GUILHERMINA

(Conquista, MG, 1932)

GOIÁS

Abstração, 1981

Pedra goiana, 98 x 30 x 20 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Carlos von Schmidt, compra, 1993



Pintora, escultora e professora. Criada na zona rural de Minas Gerais e Goiás, em pequenas vilas e olarias, aprende com sua mãe os rudimentos da modelagem e, aos 8 anos, já reproduz os pássaros que vê a sua volta, queimando suas peças nos grandes fornos da olaria, onde trabalha seu pai, às margens do Rio Meia Ponte, em Goiás. Em 1952, antes de existir uma escola de artes no estado, começa a tomar aulas particulares com o pintor alemão Udo Horst Knoff. Uma vez criada a Escola de Belas Artes da Universidade Católica de Goiás, Maria Guilhermina é uma das primeiras alunas, frequentando seus cursos entre 1956 e 1959. Inicialmente estuda pintura e, depois, faz também o curso de escultura com o professor alemão Henning Gustav Ritter. Antes de finalizar seus estudos universitários, obtém o primeiro prêmio e medalha de ouro no Salão Nacional Universitário de Arte de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Em 1960, começa o movimento para a fundação da Faculdade de Belas Artes, e Maria Guilhermina batalha junto a outros professores para dotar a nova capital de um curso sério, à altura do movimento social que surge no planalto central do Brasil. Finalmente, em 1962, é inaugurado o curso de artes, sob a tutela do governo do estado de Goiás. Em 1963, a Universidade Federal de Goiás assume o curso, dando prosseguimento ao ensino de nível superior de belas artes. Maria Guilhermina é cofundadora e coordenadora e, após realizar concurso público no qual obtém o primeiro lugar, em 1975, é professora durante 33 anos. Em 1972, participa da Bienal Brasil Plástica-72, Mostra de Arte do Sesquicentenário da Independência, na Fundação Bienal de São Paulo. Atualmente, trabalha intensamente com os materiais que caracterizam a sua produção – pau-brasil, pedra-sabão (esteatita) e cobre – e tem participado dos principais salões do Brasil e do exterior, conquistando dezenas de prêmios. Em 1986, obtém bolsa de estudos para mestrado e doutorado em Paris, na França, onde reside por cinco anos, aproveitando a oportunidade para realizar várias e notórias exposições em muitos países. Em 1988, conclui o mestrado na Universidade Paris VIII Vincennes em Saint Denis e, em 1998, o doutorado na Universidade Paris I Pantheon Sorbonne, em Paris. Retorna ao Brasil e assume novamente a cadeira de escultura no Instituto de Belas Artes da Universidade Federal de Goiás, sendo uma das responsáveis por inaugurar o curso de pós-graduação nessa instituição.

MARIA GUILHERMINA

(Conquista, MG, 1932)

GOIÁS

Homenagem a Carlos Drummond de Andrade, 1981

Pau-brasil, 139 x 32 x 26 cm

Acervo Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Carlos von Schmidt, compra, 1993



MIRIAN INÊS DA SILVA

(Trindade, GO, 1939 / Rio de Janeiro, RJ, 1996)

GOIÁS

Circo do escavalinho, 1981

Óleo sobre madeira, 65 x 123 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Roberto Rugiero, compra, 1981



Pintora e gravadora. Cursa a Escola Goiana de Artes Plásticas antes de partir para o Rio de Janeiro, onde frequenta as aulas de pintura de Ivan Serpa de 1962 a 1963, no Museu de Arte Moderna. Inicia sua carreira como gravadora, ganhando rapidamente reconhecimento internacional e participando da 7ª e 9ª edição da Bienal Internacional de São Paulo (em 1963 e 1967) assim como da 1ª e 2ª Exposição da Jovem Gravura Nacional no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Nos anos 1960, realiza xilogravuras, virando-se progressivamente para a pintura. Realiza suas primeiras exposições na Loja Residência, no Rio de Janeiro, em 1970. Intensificando sua produção, organiza outra exposição em 1983, na Galeria Bonino, no Rio de Janeiro. Passa a ser conhecida pelas suas representações de celebrações folclóricas, elementos da cultura popular e cenas do cotidiano, sobre o que ela mesma afirma em 1983: “Para mim pintar é vida. Pinto o que amo e sinto no coração. O povo para mim, o Brasil são uma atração grande demais. Curto ouvir causos, música popular e o mais importante, estou muito com gente, mas não importa a escala social. Minha pintura deve muito aos grandes mestres que tive em Goiás. E, no Rio, o Ivan Serpa”.

WALDOMIRO DE DEUS

(Itagibá, BA, 1944)

GOIÁS

Travessia da balsa, 1983

Óleo sobre tela, 120 x 200 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Galeria de Arte Jacques Ardies, compra, 1984



Pintor e desenhista. De origem humilde, ele migra pelo sertão baiano e norte de Minas Gerais até que, em 1959, chega a São Paulo com 14 anos. Nessa época, trabalha como engraxate e dorme em bancos de praças pela cidade; até que começa a trabalhar como jardineiro na casa de um antiquário. É lá que se depara com tintas e cartolinas e dá início a sua trajetória na pintura. Em seguida, começa a mostrar suas obras no Viaduto do Chá, onde vende rapidamente alguns exemplares e é descoberto por um jornalista que faz uma matéria sobre ele. Algum tempo depois, o decorador Terry Della Stufa acolhe-o e fornece materiais para pintar. Uma de suas primeiras exposições individuais é no MAB FAAP em 1966. Em 1967, participa da 9ª Bienal Internacional de São Paulo, e a partir desse momento a sua produção deslança e as suas obras começam a circular em grandes coleções e participar de exposições no Brasil e mundo afora. Em 1977, viaja a Goiânia onde acaba se estabelecendo. Sua obra do início de carreira é inspirada em temas religiosos e, mais recentemente, no folclore de sua terra natal: festas populares, lendas de diversas regiões do Brasil, bem como imagens escatológicas e eróticas. O artista segue produzindo e ainda vive em Goiânia, ele acredita que “a arte já nasce dentro do ser humano”.

HUMBERTO ESPÍNDOLA

(Campo Grande, MS, 1943)

MATO GROSSO DO SUL

O poder, 1980

Óleo sobre tela, 60 x 85 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Paulo Figueiredo Galeria de Arte Ltda., compra, 1981



Pintor e desenhista. Gradua-se em Jornalismo na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica do Paraná em 1965. No ano seguinte, organiza a 1ª Exposição dos Artistas Mato-Grossenses, em Campo Grande, onde funda, em 1967, a Associação Mato-Grossense de Arte. Dedicar-se a temáticas regionais e produz pinturas inspiradas na bovinocultura. Ele também tem relevante atuação na divulgação da cultura regional, criando, em 1974, o Museu de Arte e Cultura Popular, ligado à Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá, e sendo seu diretor até 1982. Executa, em 1974, o mural externo, com pintura, granito e mármore, do Palácio Paiaguás, sede do governo estadual de Mato Grosso. Em 1977, recebe o prêmio Melhor do Ano na Categoria Pintura, da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Em 1979, colabora com o livro *Artes Plásticas no Centro-Oeste*, de Aline Figueiredo, que em 1980 ganha o Prêmio Gonzaga Duque, da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Três anos depois, participa da fundação do Centro de Cultura Referencial de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande. De 1986 a 1990, é o primeiro secretário de Cultura de Mato Grosso do Sul. Realiza o *Monumento à Cabeça de Boi*, de ferro e aço, instalado na Praça Cuiabá, em 1996. Entre as tantas exposições de que participa, é realizada uma mostra retrospectiva, em 2000, na Casa Andrade Muricy, em Curitiba, e, em 2002, no Museu de Arte Contemporânea de Campo Grande e no Museu de Arte e de Cultura Popular, em Cuiabá.

JOÃO SEBASTIÃO DA COSTA

(Cuiabá, MT, 1949-2016)

MATO GROSSO

O cordeiro, 1979

Óleo sobre tela, 80 x 119 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Roberto Rugiero, compra, 1982



Pintor, desenhistas, ceramista, artesão e performista. Aos 16 anos, recebe os primeiros ensinamentos de pintura de Bartira de Mendonça. De 1968 a 1969 vive no Rio de Janeiro, travando contato com artistas de sua geração. Entre 1970 e 1972 passa a morar em Campo Grande, onde frequenta o ateliê de Humberto Espindola e atua junto com o movimento da Associação Mato-grossense de Artes, liderado por Aline Figueiredo, que organiza diversas exposições coletivas, como *Artistas de Mato Grosso*, na Galeria Goeldi, no Rio de Janeiro, em 1970. Em 1973, transfere-se para Cuiabá, onde desenvolve atividades no Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso. Entre as inúmeras exposições de que participa, cabe destacar: *Arte/Agora/Brasil/70-75*, no Rio de Janeiro, em 1976, na qual recebe prêmio-aquisição; 1ª *Bienal Latino-Americana de São Paulo* – na Sala Especial *Mitos e Magia*, em 1978; 11º *Panorama de Arte Atual Brasileira*, no MAM/SP, em 1979; e a exposição itinerante *80 Anos de Arte Brasileira*, organizada pelo MAB FAAP, entre 1982 e 1983. A sua pintura sintetiza a diversidade da cultura brasileira. Seus temas, partindo de uma preocupação regional, abordam a religiosidade, os mitos, os mistérios da mata e das cidades ribeirinhas, unindo homem, santos, bichos e frutas. Nas palavras da crítica de arte Aline Figueiredo: "... o sincretismo religioso, o telurismo nas cores tropicais, a atemporalidade das composições barrocas revelaram, sobretudo, uma versão cabocla de um sentimento antropofágico".

NILSON PIMENTA

(Caravelas, BA, 1957 / Cuiabá, MT, 2017)

MATO GROSSO

Pantanal, 1980

Óleo sobre tela, 102 x 110,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Paulo Figueiredo Galeria de Arte Ltda., compra, 1981



Desenhista e pintor. Nasce em Caravelas, na Bahia, mas muda-se com sua família para o interior de Mato Grosso, onde passa a trabalhar no campo, com 6 anos de idade. Até 1978, trabalha como empregado rural, tornando-se, em seguida, servidor da Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá. Primeiramente, aprende desenho de modo autodidata (usando essencialmente lápis de cor para execução de suas produções) para, finalmente, receber instrução de Humberto Espíndola e Aline Figueiredo – que comenta o trabalho de Pimenta em seu livro *Arte, aqui é o Mato*. Em 1981, torna-se orientador do Ateliê Livre do Museu de Arte e Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso. Expõe em diversas galerias e museus no Brasil e no estrangeiro. Faz sua primeira exposição individual em 1981, no Museu de Arte e de Cultura Popular, em Cuiabá, e participa, na década de 1980, de diversas edições do Salão Nacional de Artes Plásticas e do 3º Salão Paulista de Arte Contemporânea, em 1985.

ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD

(Nova Friburgo, RJ, 1896 / Belo Horizonte, MG, 1962)

MINAS GERAIS

Crucificação, 1961

Óleo sobre compensado, 48 x 36 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Roberto Pinto de Souza, sem data



Pintor, professor, desenhista, ilustrador e gravador. Suas obras estabelecem relações diretas entre diversos gêneros da pintura, com trabalhos que vão desde retratos, paisagens e naturezas-mortas até temáticas e festas populares, cenas urbanas e representações religiosas. Além disso, seu traço é marcado diretamente por um caráter decorativo, fazendo com que, além das ornamentações e arabescos presentes em sua pintura, Guignard também produza decorações de móveis, tetos, paredes e ambientes, sendo responsável, inclusive, pela decoração e ornamentação de um hotel em Itatiaia. Em 1943, funda o Grupo Guignard (posteriormente, Escola Guignard) e passa a orientar artistas como Iberê Camargo (1914-1994) e Waldemar Cordeiro (1925-1973). Depois passa a lecionar desenho e pintura na Escola de Belas Artes de Belo Horizonte a convite do então prefeito da cidade, Juscelino Kubitschek (1902-1976).

HOLMES NEVES

(Lima Duarte, MG, 1925-2008)

MINAS GERAIS

Procissão, 1968

Óleo sobre compensado, 33,5 x 46,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Roberto Pinto de Souza, sem data



Pintor, desenhista e gravador. Em 1943, transfere-se para Belo Horizonte, onde frequenta a Escola de Belas Artes de Minas Gerais (futura Escola Guignard). É aluno, entre outros, de Guignard, Franz Weissmann e Edith Behring. Aprende posteriormente gravura com Misabel Pedrosa e faz estágio no Centre Genevois de Gravure Contemporaine, na Suíça. Muda-se para o Rio de Janeiro em 1955. Dedicar-se a pintar as paisagens das cidades históricas de Minas, suas igrejas, imagens de santos, procissões, casarios e vegetação, denotando uma forte influência de Guignard. Participa de diversas exposições como os 10º, 12º e 15º Salões Nacionais de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, em 1961, 1963 e 1966, a 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas de Salvador, em 1966, e o Salão de Ouro Preto, em Minas Gerais, em 1967, entre tantas outras.

INIMÁ DE PAULA

(Itanhomi, MG, 1918 / Belo Horizonte, MG, 1999)

MINAS GERAIS

Paisagem mineira, sem data

Óleo sobre tela, 80 x 100 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Edgard Pessoa de Queirós, 1979



Pintor e desenhista. Frequenta o Núcleo Antônio Parreiras, em Juiz de Fora, Minas Gerais, a partir de 1937. Em 1940, instalado no Rio de Janeiro, matricula-se nas aulas do Liceu de Artes e Ofícios com o professor Argemiro Cunha, mas permanece por pouco tempo. Passa a pintar com alguns dos ex-integrantes do Núcleo Bernardelli. Em 1944, transfere-se para Fortaleza (CE), onde conhece artistas locais e participa da criação da Sociedade Cearense de Artes Plásticas. Retorna ao Rio de Janeiro em 1945 e expõe com Aldemir Martins, Antonio Bandeira e Jean-Pierre Chabloz na Galeria Askanasy. Em 1948, faz sua primeira mostra individual, no Instituto dos Arquitetos do Brasil. Em 1951, viaja para a Bahia e expõe no estado graças ao prêmio de viagem nacional obtido em 1950 no Salão Nacional de Belas Artes. Em 1952, recebe o prêmio de viagem ao exterior do Salão Nacional de Arte Moderna. Reside em Paris, entre 1954 e 1956, onde faz cursos na Académie de la Grande Chaumière e na École Normale Supérieure des Beaux-Arts. Também frequenta as aulas de André Lhote e de Gino Severini. Quando volta ao Brasil, passa a fazer pinturas abstratas, algumas das quais mostra na 5ª Bienal de São Paulo, em 1959. Na primeira metade da década de 1960, muda-se para Belo Horizonte e retoma a pintura figurativa. Participa de inúmeras exposições coletivas e individuais, como a retrospectiva realizada no Museu Nacional de Belas Artes em 1998, pouco antes do seu falecimento. Atualmente existe a Fundação Inimá de Paula, em Belo Horizonte, criada em 1998 para preservar, divulgar e resguardar a obra do artista.

CIDINHA PEREIRA – Maria Aparecida de Mello
(Passos, MG, 1934 / Vitória, ES, 2004)

MINAS GERAIS

Exposição de gado, 1965

Óleo sobre tela, 71 x 91 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Paulo Figueiredo Galeria de Arte Ltda., compra, 1980



Artista autodidata, pintora. Nascida em Minas Gerais, mora no Rio de Janeiro e em Vitória (ES). Participa de importantes exposições, como a 5ª, 7ª e 8ª Bienais Internacionais de São Paulo, em 1959, 1963 e 1965, respectivamente, e a 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas, no Convento de Nossa Senhora do Carmo, em Salvador (BA), em 1966. Essa última bienal, conhecida como Bienal da Bahia, tem especial importância no rumo da descentralização da atividade artística no Brasil, assim como na atualização da arte em toda a Região Nordeste. Reunindo artistas de variadas procedências regionais e com características estéticas diversas, a mostra revela um compromisso com a divulgação de correntes artísticas díspares. Também é convidada a expor na mostra Contribuição da Mulher às Artes Plásticas no País, realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo em 1960. Sua pintura retrata a vida do interior, paisagens campestres, o trabalho do campo, singelos interiores onde mostra os labores femininos, trabalhando a composição com grandes áreas de cor com pinceladas evidentes.

FARNESE DE ANDRADE

(Araguari, MG, 1926 / Rio de Janeiro, RJ, 1996)

MINAS GERAIS

Sem título, Rio de Janeiro, 1963

Gravura em latão sobre papel – 104/200, 24,5 x 21,5 cm / 40,5 x 33 cm

Do álbum *História da Gravura no Brasil II*. São Paulo: Editora César, 1969.

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Sérgio Pizoli, compra, 1997



Pintor, escultor, desenhista, gravador e ilustrador. Em 1942, muda-se para Belo Horizonte, onde estuda pintura com Guignard entre 1945 e 1948. Em 1948, precisa fixar residência no Rio de Janeiro para tratar de uma tuberculose. Ali trabalha como ilustrador para diversos jornais e revistas entre 1950 e 1960. Em 1959, no ateliê de gravura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, aperfeiçoa-se em gravura em metal. Em 1964, a sua produção sofre uma grande transformação – ele começa a criar obras com materiais descartados, recolhidos em praias e aterros, e com peças adquiridas em antiquários e depósitos de materiais usados. Essa apropriação de objetos lembra os *ready-mades* dadaístas, mas se distancia deles por possuir uma carga emocional mais forte, já que o artista expressa suas fobias, manias, angústias, sentimentos e desejos por meio dessas obras. O tema da morte é bastante presente no trabalho do artista, que sofre de tuberculose, é depressivo e tem dois irmãos mortos em uma enchente antes de seu nascimento. Esses *assemblages* podem ser considerados mais próximos do Surrealismo. Ele nunca considera as obras terminadas, continua transformando-as até serem compradas. Recebe o prêmio de viagem ao exterior do Salão Nacional de Arte Moderna de 1970, escolhe a Espanha e instala seu ateliê em Barcelona, permanecendo até 1975, quando retorna ao Rio de Janeiro. O artista tem mais reconhecimento em vida com sua produção em duas dimensões, desenhos, gravuras e pinturas. O interesse pelas obras tridimensionais que continua produzindo até sua morte é tardio, tendo, em 1993, recebido o Prêmio Roquette Pinto dos Melhores de 1992, pela sua exposição *Objetos* na Galeria Anna Maria Niemeyer.

MARÍLIA GIANNETTI TORRES

(Rio Acima, MG, 1925 / Rio de Janeiro, RJ, 2010)

MINAS GERAIS

Quadro VI, 1966

Acrílica sobre madeira, 110 x 79,8 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Galeria de Arte São Luiz Ltda., compra, 1966



Pintora, desenhista, gravadora e professora. Entre 1945 e 1948, estuda pintura com Guignard em Belo Horizonte, onde se torna professora em 1957. Realiza, em 1947, sua primeira exposição individual no Centro Cultural Franco-Brasileiro em Belo Horizonte. Em 1958, muda-se para a cidade do Rio de Janeiro. No ano seguinte, estuda gravura no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e pintura com Burle Marx e Di Cavalcanti. Em 1966, funda e dirige a Galeria Giro e, em 1975, passa a lecionar arte em seu ateliê, também instalado na cidade. O crítico José Roberto Teixeira Leite assim a define: “Como pintora, distingue-se por suas assim chamadas ‘superfícies vivas’ – uma urdidura de linhas coloridas em relevo que formam na superfície da tela um caos organizado, à la Pollock – tornando-se, em fins da década de 1960, uma das principais representantes do Abstracionismo Informalista no país”. Participa de inúmeras exposições, entre elas vale destacar a 2ª, 8ª e 9ª edição da Bienal Internacional de São Paulo, em 1953, 1965 e 1967, respectivamente, tendo recebido o Prêmio Aquisição Itamaraty em 1965; a 2ª Bienal Americana de Arte, em Córdoba, Argentina, em 1964; a 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas de Salvador, em 1966; a 1ª Mostra Brasileira de Tapeçaria, no MAB FAAP, em 1974; e o 8º Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1976.

MARY VIEIRA

(São Paulo, SP, 1927 / Basileia, Suíça, 2001)

MINAS GERAIS

polivolume: côncavo-convexo, 1948/1967

Alumínio anodizado, 200 x 36 x 36 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Carlo Belloli, compra, 1979

© Isisuf. Istituto Internazionale di Studi sul Futurismo. All rights reserved.



Escultora e professora. Inicia sua formação em pintura e desenho na Escola Guignard do Parque Municipal de Belo Horizonte. Nos anos 1940, torna-se aluna de Franz Weissmann e Amílcar de Castro, produzindo, em 1948, suas primeiras esculturas eletromecânicas e uma série de trabalhos de madeira intitulada *Multivolumes*. É a partir de 1949 que produz seus primeiros *Polivolumes*, através dos quais ganha mais reconhecimento no Brasil. Radica-se na Suíça aos 24 anos, aprofundando seus estudos em artes sob orientação de Max Bill e vinculando-se pouco a pouco ao Movimento Construtivista. Em 1954, é convidada por Max Bill para expor com ele em uma mostra do Grupo Allianz, em Zurique. No mesmo ano, envolve-se na organização da exposição *Brasilien Baut* (Brasil Constrói, em português), criando o cartaz da mostra. Em 1966, torna-se professora da Escola Superior de Arte e leciona técnicas de planejamento gráfico e desenho industrial na Universidade da Basileia, na Suíça. Também expõe no Stedelijk Museum, em Amsterdã, na Holanda; no Museu de Arte Moderna de Estocolmo, na Suécia; e em duas Bienais de Veneza (em 1968 e 1970). É autora da obra *Polivolume: Ponto de Encontro*, de 1970, exposta no Ministério das Relações Exteriores, em Brasília.

RUBEN ESMANHOTTO

(Curitiba, PR, 1954-2015)

PARANÁ

Cenário n° 65, 1982

Tinta vinílica encerada sobre tela, 99,5 x 119,7 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Carlos von Schmidt, 1985



Pintor e gravador. Inicia oficialmente sua formação em artes plásticas em 1966, enquanto criança, na Escola Livre de Artes do Colégio Estadual do Paraná, que frequenta por três anos consecutivos. Em Curitiba, desenvolve um interesse por paisagens urbanas, em particular pelos casarões históricos da capital paranaense, solitários e carregados de mistério, que ganham grande destaque em suas obras. Sua primeira exposição individual é organizada em 1977, no Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, em Curitiba. No mesmo ano, muda-se para o Rio de Janeiro, onde participa, com Carlos Scliar, da produção do painel do Diário Oficial do Rio de Janeiro. Participa de várias edições do Salão Paranaense e do Salão Nacional de Artes Plásticas, no Museu de Arte Moderna de Rio de Janeiro, e do 14º Panorama de Arte Atual Brasileira no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Em 2015, ano de seu falecimento, publica um livro retrospectivo de seus 40 anos de trabalho como artista plástico: *O Momento Suspenso*.

ELVO BENITO DAMO

(Caçador, SC, 1948)

PARANÁ

Sem título, 1984

Madeira, 196 x 70 x 35 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: não identificada, sem data



Escultor, pintor, desenhista, gravador, mestre em vidro e restaurador arquitetônico decorativo. Formado em pintura e com licenciatura em desenho pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná, é aluno de Francisco Stockinger. Professor de escultura na Universidade Federal do Paraná e, atualmente, a cargo do Atelier Livre de Escultura da Fundação Cultural de Curitiba desde 1976. Participa de importantes exposições, como Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1981; Exposição Internacional da Pequena Escultura, em Budapeste, Hungria, também em 1981; Um Século de Escultura no Brasil, no Masp, em 1982; Madeira, Matéria de Arte, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1984; e muitas outras.

CÍCERO DIAS

(Escada, PE, 1907 / Paris, França, 2003)

PERNAMBUCO

Jogos (Mocidade no Rio de Janeiro), 1928

Aquarela sobre cartão, 50 x 55 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção particular, compra, 1970



Inicia estudos de desenho em sua terra natal. Aos 13 anos, muda-se para o Rio de Janeiro, onde começa os cursos de arquitetura e pintura na Escola Nacional de Belas Artes (Enba), mas não conclui. Em 1926, liga-se aos intelectuais do Movimento Regionalista, que ocorre no Recife, em resposta à Semana de Arte Moderna de 22. Entra em contato com os modernistas e, em 1929, colabora com a *Revista de Antropofagia*. Em 1931, no Salão Revolucionário, organizado por Lucio Costa, então diretor da Enba, expõe o painel *Eu Vi o Mundo... Ele Começava no Recife*, causando polêmica tanto por suas dimensões (15 metros) quanto pela temática ousada para a época. A partir de 1932, no Recife, leciona desenho em seu ateliê. O artista tem que sair do Brasil em 1937, fugindo da ditadura de Vargas, e firma residência em Paris, onde conhece Georges Braque, Henri Matisse, Fernand Léger e Pablo Picasso, que se tornaria seu amigo. Entre 1943 e 1945, vive em Lisboa como adido cultural da Embaixada do Brasil. Em 1948, realiza um mural no edifício da Secretaria das Finanças do Estado de Pernambuco, considerado o primeiro trabalho abstrato do gênero na América Latina. Em 1965, é homenageado na Bienal Internacional de São Paulo. Inaugura painel de 20 metros na Estação Brigadeiro do Metrô de São Paulo, em 1991. Recebe do governo francês a Ordem Nacional do Mérito da França, em 1998, aos 91 anos.

FRANCISCO BRENNAND

(Recife, PE, 1927-2019)

PERNAMBUCO

Lagarta e flor roxa, 1966/67

Óleo sobre tela, 130 x 189 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Edgard Pessoa de Queiros, 1974



Ceramista, escultor, desenhista, pintor, tapeceiro, gravador e ilustrador. Desenvolve seu interesse pelo desenho e pela literatura durante o ensino médio, após ter contato com o trabalho do escultor Abelardo da Hora. No mesmo período, conhece Ariano Suassuna, seu colega, com quem produz um jornal literário, atuando como ilustrador dos textos e poemas de Suassuna. Inicialmente, dedica-se à pintura a óleo, pois acha a cerâmica uma arte menor, utilitária. Entretanto, em 1948, na França, depara-se com uma exposição de cerâmicas de Picasso e, vendo que muitos artistas da Escola de Paris haviam passado pela cerâmica, começa a valorizar a técnica. Após o seu primeiro período na Europa, entre 1948 e 1951, tendo sido muito impactado pela produção de Gaudí em Barcelona, já no Brasil, dedica-se a aprofundar seus conhecimentos nas técnicas da cerâmica. Logo depois, inicia estágio em uma fábrica de maiólicas – cerâmica esmaltada tradicional do Renascimento – na Itália. Durante esse estágio, ele experimenta o uso de esmaltes cerâmicos e queimas sucessivas, em temperaturas variadas, o que dá à superfície da peça uma grande variedade de cores e texturas. Na década de 1970, Brennand participa do Movimento Armorial, juntamente com Ariano Suassuna, seu principal idealizador. Seu ateliê, hoje Oficina Cerâmica Francisco Brennand, instalado nas terras do antigo Engenho (depois Cerâmica) São João, no bairro da Várzea, no Recife – local onde ele nasceu –, é um museu com aproximadamente 2 mil obras, entre esculturas, murais, painéis, pinturas, desenhos e objetos cerâmicos.

LULA CARDOSO AYRES

(Rio Formoso, PE, 1910 / Recife, PE, 1987)

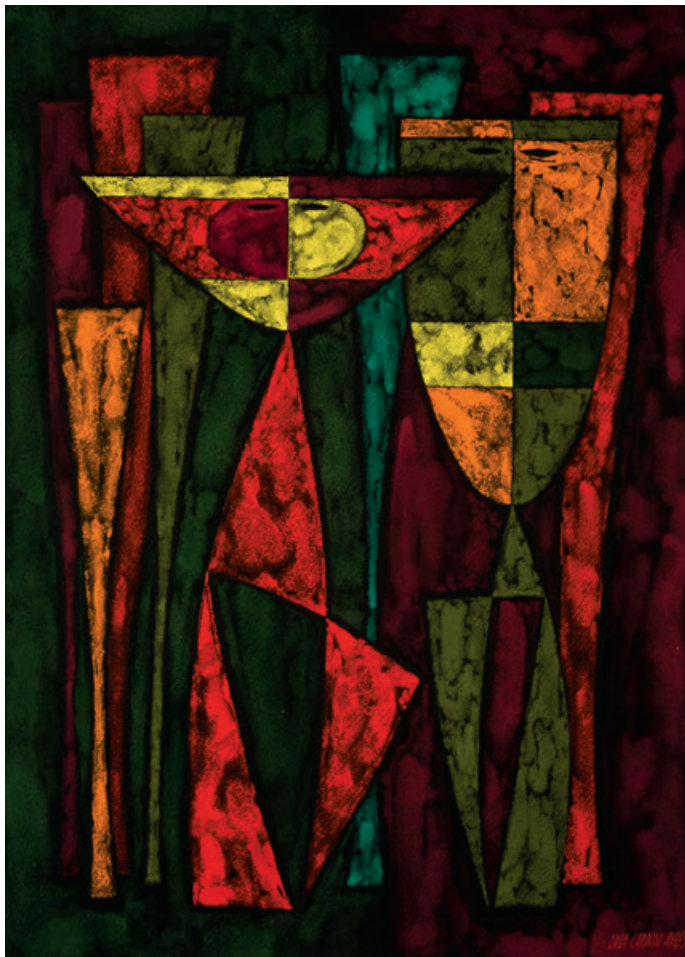
PERNAMBUCO

Abstrato, década 1950

Guache sobre papel, 69 x 50,7 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, c. 1970



Pintor, fotógrafo, desenhista, ilustrador, muralista, programador visual e cenógrafo. Desde criança já demonstra dotes artísticos. Entre 1922 e 1924, estuda desenho e pintura com Heinrich Moser. Em 1925, viaja a Paris, onde visita a 1ª Exposição Internacional de Arte Decorativa, frequenta museus e ateliês, como o de Maurice Denis, e entra em contato com as vanguardas europeias. Ao retornar, estabelece seu ateliê no bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro, onde frequenta informalmente a Escola Nacional de Belas Artes e tem aulas de modelo vivo com Rodolfo Amoedo. Também estuda desenho e pintura com Carlos Chambelland. Nesse período, trava amizade com Cândido Portinari. Profissionalmente, é ilustrador e caricaturista na revista *Para Todos* e realiza cenários para teatro. Em 1932, retorna a Pernambuco para ajudar a administrar a usina de açúcar da família e reside em Cucaú até 1944. Nesse tempo, viaja pelos pequenos povoados da região, deixando uma vasta produção fotográfica e inúmeros desenhos que retratam costumes, festas e manifestações artísticas populares. Em 1934, no 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife, conhece Cícero Dias, Gilberto Freyre e o psiquiatra Ulysses Pernambucano, com quem estabelece um vínculo estreito desde então. Os negócios da família sofrem uma crise em 1945, então ele retorna ao Recife à procura de uma fonte de renda. A partir de então, realiza inúmeros painéis e murais em várias cidades brasileiras e faz ilustrações para obras de autores como Manuel Bandeira e Ascenso Ferreira. Em 1947, funda um curso de desenho para crianças e se torna professor na Escola de Belas Artes do atual Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. No início da década de 1950, sua produção volta-se para o Abstracionismo. Entre as tantas exposições de que participa, cabe destacar as seis primeiras Bienais de São Paulo, entre 1951 e 1961, e a exposição retrospectiva organizada por Pietro Maria Bardi no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand em 1960. Em 1993, por iniciativa de sua família, é criado o Instituto Cultural Lula Cardoso Ayres em Jaboatão de Guararapes, em Pernambuco. A entidade possui um acervo de mais de 300 obras do artista.

REYNALDO FONSECA

(Recife, PE, 1925-2019)

PERNAMBUCO

Paisagem, 1958

Guache sobre papel, 28 x 78 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Roberto Pinto de Souza, sem data



Pintor, muralista e ilustrador. Frequenta aos 11 anos a Escola de Belas Artes de Pernambuco como aluno livre, interessando-se especialmente pelo estudo de modelo vivo. Segue o curso de professorado de desenho, sendo aluno de Lula Cardoso Ayres. Organiza a sua primeira exposição individual em 1943, no saguão do Grande Hotel, no Recife, antes de se mudar, em 1944, para o Rio de Janeiro, onde estuda com Candido Portinari por seis meses, participando também do Salão de Belas Artes. No mesmo ano, é aceito no Salão Nacional com uma pintura a óleo. Viaja para a Europa em 1948, visitando exposições. Ao voltar ao Brasil, cursa gravura em metal na Escola de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, recebendo orientação de Henrique Oswald. Passa a empregar diferentes técnicas em seus trabalhos, não se restringindo à gravura ou à pintura a óleo, senão também, fazendo uso de aquarela. Fonseca também é fundador da Sociedade de Arte Moderna do Recife, criada em 1948, que promove uma ruptura da arte pernambucana com os padrões então vigentes do sistema acadêmico de ensino. Torna-se professor catedrático de desenho artístico na Universidade Federal de Pernambuco em 1952. Frequenta o Ateliê Coletivo, fundado por Abelardo da Hora, fazendo aulas de desenho, e participa da 5ª e da 9ª edição da Bienal Internacional de São Paulo (respectivamente, em 1959 e 1967). Em 1964, realiza um mural para o Banco do Brasil em Recife. Recebe, em 1970, o prêmio Isenção do Júri pela sua participação no Salão Nacional de Arte Moderna. A respeito de seu trabalho de ilustrador, pode ser mencionada a sua colaboração na publicação do livro *Pintura e Poesia Brasileiras*, de 1980, com poemas de João Cabral de Melo Neto.



FÉ CÓRDULA

(São Rafael, RN, 1933 / Goiânia, GO, 2016)

RIO GRANDE DO NORTE

Marinha, 1980

Acrílica sobre tela, 54,5 x 65 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Roberto Rugiero, 1982



Pintor, escultor e desenhista autodidata. Nasce no sertão do Seridó e é criado em Acari, onde convive com a cultura popular. O povo é extremamente criativo em suas artes e ofícios, inclusive nos objetos do dia a dia, painéis, vasos e outros objetos de uso doméstico de barro, selas para montaria, brinquedos populares, roupas de vaqueiro, lamparinas para alumiar a escuridão da noite e até objetos de adorno. Tudo ele aprende e, desde cedo, vira artesão. Muda-se para Goiás, em 1974, em busca de novos horizontes, trazendo na bagagem as raízes do sertão do Seridó. Vive como um ermitão, praticamente isolado da civilização, numa chácara, nos arredores da capital, junto com sua família. No ateliê, que se confunde com a própria casa, pinta todos os dias, quase sempre animais, aves, imagens de São Francisco de Assis, figuras do povo, cenas do folclore goiano, folguedos, cavalhadas, a procissão do fogaréu e outras festas populares. Participa de inúmeras exposições, sendo reconhecido nacionalmente, expressando em seus trabalhos a cultura e a religiosidade popular.

FRANCISCO STOCKINGER

(Traun, Áustria, 1919 / Porto Alegre, RS, 2009)

RIO GRANDE DO SUL

Amazona com cavalo, sem data

Madeira e metal, 214 x 150 x 42 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Trilha Galeria de Arte Ltda., compra, 1984



Escultor, gravador, desenhista, caricaturista, professor e gestor cultural. A família emigra para o Brasil em 1921. Em 1929, muda-se com a mãe para a capital paulista e faz curso de desenho com Anita Malfatti no Colégio Mackenzie, onde é interno. Em 1937, passa a viver no Rio de Janeiro. Após um período de vários anos trabalhando na companhia Navegação Aérea Brasileira (NAB), na qual cursa voo por instrumentos e meteorologia e exerce o cargo de previsor do tempo para a aviação, em 1946, inicia os estudos no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, sem concluir. Mas já inserido no meio artístico, começa a frequentar o ateliê de Bruno Giorgi, convivendo com Oswaldo Goeldi, Marcelo Grassmann e Maria Leontina. Em 1954, transfere-se para Porto Alegre para trabalhar na diagramação do jornal *A Hora*. Lá começa a realizar xilogravuras. Em 1956, naturaliza-se brasileiro e é eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa, cargo que ocupa em 1957 e em 1978. Em 1961, funda o Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre e é seu primeiro diretor. Seis anos depois, ocupa o cargo de diretor do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli e da Divisão de Artes do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do Estado. Junto com Vasco Prado, em 1985, organiza um curso de escultura com modelo vivo no mesmo museu onde fora diretor. Recebe, em 1994, o título de cidadão honorário de Porto Alegre e, em 1997, o prêmio do Ministério da Cultura na área de artes plásticas.

GLAUCO PINTO DE MORAES

(Passo Fundo, RS, 1928 / São Paulo, SP, 1990)

RIO GRANDE DO SUL

Locomotiva, engaste frontal – FEPASA, 1977

Óleo sobre tela, 151 x 201 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, sem data



Pintor, gravador, desenhista e advogado. Estabelece-se em Porto Alegre, onde inicia suas atividades artísticas no fim da década de 1940 e, em paralelo, exerce a advocacia, entre 1950 e 1968. Realiza sua primeira exposição individual na Galeria Yázigi, em Porto Alegre, em 1973. A partir disso, é convidado a participar de diversas mostras coletivas, como a 13ª e 15ª Bienais de São Paulo, de 1975 e 1979, e várias edições do Panorama da Arte Brasileira do MAM-SP, entre 1976 e 1986. É premiado pela Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) pela melhor exposição de pintura, em 1977. No ano seguinte, recebe prêmio de viagem ao exterior do Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro. Integra o Conselho de Arte e Cultura da Bienal Internacional de São Paulo e é fundador e conselheiro da Associação Profissional de Artistas Plásticos. Também exerce a função de assessor especial de artes plásticas da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo. Em suas obras mais características, explora o universo das engrenagens e do maquinário ferroviário.

VASCO PRADO

(Uruguaiana, RS, 1914 / Porto Alegre, RS, 1998)

RIO GRANDE DO SUL

Cavalo, 1982

Tinta de impressão e lápis de cera sobre papel, 96 x 66 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, compra, 1985



Gravador, escultor, tapeceiro, ilustrador, desenhista e professor. Em 1940, passa pela Escola de Belas Artes de Porto Alegre, e depois mantém uma pesquisa autodidata. Já interessado na escultura, em 1941, constrói seu primeiro ateliê, onde tem como assistente ao pintor Oscar Boeira. Engajado politicamente, concorre a deputado estadual pelo Partido Comunista Brasileiro em 1946, sem sucesso. Entre 1947 e 1948, estuda em Paris, como bolsista do governo francês, é aluno de Fernand Léger e frequenta o ateliê de gravura da Escola Nacional Superior de Belas Artes. Durante sua estada na França tb conhece o artista mexicano Leopoldo Méndez, diretor do Taller de Gráfica Popular, fundado na cidade do México. Retorna ao Brasil em 1949 e no ano seguinte, junto com Carlos Scliar, funda o Clube de Gravura de Porto Alegre. Era um grande amigo de Iberê Camargo, artista com quem chega a dividir ateliê. Em 1966, leciona escultura no Ateliê Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. No ano de 1987, integra a equipe da direção do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli, onde permanece até 1991. Em 1994, é realizada a retrospectiva Vasco Prado, 80 Anos, na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre. Existem esculturas e painéis de sua autoria instalados no Brasil e no exterior. Após seu falecimento, no ano 2000, sua residência é transformada em memorial com a finalidade de preservar documentos, objetos pessoais e obras do artista.

VERA CHAVES BARCELLOS

(Porto Alegre, RS, 1938)

RIO GRANDE DO SUL

O sorriso, 1969

Xilogravura em cores sobre papel – 18/30, 91 x 61 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação da Fundação Vera Chaves Barcellos, 2022



Artista multimídia, gravadora e professora. Finaliza a sua primeira formação em música, pelo Instituto de Belas Artes de Porto Alegre em 1957 e, em seguida, cursa artes plásticas por dois anos. Entre 1961 e 1965, frequenta cursos em Londres, na Central School of Arts and Crafts e na St. Martin's School, em Roterdã, na Academie van Beeldende Kunsten, e em Paris, na Académie de la Grande Chaumière, onde estuda desenho, pintura e gravura. Quando retorna ao Brasil, em 1965, dedica-se exclusivamente à gravura por um tempo, continua seus estudos com Iberê Camargo e Marcelo Grassmann. Em 1970, começa a realizar experimentações que a transformam em uma pioneira da arte brasileira. Em 1975, é contemplada com uma bolsa de estudos do British Council, e faz estágio de seis meses no Croydon College of Art and Technology, estudando a fotografia e sua relação com as artes gráficas. Ao retornar ao Brasil, durante dois anos, produz a série *Testartes*, trabalhos com imagens fotográficas e textos que propõem a participação do espectador. Esses trabalhos promovem a sua participação na 37ª Bienal de Veneza, em 1976, e na 14ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1977. Integra o grupo Nervo Ótico, em Porto Alegre, entre 1977 e 1978. Muda-se para Barcelona em 1986, mantendo desde então, atividades no Brasil e na Espanha. Desde a década de oitenta realiza instalações multimídia, empregando além da fotografia, outros meios. Atualmente, vive e trabalha na cidade de Viamão, no Rio Grande do Sul, onde segue produzindo obras e gerindo a Fundação Vera Chaves Barcellos, criada em 2003, cuja missão é à difusão, preservação e divulgação da arte contemporânea. Em 2007, o Centro Cultural Santander de Porto Alegre apresenta a retrospectiva *O Grão da Imagem*, uma Viagem pela Poética de Vera Chaves Barcellos, com curadoria de Agnaldo Farias, Fernando Cocchiarale e Moacir dos Anjos. Dois anos depois, o Museu de Arte de São Paulo realiza *Imagens em Migração*, outra grande mostra abrangente de sua trajetória.

ISMAEL NERY

(Belém, PA, 1900 / Rio de Janeiro, RJ, 1934)

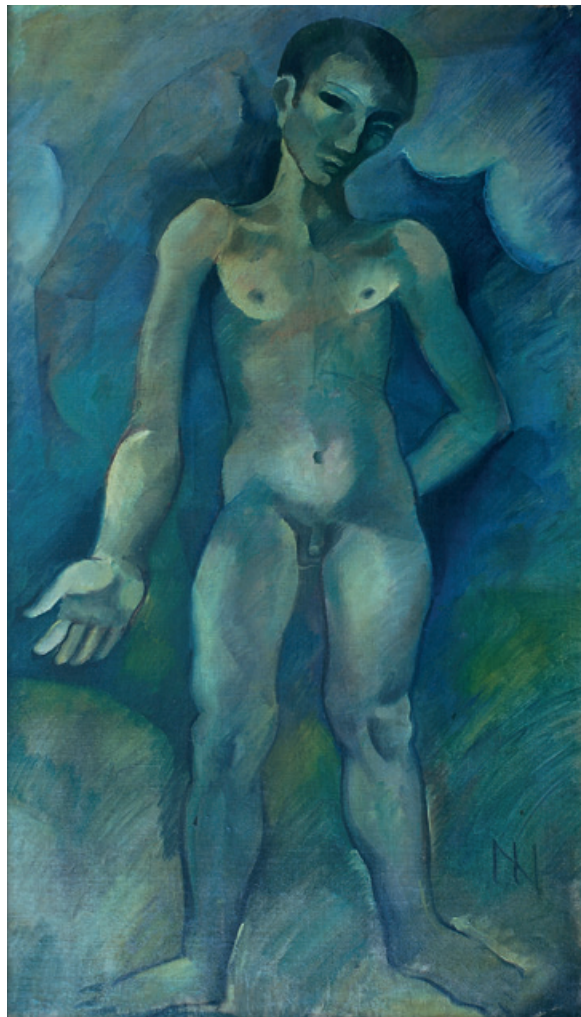
RIO DE JANEIRO

Adolescente, 1927/28

Óleo sobre tela, 103 x 58 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Rodrigo Monteiro Lobato, compra, 1970



Pintor, desenhista, arquiteto, cenógrafo, filósofo e poeta, descendente de indígenas, africanos e holandeses. Mora no Rio de Janeiro a partir de 1909. Em 1917, ingressa na Escola Nacional de Belas Artes. Viaja pela Europa em 1920 e frequenta a Academia Julian, em Paris. De volta ao Brasil, torna-se desenhista na seção de Arquitetura e Topografia da Diretoria do Patrimônio Nacional, ligada ao Ministério da Fazenda. Ali trava amizade com o poeta Murilo Mendes, incentivador de sua obra. Nessa época, sua pintura é de tendência Expressionista. Em 1926, cria um sistema filosófico de fundamentação católica denominado Essencialismo, cujo objetivo, segundo ele, é “ajudar o homem a ser homem”, perseguindo a justiça e a virtude, dividido em três campos: o filosófico, o moral e o artístico. Em 1927, volta à Europa, onde conhece Marc Chagall, André Breton, Giorgio de Chirico, Pablo Picasso, entre outros artistas. Sua obra sofre influência do Surrealismo, do Cubismo e da pintura metafísica. Seus temas centram-se sempre na figura humana: retratos, autorretratos e nus. Em 1929, depois de uma viagem à Argentina e ao Uruguai, é diagnosticado com tuberculose. Faz tratamento em Petrópolis por dois anos. Infelizmente, em 1933, a doença volta. A partir daí, suas figuras tornam-se mais viscerais e mutiladas, refletindo a fragilidade do corpo e seu drama pessoal. Morre em 1934. Em 1948, Murilo Mendes publica uma série de artigos nos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Letras e Artes*, buscando resgatar sua obra plástica, literária e filosófica. Sua produção artística permanece esquecida até 1965, quando é incluído na 8ª Bienal de São Paulo, na Sala Especial de Surrealismo e Arte Fantástica. A partir dali são feitas várias retrospectivas e recebe o merecido reconhecimento postumamente.

DJANIRA (Atribuído a)
(Avaré, SP, 1914 / Rio de Janeiro, RJ, 1979)

RIO DE JANEIRO

Paisagem de Parati, 1967
Óleo sobre tela, 50 x 60 cm
Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP
Procedência: Coleção Roberto Pinto de Souza, compra, 1970



Pintora, desenhista, ilustradora, cartazista, cenógrafa e gravadora. Cresce em Porto União, Santa Catarina. Muda-se para São Paulo em 1932. Em 1937, é internada com tuberculose em sanatório de São José dos Campos, no qual começa a desenhar. Transfere-se para o Rio de Janeiro em 1939, em favor de sua saúde, e abre uma pensão no bairro de Santa Teresa, onde convive com artistas modernos como Milton Dacosta, Carlos Scliar, a portuguesa Maria Helena Vieira da Silva, o húngaro Arpad Szênes e o romeno Emeric Marcier. Assiste a aulas de pintura no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. Em 1942, expõe pela primeira vez na Divisão Moderna do Salão de Belas Artes e, no ano seguinte, faz sua primeira exposição individual, no edifício da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro. Em 1943, participa da exposição *Pintura Moderna Brasileira*, na Royal Academy of Arts, em Londres, Inglaterra. Nessa época, apresenta suas obras na Argentina, no Uruguai e no Chile. Entre 1944 e 1947, mora nos Estados Unidos, onde realiza várias exposições. Também participa da *Exposição de Arte Moderna* no Museu Nacional de Arte Moderna de Paris. De volta ao Brasil, faz o mural *Candomblé* para a residência do escritor Jorge Amado, em Salvador, e um painel para o Liceu Municipal de Petrópolis. Djanira trabalha, ainda, com xilogravura e gravura em metal e faz desenhos para tapeçaria e azulejaria, incluindo um desenho para o vitral do MAB FAAP. Em sua produção, destaca-se o painel monumental de azulejos de 1958 para a capela do túnel Santa Bárbara no Rio de Janeiro. Em 1977, o Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, promove retrospectiva de sua trajetória.

ZÉLIA SALGADO

(São Paulo, SP, 1904 / Rio de Janeiro, RJ, 2009)

RIO DE JANEIRO

Retrato de Lili Correia de Araújo, 1949

Óleo sobre tela, 56 x 46,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação da própria artista, 1988



Escultora, desenhista, professora e pintora. Radicada no Rio de Janeiro, começa sua formação artística com Henrique Bernardelli, cursando em seguida pintura na Escola Nacional das Belas Artes. Vencedora, em 1936, do prêmio de viagem ao exterior, transfere-se para a Europa, completando seus estudos com Othon Friesz, Robert Wlérick e Isaac Dobrinsky, em Paris. De volta para o Brasil, recebe orientação de Roberto Burle Marx. É premiada no Salão Paulista de Arte Moderna, ao qual concorre em 1955, participando ainda da 1ª e da 5ª edição da Bienal Internacional de São Paulo, assim como dos 1º, 3º, 5º, e 7º Salão Nacional de Arte Moderna, entre 1952 e 1958. Nas décadas de 1950 e 1960, expõe em diversos países da América do Sul como o Chile, a Argentina e o Peru (Mostra de Arte Moderna no Brasil), apresentando também esculturas na galeria Zitrin, em 1967. Em 1962, integra a Comissão Nacional de Belas Artes. Também se torna presidente da Seção Brasileira da Associação Internacional de Artes Plásticas ligada à Unesco. Passa a lecionar em 1959 no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde será professora por quatro anos.

FAYGA OSTROWER

(Lodz, Polônia, 1920 / Rio de Janeiro, RJ, 2001)

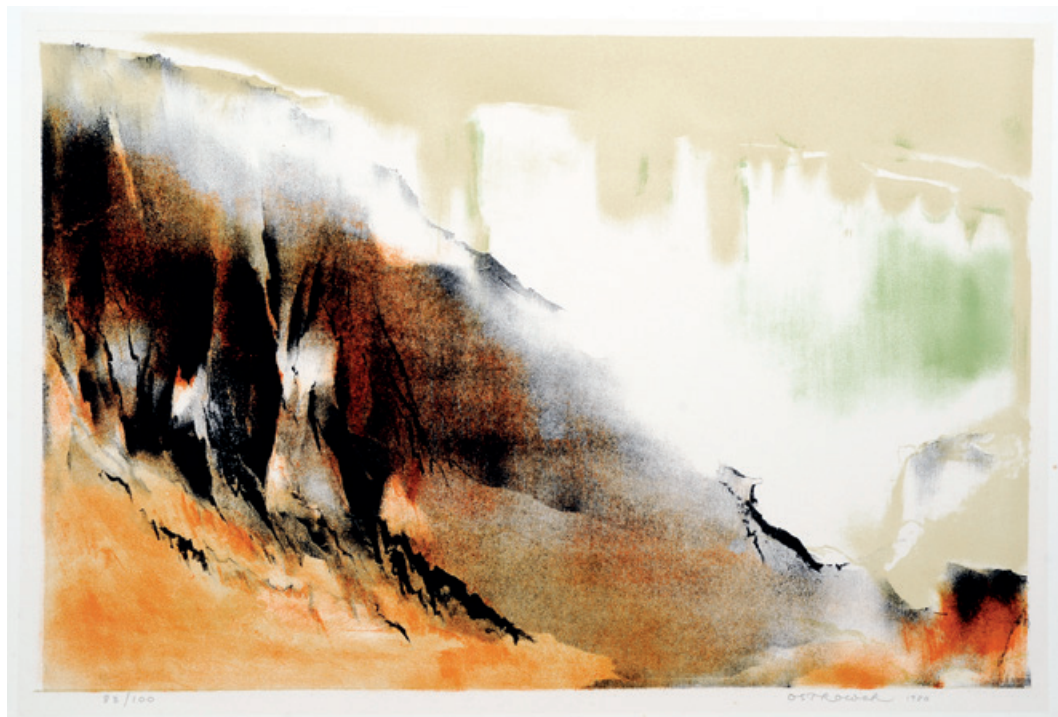
RIO DE JANEIRO

8008, 1980

Litogravura sobre papel – 83/100, 40 x 59,7 cm / 50,7 x 70,7 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação da própria artista, 1983



Gravadora, pintora, desenhista, ilustradora, teórica da arte e professora. Fayga Ostrower chega ao Rio de Janeiro em 1934. Cursa artes gráficas na Fundação Getúlio Vargas, com o professor Tomás Santa Rosa. Também toma aulas com Axl Leskoschek, Carlos Oswald, entre outros. Em 1955, passa um ano em Nova York com uma bolsa de estudos da Fullbright. Realiza exposições individuais e coletivas no Brasil e no exterior. Seus trabalhos se encontram nos principais museus brasileiros, da Europa e das Américas. Recebe numerosos prêmios em bienais, entre os quais o Grande Prêmio Nacional de Gravura da 4ª Bienal de São Paulo (1957) e o Grande Prêmio Internacional da 29ª Bienal de Veneza (1958). Entre os anos de 1954 e 1970, leciona a disciplina de Composição e Análise Crítica no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Durante a década de 1960, é professora em duas faculdades do estrangeiro e, posteriormente, em cursos de pós-graduação em várias universidades brasileiras. Nesse período desenvolve também cursos para operários e centros comunitários, visando a democratização da arte, e escreve vários livros sobre questões de arte e criação artística, sendo os mais importantes: *Criatividade e Processos de Criação*, da Editora Vozes; e *Universos da Arte e Acasos e Criação Artística*, ambos da Editora da Unicamp. De 1978 a 1982, preside a comissão brasileira da International Society of Education Through Art, INSEA, da Unesco. Faz parte do Conselho Estadual de Cultura do Rio de Janeiro de 1982 a 1988. É agraciada com prêmios e condecorações, entre eles, em 1999, recebe o Grande Prêmio de Artes Plásticas do Ministério da Cultura.

ISRAEL PEDROSA

(Alto Jequitibá, MG, 1926 / Niterói, RJ, 2016)

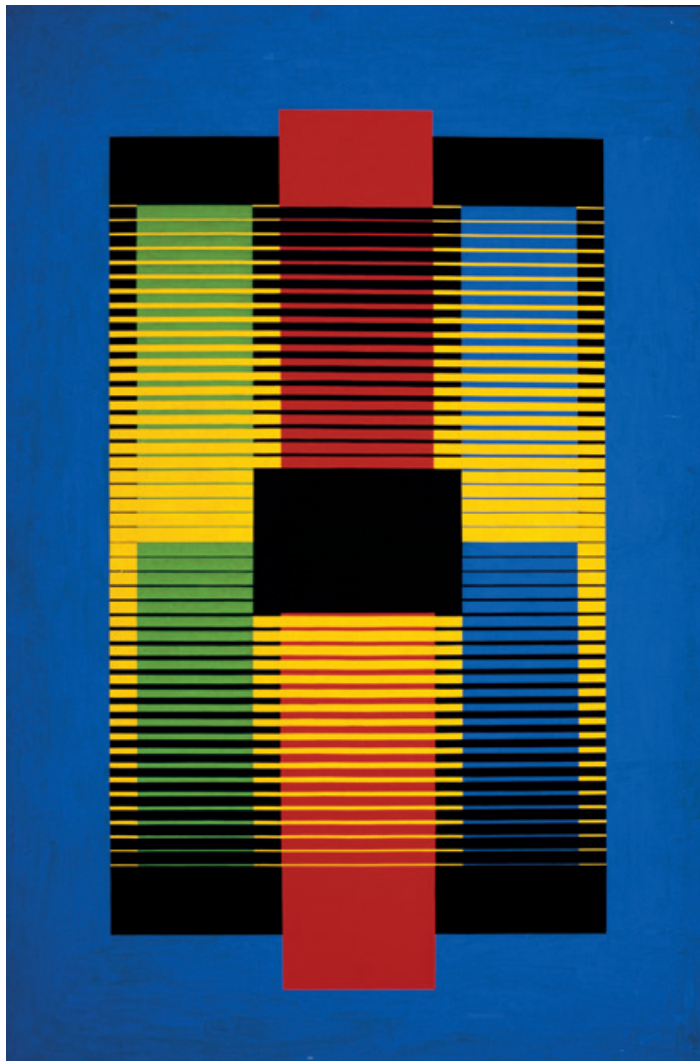
RIO DE JANEIRO

Vermelho, verde e azul, série Mutações cromáticas, 1978

Óleo sobre tela, 195 x 130 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: não identificada, 1983



Pintor, pesquisador, professor universitário, escritor e livreiro. Em 1937, ainda adolescente, vai morar em Juiz de Fora (MG), onde estuda pintura com Ferruccio Dami. Reside no Rio de Janeiro, entre 1942 e 1947, sendo aluno de Candido Portinari. Faz parte da Força Expedicionária Brasileira, que combate na Segunda Guerra Mundial entre 1944 e 1945. De 1948 a 1950, estuda na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts, em Paris. Em 1960, muda-se para Niterói e, três anos depois, funda a cadeira de História da Arte na Universidade Federal Fluminense. Entre 1969 e 1972, aprofunda seus estudos sobre a “cor inexistente”, que, segundo ele, seria “uma cor complementar produzida pela ação dos contrastes de várias gamas de uma cor primária, levadas ao paroxismo”. Encontra no escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe passagens que lhe permitem considerar este como um precursor da sua teoria. Em 1973, recebe bolsa da Embaixada Alemã e o Prêmio Thomas Mann por essa descoberta. No ano de 1977, publica o livro *Da Cor à Cor Inexistente*, best seller nacional, e, em 2003, *O Universo da Cor*, ambos pela Editora Senac Nacional. Essas obras rendem, ao longo de sua carreira, vários cursos e conferências no Brasil e no exterior (França, Bélgica, Hungria, Alemanha e México). Também é sócio honorário da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Participa de importantes exposições, como a 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, a 1ª Bienal Latino-Americana de São Paulo, em 1978, e o 11º Panorama de Arte Atual Brasileira, em 1979.

ANNA BELLA GEIGER

(Rio de Janeiro, RJ, 1933)

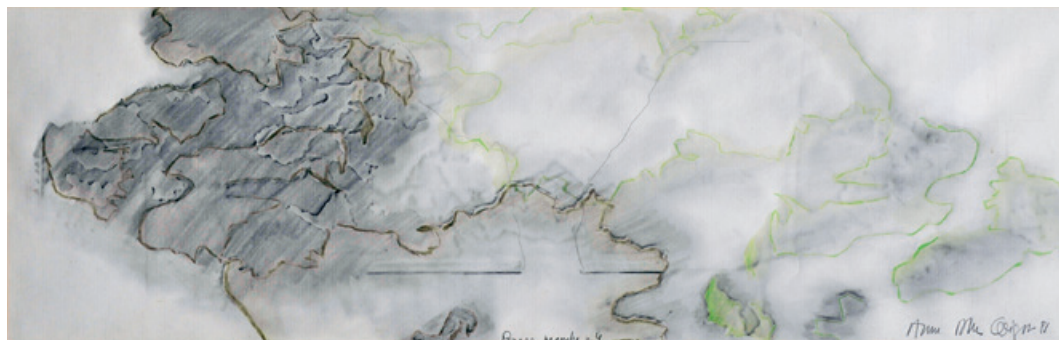
RIO DE JANEIRO

Quase mancha n. 4, 1981

Grafite e lápis de cor sobre papel, 23 x 72 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação da São Marco S.A. Condutores Elétricos, 1988



Artista visual, designer gráfica, fotógrafa e professora. Na década de 1950, inicia seus estudos no ateliê de Fayga Ostrower. Em 1954, vive em Nova York, onde frequenta aulas de história da arte com Hannah Levy no Metropolitan Museum of Art e é ouvinte em alguns cursos na New York University. Retorna ao Brasil em 1955. Entre 1960 e 1965, participa do ateliê de gravura em metal do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, no qual começa a lecionar três anos mais tarde. Em 1969, passa um ano em Nova York ministrando aulas na Columbia University. Em 1982, recebe bolsa da Guggenheim Memorial Foundation, em Nova York. Sua obra caracteriza-se pelo uso de diversas linguagens e a exploração de novos materiais e suportes. Nos anos 1970, sua produção tem caráter experimental – a artista explora diversas técnicas como fotomontagem, fotogravura, xérox, vídeo e Super-8. Dedicar-se também à pintura desde a década de 1980. A partir dos anos 1990, emprega novos materiais e produz formas cartográficas vazadas em metal, dentro de caixas de ferro ou gavetas de mapotecas, preenchidas com encáustica. Nesse período, suas obras situam-se no limite entre a pintura, o objeto e a gravura. Recentemente, tem retomado seu interesse pelas novas tecnologias, elaborando obras com vídeo associado a outras mídias.

ANNA BELLA GEIGER

(Rio de Janeiro, RJ, 1933)

RIO DE JANEIRO

Quase mancha 3, 1981

Grafite e lápis de cor sobre papel, 32 x 64 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação da São Marco S.A. Condutores Elétricos, 1988



MELINDA GARCIA

(Rio de Janeiro, RJ)

RIO DE JANEIRO

Peixes, 1978

Bronze polido e granito, 110 x 47 x 36 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção da própria artista, 1979



Artista plástica, escultora e escritora. Aos 7 anos, começa sua vida artística frequentando o curso infantil da Escola de Belas Artes. Toma aulas livres no Parque Lage, aos 16 anos, e a partir daí começa a se dedicar à arte profissionalmente. Ingressa no curso de Design de Joias na Universidade Veiga de Almeida, mas o deixa inconcluso para colocar todas as energias na abertura de sua galeria de arte em Búzios. Com uma vida dedicada à criação de esculturas monumentais, suas obras podem ser vistas nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. A produção Neoconcretista do início dos anos 1960 tem grande influência em sua produção. Um de seus trabalhos mais conhecidos, *Velocidade, Alma e Emoção*, é uma homenagem a Ayrton Senna, inicialmente localizado na entrada do Túnel Ayrton Senna (São Paulo - SP), em 2017, e depois transferido para a Praça Ayrton Senna do Brasil, no complexo do Parque do Ibirapuera, no Centro Esportivo e de Lazer Modelódromo. Em 2017, ganha prêmio na categoria Escultura, concedido pela 11ª Bienal de Arte Contemporânea de Florença, na Itália. Atualmente a artista está em vias de criar o museu temático Associação Cultural Museu Criacionista Melinda Garcia, visando integrar os conceitos sobre arte, ciência, religião e física moderna, mas, sobretudo, elevar a percepção cognitiva do homem ao nível da consciência quadridimensional.

JACOB CARLOS SILVEIRA

(Palhoça, SC, 1947 / Guarda do Embaú, SC, 2016)

SANTA CATARINA

Tábua de esmeralda, 1983

Óleo, cola e tinta plástica sobre madeira, 60 x 100 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, sem data



Pintor autodidata e desenhista. É um ícone do movimento pop da Grande Florianópolis. Apresenta suas obras em diversas exposições, entre elas a Mostra Catarinense de Novos Primitivos, na Casa da Cultura de Florianópolis, em 1982; no Museu de Arte de Santa Catarina, em que recebe Menção Honrosa, em 1983; a exposição Belas Artes Brasil-Japão, que faz itinerância em Tóquio, Atami, Osaka e Rio de Janeiro, também em 1983; na Galeria Macunaíma, na Fundação Nacional de Artes (Funarte), no Rio de Janeiro, em 1986; a exposição Coleção Artistas de Florianópolis, em Blumenau, em 1987; no Salão Latino-americano de Artes, na Bolívia, no Taiti e na Colômbia, em 1989; e Vestígios Latinos, no Museu de Arte de Santa Catarina, mostra itinerante que passa por Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, em 1992. Realiza ilustrações para o livro de poemas *Portal dos Mistérios*, de Carlos Borges, em Curitiba. Sempre ativo e interessado na cultura em todas as suas vertentes, é um dos três realizadores do lendário Festival de Rock de Palhoça, Palhostock. Seu trabalho caracteriza-se pelo uso de símbolos de civilizações antigas, como inscrições rupestres, também aplica a técnica do pontilhismo e, além de tinta, usa outros materiais na pintura, como cola e areia. Nas obras mais recentes, há uma mudança radical, com traços de gestualidade acentuada em telas de grandes dimensões.

Reverberações do Modernismo e da arte popular em outras regiões

As dimensões de um país continental, somadas à comunicação muito menos ágil na primeira metade do século XX, fizeram com que as diferentes regiões do Brasil vissem processos modernistas dissimilares. É claro que as conjunturas políticas, sociais e econômicas das diversas cidades também determinaram esse descompasso. A seguir, vamos nos aprofundar em alguns desses processos.

Em Recife, em 1925, ocorreu o Manifesto Regionalista, constituído por um conjunto de declarações elaboradas por um grupo modernista de vertente regionalista da capital de Pernambuco, liderado pelo sociólogo Gilberto Freyre. Esse movimento expressava a necessidade de restituir a cultura regional nordestina. Em 1928, houve uma mostra individual de Cícero Dias, com prefácio de Gilberto Freyre que, segundo alguns pesquisadores, poderia ser considerada a primeira exposição modernista de Pernambuco. E, em 1930, por articulação dos irmãos Rêgo Monteiro, Recife inaugurou a primeira exposição de arte moderna europeia da América do Sul. Pesquisas recentes defendem que, por meio da circulação e trocas artísticas dos imigrantes e artistas Fedora, Vicente e Joaquim do Rêgo Monteiro, Pernambuco foi porto de chegada de vanguardas europeias não apenas no Brasil, mas na América do Sul. Eles fizeram o Brasil tomar contato com a arte moderna antes dos grandes eventos oficiais de São Paulo, como a Semana de Arte Moderna de 1922.

O Modernismo chegou à Bahia por meio da literatura na década de 1920, mas nas artes o processo foi mais demorado. A Escola de Belas Artes continuava sua tradição acadêmica. Os artistas baianos premiados com viagens à Europa tinham contato com a arte moderna, mas, voltando ao país, traziam pouca influência à corte baiana, que era conservadora e tradicionalista. O primeiro artista a mostrar uma arte não acadêmica foi José Guimarães, em 1932, mas a exposição acabou não sendo bem recebida pelo público. Em 1944, houve mais duas tentativas, uma coletiva de arte moderna organizada por Jorge Amado, juntamente com o artista Manoel Martins e o jornalista Odorico Tavares, com obras de mais de 80 artistas modernistas já atuantes no eixo Rio-São Paulo; e a Primeira Mostra de Arte Moderna da Bahia, uma exposição dos artistas Miro Cravo Júnior, Carlos Frederico Bastos e Genaro de Carvalho, mas ambas se sucederam sem grande repercussão. A Bahia só conheceu transformações realmente marcantes nas áreas de cultura e das artes a partir da gestão de Odvílio Mangabeira (1947-1951), que também foi o primeiro governador a realizar uma política de apoio à iniciativa cultural. Ele executou diversas ações, como a Exposição de Arte Contemporânea, realizada em 1948, a criação dos Salões Baianos de Belas Artes, a partir de 1949, e o convite de artistas modernistas para pintarem painéis no Centro Educacional Carneiro Ribeiro. E juntamente houve uma preparação do público para compreender e aceitar essa nova arte por meio da imprensa, que, articulada com os objetivos do governo, divulgava esses eventos. Tudo isso contribuiu para a mudança de paradigmas, favorecendo o Modernismo na Bahia, que finalmente encontrou espaço, prestígio, apoio e aceitação.

Em Fortaleza, foi criada a Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP) em 1944, que teve parte importante na disseminação da arte moderna no Ceará. Ela foi fruto do Centro Cultural de Belas Artes (CCBA), fundado por Miro Baratta em 1941, um espaço para exposições permanentes e cursos de arte, primeira entidade inteiramente dedicada às artes visuais na capital cearense. Revelou novos talentos, como Antonio Bandeira e Aldemir Martins, além de consolidar artistas regionais, como Raimundo Ceta.

No centro do país o processo foi mais tardio. Em 1942 inaugurou-se oficialmente Goiânia, nova capital de Goiás, constituída com vários prédios públicos no estilo art déco. Pode-se considerar Goiânia como iniciadora e irradiadora do Modernismo no Estado, tanto nas artes plásticas quanto na arquitetura. No início dos anos de 1950, a cidade encontrava-se estabelecida e solidificada como capital. Em 1960 foi a vez de Brasília ser inaugurada como nova capital do país. Além da arquitetura moderna, obras públicas de vários artistas modernos foram incorporadas aos projetos, e, hoje, vivam marcos da cidade os painéis de azulejos de Alvaro Siza; o painel formado de blocos de concreto nas fachadas laterais do Teatro Nacional, também criado por Alvaro Siza; a escultura de Bruno Giorgi Os Guerreiros – conhecida como Os Candangos, instalada na Praça dos Três Poderes; A Justiça, de Alfredo Ceschiatti, em frente ao prédio do Supremo Tribunal Federal (STF); e o muro estrutural de concreto que Sérgio Camargo fez para o auditório do Palácio Itamaraty, como exemplos da presença modernista no dia a dia da cidade.

Não cabe aqui citar todas as regiões e suas respectivas transformações em direção ao paradigma modernista, mas fizemos uma seleção de artistas presentes em nosso acervo que demonstram a riqueza e diversidade do Modernismo brasileiro.





Vista da exposição
Reverberações do Modernismo e da arte popular em outras regiões



Vista da exposição
Reverberações do Modernismo e da arte popular em outras regiões



Mulheres em São Paulo

A partir de 1922, surgiram muitas mulheres artistas, mas nem sempre elas participavam dos coletivos ou, se participavam, não chegavam a ter notoriedade. Desde cedo, houve artistas que se destacaram, como Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. Mas a historiografia e a crítica, na primeira metade do século XX, ainda não questionavam as razões da escassa presença feminina em exposições e publicações.

Se formos analisar o número de artistas mulheres atuantes nas primeiras décadas do século, presentes em coleções públicas, veremos que são pouquíssimas. Mesmo em todo o acervo do Museu de Arte Brasileira, entre os quase 700 artistas, só 25% são mulheres. Tentando sanar essa ausência, selecionamos obras de algumas artistas que atuaram em São Paulo por um período significativo, nascidas aqui ou vindas de outras regiões ou do exterior, e que se destacaram pela sua produção e personalidade.

Entre elas estão: Noemia Mourão, Martha Loutsch, Odilla Mestriner, Niobe Xandó, Marina Caram, Mira Schendel e Anna Maria Maiolino.

NOEMIA MOURÃO

(Bragança Paulista, SP, 1912 / São Paulo, SP, 1992)

Paisagem marítima com duas moças, 1937

Óleo sobre tela, 80 x 65 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Casa dos Leilões - Giuseppe Baccaro, compra, 1970



Pintora, cenógrafa e desenhista. Em 1932, torna-se aluna de pintura de Di Cavalcanti e casa-se com ele em 1933. Acompanhando o marido no Rio de Janeiro, passa a realizar aquarelas e ilustrações para jornais. Entre 1935 e 1940, dá continuidade a esse trabalho de ilustradora em Paris, colaborando com os jornais *Le Monde* e *Paris Soir*. Cursa Filosofia e História da Arte na Sorbonne, frequentando também a Académie Ranson e a Académie de la Grande Chaumière. É solicitada pela Radio Diffusion Française – onde trabalhara Di Cavalcanti em 1938 – para participar de um programa sobre artes plásticas e literatura, ao lado de outros artistas brasileiros, como Cícero Dias, Tavares Bastos e Marcelino de Carvalho. Retorna ao Brasil e passa a estudar escultura com Victor Brecheret. Em 1947, separa-se do marido e parte, por um período de seis meses, para os Estados Unidos, trabalhando como ilustradora de revistas e decoradora de vitrines em Nova York. Ao voltar ao Brasil, em São Paulo, passa a conceber cenários e figurinos para o Teatro Brasileiro de Comédia, participando, em particular, da concepção do Balé Fantasia Brasileira de 1938, comemorativo do IV Centenário da Cidade de São Paulo. Nos anos 1960, realiza uma série de viagens pelo Brasil, estudando a arte plumária indígena. Em 1990, é organizada no MAB FAAP uma retrospectiva de sua obra.

MARTHA LOUTSCH

(Saarbrücken, Alemanha, 1911 / São Paulo, SP, 1995)

Alice, 1945

Aquarela sobre papel, 78,2 x 54 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Monique Loutsch Bouffis, compra, 2010



Pintora, desenhista e aquarelista. Desde criança aprecia o desenho e a pintura. Aos 16 anos começa a frequentar a Kuntsgeverbe Schule, escola de belas artes de sua cidade natal. Seu professor é Oscar Trepte, amigo de Lasar Segall. Em 1930, passa um período em Paris, onde frequenta o ateliê de Fernand Léger. Nessa década, já participa de várias exposições, uma delas com nove artistas alemãs, sendo ela a mais jovem. Em 1935, conhece o engenheiro Robert Loutsch, com quem se casa, e, em 1936, embarca com ele para o Brasil. A chegada ao Rio de Janeiro causa um grande impacto para a artista. Mas, 15 dias depois, se transladam para Sabará, Minas Gerais, onde passam a residir. Martha dedica-se inteiramente ao seu trabalho e começa a ter reconhecimento. O então diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), Rodrigo Melo Franco de Andrade, encomenda-lhe o *Mural dos Garimpeiros*, para o Museu do Ouro de Sabará, realizado entre 1940 e 1943. Em seguida, conhece Guignard, que a convida a participar da Exposição de Arte Moderna, oportunidade que lhe permite conhecer artistas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Em 1944, apresenta 35 trabalhos na Galeria Askanasy, no Rio de Janeiro, e, nesse mesmo ano, participa de uma exposição organizada pela União Universitária Feminina, com apresentação de Manuel Bandeira, na qual também expõem Maria Leontina, Vieira da Silva, Hilde Weber, entre outras artistas. Em 1947, faz exposição em Belo Horizonte. Durante toda a sua vida, realiza diversas viagens, nas quais aproveita para encontrar novos temas para suas obras. Em 1956, muda-se para São Paulo, onde mora por quase quatro décadas. O Museu de Arte da Pampulha realiza uma retrospectiva da artista em 1963. Em 1968, ganha o 1º Prêmio de Pintura Documentária do 1º Salão de Belas Artes de Sabará.

ODILLA MESTRINER

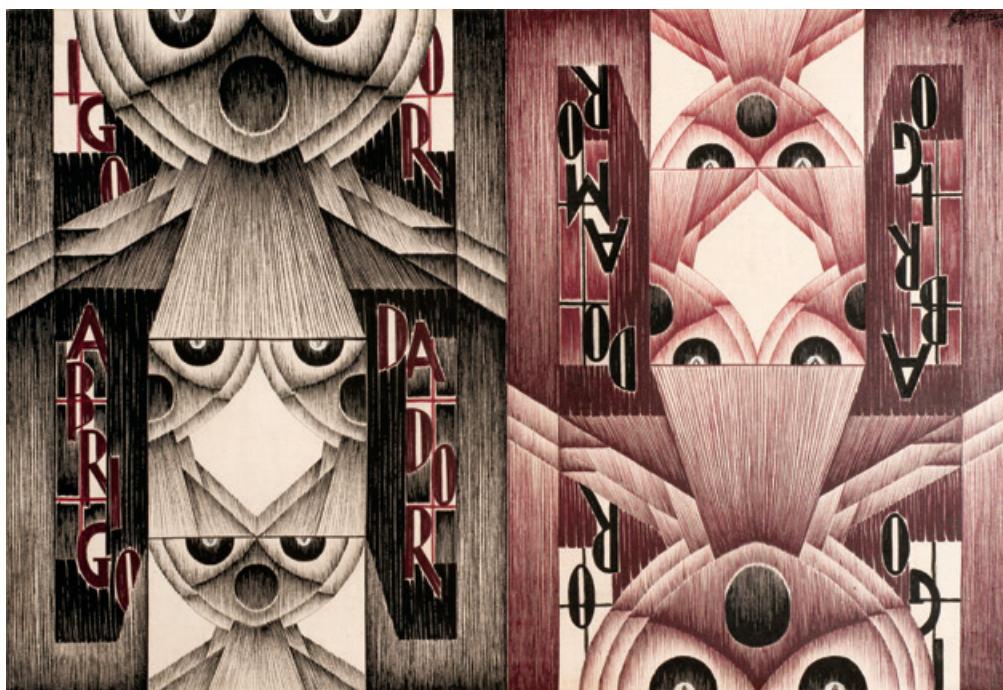
(Ribeirão Preto, SP, 1928-2009)

Figuras casas-casas figuras X, 1966

Caneta esferográfica sobre tela, 54,6 x 79,6 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação do Espólio de Odilla Mestriner, 2017



Desenhista e pintora. Entre 1955 e 1956, estuda na Escola Municipal de Belas Artes de Ribeirão Preto, sendo aluna de Domenico Lazzarini. Desenvolve um interesse pronunciado pelo desenho, acabando por dedicar-se ao gênero. Realiza a sua primeira exposição individual em 1959, na Piccola Galeria do Instituto Italiano de Cultura, no Rio de Janeiro. As décadas de 1960 e 1970, são identificadas pela própria artista como os anos de maiores conquistas de toda sua trajetória, por terem marcado – entre outros elementos – a sua participação em diversas mostras internacionais. Ao longo de sua carreira, Mestriner explora diversas técnicas: desenhos com nanquim, colagens, litografias e aquarelas. A figura humana torna-se um motivo recorrente em suas obras, por vezes no limite entre abstração e figuração. De 1959 a 1969, participa de todas as edições da Bienal Internacional de São Paulo, recebendo, em 1969, o Prêmio Aquisição Itamaraty. É também contemplada com o Prêmio Melhor Desenhista da Associação Paulista dos Críticos de Arte em 1973. De 2000 a 2006, produz obras relativas ao tema da banana, fruta encarada como símbolo de uma identidade não só brasileira como sul-americana, evocativa de uma certa tropicalidade, e também relacionada a questões político-sociais (em reação ao emprego da expressão “república bananeira” para referir-se de modo pejorativo aos países latino-americanos). Falece em 2009, em Ribeirão Preto, cidade da qual nunca quis se distanciar.

NIOBE XANDÓ

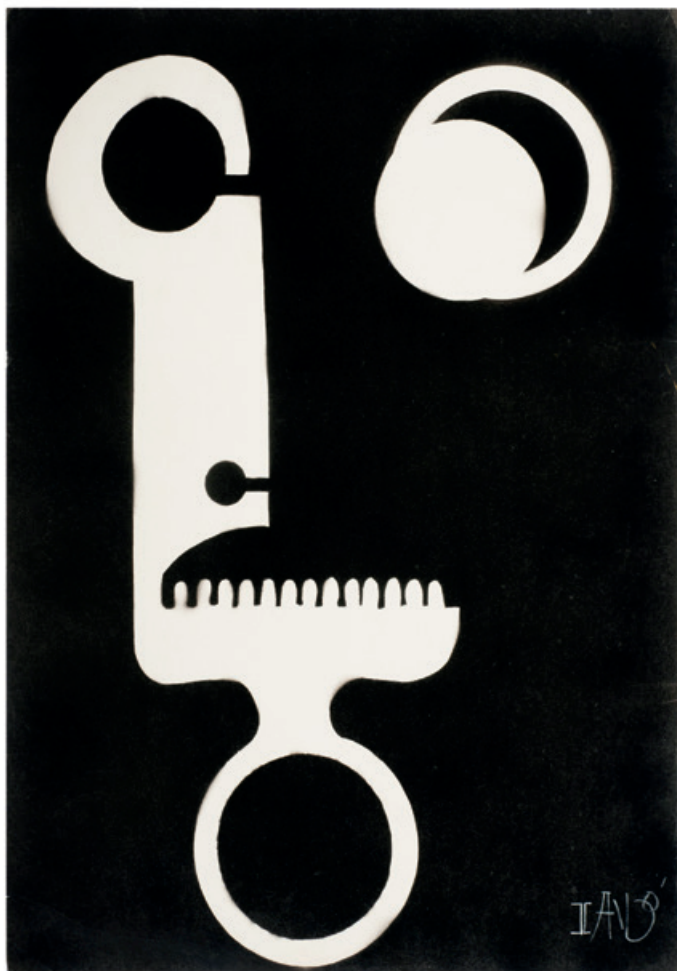
(Campos Novos do Paranapanema, atual Campos Novos Paulista, SP, 1915 / São Paulo, SP, 2010)

Máscara CLX / Fera III, 1970

Spray acrílico sobre serigrafia sobre papel – 15/50, 75,5 x 55,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Lourdes Xandó, 2015



Pintora, desenhista e escritora. Tendo passado os primeiros anos de sua vida no interior do estado de São Paulo, parte para a capital em 1932, onde acaba fixando-se. Casa-se com João Baptista Ribeiro Rosa, militante e membro ativo do Partido Comunista, passando a frequentar as reuniões do grupo. É em Nova Iorque que inicia sua carreira de artista, já com 32 anos. No mesmo ano, conhece Geraldo de Barros e Yoshiya Takaoka, encontro determinante em seu percurso. Em 1953, realiza sua primeira mostra individual na Livraria das Bandeiras, em São Paulo. Separa-se do primeiro marido, casando-se com o intelectual tcheco Alexandre Bloch. Durante o ano de 1957, viaja para a Espanha e França. Seu trabalho é notado pela comunidade artística na 8ª Bienal Internacional de São Paulo, ocorrida em 1965. No mesmo ano, muda-se para a Bahia e aproxima-se do universo Surrealista, explorando motivos florais, vegetais e animais. Sua produção artística da década de 1960 é marcada pela temática das máscaras e dos totens, com obras mais abstratas que se conectam com a cultura africana, simbolizando suas ressonâncias na arte brasileira. Entre as mostras das quais participa, destacam-se a 10ª Bienal de São Paulo, em 1969, e a 1ª Bienal Latino-Americana de São Paulo, em 1978.

MARINA CARAM

(Sorocaba, SP, 1925 / São Paulo, SP, 2008)

Herói da guerra, estudo, São Paulo, 1979

Gravura em metal, água-tinta, e aguada sobre papel, 59 x 39,6 cm / 75,5 x 53 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Luiz Fernando Caram Loureiro, 2021



Pintora, desenhista, gravadora, escultora e ilustradora. Contrariando o desejo de seu pai, que queria que ela se dedicasse ao magistério, muda-se para a casa de parentes em São Paulo, em 1939, para começar sua carreira como artista. Em meados da década de 1940, conhece Di Cavalcanti, que, após vê-la desenhar, lhe empresta seu ateliê por uns anos. Acaba conhecendo Oswald de Andrade, que, encantado com sua obra, em 1947, apresenta a jovem a Pietro Maria Bardi. Sua primeira exposição acontece justamente no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp) em 1951. Em seguida, ela consegue uma bolsa para estudar em Paris, onde frequenta a Escola Superior de Belas Artes. Ao regressar ao Brasil, expõe novamente no Masp. Realiza diversas viagens de estudo pela Europa, pela América Latina e pelo Brasil. Participa de importantes exposições como a 2ª, 3ª e 8ª edição da Bienal Internacional de São Paulo, entre os anos 1953 e 1965, e, em 1958, do Prêmio Leimer de Arte Contemporânea. Em 1983, recebe convite para expor suas obras na França, no Museu Saint-Vic, em Saint-Armand Montrond. Atua também como ilustradora, colaborando com o Suplemento Literário do jornal *O Estado de S. Paulo* e realizando ilustrações em diversos livros. Em 1985, é homenageada pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) com o prêmio na categoria Retrospectiva pelos 40 anos de sua produção em pintura. Sua obra é marcada por uma figuração de características expressionistas com temática de cunho social, retratando personagens anônimos das grandes cidades e de manifestações folclóricas.

MIRA SCHENDEL

(Zurique, Suíça, 1919 / São Paulo, SP, 1988)

Série Ouro, 1984/85

Têmpera e folha metálica sobre aglomerado de polpa de madeira, 90 x 90 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação da São Marco Minas S.A. Condutores Elétricos, 1988



Desenhista, pintora, escultora e poeta. Nascida em Zurique, muda-se para Milão após a separação de seus pais, sua mãe tendo se casado novamente com um conde italiano. Na década de 1930, decide cursar Filosofia e Arte, estudos que acaba interrompendo no contexto das fortes tensões ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial. Por ser de origem judaica, foge para a Bulgária e, em seguida, para a Iugoslávia, para escapar das perseguições antisemitas. Em 1946, estabelece-se em Roma, recebendo, em 1949, a autorização do governo para fixar-se no Brasil. Vive durante um tempo no Rio de Janeiro para finalmente transferir-se para Porto Alegre, onde restaura obras barrocas e dedica-se à pintura e à cerâmica, produzindo especialmente naturezas-mortas. Também publica suas primeiras poesias. Participa da 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, mudando-se, em 1953, para a capital paulista. A década de 1960 é provavelmente a mais produtiva: Mira começa a explorar as possibilidades oferecidas pelo papel japonês, usando a técnica da monotipia. Em 1966, faz uma mostra individual na Signals Gallery, em Londres, sob indicação do crítico de arte Guy Brett. Ainda em 1966, viaja pela Europa, passando por Milão, Veneza, Lisboa e Stuttgart. Começa a usar pintura acrílica em suas obras a partir de 1968, realizando a *série Objetos Gráficos* e *Toquinhos*. Entre 1970 e 1971, concebe seus *Cadernos*, conjunto de 150 livretes nos quais utiliza palavras, letras e signos gráficos, tirando partido da transparência das páginas para criar efeitos de superposição, ilustrando a preocupação da artista em sempre experimentar materiais, suportes, texturas. Os *Cadernos* são expostos pela primeira vez no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Nos anos 1970 e 1980, realiza diversas mostras individuais e coletivas, participando de sucessivas Bienais Internacionais em São Paulo. Em 2014, acontece uma retrospectiva de seu trabalho na Tate Gallery de Londres.

ANNA MARIA MAIOLINO

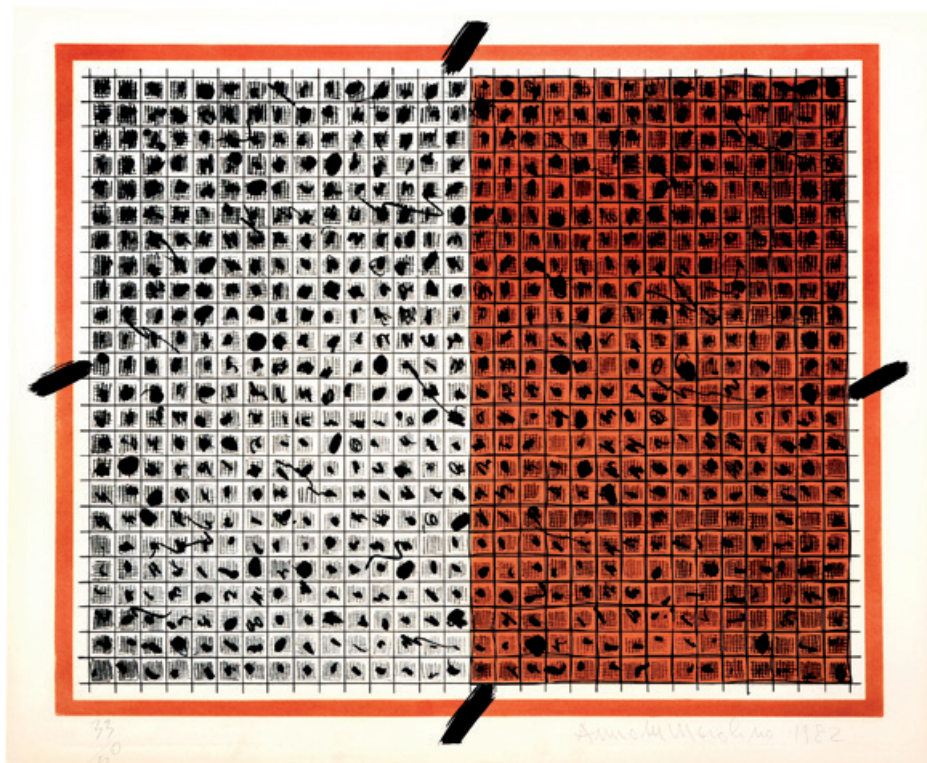
(Scalea, Itália, 1942)

Retângulo vermelho/preto, 1982

Litogravura em cores sobre papel - 33/50, 43 x 52 cm / 50 x 70 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Almavera Escritório de Arte, compra, 1983



Artista ítalo-brasileira residente em São Paulo. Em 1954, sua família emigra para a Venezuela, onde ela estuda na Escola Nacional Cristóbal Rojas, em Caracas, no curso de arte pura. Mudam-se para o Brasil em 1960. Instalada no Rio de Janeiro, frequenta os cursos livres de pintura e xilogravura da Escola Nacional de Belas Artes, na qual foi aluna de gravura de Adir Botelho. No início da década de 1970, participa da Nova Figuração, movimento em reação à abstração e de enfrentamento do momento político brasileiro. Frequenta o ateliê de Ivan Serpa no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e integra, em 1967, a mostra Nova Objetividade Brasileira, junto com Hélio Oiticica, Antônio Dias, Rubens Gerchman, Lygia Clark, Lygia Pape, entre outros. No mesmo ano, realiza sua primeira exposição individual no Brasil, mostrando xilogravuras na Galeria Goeldi, no Rio de Janeiro. Em 1968, integrada totalmente à vida cultural do país, a artista adquire a cidadania brasileira. A partir da década de 1970, amplia a experimentação e a utilização de diversas mídias, como filme Super-8, fotografia, performance e poesia escrita, e, em 1990, incorpora o vídeo à sua obra. Mais recentemente tem realizado também trabalhos sonoros.

Mulheres em São Paulo

Apresentamos aqui uma seleção de obras de artistas mulheres paulistas, com destaque para as pinturas de Tarsila do Amaral, que marcou o início da arte moderna brasileira. O objetivo é mostrar o papel das mulheres na construção da identidade cultural paulista e brasileira.

As primeiras mulheres a serem consideradas artistas modernas no Brasil foram as paulistas. Elas foram pioneiras na introdução de novas técnicas e estilos, influenciando profundamente a arte brasileira. Destacam-se nomes como Tarsila do Amaral, que se tornou uma das principais artistas do movimento modernista brasileiro.

Esta exposição reúne obras de Tarsila do Amaral, Anita Malfroides, Lygia Pape, entre outras. O objetivo é mostrar o papel das mulheres na construção da identidade cultural paulista e brasileira.



Tarsila do Amaral
Mulheres em um jardim
1928



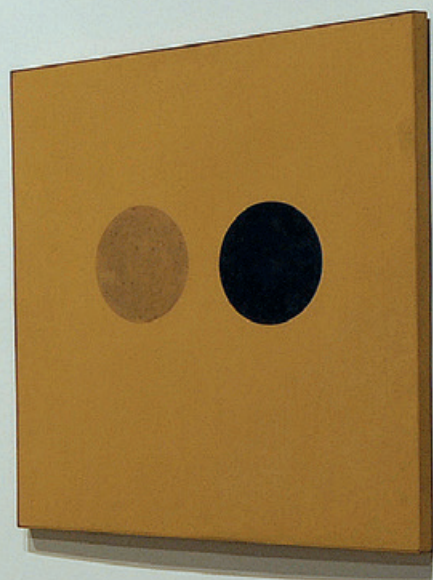
Anita Malfroides
Retrato de Anita Malfroides
1928



Lygia Pape
Formas abstratas
1950

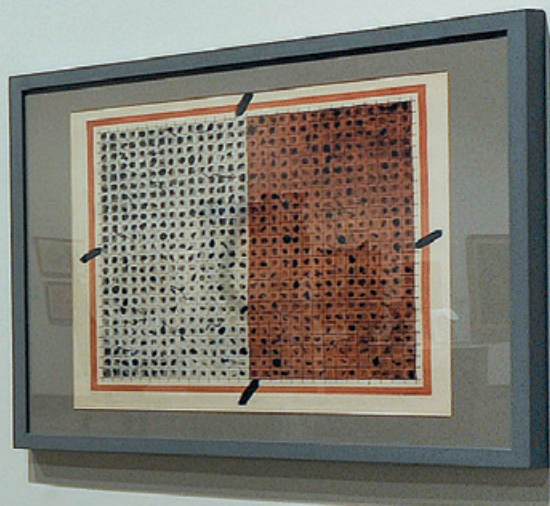


Vista da exposição
Mulheres em São Paulo



ARTIST'S STATEMENT
ARTIST'S STATEMENT
ARTIST'S STATEMENT

ARTIST'S STATEMENT
ARTIST'S STATEMENT
ARTIST'S STATEMENT



Grupo Ruptura, SP, 1952

Exposição inaugurada em 9 de dezembro de 1952 no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Organizada por um grupo de artistas liderado por Waldemar Cordeiro, marcou o início do movimento de arte concreta em São Paulo. Inicialmente, o coletivo era composto por Geraldo de Barros, Luiz Sacilotto, Lothar Charoux, Kazmer Féjer, Anatol Wladyslaw e Leopold Haar. Mais tarde, Hermelindo Fiaminghi, Judith Lauand e Maurício Nogueira Lima se incorporaram. Com apoio dos poetas concretos paulistas e de alguns artistas cariocas que tinham participado do grupo Frente, organizaram também a 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta, em 1956-1957, no mesmo museu.

O grupo começou a ser gestado em 1947, quando Waldemar Cordeiro conheceu Geraldo de Barros, Lothar Charoux e Luiz Sacilotto na mostra 19 Pintores, em que todos ainda mostravam obras influenciadas pelos ideais expressionistas. Nessa época, os artistas começaram a se reunir para discutir filosofia e arte abstrata, principalmente o conceito de forma cunhado pela psicologia da Gestalt e as ideias de Konrad Fiedler, filósofo alemão que apresentou a teoria da pura visibilidade. A partir de 1948, inspirados por essas discussões foram gradualmente mudando rumo à abstração. Foi nesse momento que aderiram ao grupo Kazmer Féjer e Leopoldo Haar, ambos com formação europeia, já vinham produzindo pinturas abstratas desde 1946. Finalmente, em 1950, ingressou Wladyslaw, ex-aluno do Atelier-Abstração de Samson Flexor.

Em seu manifesto, lançado em 1952, propunham deixar “o velho”, que eles consideravam:

“todas as variedades e hibridações do naturalismo; a mera negação do naturalismo, isto é, o naturalismo “errado” das crianças, dos loucos, dos “primitivos”, dos expressionistas, dos surrealistas, etc. ...; o não-figurativismo hedonista, produto do gosto gratuito, que busca a mera excitação do prazer ou do desprazer” .

E apresentavam “o novo” com essas características:

“as expressões baseadas nos novos princípios artísticos; todas as experiências que tendem à renovação dos valores essenciais da arte visual (espaço-tempo, movimento, e matéria); a intuição artística dotada de princípios claros e inteligentes e de grandes possibilidades de desenvolvimento prático; conferir à arte um lugar definido no quadro do trabalho espiritual contemporâneo, considerando-a um meio de conhecimento deduzível de conceitos, situando-a acima da opinião, exigindo para seu juízo conhecimento prévio” .

1 Trechos textuais do Manifesto do Grupo Ruptura, lançado em 1952.

Fonte: <https://artsandculture.google.com/asset/manifesto-grupo-ruptura>



Vista da 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta no Museu de Arte Moderna de São Paulo - Hermelindo Fiaminghi visita a exposição, dezembro de 1956

Fotógrafo: não identificado

FUNDO HERMELINDO FIAMINGHI - ACERVO INSTITUTO DE ARTE CONTEMPORÂNEA



Vista da 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta no Museu de Arte Moderna de São Paulo, dezembro de 1956

Fotógrafo: não identificado

FUNDO HERMELINDO FIAMINGHI - ACERVO INSTITUTO DE ARTE CONTEMPORÂNEA

ANATOL WLADYSLAW

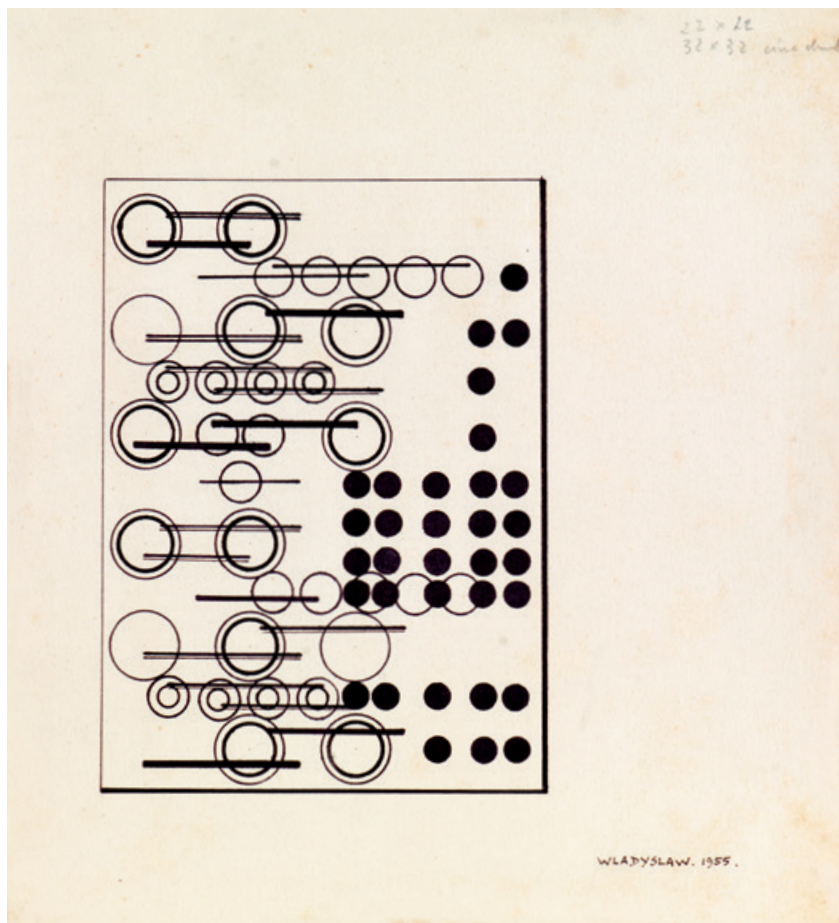
(Varsóvia, Polônia 1913 / São Paulo, SP, 2004)

Sem título, 1955

Nanquim sobre papel, 18 x 13 cm / 27,7 x 25,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Blanka Wladyslaw, 2006



Pintor, desenhista e gravador. Chega ao Brasil aos treze anos. Formado em engenharia eletrônica em 1939, começa a estudar desenho e pintura a partir de 1944. Toma aulas com Lucy Citti Ferreira e Yolanda Mohalyi, e frequenta o Atelier-Abstração de Samson Flexor. Na década de 1940, produz suas primeiras pinturas de caráter figurativo. Poucos anos depois, começa a produzir obras geométricas. Na mesma época, conhece Waldemar Cordeiro e, através dele, entra em contato com um grupo de artistas interessados em abstração geométrica. Em 1952, participa da fundação do Grupo Ruptura junto a Waldemar Cordeiro, Leopoldo Haar, Lothar Charoux, Kazmer Féjer, Geraldo de Barros e Luiz Sacilotto. Assina o manifesto do grupo e integra a sua primeira exposição, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Sem o rigor e a impessoalidade dos concretistas mais ortodoxos, em suas telas predominavam composições ortogonais e a utilização de planos de cor. No início dos anos 1960, retorna à figuração. Sua produção do período revela um caráter mítico que lembra, em alguns casos, a obra de Marc Chagall. Em 1961, recebe o prêmio de Desenho Nacional na 6ª Bienal Internacional de São Paulo. Nesse período, seu trabalho como desenhista tem maior reconhecimento que o de pintor. Com sua produção já amadurecida realiza uma retrospectiva no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - Masp, em 1984, e em 1992, expõe em Varsóvia e Breslávia, na Polônia, e em 1993, na Pinacoteca do Estado de São Paulo.

LOTHAR CHAROUX

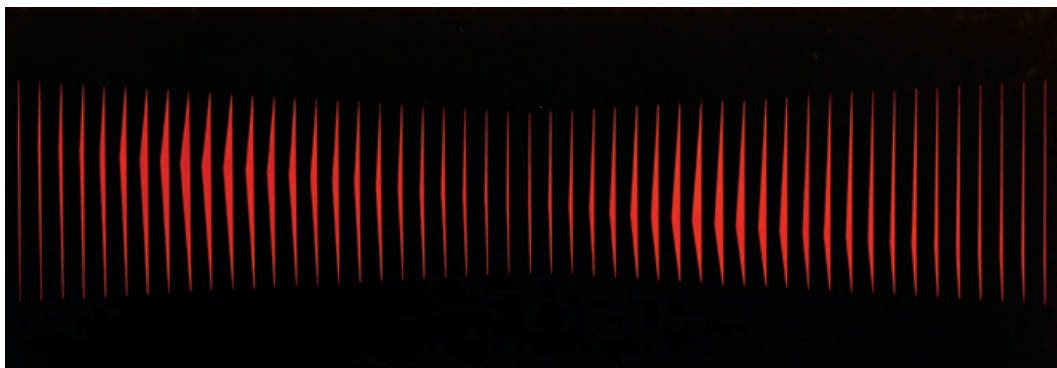
(Viena, Áustria, 1912 / São Paulo, SP, 1987)

Sem título, 1966

Guache sobre papel, 35 x 100 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação do próprio artista, 1966



Pintor, desenhista e professor. Inicia seus estudos de arte com seu tio, o escultor Siegfried Charoux. Em 1928, emigra ao Brasil, estabelecendo-se em São Paulo. Na década seguinte, matricula-se no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, onde tem aulas de pintura com Waldemar da Costa, a partir de 1940. Posteriormente, passa a lecionar desenho no Liceu e no Senai. Em 1947, realiza sua primeira exposição individual, na Galeria Itapetininga. Inicialmente, pinta paisagens e retratos, mas, a partir de 1948, as suas obras adquirem características construtivas, explorando a geometria e o cartesianismo. Suas obras também se voltam para a arte cinética e para a Op Art, combinando o equilíbrio e o movimento, traços que dialogam, jogos de luz e efeitos ópticos, muitas vezes contrapondo os contrastes do preto e branco. Em 1952, participa da criação do Grupo Ruptura e, em 1973, com Hermelindo Fiaminghi e Luiz Sacilotto, funda a Associação de Artes Visuais NT - Novas Tendências. Realiza inúmeras exposições e, em 1974, é homenageado com uma exposição retrospectiva exibida pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo e pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

GERALDO DE BARROS

(Chavantes, SP, 1923 / São Paulo, SP, 1998)

Sem título, 1983

Fórmica sobre aglomerado de polpa de madeira, 90 x 90 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação do próprio artista, 1985



Fotógrafo, pintor, gravador, desenhista, artista gráfico e designer de móveis. Desde 1945, começa a estudar desenho e pintura nos ateliês de Clóvis Graciano, Yoshiya Takaoka e Colette Pujol. Em 1946, faz suas primeiras fotos com uma câmera que ele mesmo constrói. Inicialmente, fotografa jogos de futebol na periferia da cidade de São Paulo e realiza experimentações, interferências no negativo, como cortar, desenhar, pintar, perfurar, solarizar e sobrepor imagens. Em 1947, constrói um laboratório fotográfico no ateliê do Grupo 15, instalado no centro da cidade e no mesmo ano, ingressa no Foto Cine Clube Bandeirantes, principal núcleo da fotografia moderna brasileira. Com Thomaz Farkas, em 1949, cria o laboratório e os cursos de fotografia do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand. Sua trajetória artística justifica que seja considerado um expoente da fotografia experimental. Em 1951, com bolsa do governo francês, vai para Paris, onde estuda litografia na École National Supérieure des Beaux-Arts, e gravura, no ateliê de Stanley William Hayter. Frequenta a Escola Superior da Forma, em Ulm, Alemanha, na qual estuda artes gráficas e conhece Max Bill, na época um dos principais teóricos da arte concreta. Volta para São Paulo em 1952, e participa do Grupo Ruptura. A partir de 1954, atua na área do desenho industrial, produzindo móveis, e da comunicação visual, criando uma empresa de marcas e logotipos. Em 1966, participa do Grupo Rex, com Wesley Duke Lee, Nelson Leirner, Carlos Fajardo, Frederico Nasser e José Resende.

HERMELINDO FIAMINGHI

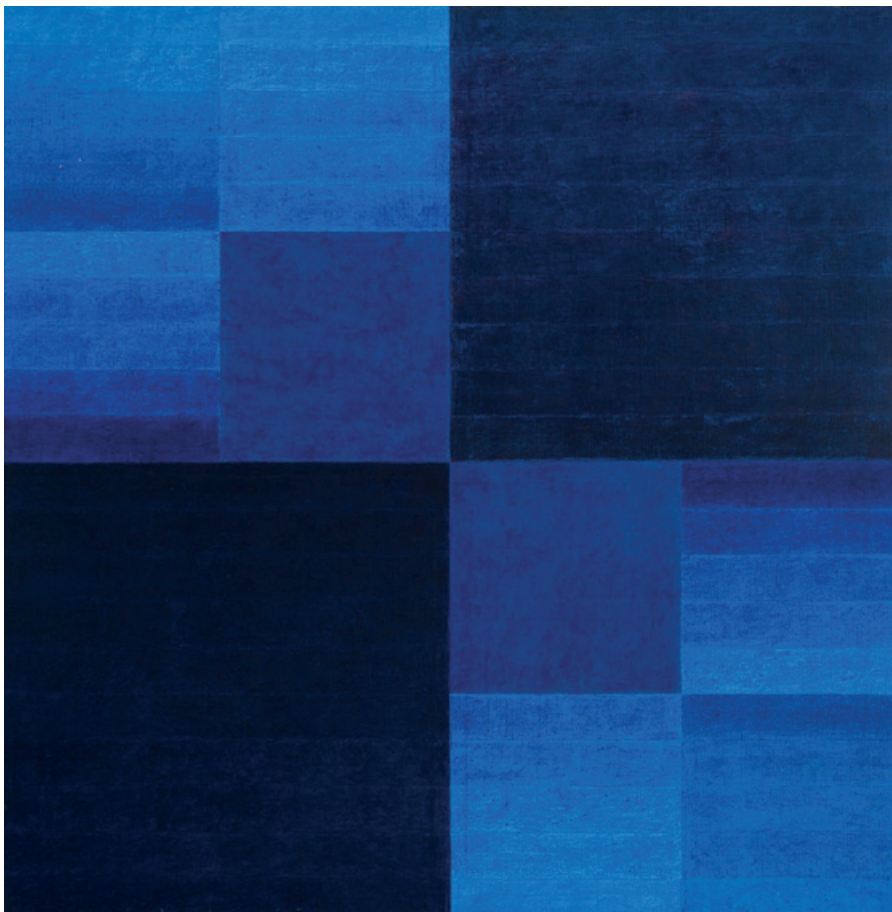
(São Paulo, SP, 1920-2004)

Cor luz XVIII, 1979

Têmpera a ovo sobre tela, 100 x 100 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, compra, 1981



Pintor, desenhista, litógrafo, designer gráfico, publicitário, professor e crítico. Estuda no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo de 1936 a 1941. Ali, tem aulas de desenho e pintura em porcelana com Giglio e é aluno de Odetto Guersoni, Lothar Charoux e Waldemar da Costa. Em 1942, toma aulas com o pintor Angelo Simeone, na Associação Paulista de Belas Artes. Paralelamente, cursa publicidade na Associação Paulista de Propaganda. De 1936 a 1939, trabalha como ilustrador para a Companhia Melhoramentos. Depois, é empregado em várias companhias gráficas até, em 1946, fundar a própria empresa: Graphstudio. Depois de vender seu negócio, dedica-se, de 1949 a 1952, à área de publicidade. Durante esse período ele realiza suas pinturas de rua sobre São Paulo com o desenhista Joaquim Alves. É na década de 1950 que ele se une ao Grupo Ruptura e inicia seus trabalhos abstratos, em que revela a influência da arte construtiva; também colabora com os poetas concretos na programação gráfica de seus poemas. Entre 1959 e 1966, frequenta o ateliê de Alfredo Volpi. Nos anos 1960, deixa a escola de arte concreta e inicia a exploração do uso da cor e o uso da têmpera, criando trabalhos com o termo *Corluz*. Em 1963, torna-se um dos fundadores da Associação de Artes Visuais e da Galeria Novas Tendências, ambas em São Paulo. Em 1969, funda o Ateliê Livre de Artes Plásticas, em São José dos Campos, São Paulo, no qual atua como diretor e professor.

HERMELINDO FIAMINGHI

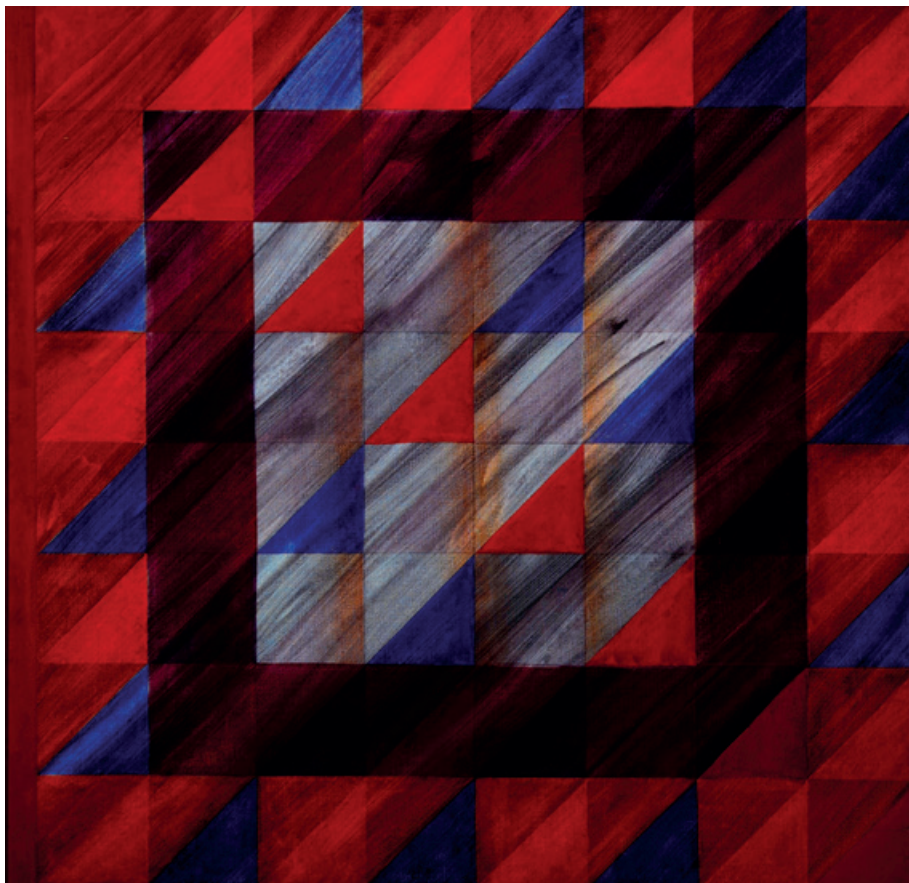
(São Paulo, SP, 1920-2004)

Cor luz V, 1980

Têmpera a ovo sobre tela, 130 x 130 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, compra, 1981



HERMELINDO FIAMINGHI

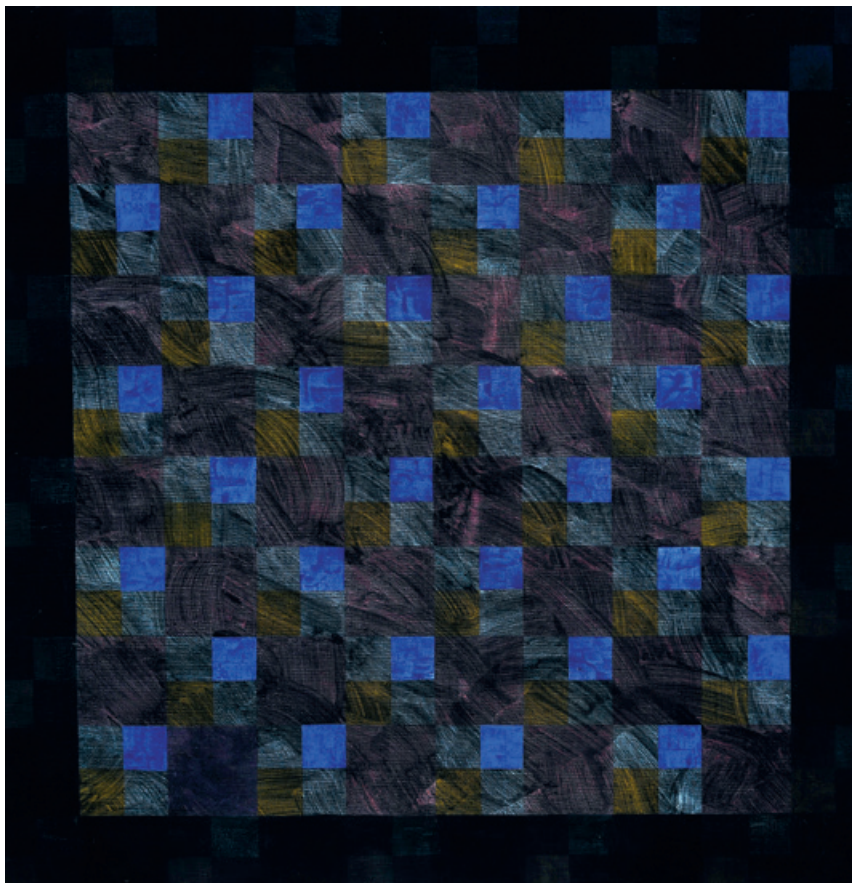
(São Paulo, SP, 1920-2004)

Reticula cor luz XXII, 1979

Têmpera a ovo sobre tela, 100 x 100 cm

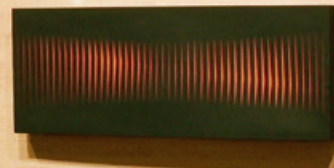
Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, compra, 1981





Vista da exposição
Grupo Ruptura, SP, 1952



Waldemar Cordeiro, *Abstração*, 1947. Óleo sobre tela. Museu de Arte Moderna de São Paulo.



Waldemar Cordeiro, *Abstração*, 1947. Óleo sobre tela. Museu de Arte Moderna de São Paulo.



Ruptura

Exposição inaugurada em 8 de dezembro de 1952 no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Organizada por um grupo de artistas liderado por Waldemar Cordeiro, marcou o início do movimento de arte concreta em São Paulo. Inicialmente, o coletivo era composto por Cordeiro, Geraldo de Barros, Luiz Sacilotto, Lothar Charoux, Kazimir Fajér, Gerardo de Barros, Luiz Sacilotto, Lothar Charoux, Kazimir Fajér, Anatólio Wladyslaw e Leopoldo Haas. Mais tarde, Hermelindo Fiaminghi, Judith Lauand e Maurício Nogueira Lima se incorporaram. Com apoio de alguns poetas concretos paulistas e de alguns artistas cariocas que tinham participado do grupo Frente, organizaram também a 1ª Trienal Nacional de Arte Concreta, em 1956-1957, no mesmo museu.

O grupo começou a ser gestado em 1947, quando Waldemar Cordeiro conheceu Geraldo de Barros, Lothar Charoux e Luiz Sacilotto na mostra 19 Pintores, em que todos ainda mostravam obras influenciadas pelos seus expressionistas. Nessa época, os artistas começaram a se reunir para discutir filosofia e arte abstrata, principalmente o conceito de forma conhecido pela psicologia da Gestalt e as ideias de Konrad Fiedler, filósofo alemão que apresentou a teoria da pura visibilidade. A partir de 1948, inspirados por essas discussões foram gradualmente mudando rumo à abstração. Foi nesse momento que aderiram ao grupo Kazimir Fajér e Leopoldo Haas, ambos com formação europeia, já haviam produzindo pinturas abstratas desde 1946. Finalmente, em 1950, ingressou Wladyslaw, ex-aluno do Atelier-Abstração de Samson Flexer.

Em seu manifesto, lançado em 1952, propunham deixar "o velho", que eles consideravam:

"todas as variedades e hibridações do naturalismo; a mera negação do naturalismo, isto é, o naturalismo "branco" das crianças, dos boçais, dos "bravos"; dos expressionistas, dos surrealistas, etc. ... o não-figurativismo hedonista, produto do gosto gratuito, que busca a mera excitação do prazer ou do desprazer".

E apresentavam "o novo" com essas características:

"as expressões baseadas nos novos princípios artísticos; todas as experiências que tendem à renovação dos valores essenciais da arte visual (espaço-tempo, movimento, e matéria); a atuação artística dotada de princípios claros e inteligentes e de grandes possibilidades de desenvolvimento prático; conferir à arte um lugar definido no quadro do trabalho espiritual contemporâneo, considerando-a um meio de conhecimento dedutivo de conceitos, visando-a acima de tudo, exigindo para seu juízo conhecimento prévio".

A Trienal Nacional de Arte Concreta de São Paulo, lançada em 1952. Fonte: <http://www.museu.art.br/arteconcreta/museuconcreto/arteconcreta.htm>

Grupo Frente, RJ, 1954 e Manifesto Neoconcreto

Em 1949, o primeiro grupo de arte abstrata do Rio de Janeiro começou a se encontrar. Composto por Ivan Serpa, Almir Mavignier, Abraham Palatnik e Mário Pedrosa, reunia-se no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ) e na casa do próprio Mário Pedrosa. O Grupo Frente foi formalizado anos mais tarde, em 1954, liderado por Ivan Serpa e composto por vários outros artistas, a maioria deles seus alunos e ex-alunos nos cursos do MAM/RJ: Aluísio Carvão, Lygia Pape, Décio Vieira, Lygia Clark, Vincent Ibberson, João José da Silva Costa, Carlos Val e Anna Letycia. Almir Mavignier não participou, pois, em 1951, com bolsa do governo francês, viajou para a Europa, onde acabou se estabelecendo.

O coletivo reunia artistas de todos os gêneros, inclusive figurativos e, segundo Ivan Serpa, o único requisito era abandonar as técnicas e ditames da velha academia, questionando a arte e buscando o próprio caminho através da experimentação. Isso os afastava dos paulistas, cujos dogmas concretistas não apoiavam.

A primeira exposição aconteceu em 1954, na galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU), em Copacabana, no Rio de Janeiro. A segunda foi em 1955, no MAM/RJ, e somaram-se nessa ocasião mais sete artistas: Abraham Palatnik, César Oiticica, Franz Weissmann, Hélio Oiticica, Rubem Ludolf, Elisa Martins da Silveira e Eric Baruch. No texto de apresentação dessa segunda mostra, Mario Pedrosa reforçou a ideia adogmática do grupo. As últimas exposições ocorreram em 1956, em Resende e Volta Redonda, no Rio de Janeiro, antes de sua dissolução.

Ainda em 1956, alguns de seus membros aderiram ao concretismo de São Paulo, participando da 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que logo depois, em janeiro de 1957, foi apresentada no Rio de Janeiro, no Ministério da Educação e Cultura. Foi justamente essa separação que, em parte, levou ao fim do grupo. A partir desse momento, ambos os coletivos (Ruptura e Frente) constituíram um só movimento: a arte concreta brasileira.

Dois anos depois, em 19 de março de 1959, alguns de seus integrantes, contrários ao concretismo, agruparam-se na 1ª Exposição de Arte Neoconcreta no MAM/RJ e publicaram o Manifesto Neoconcreto no catálogo da mostra. Assinavam o documento Ferreira Gullar, Lygia Clark, Lygia Pape, Amilcar de Castro, Reynaldo Jardim, Theon Spanudis e Franz Weissmann. Mais tarde, uniram-se a eles Hélio Oiticica, Willys de Castro e Hércules Barsotti. Inspirados pela leitura de teorias da fenomenologia, esses artistas encaravam a arte como experiência, recuperando as possibilidades criadoras do artista e a incorporação efetiva do observador que, ao olhar, tocar ou manipular as obras, tornava-se parte delas. Para eles, a arte não era somente um objeto: tinha sensibilidade, expressividade e subjetividade, superando o puro geometrismo dos concretistas. O Neoconcretismo foi o movimento mais radical e, nos anos 1960, renunciou questões da Arte Conceitual, do Minimalismo e da Pop art.

ALMIR MAVIGNIER

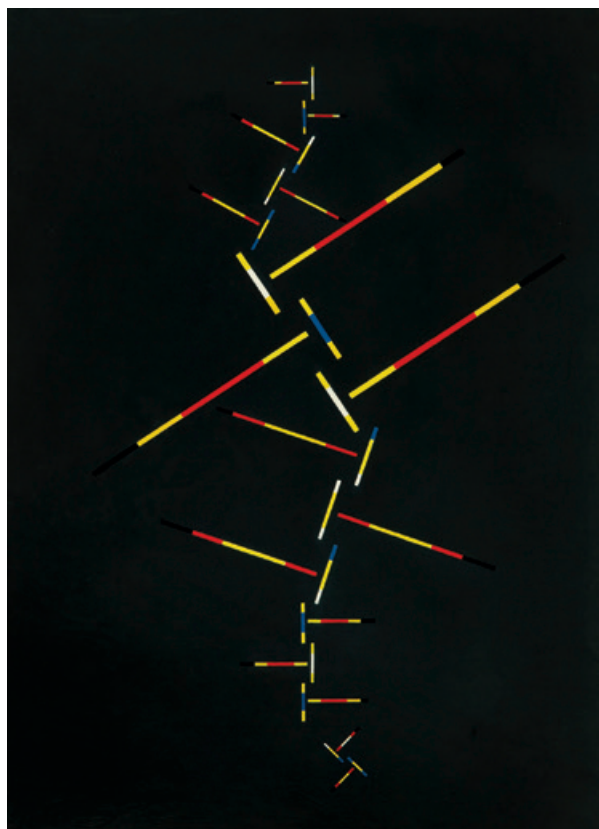
(Rio de Janeiro, RJ, 1925 / Hamburgo, Alemanha, 2018)

Construção e progressão, 1952

Óleo sobre madeira, 126 x 91 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, compra, 2005



Pintor, professor e artista gráfico. Em 1946, inicia sua formação artística na Associação Brasileira de Desenho e toma aulas com o artista húngaro Arpad Szenes. Na mesma época, participa da fundação do Ateliê de Pintura e Modelagem, na Seção de Terapêutica Ocupacional do Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro (atual Museu de Imagens do Inconsciente) junto a Nise de Silveira, onde orienta alguns internos. No ateliê de Szenes, em 1947, assiste às aulas de Axl Leskoschek e Henrique Boese. Nesse período, sua pintura é figurativa, pinta cenas de interiores e naturezas-mortas que remetem à obra dos artistas franceses que formaram o grupo conhecido como “os nabis”: Pierre Bonnard e Édouard Vuillard. Inicia pesquisas abstratas após conhecer as teorias do crítico de arte Mário Pedrosa e, em 1949, produz a sua primeira obra abstrata, uma aquarela. Em seguida, integra o primeiro grupo de arte abstrata do Rio de Janeiro com Ivan Serpa, Abraham Palatnik e Mário Pedrosa. Em 1950, conhece o trabalho de Max Bill, artista concreto suíço, na exposição realizada no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp). Esse encontro provocaria grande influência no seu trabalho. No mesmo ano, realiza a sua primeira exposição individual, e em 1951, com bolsa do governo francês, translada-se para Paris, onde frequenta as oficinas da Académie de La Grande Chaumière. Realiza suas primeiras telas concretas trabalhando com esmalte sobre madeira. Em 1954, começa curso de comunicação visual na Escola Superior da Forma de Ulm, na Alemanha. Em 1957, o artista produz seu primeiro cartaz iniciando sua trajetória nas artes gráficas. Entre 1958 e 1964, participa do Grupo Zero com os artistas Heinz Mack, Otto Piene, Yves Klein e Jean Tinguely. Em 1960, ele projeta e organiza a exposição *Novas Tendências*, mostra de Op Art, já que nesse período sua pintura tem relação com a Op Art. Em 1964, é convidado a expor na Documenta de Kassel e na Bienal de Veneza. No mesmo ano, estabelece-se em Hamburgo, onde começa a lecionar pintura na Escola de Artes Visuais. Em 1989, o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo organiza uma exposição com sua obra gráfica. Em 1994, parte de sua obra é exposta na mostra *Bienal Brasil Século XX* e, em 2000, Aracy Amaral realiza uma exposição em homenagem aos 75 anos do artista no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

IVAN SERPA

(Rio de Janeiro, RJ, 1923-1973)

Colagem, 1954

Colagem sobre papel, 45,2 x 35,8 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Frederico Moraes, compra, 1987



Pintor, desenhista, gravador e professor. Entre 1946 e 1948, estuda com Axl Leskoschek. Em 1947, já expõe entre os modernos no Salão Nacional de Belas Artes. No início da década de 1950, seu trabalho se envereda na abstração geométrica. É convidado a participar da I Bienal de São Paulo, em 1951, onde recebe o Prêmio Jovem Pintor Nacional. A partir de 1952, inaugura uma atividade que desenvolverá durante toda sua vida, o ensino de arte, especialmente para crianças, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Essa experiência no ensino da arte para crianças rende-lhe uma importante publicação: *Crescimento e Criação*, com texto de Mário Pedrosa. Em 1954, junto a Ferreira Gullar e Mário Pedrosa, cria o Grupo Frente e será seu líder até sua dissolução em 1956. Apesar de ser um coletivo bastante heterogêneo, adota a abstração geométrica e a única condição para participar é romper com as fórmulas da academia, dispondo-se a experimentar, questionar e criar mais possibilidades. A partir de 1963, intensifica-se seu interesse pela figuração, começa a interessar-se pelo gestual, aproximando-se do Expressionismo, no estilo do Grupo CoBrA. Essa produção o alia à Nova Objetividade Brasileira, e é convidado a participar de mostras importantes, como “Opinião 65”, “Opinião 66” e “Nova Objetividade Brasileira”, em 1967. Em 1970, poucos anos antes do seu falecimento, funda, com Bruno Tausz, o Centro de Pesquisa de Arte em Ipanema, no Rio de Janeiro.

FRANZ WEISSMANN

(Knittelfeld, Áustria, 1911 / Rio de Janeiro, RJ, 2005)

Coluna geométrica, 1975

Aço pintado, 335 x 50 x 50 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, sem data

Escultor, desenhista, pintor e professor. A família chega ao Brasil em 1921. No Rio de Janeiro, de 1939 a 1941, frequenta a Escola Nacional de Belas Artes onde cursa arquitetura, escultura, pintura e desenho. Entre 1942 e 1944, estuda desenho, escultura, modelagem e fundição com August Zamoyski. Em 1945, muda-se para Belo Horizonte, e começa a dar aulas particulares de desenho e escultura. Três anos depois, é chamado a lecionar escultura na Escola do Parque - futura Escola Guignard. Inicialmente, é figurativo, mas a partir da década de 1950, gradualmente, vai adquirindo características construtivistas, com ênfase nas formas geométricas. Utiliza chapas de ferro, fios de aço, alumínio em verga ou folha, trabalhando com recortes e dobraduras, às vezes com formas modulares. Permanece na Escola Guignard até 1956, quando volta ao Rio de Janeiro e integra o Grupo Frente. Em 1957, participa da Exposição Nacional de Arte Concreta e recebe o prêmio de melhor escultor nacional na 4ª Bienal Internacional de São Paulo. É um dos fundadores do Grupo Neoconcreto e, em 1959, assina o Manifesto Neoconcreto. Em seguida, passa um período entre a Europa e o Extremo Oriente, retornando ao Brasil em 1965, trazendo nova série chamada *Amassados*, na qual abandona a construção geométrica. Elaborada com chapas de zinco ou alumínio, trabalhadas a martelo, porrete e instrumentos cortantes, esse conjunto aproxima-se do informalismo. Posteriormente, volta às vertentes construtivas. Em 1967, participa na 9ª Bienal Internacional de São Paulo, com uma peça na qual a cor está presente pela primeira vez como elemento determinante do espaço escultórico, e a partir desse momento, são raras as obras sem cor. Na década de 1970, recebe prêmio de melhor escultor da Associação Paulista de Críticos de Artes. Realiza esculturas monumentais para espaços públicos de diversas cidades brasileiras, como as presentes no Campus da FAAP, e participa de inúmeras exposições e Bienais Internacionais.



LYGIA CLARK

(Belo Horizonte, MG, 1920 / Rio de Janeiro, RJ, 1988)

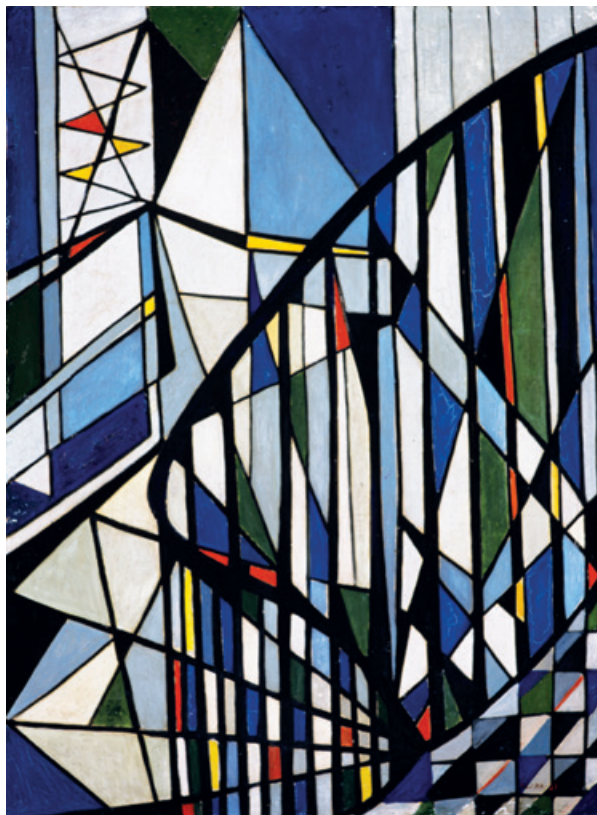
Escada, 1951

Óleo sobre tela, 100,5 x 74,2 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Zélia Ferreira Salgado, 1986

© Associação Cultural “O Mundo de Lygia Clark”



Pintora, escultora, professora e investigadora de novas mídias, também explora a body art. Inicia seus estudos no Rio de Janeiro, em 1947, tomando aulas com Roberto Burle Marx e Zélia Salgado. Em 1950, viaja para a França e, em Paris, estuda com Arpad Székely, Isaac Dobrinsky e Fernand Léger. Já em 1952 realiza a sua primeira exposição individual no Institut Endoplastique, em Paris, e logo depois retorna ao Rio de Janeiro e expõe no Ministério de Educação e Cultura. Dedicada ao estudo do espaço e do ritmo em suas composições, une-se ao Grupo Frente, criado em 1954 por Ivan Serpa. Também em 1954, Lygia participa da Bienal de Veneza com a série *Composições* e, em 1968, é convidada novamente para a Bienal de Veneza, mas dessa vez com uma sala especial. Em 1959, assina o Manifesto Neoconcreto e integra a 1ª Exposição de Arte Neoconcreta. Seu trabalho vai evoluindo, no sentido da superação do suporte e da não representação, e, gradualmente troca a pintura por objetos tridimensionais, propondo a desmistificação da arte e do artista. A partir desse momento, começa a propor a participação do público em suas criações, como na série *Bichos*, de 1960, construções metálicas que se articulam por meio de dobradiças e convidam o espectador à manipulação das peças.

HÉRCULES BARSOTTI

(São Paulo, SP, 1914-2010)

Ordem nascente, 1964

Tinta vinílica e acrílica sobre papel sobre compensado, 41,7 x 41,7 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Coleção particular, 1966



Pintor, desenhista, gravador, modelista, figurinista, programador visual e designer. Em 1926, começa a estudar desenho e composição sob orientação do pintor Enrico Vio. Formado em química industrial pelo Instituto Mackenzie, em 1937; começa a pintar em 1940 e, na década seguinte, já realiza suas primeiras pinturas concretas. Em 1954, funda o Estúdio de Projetos Gráficos, junto a Willys de Castro, onde elabora ilustrações para várias revistas e desenvolve estampas de tecidos produzidos em sua tecelagem. Realiza viagem de estudos a Europa em 1958, onde conhece Max Bill, um dos principais teóricos da arte concreta. Na década de 1960, integra-se, a convite de Ferreira Gullar, ao Grupo Neoconcreto do Rio de Janeiro e participa das exposições do grupo. Em 1960, expõe na mostra “Konkrete Kunst” (Arte Concreta), organizada por Max Bill, em Zurique. Na década de 1960, amplia significativamente a gama de cores utilizadas em suas obras importando tinta acrílica dos Estados Unidos, uma inovação na época. Integra a Associação Brasileira de Desenhistas Industriais. Destaca-se entre os modernos programadores visuais brasileiros com seu modo de usar forma e cor aplicadas à produção industrial. A partir da década de 1960, participa de incontáveis exposições, destacamos aqui a individual “Hércules Barsotti: Não-Cor Cor”, organizada pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo em 2004, a mostra mais abrangente realizada antes do seu falecimento.

ANNA LETYCIA

(Teresópolis, RJ, 1929 / Rio de Janeiro, RJ, 2018)

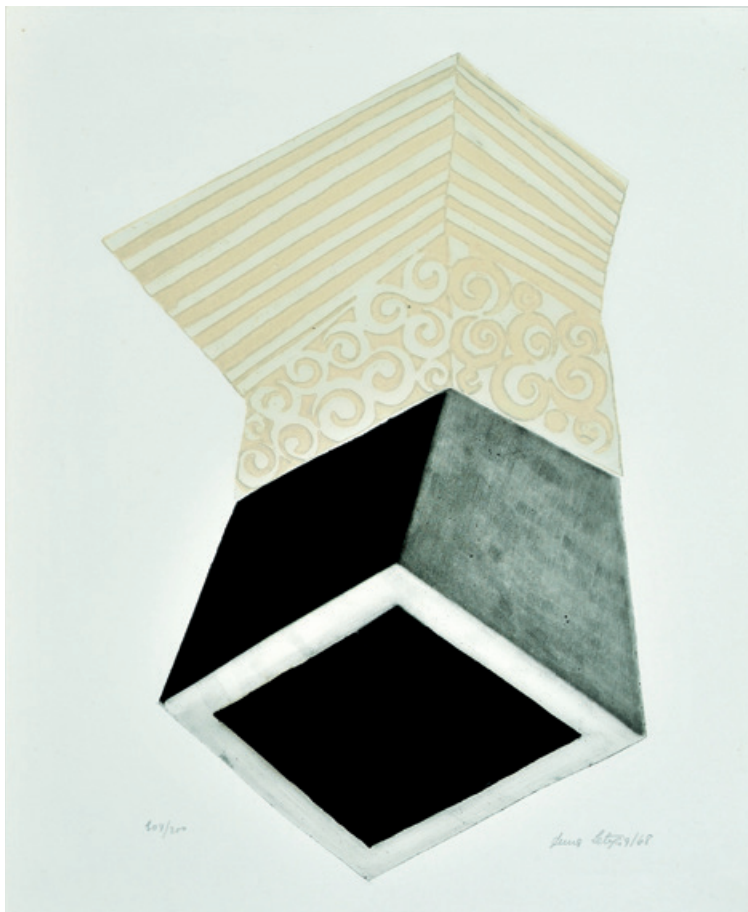
Sem título, Rio de Janeiro, 1968

Gravura em metal sobre papel, ponta seca e morsura direta sobre cobre – 104/200,
35,8 x 23,5 cm / 40,4 x 32,9 cm

Do álbum *História da Gravura no Brasil II*. São Paulo: Editora César, 1969.

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Sérgio Pizoli, compra, 1997



Gravadora, professora, cenógrafa e figurinista. Inicia estudos de desenho e pintura com Bustamante Sá, na Associação Brasileira de Desenho, no Rio de Janeiro. Na década de 1950, frequenta a Escola Nacional de Belas Artes onde cursa gravura com André Lhote e Darel Valença Lins. Também estuda gravura com Iberê Camargo, no Instituto Municipal de Belas Artes, e realiza curso de xilogravura com Oswaldo Goeldi, na Escolinha de Arte do Brasil. Estuda pintura com Ivan Serpa, com quem participa da criação do Grupo Frente, em 1954. Em 1959, participa da Bienal de Paris e frequenta o ateliê do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, coordenado por Edith Behring, onde passa a lecionar gravura entre 1960 e 1966. Em 1962, é convidada a expor na Bienal de Veneza. Sua produção, fundamentalmente em gravura em metal, tem afinidade com a obra de Goeldi pelo clima sombrio e sua ligação com o Expressionismo. Sua pesquisa, inicialmente vinculada com formas da natureza, passa a ser abstrata posteriormente. A partir de 1968, a forma da caixa passa a ser explorada como novo elemento formal em suas obras, trabalhando a dualidade interior e exterior. Em 1977, instala em Niterói a Oficina de Gravura do Museu do Ingá, que coordena até 1998. Desenvolve paralelamente atividades de cenógrafa e figurinista, principalmente em parceria com Maria Clara Machado.

ABRAHAM PALATNIK

(Natal, RN, 1928 / Rio de Janeiro, RJ, 2020)

Sem título, 1980

Relevo em cartão duplex, 66 x 61 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: não identificada, sem data



Artista cinético, pintor e desenhista. De 1942 a 1945 estuda física e mecânica na Escola Técnica Montefiori, em Tel Aviv, retornando ao Brasil em 1948. A participação de encontros na casa do crítico de arte Mario Pedrosa (1900-1981) e o convívio com outros artistas faz com que Palatnik rompa com os critérios tradicionais da composição e passe a produzir com relações livres entre cores e formas. Em 1949, passa a fazer experimentações no campo da luz e movimento, criando caixas com mecanismos que movimentavam lâmpadas e luzes. O envolvimento com a arte construtivista e a convivência com outros artistas faz com que ele se torne um dos responsáveis pela criação do Grupo Frente, em 1954. Nos anos seguintes sua produção ultrapassa a bidimensionalidade da tela e passa a ocupar o tridimensional, utilizando pedaços de madeira, cartões e cordas, além de criar experimentos ópticos que se movimentavam por meio de ímãs, mecanismos e motores, estabelecendo uma relação direta entre arte e tecnologia. Morre aos 92 anos, vítima de covid-19.



Vista da exposição
Grupo Frente, RJ, 1954 e Manifesto Neoconcreto

Grupo Frente e Neoconcretismo

Em 1949, o primeiro grupo de arte abstrata do Rio de Janeiro começou a se encontrar. Composto por Ivan Serpa, Almir Mavignier, Abraham Palatnik e Mário Pedrosa, reunia-se no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ) e na casa do próprio Mário Pedrosa. O Grupo Frente foi formalizado anos mais tarde, em 1954, liderado por Ivan Serpa e composto por vários outros artistas, a maioria deles seus alunos e ex-alunos nos cursos do MAM/RJ: Aluisio Carvão, Lygia Pape, Décio Vieira, Lygia Clark, Vincent Liberson, João José da Silva Costa, Carlos Val e Anna Letycia. Almir Mavignier não participou, pois, em 1951, com bolsa do governo francês, viajou para a Europa, onde acabou se estabelecendo.

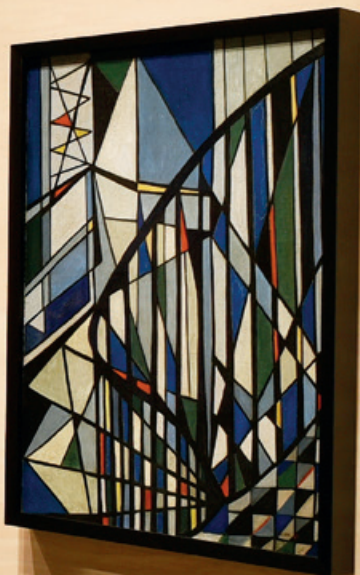
O coletivo reunia artistas de todos os gêneros, inclusive figurativos e, segundo Ivan Serpa, o único requisito era abandonar as técnicas e ditames da velha academia, questionando a arte e buscando o próprio caminho através da experimentação. Isso os afastava dos paulistas, cujos dogmas concretistas não apoiavam.

A primeira exposição aconteceu em 1954, na galeria do Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU), em Copacabana, no Rio de Janeiro. A segunda foi em 1955, no MAM/RJ, e somaram-se nessa ocasião mais sete artistas: Abraham Palatnik, César Oiticica, Franz Weissmann, Hélio Oiticica, Rubem Ludolf, Elisa Martins da Silveira e Eric Baruch. No texto de apresentação dessa segunda mostra, Mário Pedrosa reforçou a ideia adogmática do grupo. As últimas exposições ocorreram em 1956, em Resende e Volta Redonda, no Rio de Janeiro, antes de sua dissolução.

Ainda em 1956, alguns de seus membros aderiram ao concretismo de São Paulo, participando da 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que logo depois, em janeiro de 1957, foi apresentada no Rio de Janeiro, no Ministério da Educação e Cultura. Foi justamente essa separação que, em coletivos (Ruptura e Frente) constituiram um só movimento: a arte concreta brasileira.

Dois anos depois, em 19 de março de 1959, alguns de seus integrantes, contrários ao concretismo, agruparam-se na 1ª Exposição de Arte Neoconcreta no MAM/RJ e publicaram o Manifesto Neoconcreto no catálogo da mostra. Assinaram o documento Ferreira Gullar, Lygia Clark, Lygia Pape, Amílcar de Castro, Reynaldo Jardim, Theon Spanudis e Franz Weissmann. Mais tarde, uniram-se a eles Hélio Oiticica, Willys de Castro e Hércules Barsotti.

Inspirados pela leitura de teorias da fenomenologia, esses artistas encaravam a arte como experiência, recuperando as possibilidades criadoras do artista e a incorporação efetiva do observador que, ao olhar, tocar ou manipular as obras, tomava-se parte delas. Para eles, a arte não era somente um objeto: tinha sensibilidade, expressividade e subjetividade, superando o puro geometrizismo dos concretistas. O Neoconcretismo foi o movimento mais radical e, nos anos 1960, renunciou questões da Arte Conceitual, do Minimalismo e da Pop art.



Grupo Frente
1954

Grupo Frente
1954

Realismo Mágico e Grupo Austral do Movimento Phases

Na contracorrente dos concretistas, havia os artistas que trabalhavam a figuração e se alinhavam com o surrealismo. Eles não formaram um coletivo coeso: entre 1955 e 1960, formaram-se agrupamentos heterogêneos, mas nenhum se organizou. O artista Wesley Duke Lee se relacionava com alguns desses jovens artistas, mas, em 1963, ele decidiu criar um movimento específico: o Realismo Mágico.

O termo “Realismo Fantástico” ou “Realismo Mágico” surgiu no início do século XX, ligado à pintura alemã com características surrealistas. O artista alemão Walter Lewy, presente nesse núcleo, formou-se na Alemanha na década de 1920, justamente no ceio desse pensamento, e veio para Brasil em 1938 já com uma produção madura de tendência surrealista.

Algumas décadas mais tarde, entre 1960 e 1970, o realismo mágico se desenvolveu fortemente na América hispânica e no Brasil, sobretudo na literatura, como resposta à literatura fantástica europeia e como reação, através da palavra, aos regimes autoritários desse período. Unia características de correntes geralmente opostas, como o naturalismo, o maravilhoso e o fantástico para criar uma realidade nova, transfigurada pelo imaginário e contrária ao racionalismo.

Wesley Duke Lee foi seduzido por esses ideais. Seu “Realismo Mágico”, ativo entre 1963 e 1964, congregava críticos de arte, pintores, fotógrafos e escritores. Destacavam-se entre eles, além do próprio Duke Lee, a artista plástica Maria Cecília Gismondi, o fotógrafo, pintor e escritor Pedro Manuel-Gismondi, o fotógrafo Otto Stupakoff e o poeta, escritor e diplomata Carlos Felipe Saldanha. O grupo, empregando a ironia e o sarcasmo, criticava e questionava a estética e política hegemônicas daquele momento, como a abstração geométrica do concretismo brasileiro, a qual consideravam acadêmica.

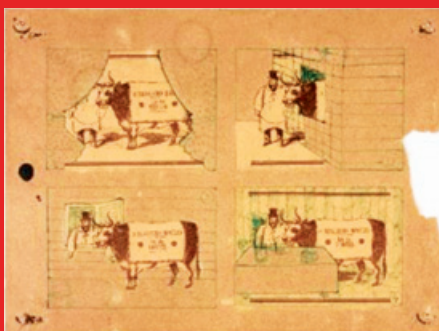


Fotografia de Wesley Duke Lee e Otto Stupakoff, São Paulo, SP (local atribuído), c. 1970
ARQUIVO INSTITUTO WESLEY DUKE LEE

Em 1970, a Seta Galeria de Arte, em São Paulo, organizou a exposição Surrealismo e Arte Fantástica, da qual participaram Wesley Duke Lee, Bernardo Cid, Maria Cecília Gismondi e Siron Franco.

Outro grupo ligado ao surrealismo foi o Phases, movimento constituído inicialmente na França, na década de 1950. Sua origem remete ao Grupo CoBrA, que defendia a expressão livre e os gestos espontâneos associados aos imaginários mágico e folclórico, a produção de crianças, psicóticos, povos não ocidentais e artistas populares, que viraram alvo de seu interesse. Nessa atualização do movimento, uniram-se pintores ligados à abstração lírica e ao expressionismo abstrato. Eles também criticavam as tendências abstrato-geométricas, que consideravam estetizantes. Inicialmente, eles expuseram na França, mas, no decorrer dos anos 1950, atuaram em diversos outros países.

Na década de 1960, o historiador e diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP), Walter Zanini, divulgou o trabalho do coletivo Phases e estimulou a comunicação com artistas do Brasil. Em 1964, foi organizada uma exposição itinerante do Phases no MAC/USP, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Minas Gerais. Foi uma das maiores mostras realizadas pelo grupo, com 43 artistas de várias gerações e países - entre eles, o Brasil estava representado por Fernando Odriozola, Wesley Duke Lee, Yo Yoshitome e Bin Kondo. Pouco depois, com o apoio de Zanini, Fernando Odriozola, Yo Yoshitome e Bin Kondo, junto com Sara Ávila, artista mineira, e Maria Carmen, artista de Recife, formaram o Grupo Austral do Movimento Phases, que, em 1967, organizou uma exposição no MAC/USP. Em 1969, Bernardo Cid e Flávio Shiró se incorporaram ao coletivo. Mas, no decorrer da década de 1970, o movimento internacional Phases enfraqueceu e o núcleo brasileiro acabou se distanciando.



WESLEY DUKE LEE Ensaio gráfico, criação de marca para Realismo Mágico, São Paulo, SP (local atribuído), sem data
ARQUIVO INSTITUTO WESLEY DUKE LEE



Reprodução da etiqueta no verso da obra de Wesley Duke Lee, *A Zona: Nois*, de 1964
ARQUIVO MAB FAAP

WALTER LEWY

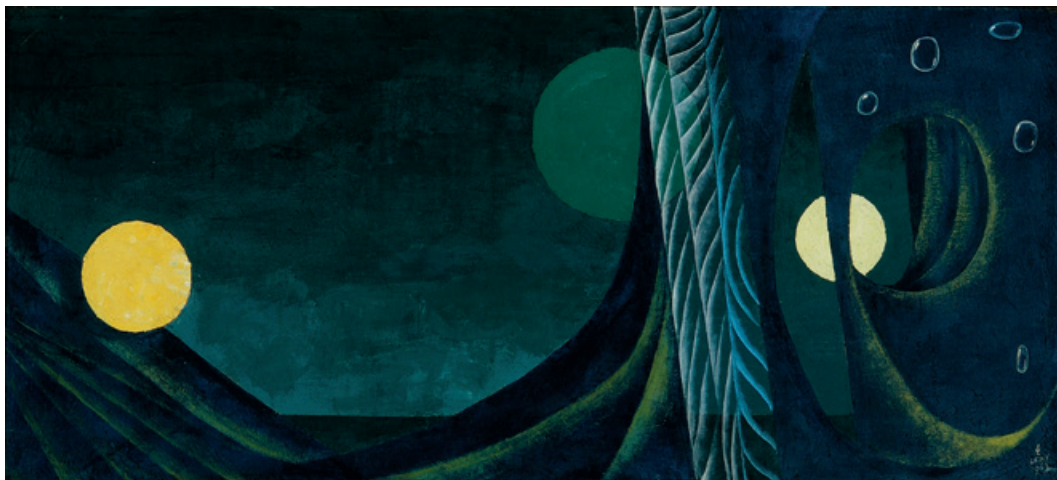
(Bad Oldesloe, Alemanha, 1905 / São Paulo, SP, 1995)

Paisagem, 1963

Óleo sobre tela, 50 x 110 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação do próprio artista, 1967



Pintor, desenhista, gravador, ilustrador, paisagista e publicitário. Entre 1923 e 1927, estuda na Escola de Artes e Ofícios de Dortmund, na Alemanha. Nesse período, utiliza os procedimentos do realismo mágico germânico coincidentes com o surrealismo. Em 1932, realiza a sua primeira exposição individual, mas ela é fechada quando a Câmara de Arte Alemã proíbe a participação de judeus na vida artística das cidades alemãs. Emigra para Brasil em 1938, perdendo centenas de trabalhos que ficam na Europa e durante a guerra são destruídos. Estabelece-se em São Paulo. Nos primeiros anos, faz desenho publicitário e mais tarde capas de livros e ilustrações para diversas editoras. Em 1944, realiza a sua primeira exposição brasileira no ateliê de Clóvis Graciano, suas obras são de tendência surrealista. Mais tarde, emprega-se como diagramador, letrista e arte-finalista em várias agências de propaganda. Entre as exposições que participa destacamos as 1ª, 2ª, 3ª, 6ª e 13ª edições da Bienal Internacional de São Paulo, entre 1951 e 1975, a exposição Três Premissas no MAB FAAP, em 1966, e o 1º, 2º, 5º, 8º e 9º Panorama de Arte Atual Brasileira no Museu de Arte Moderna de São Paulo, entre 1969 e 1977.

WESLEY DUKE LEE

(São Paulo, SP, 1931-2010)

A Zona: Nois, 1964

Óleo sobre tela, 90 x 124,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Paulo Figueiredo Galeria de Arte, compra, 1981



Desenhista, gravador, artista gráfico e professor. Descendente de estado-unidenses e portugueses, começa sua formação artística em 1951 no Curso Livre de Desenho do Masp e, no ano seguinte, ele vai para Nova York, para dar continuidade aos seus estudos na Parson's School of Design e no American Institute of Graphic Arts. Fica lá até 1955 e nesse período tem contato com a Arte Pop. Em 1957, de volta no Brasil, toma aulas com o pintor Karl Plattner. Passa vários anos em Europa, viajando pela Itália, Áustria e França, onde frequenta a Académie de la Grande Chaumière e o ateliê de Johnny Friedlaender. Em 1963, realiza com outros artistas, no João Sebastião Bar, o clube noturno mais sofisticado da cidade de São Paulo, *O Grande Espetáculo das Artes*, um dos primeiros *happenings* do Brasil. No mesmo ano, funda o Realismo Mágico com Maria Cecília Gismondi, Bernardo Cid, Otto Stupakoff, Pedro Manuel-Gismondi e outros. Em 1965, ganha o prêmio internacional de pintura da 8ª Bienal de Tóquio. Em 1966, com Nelson Leimer, Geraldo de Barros, José Resende, Carlos Fajardo e Frederico Nasser, funda o Grupo Rex – uma galeria com atuação breve e intensa na qual os artistas se posicionavam de forma satírica contra o sistema e o mercado de arte da época. No mesmo ano, participa da 33ª Bienal de Veneza, no pavilhão do Brasil, com a obra *O Trapézio* ou *Uma Confissão*, uma obra que se articula como um ambiente. Em 1990, participa da 44ª Bienal de Veneza com a obra *Fortaleza de Arkadin*, uma instalação composta por grandes toras de madeira e xerox, em forma de vulva. Em 1992, é inaugurada sua retrospectiva no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - Masp, com curadoria de Cacilda Teixeira da Costa. Em 1999, executa a série de pinturas *O Filiarcado - Ensaio Alquímico com Jogos Infantis*, composta de 29 grandes telas em formato de losangos, sustentadas por cavaletes de vidro e aço, pintadas a óleo com argamassa e pastel oleoso. Em 2001, cria o painel *Um Espelho Mágico da Pintura no Brasil* na estação Trianon-Masp do metrô paulistano, que traz uma compilação de 124 obras de arte produzidas no Brasil.

OTTO STUPAKOFF

(São Paulo, SP, 1935-2009)

Sem título, 1962/63

Fotografia de prata sobre papel gelatinado, cópia contato de época (vintage), 12,5 x 9,9 cm / 20,4 x 12,6 cm
Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP
Procedência: Coleção particular, compra, 2010



Fotógrafo e professor, é o precursor da fotografia de moda no Brasil. Entre 1953 e 1955, estuda fotografia no Art Center College of Design, em Los Angeles, enquanto trabalha como correspondente para a revista *Manchete*. Já de volta, no Brasil, em 1957, instala seu estúdio em São Paulo, atuando como fotógrafo de moda e publicidade. Fotografa a construção de Brasília a pedido do arquiteto Oscar Niemeyer. Em 1963, integra o movimento artístico Realismo Mágico, liderado pelo pintor Wesley Duke Lee, junto aos artistas Maria Cecília Gismondi, Bernardo Cid, e outros. Em 1965, no auge de seu sucesso no Brasil, muda-se para Nova York e trabalha para importantes publicações como *Life*, *Look*, *Harper's Bazar*, *Cosmopolitan* e *Vogue*. Na época, destaca-se pelos retratos de celebridades. Na década de 1970, passa um período na França e depois no Brasil, mas em 1981 volta para Nova York. Foi um dos primeiros brasileiros a integrar o acervo do Museu de Arte Moderna de Nova York. Também realiza importantes trabalhos de fotojornalismo; suas fotos do Camboja foram exibidas na Academia de Ciências de Nova York e leiloadas para arrecadar fundos para as vítimas de minas terrestres. Também é professor de fotografia na Parsons The New School for Design. Em Paris, recebe o prêmio especial do júri do Art Directors Club, em 1981, e o DuPont Award, em 1986. Em 2005, volta a morar em São Paulo e realiza uma retrospectiva dos 50 anos de carreira durante a São Paulo Fashion Week, na Fundação Bienal de São Paulo. A mostra intitulada *Moda sem fronteiras* é organizada pelos fotógrafos Bob Wolfenson e Fernando Laszlo.

MARIA CECÍLIA GISMONDI

(Rio de Janeiro, RJ, 1928)

Sem título, sem data

Óleo sobre tela, 46 x 33 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Annie Alvares Penteadó, c.1960



Pintora, desenhista, gravadora e restauradora. Estuda pintura com Carlos Chambelland e Caterina Baratelli, gravura com Oswaldo Goeldi, Darel Valença Lins e Marcello Grassmann e restauração de pinturas com Edson Motta. Na década de 1960, muda-se para São Paulo. Entre 1963 e 1966, integra o Grupo Realismo Mágico, organizado por Wesley Duke Lee junto ao crítico Pedro Manoel Gismondi, o fotógrafo Otto Stupakoff e o escritor Carlos Felipe Saldanha. Expõe diversas vezes em Brasil, Portugal e Estados Unidos. Podemos destacar em 1956, o Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro; em 1961, a 6ª Bienal Internacional de São Paulo; em 1962, o 11º Salão Paulista de Arte Moderna, na Galeria Prestes Maia e o Prêmio Leirner de Arte Contemporânea, na Galeria de Arte da Folha, ambas em São Paulo; em 1964, a 1ª Exposição da Jovem Gravura Nacional, exposição itinerante organizada pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, que passa por Ribeirão Preto, Curitiba e Florianópolis; em 1966, na Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa, Portugal; em 1968, na Bacci Art Gallery, em Washington D.C., EUA; e, em 1985, o 3º Salão Paulista de Arte Contemporânea, na Fundação Bienal de São Paulo.

BERNARDO CID

(São Paulo, SP, 1925-1982)

A refeição, 1959

Óleo sobre tela, 52,5 x 79,5 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Annie Alvares Penteadó, 1967



Pintor, escultor, desenhista e gravador. Artista autodidata, realiza a sua primeira exposição individual em 1952, na galeria Ambiente, em São Paulo. No início de sua carreira está interessado por aspectos gráficos, mas logo integra a abstração informal, e a partir de 1964, retorna à figuração, incorporando elementos fantásticos ou oníricos. É nesse momento que participa do grupo Realismo Mágico, com Wesley Duke Lee, e do grupo Austral, desdobramento do movimento Phases de Paris, em São Paulo. Simultaneamente, nos anos 1960, seu trabalho adota uma temática de cunho social - que transparece no tratamento deformador da figura humana. Em 1965, expõe no MAB FAAP na mostra "Propostas 65". Participou na Bienal Internacional de São Paulo, nas 5ª e 8ª edições, em 1959 e 1965 respectivamente. Em 1968, recebe prêmio no 17º Salão Paulista de Arte Moderna. É artista convidado na 4ª Bienal Nacional, na Fundação Bienal de São Paulo, em 1976.

BIN KONDO

(Anton, China, 1937)

Sem título, 1981

Acrílica sobre tela, 150 x 150 cm

Acervo Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Galeria Múltipla de Arte, compra, 1983



Pintor, desenhista, escultor e professor. Estuda pintura e escultura em seu país natal, no Colégio de Belas Artes de Asaigaika, em Nagoya e na Faculdade de Belas Artes Musashino, em Tóquio. Em 1960, muda-se para São Paulo onde, em 1964, integra o Grupo Austral do Movimento Phases, ao lado de Fernando Odriozola, Maria Carmem, Sara Avila e Yo Yoshitome. No mesmo ano, o grupo expõe no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP). Entre 1963 e 1969, participa da 7ª, 8ª, 9ª e 10ª Bienal Internacional de São Paulo. Em 1965, expõe na 4ª Bienal de Artistas Jovens de Paris, França. É professor de escultura na Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), em 1967. Em 1969, é convidado para o 1º Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP). Em 1997, participa da exposição "Phases: surrealismo e contemporaneidade" - Grupo Austral e Cone Sul, no MAC/USP. Em 1998, é agraciado com o Prêmio Multicultural Estadão. Em 2000, é vice-presidente da Comissão de Artes Plásticas da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, e membro do júri do 29º Salão Bunkyo. Em 2001, é membro do júri do 1º Salão de Pintura Figurativa Contemporânea da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, no Museu de Arte Nipo-Brasileiro.

SIRON FRANCO

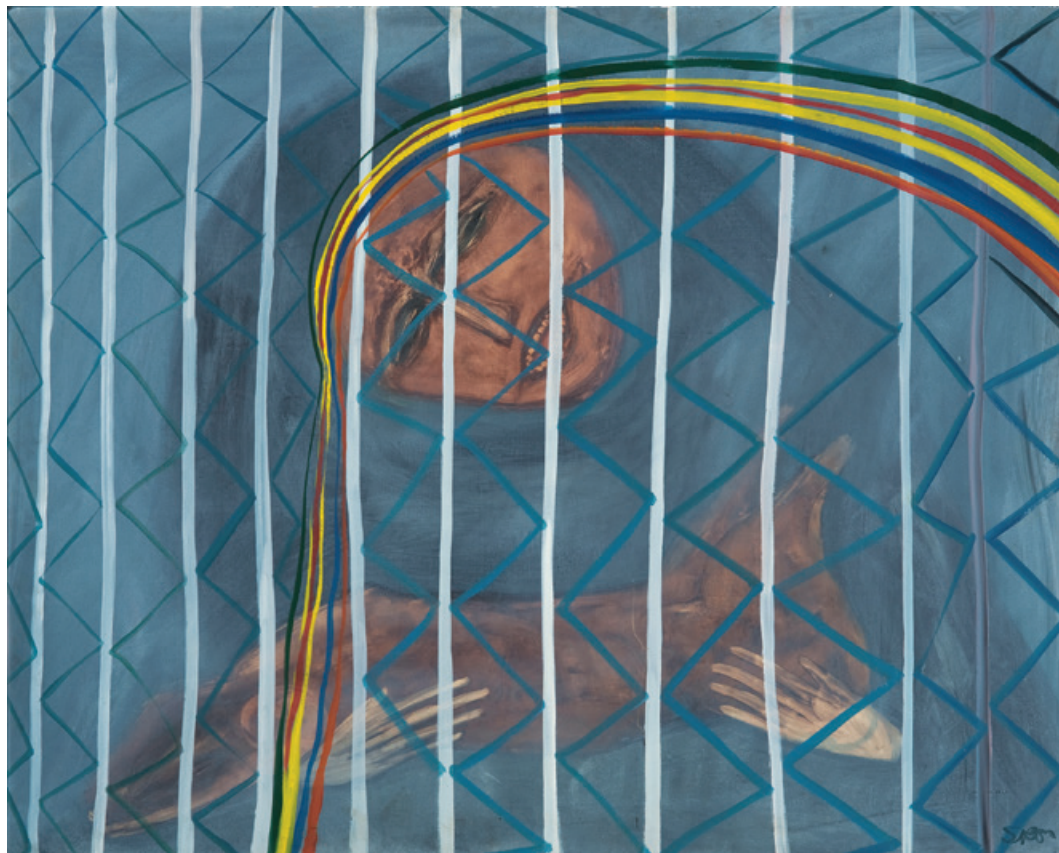
(Goiás Velho, GO, 1947)

Pietá, Goiânia e Madri, 1976/78

Óleo sobre compensado, 119 x 149 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Paulo Figueiredo Galeria de Arte, compra, 1981



Pintor, escultor, ilustrador, desenhista, gravador e diretor de arte. Ainda jovem, acompanha a mudança de seus pais para Goiânia. Começa a frequentar em 1960 a Escola de Artes Livres onde aprende a técnica da pintura a óleo, sob a supervisão de D.J. Oliveira e Cleber Gouvêa, fundadores da associação. Pratica depois o desenho e a pintura em autonomia, aprimorando sua técnica através da experimentação. De 1962 a 1966, executa retratos e outros tipos de pequenos trabalhos, aceitando encomendas de quadros sacros para se sustentar financeiramente. Em 1967, pinta o retrato da mulher do governador de Goiás, o que o leva a trabalhar para outras figuras da alta sociedade, adquirindo certa notoriedade. Realiza sua primeira exposição no mesmo ano, no Hotel Bandeirantes. Participa da 12ª e da 13ª Bienal de São Paulo onde recebe premiações. Entre 1969 e 1971, frequenta o ateliê de Bernardo Cid e Walter Levy, em São Paulo, e se envolve nas atividades do grupo responsável pela exposição intitulada *Surrealismo e Arte Fantástica*, na galeria Seta. Sucedem-se então diversas exposições, tanto no Brasil como no estrangeiro, o que lhe permite ganhar reconhecimento internacional pelas suas obras, geralmente relacionadas a questões sociais. Sua última instalação, *Renascimento*, que homenageia as mortes trágicas da covid-19, é inaugurada em janeiro de 2022, na Casa das Rosas, na Avenida Paulista, em São Paulo.

Realismo Mágico e Grupo Austral do Movimento Phases

Na contramão dos concretistas, havia os artistas que trabalhavam a figuração e se afeiçoavam com o surrealismo. Eles não formaram um coletivo coeso: entre 1955 e 1960, formaram-se agrupamentos heterogêneos, mas nenhum se organizou. O artista Wesley Duke Lee se relacionava com alguns desses jovens artistas, mas, em 1963, ele decidiu criar um movimento específico: o Realismo Mágico.

O termo "Realismo Fantástico" ou "Realismo Mágico" surgiu no início do século XX, ligado à pintura alemã com características surrealistas. O artista alemão Walter Leirey, presente nesse núcleo, formou-se na Alemanha na década de 1920, justamente no caso desse pintor alemão, e veio para o Brasil em 1933 já com uma produção madura da tendência surrealista.

Algumas décadas mais tarde, entre 1960 e 1970, o realismo mágico se desenvolveu fortemente na Europa e no Brasil, sobretudo na literatura, como resposta à literatura fantástica característica dos correntes geralmente poéticas, como o naturalismo, o maravilhoso e o fantástico para criar uma realidade nova, transfigurada pelo imaginário e contrária ao racionalismo.

Wesley Duke Lee foi seduzido por esses ideais. Seu "Realismo Mágico", ativo entre 1963 e 1964, próprio Duke Lee, a artista plástica Maria Cecília Gismondi, o fotógrafo, pintor e escritor Pedro Manuel-Gismondi, o fotógrafo Otto Slupakoff e o poeta, escritor e diplomata Carlos Felipe Saldaña. O grupo, empregando a ironia e o sarcasmo, criticava e questionava a estética e política hegemônicas daquele momento, como a abstração geométrica do concretismo brasileiro, a qual consideravam acadêmica.

Em 1970, a Seta Galeria de Arte, em São Paulo, organizou a exposição Surrealismo e Arte Fantástica, da qual participaram Wesley Duke Lee, Bernardo Cid, Maria Cecília Gismondi e Siron Franco.

Outro grupo ligado ao surrealismo foi o Phases, movimento constituído inicialmente na França, na década de 1950. Sua origem remete ao Grupo CoBrA, que defendia a expressão livre e os gestos espontâneos associados aos imaginários mágico e folclórico, a produção de crianças, psicodélicos, povos não ocidentais e artistas populares, que vieram à tona de seu interesse. Nessa atualização do movimento, uniram-se pintores ligados à abstração lírica e ao expressionismo abstrato. Eles também criticavam as tendências abstrato-geométricas, que consideravam estilizantes. Inicialmente, eles expuseram na França, mas, no decorrer dos anos 1950, atuaram em diversos outros países.

Na década de 1960, o historiador e diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP), Walter Zanini, divulgou o trabalho do coletivo Phases e estimulou a comunicação com artistas do Brasil. Em 1964, foi organizada uma exposição itinerante do Phases no MAC/USP, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Minas Gerais. Foi uma das maiores mostras realizadas pelo grupo, com 43 artistas de várias gerações e países – entre eles, o Brasil estava representado por Fernando Odratzki, Yo Yoshitane e Yoshitane e Bin Kondo. Pouco depois, com o apoio de Zanini, Fernando Odratzki, Yo Yoshitane e Bin Kondo, junto com Sara Avila, artista mineira, e Maria Carmen, artista de Recife, formaram o Grupo Austral do Movimento Phases, que, em 1967, organizou uma exposição no MAC/USP. Em 1969, Bernardo Cid e Flávio Shiró se incorporaram ao coletivo. Mas, no decorrer da década de 1970, o movimento internacional Phases enfraqueceu e o núcleo brasileiro acabou se distanciando.



Wesley Duke Lee, Realismo Mágico, 1963.



Fotografia de Wesley Duke Lee e Otto Slupakoff em 1963.

Wesley Duke Lee, Realismo Mágico, 1963.

Exposição itinerante do Phases no MAC/USP, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Minas Gerais, 1964.



Small white label with text and a QR code.



Small white label with text and a QR code.



Small white label with text and a QR code.



Small white label with text and a QR code.

FAAP e Museu de Arte Brasileira, SP

A Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) foi criada em 1948 após o falecimento de Armando Alvares Penteado (1947), cujo testamento estabelecia a criação de uma Escola de Arte e uma Pinacoteca para exposição de obras de arte.

Armando Penteado já havia participado do comitê organizador da Semana de Arte Moderna e, assim como outros benfeitores, quis deixar seu legado para democratizar e modernizar a arte, possibilitando acesso a cursos e contato com obras de arte originais. Foi também na década de 1940 que foram criados outros museus de arte de São Paulo.

A construção da sede da Fundação demorou quase dez anos, e as atividades começaram em 1958, sendo Flávio Motta o primeiro diretor da Escola da FAAP. Ofereciam-se muitos cursos, mas o principal era o Curso de Formação de Professores de Desenho, que durava 4 anos e abarcava as áreas de Artes Plásticas, Artes Gráficas e Cerâmica. Entre seus professores, contava com renomados artistas, como Renina Katz, Darel Valença Lins, Marcelo Grassmann, Fernando Odriozola e Mário Gruber. Também havia os seguintes cursos livres: gravura, desenho para adolescentes, curso infantil de arte, iniciação ao desenho e pintura, artes gráficas aplicadas, desenho industrial, curso de bailado, colégio musical e escultura. Esse último era bastante popular na época pois estava organizado como um grande atelier, no qual os alunos recebiam materiais e eram orientados pelo artista Caciporé Torres. Realizavam-se conversas críticas sobre os trabalhos, sem haver interferência nas criações dos educandos, que podiam experimentar com total liberdade.

O Museu de Arte Brasileira foi inaugurado em 1961 com a exposição “Barroco no Brasil”, onde foram expostas mais de 180 obras de todo o país.

Em 1963, o curso de Licenciatura em Desenho e Artes Plásticas foi reconhecido pelo Conselho Federal de Educação. Em 1967, foi criada a Faculdade de Artes Plásticas e Comunicações, o primeiro curso universitário da FAAP, dando início a uma nova fase em sua história. Seu diretor foi Donato Ferrari, e inicialmente oferecia três cursos: Licenciatura em Desenho e Plástica, Comunicação Visual e Desenho Industrial. Entre seus docentes estavam Teresa Nazar e Nicolas Vlavianos.

Inúmeros artistas passaram por seus cursos em seus mais de 60 anos de história. O Museu de Arte Brasileira conta em seu acervo com grande quantidade de obras de artistas que passaram pela instituição, como professores e alunos. Nessa pequena seleção, incluímos vários ex-professores e uma aluna que, entre 1970 e 1973, cursou Artes Plásticas na FAAP: Lydia Okumura. Com carreira internacional, atualmente ela mora em Nova York.



Aulas de escultura com Caciporé Torres, década 1960
ARQUIVO MAB FAAP



Aula de litogravura no ateliê da FAAP, década 1960
ARQUIVO MAB FAAP

RENINA KATZ

(Rio de Janeiro, RJ, 1925)

Árvores, São Paulo, 1956

Xilogravura sobre papel – 104/200, 25,6 x 18 cm / 40,4 x 32,7 cm

Do álbum *História da Gravura no Brasil II*. São Paulo: Editora César, 1969.

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Sérgio Pizoli, compra, 1997



Gravadora, desenhista, aquarelista, ilustradora e professora. Em 1946, começa seus trabalhos com xilogravura com o ilustrador e gravurista austríaco Axl Leskoschek. Entre 1947 e 1950 estuda pintura na Escola Nacional de Belas Artes e gravura em metal no Liceu de Artes e Ofícios, com Carlos Oswald, no Rio de Janeiro. Em 1951, muda-se para São Paulo onde começa a lecionar gravura e desenho no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (1952 a 1955) e na FAAP (1958 a 1963). Nesse período, dedica-se fundamentalmente à xilogravura e sua obra aproxima-se do realismo social, ao retratar trabalhadores urbanos e personagens marginalizados, como os retirantes, sendo comparada, por alguns críticos, com a produção da gravadora alemã Käthe Kollwitz. A emoção é expressa nesses trabalhos na incisiva oposição entre os pretos e brancos, o que cria uma atmosfera de clara dramaticidade. Em 1956, publica o primeiro álbum de gravuras, intitulado *Favela*. Durante os anos 1960, a artista abandona o realismo, seguindo para uma produção mais próxima do expressionismo abstrato. Em 1965, torna-se docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo, onde completa seu mestrado e doutorado e permanece durante 28 anos. Sua dissertação de mestrado, intitulada *Matrizes Modificadoras do Campo Plástico*, de 1979, foi o primeiro trabalho acadêmico apresentado como uma série de serigrafias, realizado na Universidade de São Paulo. Em 1982, sua tese de doutorado, *Lugares*, composta de 13 litografias foi a primeira tese não-verbal apresentada na FAU. A partir de 1970, dedica-se à litogravura. Depois de 2000, por problemas de saúde, deixa a gravura e passa a utilizar cada vez mais a aquarela. Junto a Edith Behring e Fayga Ostrower, faz parte da primeira geração de gravadoras brasileiras.

RENINA KATZ

(Rio de Janeiro, RJ, 1925)

Favela, 1948/56

Xilogravura sobre papel japonês tipo Mino – 80/80, 34,2 x 24,5 cm / 41,2 x 31,9 cm

Do álbum *Renina Katz Antologia Gráfica*. São Paulo: Julio Pacello, Editora César, 1977.

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção Sérgio Pizoli, compra, 1995



FERNANDO ODRIOZOLA

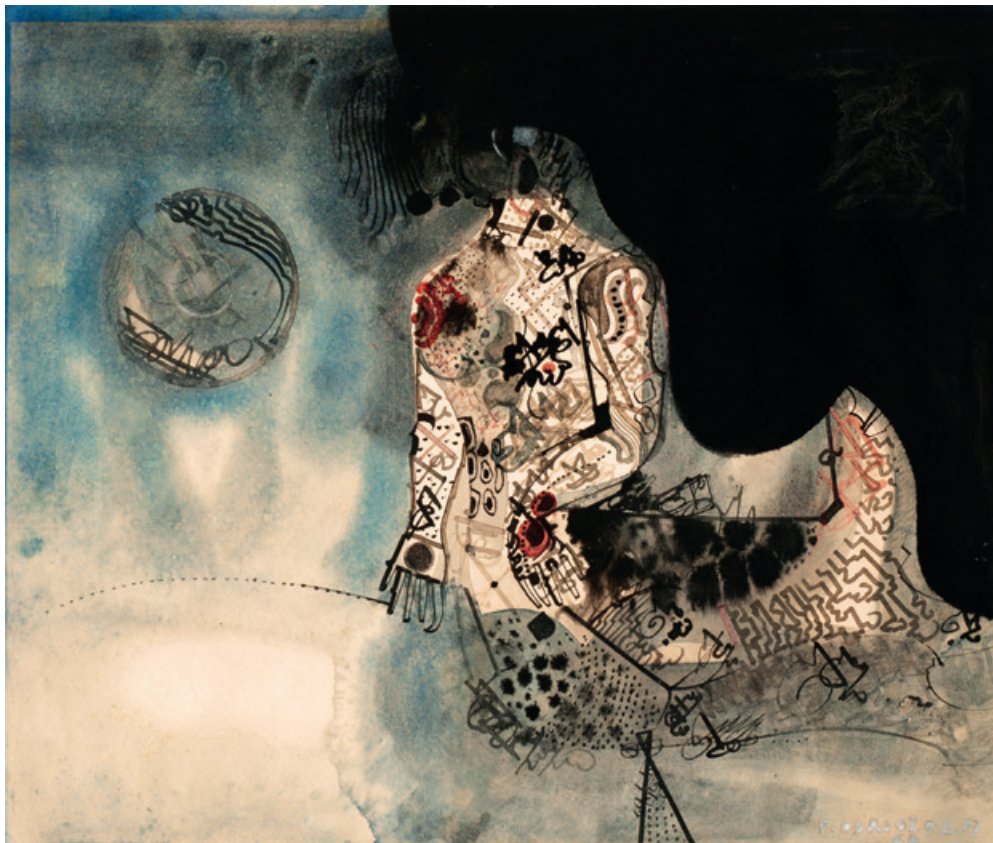
(Oviedo, Espanha, 1921 / São Paulo, SP, 1986)

Sereia, 1969

Aguada, nanquim e guache, sobre papel, 32 x 38,8 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Doação de Lourdes Xandó, 2015



Pintor, desenhista, ilustrador e gravador. Descobre o gosto pela pintura, quando serve durante a Guerra Civil Espanhola, no norte de África. Emigra para Brasil e, desde 1953, estabelece-se em São Paulo. Na década de 1960, é professor no Instituto de Arte Contemporânea da FAAP. Realiza sua primeira exposição individual em 1954, na Galeria Portinari. Colabora como ilustrador nos jornais O Estado de São Paulo e Diário de São Paulo, e na revista Habitat. Em 1964, integra o Grupo Austral, ligado ao movimento internacional Phases, juntamente com Wesley Duke Lee, Yo Yoshitome e Bin Kondo; em 1967 o grupo expõe no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP. Participa de importantes exposições como a 8ª Bienal Internacional de São Paulo, na qual recebe o prêmio de melhor desenhista nacional, em 1965, e da 7ª Bienal de Tóquio no Japão, em 1966. Em 1973 faz parte do 5º Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, MAM/SP, e, em 1985, participa da 18ª Bienal Internacional de São Paulo.

MARCELLO GRASSMANN

(São Simão, SP, 1925 / São Paulo, SP, 2013)

Sem título, sem data

Gravura em metal sobre papel, 24,5 x 32,5 cm / 36 x 50 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: não identificada, sem data



Gravador, desenhista, ilustrador e professor. A sua família estabelece-se em São Paulo em 1932. Estuda mecânica, entalhe e fundição na Escola Profissional Masculina do Brás, onde também frequenta aulas de pintura e escultura. Começa a trabalhar com xilogravura em 1943. Entre 1947 e 1948, é ilustrador do Suplemento Literário do Diário de São Paulo e do jornal O Estado de São Paulo. Muda-se para o Rio de Janeiro, em 1949, onde atua também como ilustrador no Jornal do Estado da Guanabara. No Rio, frequenta o Liceu de Artes e Ofícios cursando gravura em metal com Henrique Carlos Bicalho Oswald, filho de Carlos Oswald e litogravura com Poty Lazzarotto. Em 1951, participa da primeira Bienal de São Paulo e recebe o prêmio Aquisição. Em 1952, translada-se a Salvador, onde trabalha por um período com Mario Cravo Junior. Viaja para Europa em 1954 com bolsa ganha em 1952, no Salão Nacional. Ao retornar, estabelece-se em São Paulo no bairro de Santo Amaro. É professor da FAAP no final da década de 1960. Em 1979, é inaugurada a Casa de Cultura Marcello Grassmann na casa de seus avós, em São Simão. Muda-se para sua chácara na grande São Paulo em meados dos anos oitenta. Sua obra, permeada por elementos fantásticos e medievais, é plena de rica simbologia e de excepcional perícia gráfica. Participa de inúmeras exposições. Reconhecido como um proeminente gravador e desenhista, suas obras percorrem o mundo.

CACIPORÉ TORRES

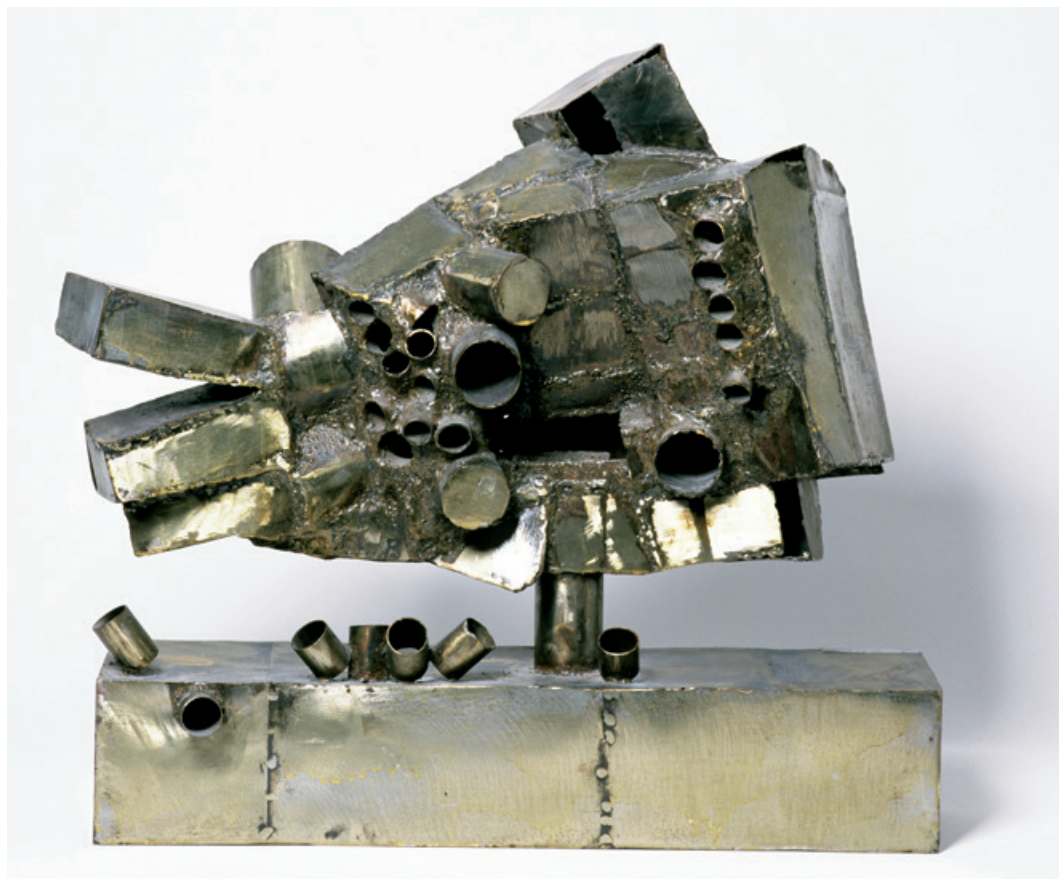
(Araçatuba, SP, 1932)

Sem título, 1975

Aço, 58 x 64 x 37 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, sem data



Escultor, desenhista e professor. A carreira artística de Caciporé começa muito cedo. Em 1948, ele expõe seus trabalhos pela primeira vez, no XII Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos de São Paulo, com apenas 17 anos de idade. Em 1951, conquista a Medalha de Ouro no I Salão Paulista de Arte Moderna e ganha, na I Bienal de São Paulo, uma bolsa de estudos na Europa. Graças a essa oportunidade, durante dois anos, frequenta os ateliês de escultura de Marino Marini e Alexander Calder. Em 1956, o artista vai morar na França com sua família, onde permanece até 1959. Nesse período, aprofunda seus conhecimentos em francês e faz cursos sobre História da Arte, na Universidade Sorbonne, além de trabalhar em um ateliê e começar a desenvolver obras de caráter abstracionista. Começa a utilizar peças metálicas para construir formas orgânicas e geométricas, com aparência industrial. Com o intuito de aprender a manipular os materiais, faz um estágio em uma indústria metalúrgica, na cidade de Bruxelas (Bélgica), atuando como operário, e ali aprende a fundir bronze e ferro. Ao retornar ao Brasil, a convite de Flávio Motta, começa a dar aulas de escultura na FAAP, onde permanece de 1961 a 1971, ensinando seus alunos a cortar, lixar, moldar, arquear, dobrar e soldar o metal, e formando gerações de artistas. É um dos escultores com o maior número de obras expostas em espaços públicos no Brasil.

NICOLAS VLAVIANOS

(Atenas, Grécia, 1929 / São Paulo, SP, 2022)

Sem título (pássaro), 1971

Cimento amianto e metal, 69,5 x 77,5 x 25,3 cm
Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP
Doação de Coleção particular, 2005



Escultor e professor. Inicia sua formação artística em Atenas, onde começa a pintar orientado por Costa Elíades. Estuda escultura em Paris na Académie de La Grande Chaumière, com Ossip Zadkine e na Académie Du Feu, com Laszlo Szabo. Na mesma cidade, participa do salão Réalités Nouvelles, em 1958 e 1959. Muda-se para São Paulo em 1961. Em 1969, começa a lecionar expressão tridimensional na FAAP, onde exerce essa função até 2017, formando gerações de artistas. Entre 1963 e 1967, é premiado na 7ª Bienal Internacional de São Paulo, no 1º Salão Esso de Artistas Jovens, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, na 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas, em Salvador, Bahia, e no 4º Salão de Arte Moderna, em Brasília. Participa de várias edições do Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Recebe o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte em 1974 e 2001. Em 1974, é também premiado no 5º Salão Paulista de Arte Contemporânea. São realizadas importantes exposições, como "Vlavianos: 35 anos de escultura", no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - Masp, em 1993, "Vlavianos – A práxis da escultura", no MAB FAAP, em 2001, e "Vlavianos: Trajetória", na Estação Pinacoteca, em São Paulo, em 2017. Sua produção artística situa-se no limite entre figuração e abstração com trabalhos que vão de pequenas dimensões a obras monumentais, tendo diversas esculturas públicas espalhadas pelo Brasil.

NICOLAS VLAVIANOS

(Atenas, Grécia, 1929 / São Paulo, SP, 2022)

Planta, 1974

Aço inox, 28 x 23 x 18 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Coleção do próprio artista, compra, 1977



TERESA NAZAR

(Mendoza, Argentina, 1933 / São Paulo, SP, 2001)

Sem título, 1972

Tinta, chapa de ferro, sisal com pva, plástico e resina de poliéster sobre compensado, 81 x 113 x 6,5 cm
Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP
Doação de Nicolas Vlavianos, 2005



Artista visual e professora, radicada no Brasil em 1961. Leciona na FAAP entre as décadas de 1970 e 1980. Seu trabalho, inicialmente de caráter expressionista, passa a utilizar materiais não convencionais, como peças de metal, sisal, chapas de ferro, tecidos, gesso, resina, parafusos e plásticos, construindo com essa mistura de materiais, pinturas com relevo. Nessa fase, as obras compartilham características com a Pop Art. Entre tantas exposições, participa das 8ª e 9ª edição da Bienal Internacional de São Paulo, em 1965 e 1967, da 1ª Jovem Arte Contemporânea (JAC), no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo; também em 1967, do 4º Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo em 1972 e da mostra "O objeto na arte: Brasil anos 60", coordenada por Daisy Peccinini, no MAB FAAP em 1978. Interrompeu sua trajetória artística para dedicar-se ao ensino e mais tarde dirigiu a Galeria Múltipla, em São Paulo. Sua produção tem despertado a atenção da crítica da atualidade, sendo mostrada em feiras e exposições de destaque.

LYDIA OKUMURA

(Osvaldo Cruz, SP, 1948)

Sincronization, 1983

Acrílica sobre tela, 150 x 150 cm

Acervo do Museu de Arte Brasileira – MAB FAAP

Procedência: Galeria de Arte São Paulo, compra, 1984



Pintora, escultora e artista multimídia. Com 13 anos, começa a trabalhar num estúdio de cerâmica. Em 1967, realiza sua primeira exposição individual, na Galeria Varanda, em São Paulo. A exposição, chamada “Pintura-relevo”, conta com treze obras criadas a partir de resíduos industriais misturados a outros materiais, como plástico, vidro e madeira. Entre 1970 e 1973, cursa Artes Plásticas na FAAP e influenciada por João Rossi, um de seus professores, interessa-se pela pintura abstrata e o desenho. Na década de 1970, também se dedica à xilogravura, litografia e serigrafia. Em 1971, trabalha com Francisco Iñarra e Genilson Soares, com quem funda o coletivo de arte paulista “Equipe3” e, com eles, participa da 12ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1973. Em 1974, muda-se para Nova York, onde estuda no Pratt Graphics Center e trabalha num projeto de Sol LeWitt. Recebe prêmio na 14ª Bienal Internacional de São Paulo, apresentando um ambiente escultórico, em 1977. No ano seguinte, recebe bolsa do Creative Artists Public Service Program em Nova York. Em 1979, recebe bolsa da Japan Foundation de Tóquio, para um ano de estudos no Japão. Nesse período, seu trabalho evidencia uma afinidade com a arte conceitual. Seus projetos relacionam-se diretamente à arquitetura dos espaços expositivos, realizando instalações nas quais planos de cor são pintados em cantos de paredes e interligados por fios. A articulação desses planos sugere formas geométricas e cria a ilusão de objetos tridimensionais. Posteriormente retoma a pintura a óleo e acrílica, tratando as mesmas questões. Seu trabalho se encontra nas coleções de importantes museus como o Museu de Arte de Akron, em Ohio, Estados Unidos, o Museu de Arte Contemporânea Hara, no Japão, e o Museu Metropolitano de Arte de Nova York, além do acervo do MAB FAAP. Com carreira internacional, em 2019, ela fez uma exposição individual na Galeria Thaddaeus Ropac, em Londres.



Vista da exposição
FAAP e Museu de Arte Brasileira, SP



Vista geral da exposição
MODERNOS Depois de 1922 - Segunda montagem



Región

Modernos

El Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey (MACO) es un espacio de encuentro y diálogo entre el arte y la sociedad. Su misión es promover y exhibir obras de arte contemporáneo de calidad, tanto nacional como internacional, así como fomentar la producción artística y el debate cultural.

Para su programación se seleccionan artistas y obras que reflejen la diversidad y la riqueza del arte contemporáneo. El MACO cuenta con una colección permanente de obras de arte contemporáneo de calidad, tanto nacional como internacional, así como fomenta la producción artística y el debate cultural.

El MACO cuenta con una programación de exposiciones temporales que abarcan desde el arte contemporáneo hasta el arte tradicional. Su misión es promover y exhibir obras de arte contemporáneo de calidad, tanto nacional como internacional, así como fomentar la producción artística y el debate cultural.

El MACO cuenta con una programación de exposiciones temporales que abarcan desde el arte contemporáneo hasta el arte tradicional. Su misión es promover y exhibir obras de arte contemporáneo de calidad, tanto nacional como internacional, así como fomentar la producción artística y el debate cultural.



Bibliografia

Antes de 1922

AMARAL, Aracy. “Artes plásticas na Semana de 22”. São Paulo: Ed. 34, 1998, 5ª ed.

BARBUY, Heloísa. “O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal”. In: Anais do Museu Paulista, v. IV, 1996.

BERRIEL, Carlos. “Tietê, Tejo, Sena: a obra de Paulo Prado”. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2013.

CAVALCANTI, Ana Maria. “Os embates no meio artístico carioca em 1890 - antecedentes da Reforma da Academia de Belas Artes”. In: Dezenovevinte (19&20). Rio de Janeiro, v. II, n. 2, abr. 2007.

FERREIRA, Gabriela et al. “O Brasil em 1889: um país para consumo externo”. In: Lua Nova, n. 81, 2010.

GONZAGA-DUQUE, Luiz. “A arte brasileira”. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

LEVI, Darell. “A família Prado”. São Paulo: Cultura 70, 1977.

LEVY, Carlos Roberto. “O Grupo Grimm: paisagismo brasileiro no século XIX”. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1980.

PARREIRAS, Antônio. “História de um pintor contada por ele mesmo: Brasil - França, 1881-1936”. Niterói: Niterói Livros, 1999, 3ª ed.

PESSÔA, Alexandre. “Estevão Silva e a pintura de naturezas-mortas no Brasil do século XIX” (dissertação de mestrado em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, Rio de Janeiro, 2002.

PRADO, Paulo. “Paulística etc”. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

Depois de 1922

AMARAL, Aracy (org.). “Projeto Construtivo Brasileiro na arte (1950-1962)”. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna; São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1977.

BRITO, Ronaldo. “Neoconcretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro”. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999.

CAMARGO, Ricardo. “Wesley Duke Lee: A Brazilian Magig Realism Pioneer (1931-2010 SP)”. São Paulo: Ricardo Camargo Galeria, 2017.

CHAVES, Reginaldo Sousa. “Waldemar Cordeiro e Wesley Duke Lee: Arte, temporalidade e (anti)modernidade em São Paulo (1950 -1964)”. In Revista Faces de Clio. Arte e política: Raça, gênero e nacionalidades. Vol. 7 | N. 13 | jan./ jul. 2021. Revista Eletrônica discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora.

COSTA, Cacilda Teixeira da; RIBEIRO, José Augusto. “Aproximações do Espírito Pop: 1963-1968”. São Paulo: MAM, 2003.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br>. Verbetes da enciclopédia. Acessos de junho 2021 a maio 2022.

FIGUEIREDO, Aline. “João Sebastião: Bau Iconográfico”. Cuiabá: Entrelinhas Editora, 2021.

GULLAR, Ferreira. “Etapas da arte contemporânea: do cubismo ao neoconcretismo”. São Paulo: Nobel, 1985.

MATTAR, Denise. “O Olhar modernista de JK”. Belo Horizonte: Instituto dos Arquitetos do Brasil MG, Usiminas, Cemig, Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, 2008.

MORAES, Angélica. “Arte Brasileira: 50 exposições do MAB FAAP: 1960-2010”. São Paulo: FAAP, 2010.

MORAIS, Frederico. “Panorama das artes plásticas: séculos XIX e XX”. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1989.

M689

Modernos / curadoria e textos Laura Rodríguez, Felipe Chaimovich. – São Paulo: Fundação Armando Alvares Penteado, 2022.
286 p. : il., color. : principalmente fotografias.

Bibliografia: p. 282-283.

Catálogo da exposição realizada de 10 de março a 29 de novembro de 2022 na Sala Annie Alvares Penteado do Museu de Arte Brasileira da FAAP, São Paulo.

ISBN: 978-85-98864-59-4

1. Artes plásticas - Exposições. 2. Arte, Séc. XIX - Exposições. 3. Arte Moderna, Séc. XX - Exposições. I. Fundação Armando Alvares Penteado (São Paulo, SP). II. Título.

CDD 709.81



FUNDAÇÃO
ARMANDO
ALVARES
PENTEADO



MA
B

Museu
de Arte
Brasileira